

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Vitória Carvalho Rocho da Silva

**Assexualidade no Instagram:
estratégias de ciberativismo em contrapúblicos online**

Porto Alegre
2024

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Vitória Carvalho Rocho da Silva

**Assexualidade no Instagram:
estratégias de ciberativismo em contrapúblicos online**

Dissertação apresentada em cumprimento às exigências do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a Alessandra Teixeira Primo

Porto Alegre

2024

CIP - Catalogação na Publicação

Carvalho Rocho da Silva, Vitória
Assexualidade no Instagram: estratégias de
ciberativismo em contrapúblicos online / Vitória
Carvalho Rocho da Silva. -- 2024.
228 f.
Orientadora: Alessandra Teixeira Primo.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação,
Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Assexualidade. 2. Instagram. 3. Contrapúblico.
4. Ciberativismo. 5. Atração. I. Teixeira Primo,
Alessandra, orient. II. Título.

*Every time someone steps up and says who they are,
the world becomes a better, more interesting place.*

- Captain Ray Holt

AGRADECIMENTOS

Agradeço àqueles que me esperaram nesses últimos dois anos. Nesse momento, o cansaço e o caos me impedem de nomear e citar todos os momentos que vocês foram importantes nessa trajetória. Porém, o apoio e paciência de vocês foi um constante lembrete que a vida é mais do que trabalho e validação acadêmica. Amo vocês. Prometo voltar a ser uma pessoa mais presente a partir de agora.

RESUMO

Apesar de sua presença prolongada online, a assexualidade permanece pouco explorada nos estudos de mídia e sexualidade. Esta dissertação investiga a representação e o ativismo da assexualidade no contexto do Instagram, uma das plataformas digitais mais populares globalmente. Esta pesquisa adentra a visibilidade e validação da assexualidade em espaços online, abordando os desafios e complexidades apresentados pelo domínio digital. Ao empregar uma abordagem interdisciplinar que integra conceitos de atração, contrapúblicos e comunicação digital, este estudo busca compreender as dinâmicas sociais e culturais que moldam as experiências assexuais em ambientes virtuais. Através de uma análise de conteúdo de 20 posts de 4 perfis no Instagram, esta pesquisa tem como objetivo observar as estratégias utilizadas por perfis do Instagram focados em assexualidade para promover a conscientização e aceitação das identidades assexuais. A relevância desta pesquisa reside em sua contribuição para o amplo discurso sobre sexualidade e tecnologia. Ao lançar luz sobre a representação e o ativismo da assexualidade em espaços online, especialmente no Instagram, este estudo visa promover uma compreensão mais profunda da formação de identidade contemporânea, ciberativismo e contrapúblico em torno da orientação sexual.

Palavras-chave: Assexualidade; Instagram; Contrapúblico; Ciberativismo; Atração.

ABSTRACT

Despite its prolonged presence online, asexuality remains underexplored in media and sexuality studies. This dissertation investigates the representation and activism of asexuality in the context of Instagram, one of the most popular digital platforms globally. This research delves into the visibility and validation of asexuality in online spaces, addressing the challenges and complexities presented by the digital domain. By employing an interdisciplinary approach that integrates concepts of attraction, counterpublics, and digital communication, this study seeks to understand the social and cultural dynamics shaping asexual experiences in virtual environments. Through a content analysis of 20 posts from 4 Instagram profiles, this research aims to observe the strategies used by Instagram profiles focused on asexuality to promote awareness and acceptance of asexual identities. The relevance of this research lies in its contribution to the broader discourse on sexuality and technology. By shedding light on the representation and activism of asexuality in online spaces, especially on Instagram, this study aims to promote a deeper understanding of contemporary identity formation, cyberactivism, and counterpublics surrounding sexual orientation.

Keywords: Asexuality; Instagram; Counterpublic; Cyberactivism; Attraction.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 – Perfil de Cody Daigle-Orians no Instagram | 95 |
| Figura 2 – Perfil de Yasmin Benoit no Instagram | 96 |
| Figura 3 – Perfil de Aubri Lancaster no Instagram | 97 |
| Figura 4 – Perfil de Rachel no Instagram | 98 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|-----|
| Quadro 1 – Teses e Dissertações sobre a temática da assexualidade | 16 |
| Quadro 2 – Dados numéricos das publicações no momento da seleção | 98 |
| Quadro 3 – Dimensões de análise | 100 |
| Quadro 4 – Características de identificação de contrapúblicos e ciberativismo | 101 |

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| 1. INTRODUÇÃO | 11 |
| 1.1 Problema de pesquisa | 14 |
| 1.2 Objetivo geral | 14 |
| 1.3 Objetivos específicos | 14 |
| 1.4 Justificativa | 15 |
| 2 ASSEXUALIDADE | 19 |
| 2.1 Assexualidade e atração sexual | 20 |
| 2.2 Assexualidade e psicologia | 22 |
| 2.3 Assexualidade e saúde mental | 24 |
| 2.4 Assexualidade e distúrbios sexuais | 25 |
| 2.5 Assexualidade como uma orientação sexual única | 27 |
| 2.6 Assexualidade como traço identitário | 29 |
| 3 ATRAÇÃO INTERPESSOAL | 34 |
| 3.1 Pré-1960 | 35 |
| 3.2 1960-1980 | 40 |
| 3.3 1980-atual | 47 |
| 4 ATRAÇÃO SEXUAL E ROMÂNTICA | 49 |
| 4.1 Atração Sexual | 50 |
| 4.2 Atração Romântica | 56 |
| 5 CONTRAPÚBLICO | 63 |
| 5.1 Contrapúblico como conceito | 64 |
| 6 CIBERCULTURA E CIBERATIVISMO | 71 |
| 6.1 Ciberativismo | 73 |
| 6.2 Cibercultura e Assexualidade | 76 |
| 6.3 Plataformas digitais como espaço para contrapúblicos | 80 |
| 7 PERCURSO METODOLÓGICO | 87 |
| 7.1 Pesquisa qualitativa | 87 |
| 7.2 Análise de conteúdo | 89 |
| 7.3 Seleção de perfis | 91 |
| 7.4 Perfis selecionados e coleta de dados | 94 |
| 7.5 Categorias de análise | 100 |
| 7.5.1 Características de identificação de plataformas digitais como espaço para contrapúblico | 102 |
| 7.5.2 Características de identificação de contrapúblico | 105 |
| 7.5.3 Características de identificação de ciberativismo | 107 |
| 8 ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO | 112 |
| 8.1 Instagram como plataforma digital para contrapúblicos | 113 |
| 8.2 Perfis em perspectiva: um olhar detalhado sobre os espaços contrapúblicos potenciais | 118 |

| | |
|---|------------|
| 8.2.1 Contrapúblico: acedadadvice em foco | 119 |
| 8.2.2 Ciberativismo em ação: perspectiva do perfil acedadadvice | 123 |
| 8.2.3 Contrapúblico: theyasminbenoit em foco | 125 |
| 8.2.4 Ciberativismo em ação: perspectiva do perfil theyasminbenoit | 130 |
| 8.2.5 Contrapúblico: acesexeducation em foco | 133 |
| 8.2.6 Ciberativismo em ação: perspectiva do perfil acesexeducation | 136 |
| 8.2.7 Contrapúblico: angstyace em foco | 138 |
| 8.2.8 Ciberativismo em ação: perspectiva do perfil angstyace | 141 |
| 8.3 Contrapúblico e Ciberativismo | 143 |
| 8.4 Assexualidade no Instagram: desafios e potencialidades | 147 |
| 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 152 |
| REFERÊNCIAS | 158 |
| ANEXO A — Publicações analisadas | 168 |
| ANEXO B — Relação das características de plataformas digitais como espaço para contrapúblicos com os perfis do Instagram estudados | 216 |
| ANEXO C — Relação das dimensões de análise com as publicações do Instagram estudadas | 225 |

1. INTRODUÇÃO

Desde os seus modestos primórdios como um conjunto de máquinas interconectadas na década de 1960 até os dias atuais, com sua disseminação generalizada na década de 1990, a Internet se tornou algo de difícil escape no nosso cotidiano: uma rede pública acessível a qualquer sujeito que tenha um dispositivo conectado à Web (Assman, 2006). As pessoas têm incorporado de maneira ativa suas vidas às suas atividades digitais e a rápida evolução das tecnologias digitais, junto à crescente presença do ciberespaço, têm desempenhado um papel transformador na maneira como as identidades sexuais e as expressões de gênero são compreendidas e vivenciadas. Entre as várias comunidades que ascenderam nesse contexto virtual, destaca-se a comunidade assexual, que se identifica pela pouca ou nenhuma experiência de atração sexual direcionada a qualquer gênero (Bogaert, 2004). A assexualidade desafia as normas tradicionais de sexualidade e proporciona um espaço para explorar novas perspectivas sobre relacionamentos e intimidade. A interseção entre a assexualidade e o ciberespaço oferece uma circunstância única para a expressão e compreensão desses traços de identidade, que muitas vezes não são reconhecidas ou representadas na esfera offline. O ambiente virtual permite a criação de comunidades seguras e solidárias, onde pessoas assexuais podem compartilhar experiências, discutir desafios e celebrar sua identidade em um ambiente que transcende fronteiras geográficas.

Mesmo ocupando espaços online por mais de duas décadas, a assexualidade continua sendo um tópico pouco pesquisado nos estudos de mídia, gênero e sexualidade. Pesquisas anteriores exploraram questões de definição de assexualidade, entrevistas e pesquisas com pessoas assexuais e considerações sobre o lugar da assexualidade nas comunidades LGBTQIAP+¹ e no movimento feministas. Entretanto, ainda existem diversas lacunas em relação à invisibilidade da assexualidade na mídia e à presença virtual dessa comunidade. Segundo o relatório anual *Where We Are on TV* (Onde nós estamos na TV) de 2022-2023 elaborado

¹ A utilização da sigla LGBTQIAP+ nesta pesquisa é adotada com o intuito de abranger de maneira inclusiva e respeitosa uma ampla diversidade de identidades de gênero e orientações sexuais. A sigla é composta por diferentes termos que representam experiências humanas variadas, incluindo lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, queer, intersexuais, assexuais, panssexuais e outras identidades não conformes com as normas heteronormativas e cisnormativas. Reconhecemos que a linguagem está sempre em evolução para refletir a compreensão crescente da diversidade de gênero e sexualidade, e a sigla LGBTQIAP+ busca abarcar essa riqueza de experiências. O uso desta sigla não pretende simplificar ou generalizar, mas sim reconhecer e respeitar a complexidade das identidades de gênero e orientações sexuais das pessoas assexuais quais este estudo serve.

pela GLAAD² (*Gay & Lesbian Alliance Against Defamation*), cerca de 1% dos personagens LGBTQIAP+ que estão nas produções de televisão a cabo e *streaming* são assexuais (GLAAD, 2023). Embora a representação da assexualidade seja pouca na mídia convencional e tradicional, os espaços digitais têm sido ambiente de visibilidade e autoexpressão para as pessoas assexuais.

No entanto, o ciberespaço também apresenta desafios e complexidades. A visibilidade e a validação da assexualidade podem ser prejudicadas pela falta de compreensão e pela persistência de estereótipos prejudiciais. Além disso, a natureza anônima da internet pode levar a ambiguidades na interpretação da assexualidade e à possibilidade de apropriação indesejada de narrativas pessoais. Esta pesquisa, portanto, busca mergulhar na interseção da assexualidade e do ciberespaço, explorando como a comunidade assexual, por meios de criadores de conteúdo, utiliza as redes sociais online — com foco no Instagram — para construir identidade sexual, enfrentar desafios e ampliar a conscientização sobre a assexualidade. Com uma abordagem interdisciplinar que engloba as dinâmicas de atração interpessoal, contrapúblicos e comunicação digital, esta pesquisa busca entender as dinâmicas sociais e culturais que moldam a experiência assexual no ambiente virtual. Ao explorar essa interseção complexa, este projeto pretende contribuir para uma compreensão mais profunda da exposição do traço identitário assexual no ambiente digital, fornecendo referências para acadêmicos, ativistas e profissionais interessados em sexualidade, gênero e tecnologia.

No capítulo dois, explora-se de maneira aprofundada a *assexualidade*, uma orientação sexual que emerge como um tópico cada vez mais importante no discurso contemporâneo. O terceiro capítulo se concentra na complexa temática da *atração interpessoal*. Aborda-se a perspectiva histórica da atração a fim de compreender as várias dimensões psicológicas, biológicas e sociais que compõem a atração entre sujeitos, analisando como fatores como a personalidade, interesses compartilhados e afinidades influenciam as conexões interpessoais. O capítulo quatro mergulha nas interseções da *atração sexual e romântica*. Neste âmbito, é examinado como a sociedade molda e define essas formas de atração, muitas vezes

² A GLAAD é uma organização americana não governamental e sem fins lucrativos de monitoramento da mídia. Foi fundada em 1985 como um protesto contra a cobertura difamatória de pessoas LGBTQIAP+ e suas representações na mídia e no setor de entretenimento.

consideradas intrinsecamente interligadas, mas também sujeitas a variações e dissociações individuais.

Entender a assexualidade como tema de pesquisa requer considerar as intrincadas nuances da experiência humana em relação à atração. Nesta pesquisa, é destacado a importância dos conceitos de atração interpessoal, atração sexual e atração romântica para compreender as dinâmicas sociais que permeiam a assexualidade como identidade sexual e como orientação sexual. A análise subsequente se concentra nos conceitos de contrapúblico e ciberativismo como estratégias de reivindicação de visibilidade e compreensão por parte de pessoas assexuais. Dessa forma, as teorias discutidas nos capítulos dois, três e quatro fornecem uma base sólida para explorar os mecanismos de resistência e empoderamento nos contrapúblicos assexuais online.

Na sequência, o quinto capítulo delimita a compreensão do conceito de *contrapúblico*, uma noção que tem emergido como uma lente fundamental para examinar grupos e comunidades que se formam em resposta a marginalizações, exclusões ou opressões presentes nos espaços públicos dominantes. Explora-se como esses contrapúblicos oferecem um espaço seguro para discussões, expressões e mobilizações em torno de questões específicas, proporcionando um contexto essencial para o ativismo e a conscientização. Por fim, o capítulo seis investiga a influência da *cibercultura* e *ciberativismo* na transformação da esfera pública. Explora-se como as tecnologias digitais e as redes sociais online criam espaços de engajamento, discussão e ação social, permitindo que sujeitos e grupos alcancem uma audiência global, desafiando, assim, as fronteiras físicas e as estruturas de poder convencionais. Dessa forma, é investigado como a assexualidade é vivenciada, compreendida e representada no contexto da cibercultura, considerando como a comunidade assexual utiliza redes sociais online, como o Instagram, para desafiar a invisibilidade cultural e reivindicar sua identidade sexual. Cada um desses capítulos contribui para um entendimento mais abrangente da interseção entre as temáticas abordadas, iluminando as complexidades subjacentes à formação de identidades, à construção de espaços, às conexões interpessoais, à mobilização online e à representação da assexualidade em um mundo digital em constante transformação.

1.1 Problema de pesquisa

Nos últimos anos, as mídias sociais, especialmente o Instagram, têm emergido como um espaço significativo para a expressão, discussão e construção de identidades sexuais, incluindo a assexual. No entanto, apesar da crescente visibilidade dessa orientação sexual, permanecem questões fundamentais sobre como a assexualidade é representada e comunicada nas publicações do Instagram. Assim, a pesquisa busca explorar como a assexualidade é exposta no contexto do Instagram, com foco na seguinte questão de pesquisa:

Como os perfis do Instagram dedicados à assexualidade contribuem para a construção da identidade sexual das pessoas assexuais e quais estratégias estes espaços adotam para promover a conscientização e a aceitação da identidade assexual?

1.2 Objetivo geral

O objetivo geral deste estudo é analisar o conteúdo de postagens relacionadas à assexualidade no Instagram, com o propósito de compreender como ativistas assexuais utilizam o espaço disponibilizado pela rede social online para divulgar informações sobre essa orientação sexual a fim de investigar o papel dos contrapúblicos e do ciberativismo na promoção da visibilidade da identidade assexual.

1.3 Objetivos específicos

A partir de publicações dos perfis selecionados este estudo tem a intenção de satisfazer os seguintes objetivos específicos:

- a) Identificar se o Instagram pode funcionar como espaço para ação de contrapúblicos relacionados à assexualidade.
- b) Explorar como os perfis dedicados à assexualidade no Instagram podem atuar como contrapúblicos.
- c) Analisar as estratégias de ciberativismo empregadas pelos perfis dedicados à assexualidade no Instagram para promover conscientização e compreensão da mesma.

1.4 Justificativa

A assexualidade tem emergido como um tema de considerável interesse dentro dos campos da sexualidade humana, assim como nas pesquisas que se debruçam sobre gênero. Em abordagens anteriores dessa temática, muitos estudiosos procuraram conceituar a assexualidade — uma orientação caracterizada pela pouca ou ausência de atração sexual direcionada a qualquer gênero — e inseri-la nos quadros modernos de entendimento da sexualidade (Bogaert, 2006; Scherrer, 2008; Gupta, 2017; Chasin, 2017; Dawson; Scott; McDonnell, 2018). Todavia, um aspecto da assexualidade que permanece insuficientemente explorado é a sua invisibilidade cultural. A assexualidade e as pessoas assexuais são quase inexistentes no panorama atual de mídia de notícias e entretenimento, contribuindo para a falta de conscientização pública acerca dessa identidade sexual. É notável que essa falta de representação tenha sido incorporada à própria definição moderna da assexualidade, conferindo-lhe o epíteto de "orientação invisível" (Decker, 2015).

Uma área a ser explorada academicamente no âmbito da representação assexual é o modo como sujeitos assexuais e seus aliados criam espaços de visibilidade dentro dessa cultura de representação limitada, sendo que esta se dá principalmente em ambiente online. Entretanto, as pesquisas até o momento focadas na assexualidade não abordam suficientemente o tema da mídia ou da representação assexual. A maior parte das investigações se debruçam sobre a questão fundamental de como a assexualidade é definida, muitas delas sendo respostas à criação da *Asexuality Visibility and Education Network* (AVEN) em 2001 e a um estudo de 2004 que estimou que 1% da população geral se identificava como assexual (Bogaert, 2004). A partir dessas caracterizações, outras pesquisas se concentraram em elaborar ou complexificar a definição de assexualidade. Alguns desses estudos utilizaram pesquisas de levantamento e entrevistas com assexuais autoidentificados sobre seus desejos e comportamentos sexuais (Hille, 2023). Tais estudos concluíram, em linhas gerais, que a assexualidade é mais adequadamente compreendida como pouca ou ausência completa de atração sexual por qualquer um dos gêneros, embora a atividade sexual efetiva de pessoas assexuais autoidentificados seja variada (Prause; Graham, 2007; Brotto *et al.*, 2010).

Superando a fase de definição, os estudos começaram a examinar a assexualidade como uma orientação sexual, inserindo-a em um contexto mais amplo

de estudos da comunidade LGBTQIAP+. Nesse sentido, o traço de identidade assexual foi explorada à luz de sua interseccionalidade com outras dimensões identitárias. Dentro do paradigma dos estudos sobre sexualidade, investigações recentes sobre assexualidade analisaram as vidas e/ou perspectivas de sujeitos assexuais. Isso abrange estudos centrados nas concepções e realidades assexuais acerca de namoro, romance e intimidade (Scherrer, 2008; Scherrer; Pfeffer, 2017), assim como uma pesquisa recente que busca compreender a vida de pessoas assexuais além de seus relacionamentos sexuais ou românticos (Chasin, 2017; Dawson; Scott; McDonnell, 2018). Um exame preliminar no Banco de Teses e Dissertações da Capes revelou que o termo "assexualidade" está presente em 72 trabalhos catalogados na plataforma. No entanto, uma análise mais aprofundada revelou que a maioria desses trabalhos (54) pertence a áreas biológicas e não se relaciona com a assexualidade humana. Além disso, entre os 18 trabalhos restantes que poderiam potencialmente abordar a assexualidade na área social, apenas 7 deles realmente tratam dessa orientação sexual, enquanto os demais mencionam a assexualidade de forma tangencial, entre outras orientações, e não são diretamente relevantes para pesquisas específicas sobre assexualidade. As ocorrências foram as seguintes:

Quadro 1 – Teses e Dissertações sobre a temática da assexualidade

| Título | Autor | Tese ou Dissertação | Ano | Instituição | Área do Conhecimento |
|--|----------------------------------|----------------------------|------------|--------------------|-----------------------------|
| Deslocando sobre o arco-íris com tonalidades cinza e preto: assexualidades em trânsito | Luigi Silvino D'Andrea | Dissertação | 2016 | PUC Minas | Psicologia |
| (As)sexualidades: processo de subjetivação e resistência | Valeria Konc dos Santos | Dissertação | 2016 | PUC SP | Psicologia |
| A construção de identidade de adolescentes assexuais em comunidades virtuais | João Florentino Cunha | Dissertação | 2021 | UFBA | Psicologia |
| O silêncio lá de baixo — autobiografia em cinema de animação | Pamella Emilia de Queiroz Araujo | Dissertação | 2019 | UDESC | Artes Visuais |
| "Minha vida de ameba": os scripts sexo-normativos e | Elisabete Regina | Tese | 2015 | USP | Educação |

| | | | | | |
|--|-------------------------|------|------|-------|---------------------|
| a construção social das assexualidades na internet e na escola | Baptista de Oliveira | | | | |
| Avessos do excesso: a assexualidade | Paulo Victor Bezerra | Tese | 2015 | UNESP | Psicologia |
| “Já experimentou para saber se gosta?” – assexualidades na sociedade sexualizada | Giorgia de Aquino Neiva | Tese | 2019 | UFG | Antropologia Social |

Fonte: elaboração da pesquisadora

Essa escassez de estudos direcionados à assexualidade ressalta a importância de preencher essa lacuna no corpo de conhecimento acadêmico. Esta pesquisa visa contribuir para a compreensão mais profunda da assexualidade, sua representação e experiência, oferecendo uma análise dessa orientação sexual em um contexto contemporâneo. Ela busca promover uma discussão mais significativa sobre a assexualidade como parte integrante da diversidade sexual e da identidade humana por meio da sua ocupação do ciberespaço. A representação assexual na mídia constitui atualmente uma brecha nos estudos LGBTQIAP+, apesar de ter sido mencionada em pesquisas de variadas maneiras (Foster, 2017; Colborne, 2018; Ayala, 2020). Em estudos que incluem as vozes de pessoas assexuais e em levantamentos conduzidos por pessoas assexuais, a ausência de representação na mídia e de modelos é abordada de maneira explícita. Embora essa falta de representação seja evidente na mídia em geral, também se reflete na ausência de pesquisa que conceitue a representação assexual ou rastreie a representação já existente. Parte desse esforço tem sido liderado por grupos ativistas, incluindo a organização GLAAD, que recentemente monitorou a representação assexual na televisão em relatórios anuais como o *Where We Are on TV* (GLAAD, 2023). A lacuna na mídia nos estudos assexuais têm sido abordada por pesquisadores, assexuais e aliados externos à academia. Essa abordagem destaca a importância da representação da assexualidade na mídia, à medida que as pessoas assexuais expressam claramente sua necessidade de serem representadas. A ausência de representação, seja nas notícias ou no entretenimento, contribui para a consolidação da mesma como a “orientação invisível”.

A representação da assexualidade na mídia, tanto nas instâncias positivas quanto nas que apagam essa orientação, é identificada como momentos cruciais

para que algumas pessoas assexuais conheçam a assexualidade pela primeira vez e aceitem sua própria sexualidade. No momento em que a mídia tradicional não possibilita essa aproximação, a comunidade assexual encontra outros espaços para produzirem conteúdo e trocar experiências: a internet, onde há crescente importância dos espaços online na formação da identidade individual e na construção de movimentos sociais. No contexto específico da assexualidade, o ciberespaço tem se mostrado como um ambiente crucial para a expressão, conexão e defesa da comunidade assexual. À medida que o diálogo sobre orientação sexual evolui e se expande, as vozes das pessoas assexuais ganham destaque nos ambientes digitais, desafiando normas sexuais tradicionais e contribuindo para a diversificação das narrativas de sexualidade.

O Instagram, como uma rede social online visual e de interação, assume um papel relevante na promoção da visibilidade da assexualidade, sendo a quarta rede social online mais usada no mundo — ficando atrás de Facebook, YouTube e WhatsApp — e ocupando o terceiro lugar na preferência dos brasileiros — após WhatsApp e YouTube (We Are Social, 2023). No entanto, apesar da crescente presença da comunidade assexual no ambiente online, a literatura acadêmica ainda carece de um exame aprofundado sobre como a assexualidade é representada, compreendida e ativada especificamente no Instagram e em outros espaços virtuais. A visibilidade da orientação no ambiente digital, particularmente no Instagram, tem implicações significativas para a autoafirmação de sujeitos assexuais e para a conscientização do público em geral. Além disso, a análise das estratégias de ativismo online voltadas para a assexualidade no ciberespaço é crucial para compreender como as identidades sexuais utilizam os recursos digitais para criar uma presença e influenciar discussões culturais mais amplas. O ativismo assexual online pode desempenhar um papel importante na construção de uma sociedade mais inclusiva, desafiando a invisibilidade cultural historicamente associada à assexualidade. Portanto, este estudo repousa na necessidade de preencher essa lacuna na pesquisa acadêmica, oferecendo uma compreensão aprofundada de como a assexualidade é vivenciada, representada e promovida em ambiente online, em especial no Instagram. Investigar a interseção entre a assexualidade, o ciberespaço e o ativismo pode proporcionar melhor compreensão das dinâmicas contemporâneas de construção de identidade sexual, ativismo social e transformações na discussão pública sobre orientação sexual.

2 ASSEXUALIDADE

Desde a publicação do estudo de Bogaert em 2004, que revelou uma prevalência de aproximadamente 1% de pessoas assexuais na população britânica, o campo de pesquisa sobre a assexualidade tem se expandido significativamente (Hille, 2023). Paralelamente, a comunidade assexual floresceu no ambiente online, com destaque para a Asexual Visibility and Education Network (AVEN), fundada em 2001 e que atualmente conta com mais de 150.000 membros ao redor do mundo (AVEN, 2023). Além disso, diversas redes sociais online, como YouTube e Tumblr, se tornaram espaços nos quais sujeitos assexuais podem produzir e compartilhar conteúdo relacionado à sua experiência (Robards *et al.*, 2018).

Nas últimas duas décadas, a assexualidade emergiu como um fenômeno complexo, suscitando uma série de questões desafiadoras para pesquisadores de diversas disciplinas científicas. Uma dessas questões diz respeito à própria definição da assexualidade, visto que o termo 'assexual' tem sido definido de muitas maneiras diferentes e, apenas da assexualidade estar recebendo cada vez mais atenção na pesquisa científica, esta ainda é escassa quando comparada às demais orientações sexuais não-heteronormativas (Kelleher; Murphy, 2022). Variáveis como história sexual, inibição, excitação e desejo sexual são levadas em consideração em diferentes instâncias na busca de identificar os traços de identidade assexual. À medida que mais estudos foram conduzidos e a comunidade assexual se tornou mais visível, surgiram diferentes perspectivas e debates sobre como conceituar e compreender a assexualidade de maneira adequada. Neste ponto, Van Houdenhove *et al.* (2017) comentam que é mais fácil definir o que a assexualidade não é. A maioria dos pesquisadores concorda que a assexualidade não deve ser considerada um transtorno mental, nem um sintoma de tal condição, assim como não deve ser classificada como uma disfunção sexual (Bogaert, 2015; Prause; Graham, 2007; Van Houdenhove *et al.*, 2017). Em termos gerais, a assexualidade é atualmente descrita como uma identidade sexual (Scherrer, 2008; Carrigan 2011) e como uma orientação sexual (Chasin, 2011; Bogaert, 2006) caracterizada pela pouca ou ausência de atração sexual por outras pessoas.

2.1 Assexualidade e atração sexual

É importante notar que existe uma grande comunidade online de pessoas autoidentificadas como assexuais, principalmente representada pela AVEN, a qual pode incluir pessoas que não se enquadram completamente na primeira definição ofertada por Bogaert, no qual ele descreve a assexualidade como o estado de possuir atração sexual por nenhum dos gêneros (Bogaert, 2004). Existem diferenças conceituais significativas entre a assexualidade autoidentificada, que abrange uma ampla gama de sujeitos com experiências diversas, e uma definição mais estrita de assexualidade, que se refere à completa falta de atração sexual e sua estabilidade ao longo do tempo. Como discutido por Chasin (2017), as pessoas que se identificam no espectro assexual podem chegar a essa identificação por meio de diferentes experiências e razões, sendo que algumas pessoas que se identificam como assexuais podem experimentar diferentes níveis de atração sexual. Embora tenham sido feitos esforços por parte de pesquisadores para criar uma definição mais rigorosa de assexualidade e desenvolver formas de mensurar a falta de atração sexual, a pesquisa ainda é incipiente nesse campo e a maioria dos estudos se baseiam em amostras de assexuais autoidentificados (Hille, 2023). Consequentemente, a assexualidade não possui atualmente um conceito único do ponto de vista científico e suas definições variam conforme a área da ciência que a estuda. Bogaert (2012), por exemplo, revisou sua definição inicial e conceituou a assexualidade como a pouca ou ausência de atração sexual, sendo este o conceito amplamente utilizado em pesquisas. De modo geral, acredita-se que a falta ou escassez de atração sexual seja persistente ao longo da vida adulta de uma pessoa assexual, embora esse não seja um requisito para a autoidentificação dentro da comunidade assexual (AVEN, 2023).

No que diz respeito à atração sexual, atração romântica e comportamento sexual, existem diversas experiências que podem ocorrer no espectro da assexualidade (Prause; Graham, 2007). Reconhece-se na comunidade assexual que algumas pessoas podem sentir atração sexual em certas circunstâncias ou por pessoas específicas, elas podem se identificar como greysexuais — pessoas que raramente sentem atração sexual — ou demissexuais — pessoas que sentem atração sexual apenas quando estabelecem uma forte conexão emocional com alguém (Decker, 2015). Além da atração sexual, existe a inclinação de um sujeito em

relação à atração romântica, que se refere ao desejo de ter um relacionamento romântico com uma ou mais pessoas. É importante ressaltar que as pessoas assexuais variam amplamente nessa propensão à filiação romântica, desde arromânticos³ — pessoas que sentem pouca ou nenhuma atração romântica — até heterorromânticos, homorromânticos e panromânticos⁴ (Hille, 2023).

É fundamental enfatizar que a pouca ou falta de atração sexual não equivale necessariamente à ausência de comportamento sexual (Giles, 2015). Existem evidências de que pessoas assexuais se envolvem em atividades sexuais solitárias e em parceria por diversos motivos que não estão diretamente relacionados à atração sexual, como o envolvimento em um relacionamento romântico (Yule; Brotto; Gorzalka, 2014). Além disso, existem vários estereótipos associados àqueles que se identificam como assexuais, como a suposição de que todos os sujeitos assexuais são arromânticos, do gênero feminino, têm medo de sexo, são altamente religiosos, passaram por traumas em relacionamentos ou experiências sexuais, têm baixos níveis de testosterona ou algum outro problema físico, ou estão fazendo uma escolha consciente de serem assexuais (Colborne, 2018). No entanto, pesquisas empíricas têm fornecido evidências de que essas alegações são amplamente falsas (Bogaert, 2015; Van Houdenhove *et al.*, 2017). A assexualidade difere do celibato e da abstinência, por exemplo, pois nestes casos a pessoa faz uma escolha deliberada de não praticar sexo, o que não significa que a mesma não sinta atração sexual, mas que ela opta por nãoa tuar sobre ela e por não se envolver em atividades sexuais.

O surgimento da comunidade assexual, combinado com a falta de dados empíricos sobre a assexualidade, tem gerado muita discussão e especulação tanto nas comunidades acadêmicas quanto nas sociais sobre como a assexualidade deve ser conceituada. A assexualidade tem sido descrita como uma orientação sexual por diversas fontes (Storms, 1979; Bogaert, 2012; Kelleher; Murphy, 2022) e, embora os autores reconheçam definições alternativas de "orientação sexual", nesta pesquisa concordamos com Christiansen e Fischer (2022) de que esta é uma categoria sociopolítica, construída e fluída e é definida como um mecanismo interno que direciona o interesse sexual de uma pessoa para homens, mulheres e/ou outros gêneros (Varella Valentova; Varella, 2016). Em contraste com a compreensão da

³ Pessoas que sentem pouca ou nenhuma atração romântica.

⁴ Pessoas que são romanticamente atraídas por outros, independentemente do gênero.

assexualidade como uma orientação sexual, existem pesquisas que associam a assexualidade com dificuldades de saúde mental e disfunção sexual. Grande parte da pesquisa empírica atual se concentra nessas questões, de forma que será discutido a seguir uma literatura que explora tópicos psicológicos, biológicos assim como o contexto social da assexualidade, incluindo identidade, orientação e comunidade.

2.2 Assexualidade e psicologia

A assexualidade levanta questões relativas ao papel da "angústia pessoal" na definição dos problemas relacionados à atração sexual — e talvez por isso a área da ciência na qual ela mais é estudada como orientação sexual seja a psicologia. Uma pessoa que não sente desejo sexual, ao buscar orientação de um profissional da saúde pode ser diagnosticada com síndromes ou transtornos, assim como pode ser encaminhada para avaliação médica mais profunda. De fato, uma diminuição no desejo sexual pode sinalizar distúrbios psicológicos ou fisiológicos — como depressão ou hipotireoidismo, por exemplo — mas ainda hoje é questionado se o baixo ou ausente desejo sexual está necessariamente associado à patologia. A relação entre comportamento sexual e saúde — física e mental — na pesquisa científica vem de longa data. O espectro da sexualidade humana de Kinsey *et al.* (1948, 1953) chocou o mundo quando seus livros sobre comportamento sexual dos homens e das mulheres foram publicados. Os padrões éticos de Kinsey *et al.* (1948, 1953) eram questionáveis, especialmente pelos modelos de pesquisa que utilizamos hoje, mas ele também apresentou ao mundo uma ideia que anteriormente tinha pouca publicidade: a sexualidade humana não se limita à binariedade heterossexualidade/homossexualidade. Ao contrário, ele declarou que existia em um amplo espectro — ainda que reduzido comparado ao que conhecemos atualmente. Assim, a Escala Kinsey (Kinsey *et al.*, 1948; Kinsey *et al.*, 1953) é uma escala numérica direta, contando com uma crescente de zero a seis, com zero sendo exclusivamente heterossexual e seis sendo exclusivamente homossexual.

Os livros de Kinsey *et al.* (1948, 1953) relataram que 10% dos homens estadunidenses eram mais ou menos exclusivamente homossexuais e 8% dos homens estadunidenses eram exclusivamente homossexuais por pelo menos três anos entre as idades de 16 e 55. Outros números mostraram que entre um quarto

e um terço dos homens brancos adultos dos Estados Unidos com educação universitária tiveram uma experiência homossexual aberta desde a puberdade, principalmente na adolescência. Ponderando pelo estado civil, ele estimou que 4% dos homens brancos estadunidenses com ensino superior e 1% das mulheres brancas do mesmo país eram predominantemente ou exclusivamente homossexuais. O método de amostragem de Kinsey *et al.* (1948, 1953) foi uma coleta oportunista e os dados vieram de entrevistas detalhadas e frente a frente, sem uma base padronizada em relação à frequência das relações. A parte importante dessas obras para a atual pesquisa, porém, é a sétima categoria incluída pelos sexólogos listada como "X", a qual representava a ausência de contatos ou reações sociossexuais e que, hoje, frequentemente é interpretada como representação da assexualidade (Bowles, 2011), ainda que alguns estudiosos defendam que esta classificação de Kinsey *et al.* (1948, 1953) procurou enfatizar a falta de comportamento sexual, enquanto a definição de assexualidade descreve a falta de atração sexual. Em ambos os casos, a Escala de Kinsey (Kinsey *et al.*, 1948; Kinsey *et al.*, 1953) não é suficiente para uma classificação precisa da assexualidade, porém tem sua relevância ao demonstrar a presença de assexuais na história do estudo da sexualidade.

As primeiras explorações da assexualidade foram baseadas na presumida existência de um demográfico assexual, inferido a partir de uma nova compreensão da variabilidade sexual humana trazida por pesquisadores como Kinsey e seus colegas. Myra Johnson (1977) ofereceu uma das primeiras dessas conjunturas ao descrever assexuais como aqueles que, independentemente da condição física ou emocional, parecem preferir não se envolver em atividade sexual (Johnson, 1977). Já Michael Storms (1979), esboçou sua própria recriação da Escala de Kinsey, na qual propôs um gráfico bidimensional que considera explicitamente o caso da assexualidade e a expressão simultânea de heteroerotismo e homoerotismo. Após esse período, houve pouca discussão acadêmica sobre a assexualidade até a pesquisa de Bogaert (2004), sendo essa estimativa ainda uma das mais citadas em relação à prevalência da assexualidade, embora estudos mais recentes tenham fornecido estimativas variando até 5,8% (Spizzirri *et al.*, 2022).

2.3 Assexualidade e saúde mental

Em um estudo publicado em 1983, Paula Nurius examinou a relação entre saúde mental e orientação sexual, pesquisando uma amostra de 689 pessoas, principalmente estudantes universitários norte-americanos. O estudo enfocou a heterossexualidade e a homossexualidade, mas também incluiu a bissexualidade e a assexualidade como orientações sexuais. Os resultados dos questionários mostraram que os assexuais pesquisados tinham uma frequência de atividade sexual menor comparado aos demais participantes. Nurius (1983) também descobriu que, nesta amostra, assexuais eram um pouco mais propensos a ter problemas com depressão, baixa auto-estima e autorrejeição sexual. Três décadas depois, estudos conduzidos por Yule, Brotto e Gorzalka (2013) trataram de questões semelhantes, porém com foco na assexualidade e indicaram que a orientação está associada a uma maior prevalência de problemas de saúde mental e interpessoais.

Em ambas as pesquisas, assexuais apresentaram maior probabilidade de apresentar sintomas de retraimento social, dificuldades interpessoais, ansiedade e tendência ao suicídio em comparação com participantes não assexuais. No entanto, é importante ressaltar que esses sintomas não devem ser usados para patologizar a assexualidade nem conceituá-la como um sintoma de uma condição psiquiátrica. Um crescente corpo de literatura sobre assexualidade indica que os sujeitos assexuais são frequentemente estigmatizados de diversas maneiras negativas, muitas das quais estão enraizadas na ideologia da normatividade sexual, uma visão de mundo predominante que enquadra a sexualidade como normativa, universal e compulsória (Foster, 2017). As manifestações do preconceito contra assexuais, a acefobia, incluem o apagamento, a deslegitimação e a patologização da assexualidade, pois a assexualidade é frequentemente estigmatizada como uma anormalidade clínica ou uma forma de disfunção sexual (Ayala, 2020). Da mesma forma, apesar da variação na extensão da atividade sexual anterior ou atual das pessoas assexuais, a assexualidade é frequentemente equiparada à aversão sexual (Bogaert, 2015), postura que prejudica a estabilidade temporal e a legitimidade dessa categoria de orientação sexual. Além disso, embora uma proporção substancial de pessoas assexuais se envolva em relacionamentos românticos, é comum que a assexualidade seja apagada por meio de uma confusão incorreta com

a orientação aromântica (Deutsch, 2018). Essas pesquisas também sugerem que o preconceito em relação a assexualidade leva a fatores de estresse exclusivos de sujeitos assexuais, inclusive microagressões, reações sociais negativas — tais como desumanização, infantilização e rejeição social — e coerção e violência sexual (Foster, 2017; Deutsch, 2018; Ayala, 2020).

Ainda assim, os estudos apresentados indicam que as altas taxas de sintomas de problemas de saúde mental observadas com pessoas assexuais podem ser explicadas pela experiência de estigmatização e desumanização enfrentada por eles. Em resumo, essas descobertas sugerem que o aumento da angústia e das dificuldades de saúde mental associadas à assexualidade não devem ser utilizados para patologizar os sujeitos assexuais (Bogaert, 2006; Van Houdenhove *et al.*, 2017). A assexualidade não deve ser classificada como um diagnóstico psiquiátrico nem vista como um sintoma de uma condição mental.

2.4 Assexualidade e distúrbios sexuais

Atualmente, as evidências não sugerem que cognições e comportamentos associados à assexualidade necessariamente sinalizem um problema, porém, durante muitos anos, na comunidade médica, os assexuais foram diagnosticados com distúrbios sexuais, sendo o mais comum deles o Transtorno do Desejo Sexual Hipoativo (TDSH). A fusão de assexualidade e TDSH deriva de uma ampla e vaga definição do distúrbio encontrado na quarta edição DSM, a qual fornece critérios para a classificação de transtornos mentais. A definição do DSM-IV (1995) descreve o TDSH como “uma deficiência ou ausência de fantasias sexuais e desejo de ter atividade sexual. A perturbação deve causar acentuado sofrimento ou dificuldade interpessoal” (APA, 1995, p. 470). Considerada uma disfunção sexual, a TDSH, assim como outros distúrbios, é comumente tratada com terapia e medicação. Em uma nova versão, publicada em 2013, o DSM-V (APA, 2014) dividiu a TDSH — em Transtorno do Interesse/Excitação Sexual Feminino e Transtorno do Desejo Sexual Masculino Hipoativo — e reconheceu a assexualidade, declarando que estes casos não devem ser diagnosticados como transtornos.

Na seção Transtorno do Interesse/Excitação Sexual Feminino, ao final de "Características Diagnósticas", sentenciam-se que “nos casos em que a falta de desejo sexual ao longo da vida for mais bem explicada pela identificação por parte

da própria mulher como 'assexual', não se aplica o diagnóstico de transtorno de interesse/excitação sexual feminino" (APA, 2014, p. 434). O mesmo ocorre na seção Transtorno do Desejo Sexual Masculino Hipoativo, no final da seção "Diagnóstico Diferencial", onde se lê que "se o próprio homem identifica a si mesmo como assexual, o diagnóstico de transtorno do desejo sexual masculino hipoativo não é feito" (APA, 2014, p. 443). Ainda que o manual não preencha muitas lacunas e a prática nos consultórios continue relutante, o DSM-V (APA, 2014) reconhece explícita e claramente a assexualidade.

A fusão entre transtornos do desejo sexual e assexualidade é problemática para a comunidade assexual, cujo objetivo, em parte, é que a assexualidade seja vista como uma variação natural no espectro da sexualidade humana. Brotto, Yule e Gorzalka (2015) encontraram diferenças significativas entre participantes que atendiam aos critérios diagnósticos de um transtorno do desejo sexual e sujeitos assexuais autoidentificados. Os participantes com transtorno relataram maior angústia relacionada à sexualidade, níveis mais altos de desejo sexual, maior probabilidade de estarem em um relacionamento e menor dificuldade em identificar e expressar emoções do que os participantes assexuais. Além disso, outro estudo mostrou que os participantes com transtorno do desejo sexual consideravam sua falta de desejo sexual problemática e, se tivessem a escolha, não gostariam de discutir isso com um profissional de saúde (Prause; Graham, 2007).

Com base nesses e outros estudos, sugere-se que a assexualidade não é uma disfunção da excitação sexual ou do desejo sexual, ainda que haja a possibilidade de que algumas pessoas diagnosticadas com transtorno do desejo sexual ao longo da vida possam se identificar como assexuais. Brotto, Yule e Gorzalka (2015) mostraram uma sobreposição considerável entre os dois grupos, sugerindo que alguns sujeitos que atendem aos critérios diagnósticos de um transtorno do desejo sexual podem se identificar como assexuais se estiverem cientes do termo. A angústia clinicamente significativa pode provenir da discriminação enfrentada por pessoas assexuais, assim como em resposta à tentativa de manter um relacionamento sexual, apesar de a pessoa continuar desinteressada em se envolver em atividade sexual de outra forma.

Essas descobertas têm implicações clínicas importantes, indicando que a assexualidade não é uma disfunção sexual. O tratamento para pessoas com transtorno do desejo ou excitação sexual visa aumentar seu interesse por sexo,

enquanto pessoas assexuais em terapia podem se beneficiar mais com o foco na autoaceitação, de forma que os profissionais clínicos são encorajados a explorar qual abordagem melhor se aplica ao paciente e permite que ele leve uma vida plena (Hille, 2023; Bittle; Anderson, 2023). Segundo o DSM-IV (APA, 1995), fazer o diagnóstico do distúrbio de aversão sexual pressupõe a presença de angústia acentuada ou dificuldade interpessoal causada pelo distúrbio, porém, a maioria dos assexuais não sofre com a ausência de desejo sexual. Da mesma forma, é importante observar que o DSM-V (APA, 2014) menciona explicitamente a assexualidade como um critério de exclusão para transtornos do desejo sexual. Embora tenha havido debate no início dos anos 2000, como os apresentados, sobre se a assexualidade era realmente um tipo de disfunção psicológica ou fisiológica, a literatura de hoje geralmente trata a assexualidade como uma orientação sexual e um aspecto da identidade de um sujeito, em vez de um distúrbio a ser corrigido (Kelleher; Murphy; Su, 2022).

2.5 Assexualidade como uma orientação sexual única

A orientação sexual é amplamente reconhecida como um mecanismo psicológico que direciona a atração sexual de uma pessoa em relação a sujeitos com base em seu gênero aparente (Varella Valentova; Varella, 2016). Ela se concentra principalmente na atração, não necessariamente no comportamento ou na identidade, uma vez que a orientação pode não ser explicitamente expressa por meio de comportamento sexual ou estar alinhada com o vínculo afetivo. A assexualidade foi descrita pela primeira vez como a quarta orientação sexual por Storms (1979), onde ele a definiu como a falta de fantasias eróticas e caracterizou os assexuais como sujeitos que não se sentem atraídos por nenhum dos sexos. Por outro lado, o modelo de orientação sexual de Diamond (2003), que desvincula as fantasias e os desejos sexuais dos sentimentos românticos, foi citado em muitos estudos sobre assexualidade (Bogaert, 2006; Brotto *et al.*, 2010; Van Houdenhove *et al.*, 2017), assim como está fortemente implícito na diferenciação da AVEN entre orientação sexual e romântica, o que resulta no surgimento de orientações como homorromanticidade, heterorromanticidade, birromanticidade e aromanticidade. Dessa forma, a maioria dos pesquisadores da assexualidade argumentam que esta é uma orientação sexual única (Bogaert, 2006), assim como a heterossexualidade,

homossexualidade e bissexualidade. Uma crítica direcionada a essa definição é que ela pressupõe o co-desenvolvimento e a concordância entre o desejo sexual e a atração romântica, embora numerosas pesquisas tenham questionado essa interconexão, como Diamond (2003). Se adotarmos essa concepção de orientação sexual, poderíamos concluir que a assexualidade, de fato, representa a ausência de orientação sexual. Contudo, defensores da assexualidade têm argumentado que ela constitui uma orientação sexual única e têm buscado sua inclusão nas comunidades e eventos LGBTQIAP+, sendo este o posicionamento tomado neste projeto.

Scherrer (2008) destacou paralelos entre a assexualidade e outras minorias sexuais, especialmente no que diz respeito à desafiar a relação com instituições médicas — como a histórica classificação da homossexualidade como uma doença psiquiátrica — e às tentativas de considerá-la uma manifestação de um distúrbio psicológico. Ambos os grupos também recorreram à formação de comunidades baseadas em identidade — no caso da assexualidade, isso aconteceu de forma online, em espaços virtuais como a AVEN. Dependendo exclusivamente dessas semelhanças socioculturais entre assexuais e outros grupos de minorias sexuais para fundamentar a assexualidade como uma orientação sexual única pode ser insuficiente. Em busca de evidências mais sólidas para sustentar essa afirmação, pesquisadores têm explorado marcadores biológicos associados ao desenvolvimento da orientação sexual, como idade da primeira menstruação, altura e problemas de saúde, assim como possíveis marcadores biológicos pré-natais, como lateralidade e número de irmãos mais velhos (Bogaert, 2004; Bogaert, 2013; Yule; Brotto; Gorzalka, 2014). Esses estudos forneceram evidências de que os mesmos processos que influenciam a orientação sexual podem estar associados ao desenvolvimento da falta de atração sexual. Portanto, argumenta-se que a assexualidade deve ser conceituada como uma orientação sexual única, em vez de uma ausência de orientação.

O enfoque na atração sexual, em detrimento do comportamento sexual, alinha-se com outras definições de orientação sexual, incluindo a definição de Bogaert (2006), que destaca a atração como o núcleo psicológico da orientação sexual. A constatação de que sujeitos assexuais relatam que sempre se sentiram dessa forma sugere que a falta de atração pode ser uma característica pessoal inata e possivelmente vitalícia, e não uma reação a eventos sexuais adversos (Brotto *et al.*, 2010). Porém, é importante ressaltar que a estabilidade temporal ao longo do

tempo como um critério para categorizar uma orientação sexual não deve ser interpretada como uma evidência contra a assexualidade como orientação. Cranney (2017) constatou uma relativa baixa estabilidade temporal ao investigar a falta de atração sexual, ao passo que, assim como a homossexualidade era considerada um estado intrínseco e vitalício antes de haver evidências longitudinais formais de sua estabilidade, os sujeitos assexuais devem receber a mesma consideração ao descreverem sua falta de atração sexual como algo duradouro e não problemático. Além disso, a existência de pessoas demissexuais e greyssexuais, que se situam em algum ponto do espectro dentro da assexualidade, sugere que pode haver fluidez associada à identificação com a orientação sexual. Chasin (2017) destacou que avaliar se a assexualidade preenche os requisitos para ser considerada uma orientação sexual é, em última análise, irrelevante, pois esses requisitos podem não ser adequados. Ainda que o debate sobre a assexualidade poder ser considerada uma orientação sexual em termos biológicos e acadêmicos ainda está em andamento, socialmente a assexualidade é considerada uma orientação sexual e nesta pesquisa é referenciada dessa forma e também como um traço de identidade.

2.6 Assexualidade como traço identitário

Uma suposição relacionada sobre a sexualidade é que a esta não é apenas algo que se *faz*, mas uma identidade, ou algo que se *é*, geralmente de forma biológica (Weeks, 2016). Enquanto estudiosos da sexualidade têm teorizado as construções sociais da sexualidade e da identidade sexual, ainda há uma relativa escassez de literatura acadêmica explorando as identidades e experiências de pessoas que não experimentam atração ou desejo sexual. Indivíduos que se identificam como assexuais desafiam essas noções da onipresença da sexualidade e apresentam uma oportunidade única para explorar a negociação de identidade e desejo. A assexualidade, uma identidade sexual relativamente recente, foi desenvolvida com a ajuda da popularização do espaço online, que permitiram a formação de uma comunidade por pessoas que, de outra forma, estariam geograficamente isolados.

A investigação da identidade assexual se torna relevante a partir desse ponto de vista, pois os pesquisadores que exploraram a assexualidade como orientação a abordaram principalmente como um comportamento (falta de atos sexuais) ou um

desejo (falta de desejo por atos sexuais) e pouco exploram a identidade que está sendo criada. Rust (1992) argumenta

Enquanto a produção da identidade é um processo sócio-psicológico, as consequências da identidade são sociais e políticas. Isso é especialmente verdadeiro quando a identidade reflete a participação em um grupo desfavorecido ou estigmatizado, como uma minoria racial, de gênero ou sexual. [...] Eventualmente, as comunidades minoritárias tornam-se politizadas e constroem movimentos de mudança social que também são baseados na identidade compartilhada que reflete experiências e interesses compartilhados⁵ (RUST, 1992, p. 366).

Pode-se concluir, então, que a identidade não é apenas um processo introspectivo, mas ganha significado pelas compreensões culturais mais amplas dessa identidade e a conexão entre o indivíduo e a comunidade. Rust (1992) teoriza que chegar a uma identidade *queer* conecta um indivíduo a uma experiência social que é frequentemente marcada pela discriminação. No caso dos assexuais, um dos locais de discriminação é sua conexão histórica e contemporânea com instituições de saúde mental e física, como demonstrado em seções anteriores. A identidade assexual não apenas reflete um processo individual ou isolado, mas conecta a experiência de chegar a uma identidade com outras pessoas, o que, por sua vez, pode motivar ações sociais e políticas semelhantes a outras narrativas contra-hegemônicas.

Scherrer (2008), em concordância com a autora, enfatiza que os cientistas sociais abordam a sexualidade de três perspectivas: comportamento, desejo e identidade. No contexto da pesquisa sobre assexualidade, o foco geralmente recai na pouca ou falta de comportamento e desejo sexual. No entanto, Scherrer (2008) argumenta que compreender a identidade assexual é fundamental para uma compreensão abrangente da assexualidade. Por exemplo, a dimensão da parte identitária subjetiva da orientação sexual permite que pessoas assexuais exerçam sua autodeterminação com base na percepção da realidade de sua própria sexualidade, destacando a importância do traço identitário assexual ao sugerir que essa dimensão permite aos sujeitos assexuais se entenderem e explicarem sua sexualidade aos outros. A identidade proporciona um lugar social e interno a partir do qual eles podem se compreender. Scherrer (2008) argumenta que a

⁵ No original: "While the production of identity is a social-psychological process, the consequences of identity are both social and political. This is especially true when identity reflects membership in a disadvantaged or stigmatized group such as a racial, gender, or sexual minority. [...] Eventually, minority communities become politicized and build social change movements that are also based upon the belief that shared identity reflects shared experiences and interests" (RUST, 1992, p. 366).

compreensão do traço identitário assexual oferece uma perspectiva alternativa para entender as identidades sexuais em geral, pois a assexualidade questiona a dicotomia tradicional entre relacionamentos românticos e amizades, uma vez que o sexo é frequentemente utilizado para separá-los.

Scherrer e Pfeffer (2017) propõem que a assexualidade seja compreendida principalmente como um traço de identidade e uma comunidade, além de uma orientação sexual. A identidade é definida como a forma como as pessoas se entendem e a linguagem que usam para se explicar aos outros (Scherrer; Pfeffer, 2017) e fornece às pessoas um espaço social e interno a partir do qual podem se compreender. A comunidade assexual, por sua vez, permite uma compreensão mais ampla desse traço de identidade no contexto de relacionamentos e interações sociais. Ao conceituar a assexualidade como um traço identitário e uma comunidade, evita-se a patologização da falta de atração sexual e, ao mesmo tempo, amplia-se e explora-se ainda mais a compreensão da sexualidade e do gênero em uma escala mais ampla. Além disso, entender a assexualidade como um traço identitário usado para navegar nos relacionamentos, possibilita o reconhecimento da diversidade de possibilidades de formas de se relacionar para além dessa dicotomia tradicional de estar solteiro ou não.

Enquanto estudiosos como Scherrer (2008), descreveram a assexualidade como uma identidade sexual, existem críticas em relação à abordagem negativa que tende a ser utilizada, com alguns sujeitos assexuais autoidentificados referindo-se à sua assexualidade como uma "falta" ou algo que não possuem ou fazem (Dawson; Scott; McDonnell, 2018). Além disso, existem grupos de assexuais autoidentificados que não consideram sua assexualidade como uma parte altamente importante de suas vidas, desconsiderando inadvertidamente a ênfase social na sexualidade (Gupta, 2017; Dawson; Scott; McDonnell, 2018). Além disso, embora a assexualidade possa ter implicações políticas e o potencial transgressor na adoção de uma identidade assexual em uma sociedade excessivamente sexualizada (Chasin, 2017), muitas pessoas assexuais não querem ser percebidas como transgressoras e/ou não estão interessadas em ativismo (Gupta, 2017). Dawson *et al.* (2018), em sua exploração de como os sujeitos entendem sua assexualidade e sua relação com ativismo e política LGBTQIAP+, encontrou pluralidade de experiências e atitudes, com a maioria adotando uma posição pragmática em resposta à sua situação social. Embora muitos deles acreditem em educar a

população em geral para resolver problemas com relacionamentos interpessoais e aumentar a conscientização sobre a assexualidade, não houve uma reivindicação maior para desafiar um sistema social específico (Dawson; Scott; McDonnell, 2018).

Gupta (2017), em seu estudo, explora como as pessoas percebem e definem a assexualidade em termos de orientação e identidade sexual, concluindo que a maioria dos entrevistados⁶ considerou a assexualidade como uma identidade sexual e uma orientação sexual, embora alguns preferissem vê-la como um rótulo potencialmente útil em vez de uma orientação estrita. Muitos entrevistados compartilharam narrativas pessoais semelhantes às experiências de “sair do armário” de pessoas LGBTQIAP+. Gupta (2017), concorda que haja limitações e consequências ao se referir a assexualidade como traço de identidade, mas a mesma permite desafiar as normas sexuais e dar espaço para uma maior diversidade sexual. Carrigan (2011) dá embasamento para essa afirmação ao estudar a diversidade dentro da comunidade assexual e as experiências comuns que levam as pessoas a se identificarem com a assexualidade. O autor destaca o processo de autoquestionamento pelo qual uma grande parte dos assexuais relataram passar para entender sua identidade. Alguns consideraram a falta de desejo sexual como uma fase ou um problema e procuraram terapia, tratamentos hormonais ou participar de atividades sexuais apesar de não quererem até a descoberta da comunidade assexual que os levou ao auto esclarecimento e à autoaceitação, proporcionando um senso de solidariedade e validação (Carrigan, 2011).

A assexualidade, portanto, desafia a ideia de que sentir atração sexual é a norma e que a experiência da sexualidade é única. É importante considerar que pessoas que buscam ajuda médica devido à baixa atração sexual devem passar por uma avaliação completa da saúde mental para abordar quaisquer dificuldades psicológicas e relacionais associadas. A angústia relacionada à assexualidade, como foi sugerido por autores anteriores (Brotto; Yule; Gorzalka, 2015; Bittle; Anderson, 2023), pode estar ligada à discriminação e a dificuldades interpessoais, o que pode acarretar problemas próprios. O reconhecimento da assexualidade como traço de identidade e, em outra instância, como comunidade é um componente

⁶ Pesquisa composta por 30 entrevistas semiestruturadas aprofundadas com indivíduos assexuais autoidentificados. Os entrevistados foram recrutados por meio da AVEN, eram todos residentes dos Estados Unidos, tinham 18 anos de idade ou mais e se identificavam como assexual ou como membro da comunidade assexual.

crucial que os acadêmicos estão incorporando cada vez mais em suas pesquisas e os resultados estão sendo diversos. Dada essa diversidade de perspectivas, não há uma resposta clara sobre a melhor forma de conceituar a assexualidade, seja como uma identidade sexual, uma orientação sexual ou uma categoria oposta à afinidade sexual. Neste projeto, a assexualidade é abordada como uma orientação sexual única.

A diversidade de experiências dentro da comunidade assexual representa um desafio para os pesquisadores que buscam definir e compreender a assexualidade devido à sua natureza heterogênea (Carrigan, 2011; Bogaert, 2015). Porém, é fundamental reconhecer a complexidade da assexualidade e abordar as diferentes perspectivas e experiências presentes na comunidade assexual para obter uma compreensão completa desse fenômeno. Ressalta-se aqui, que o termo *assexualidade* é utilizado para descrever um grupo diversificado de pessoas com uma ampla variedade de atrações e comportamentos sexuais ou a falta deles — como, por exemplo, assexuais românticos que têm relacionamentos afetivos sem interesse sexual, demissexuais que requerem uma conexão emocional para sentir atração sexual, assexuais aversos ao sexo que sentem desconforto em relação a atividades sexuais, assexuais arromânticos que não experimentam atração romântica, além de outras categorias como greyssexuais, pessoas que flutuam em sua orientação sexual e assexuais que podem optar por praticar sexo por várias razões. Nesta pesquisa, consideramos que a assexualidade é uma variação normal na experiência humana da sexualidade e estudar sobre o tema contribui para uma compreensão mais abrangente da sexualidade em geral.

3 ATRAÇÃO INTERPESSOAL

Os vínculos interpessoais desempenham um papel fundamental na vida social de uma pessoa. As interações sociais englobam diferentes níveis de intensidade, manifestando-se através do comportamento individual e das dinâmicas interpessoais, isso inclui sutis trocas de informações comportamentais não verbais que contribuem para a atração interpessoal. Termos como *gostar*, *amar* e *odiar* são frequentemente empregados em contextos sociais para expressar sentimentos e desejos, sendo de fácil compreensão em virtude de sua aplicação comum. No entanto, quando alguém menciona sentir atração por outra pessoa, a definição precisa do termo "atração" pode carecer de consenso entre os pesquisadores que investigam essa temática. A definição mais utilizada entre pesquisadores do tema sugere que a atração interpessoal se refere, essencialmente, à disposição de um sujeito para reagir de maneira positiva ou negativa a outra pessoa (Berscheid; Walster, 1978). Dessa forma, acadêmicos adotam esse conceito e se dedicam a estudar as variáveis que podem influenciar a atitude favorável ou desfavorável de um sujeito em relação a outro, baseando a atração principalmente em componentes comportamentais e cognitivos.

Com o passar do tempo, pesquisadores complementam cada vez mais essa conceituação atitudinal enfatizando os aspectos motivacionais da atração, observando que esta pode caracterizar não apenas as avaliações dos atraídos para com aqueles que são alvo de sua atração, mas também o desejo de iniciar contato ou estabelecer intimidade com eles (e. g., Levinger, 1980; Byrne, 1971). Quando questionado o motivo de uma determinada pessoa ter despertado interesse, o sujeito provavelmente responderá fazendo referência a algumas das qualidades que considerou positiva no outro — tal como sua honestidade, seu senso de humor ou até mesmo o estilo de cabelo ou vestimenta. As características favoráveis a causar admiração são diversas e mudam conforme cultura e tempo histórico, fator este que aprofunda as discussões geradas a partir dos tópicos estudados no âmbito da atração interpessoal. Discutiremos, então, a evolução da pesquisa sobre atração e as perspectivas teóricas que orientam esse estudo, considerando a atração interpessoal como uma força que age entre duas pessoas e que tende a uni-las e a resistir à separação.

Compreender a atração interpessoal é fundamental para compreender a assexualidade, pois essa orientação sexual se distingue por sua falta de atração sexual direta. Ao entender que a atração interpessoal abrange uma variedade de aspectos, como atração romântica e sexual, pode-se apreciar a complexidade das experiências assexuais. Muitos assexuais podem experimentar profundas conexões emocionais e românticas, mesmo que a atração sexual esteja ausente. Portanto, entender a atração interpessoal e reconhecer a diversidade nas formas de atração é essencial para uma compreensão completa da assexualidade e de todas as suas nuances. Dessa forma, a fim de atingir o significado de atração como um todo, dividiremos a evolução da pesquisa sobre o tema em três épocas históricas: (a) pré-1960, (b) 1960-1980, (c) 1980-atual, com maior foco no segundo período, quando as bases da forma como entendemos a atração hoje foram formadas. Embora a teoria social das relações humanas tenha milênios de existência, como os trabalhos clássicos sobre amor e amizade de Aristóteles, a época anterior à década de 1960 incluía poucos estudos específicos sobre a atração. Esses estudos não se uniram em um campo de investigação organizado, mas prepararam o terreno para que os psicólogos sociais dessem ênfase a uma pesquisa intensiva sobre atração interpessoal.

3.1 Pré-1960

Um dos primeiros teóricos a escrever sobre o tema foi o filósofo alemão Arthur Schopenhauer, que no século 19 argumentou que a atração é impulsionada por uma força poderosa e irracional que ele chamou de "vontade de viver" ou "vontade de vida" (Schopenhauer, 2005, p. 358). Schopenhauer, em sua visão pessimista da existência humana, acreditava que o mundo era fundamentalmente irracional e que a vida era cheia de sofrimento e dor. Nesse sentido, a "vontade de viver" se tornou a força motriz por trás de todo comportamento humano, pois impulsiona a busca pelo prazer e em evitar a dor, é a razão que está por trás de todas as ações, pensamentos e desejos das pessoas. O autor acreditava que a vontade de viver é a realidade fundamental do mundo e que ela é responsável pela perpetuação da própria vida.

Os esforços infundáveis para acabar com o sofrimento só conseguem a simples mudança de sua figura, que é originariamente carência, necessidade, preocupação com a conservação da vida. Se, o que é muito

difícil, obtém-se sucesso ao reprimir a dor nesta figura, logo ela ressurge em cena, em milhares de outras formas (variando de acordo com a idade e as circunstâncias), como impulso sexual, amor apaixonado, ciúme, inveja, ódio, angústia, ambição, avareza, doença etc. Finalmente, caso não ache a entrada em nenhuma outra figura, assume a roupagem triste, cinza do fastio e do tédio, contra os quais todos os meios são tentados. Mesmo se em última instância se consegue afugentar a estes, dificilmente isso ocorrerá sem que a dor assuma uma das figuras anteriores, e assim a dança recomeça do início, pois entre dor e tédio, daqui para acolá, é atirada a vida do homem (Schopenhauer, 2005, p. 406).

Ou seja, a 'vontade de viver' é uma força de constante necessidade, existente a partir do sofrimento e que busca continuamente satisfazer desejos e impulsos, gerando a manutenção da vida. A partir desse conceito, Schopenhauer pensou sobre a natureza do desejo humano e o papel do instinto no comportamento humano, argumentando que a atração sexual é a mais positiva e mais enérgica afirmação da 'vontade de viver', pois "para o homem natural, como para o animal, ele ser o fim último, o objetivo supremo de sua vida. Autoconservação é seu primeiro esforço e, tão logo essa seja assegurada, empenha-se só pela propagação da espécie." (Schopenhauer, 2005, p. 423). O autor, então, acreditava que a atração sexual é, em última instância, uma expressão dessa vontade básica de vida, e que ela é amplamente independente da tomada de decisões conscientes ou do pensamento racional. Ele argumentou que as pessoas são atraídas umas pelas outras com base em impulsos instintivos, em vez de considerações racionais, tais como valores ou interesses compartilhados. Dessa forma, podemos entender que a atração sexual para Schopenhauer (2005) não é apenas um fenômeno físico, mas também um fenômeno psicológico, pois ele acreditava que os sujeitos são atraídos por certas qualidades, tais como força, inteligência e beleza, porque estas qualidades são percebidas como uma possibilidade de aumento de chances de sobrevivência e reprodução. Em geral, as ideias de Schopenhauer (2005) sobre atração enfatizam a natureza poderosa e instintiva do desejo sexual, assim como as formas pelas quais a atração é moldada pelas forças evolucionárias. Embora suas opiniões sobre atração sejam influentes nos campos da filosofia e da psicologia, elas também são controversas.

Exatos 100 anos após a publicação de Schopenhauer (2005), McDougall (2001) argumentou que a atração é um instinto primário que está presente em todos os seres humanos e é essencial para a continuação da espécie. Ele acreditava que a atração se baseia em um desejo natural de união sexual, com origem em impulsos

que são de grande importância para a vida social, “destes, o mais importante é, de longe, o instinto sexual ou *instinto de reprodução*”⁷ (McDougall, 2001, p. 64, tradução nossa, grifo do autor). A atração gerada por esse instinto, segundo o autor, é influenciada por uma série de fatores, incluindo aparência física, perfume, som da voz e fatores culturais e sociais. Ele argumentava que as pessoas são atraídas por aqueles que compartilham experiências sociais, valores e interesses semelhantes, gerando um sentimento de identidade compartilhada e criando um sentimento de proximidade e conexão. Ainda que tais fatores são postos na equação de McDougall (2001), ele as baseia na biologia, comparando as aptidões sociais e físicas das pessoas com os rituais de acasalamento de pássaros, que utilizam diversas ferramentas de sedução para que sejam entendidos como a melhor opção para reprodução.

A utilidade biológica de uma conexão inata deste tipo é óbvia. Ela prepararia o caminho para essa cooperação entre macho e fêmea na qual, mesmo entre os animais, uma fidelidade vitalícia e ternura mútua é frequentemente demonstrada de forma tocante. Este instinto, mais do que qualquer outro, é capaz na humanidade de emprestar a imensa energia de seu impulso aos sentimentos e impulsos complexos em que entra, enquanto seu caráter específico permanece submerso e inconsciente. [...] Do ponto de vista desta seção, a principal importância deste instinto é que ele ilustra, de uma maneira que deve convencer o mais obtuso, a continuidade e a semelhança essencial da natureza e da função entre o instinto humano e o animal.⁸ (McDougall, 2001, p. 64-65, tradução nossa).

Na década de 1950, psicólogos como Kurt Lewin (1951) e Fritz Heider (1958) começaram a desenvolver teorias sobre os processos psicológicos subjacentes à atração interpessoal, incluindo o papel dos impulsos instintivos, da aprendizagem social e dos processos cognitivos. Afastando-se do fator biológico de McDougall (2001), ideias sobre dinâmica de grupo e influência social de Kurt Lewin (1951) têm implicações para nossa compreensão da atração, embora o autor não se tenha concentrado especificamente neste conceito em seu trabalho. Lewis (1951) se interessou em compreender como as pessoas se comportam em grupos e como os grupos influenciavam o comportamento dos sujeitos, resultando na criação de um

⁷ No original: “Of these by far the most important is the sexual instinct or instinct of reproduction” (McDougall, 2001, p. 64).

⁸ No original: The biological utility of an innate connection of this kind is obvious. It would prepare the way for that cooperation between the male and female in which, even among the animals, a lifelong fidelity and mutual tenderness is often touchingly displayed. This instinct, more than any other, is apt in mankind to lend the immense energy of its impulse to the sentiments and complex impulses into which it enters, while its specific character remains submerged and unconscious. [...] From the point of view of this section the chief importance of this instinct is that it illustrates, in a manner that must convince the most obtuse, the continuity and the essential similarity of nature and function between the human and the animal instincts (McDougall, 2001, p. 64-65).

modelo de dinâmica de grupo. O autor acreditava que o comportamento das pessoas era influenciado não apenas por suas próprias características pessoais, mas também pelas normas e valores do grupo. Um dos conceitos mais influentes de Lewin (1951) é a “Teoria de Campo”, na qual o autor sugere que o comportamento é o resultado da interação entre duas forças opostas: valência positiva (forças motrizes) e valência negativa (forças de contenção). As forças positivas são aquelas que empurram os sujeitos para um determinado comportamento, enquanto que as forças negativas são as que reprimem os sujeitos. O equilíbrio entre essas forças determinava se uma pessoa se envolveria em um determinado comportamento.

No contexto da atração, a teoria do campo de forças de Lewin (1951) sugere que as pessoas podem ser atraídas por outras por causa das forças impulsionadoras que os empurram em direção àquela pessoa. Essa valência positiva pode incluir atração física, interesses compartilhados ou um senso de conexão. Entretanto, pode haver também aspectos de valência negativa que impedem os sujeitos de buscar um relacionamento, tais como normas sociais, valores pessoais ou medo de rejeição. O trabalho de Lewin (1951) também enfatizou a importância da influência social na formação do comportamento individual, de forma que o autor acreditava que as pessoas eram influenciadas não apenas pelas normas e valores do grupo, mas também pelo comportamento de outros no grupo. Isto sugere que a atração pode ser influenciada pelas atitudes e comportamento de outros em nossas redes de sociabilidade, gerando forças que moldam o comportamento do sujeito.

Em paralelo, Fritz Heider (1958) ficou conhecido por seu trabalho sobre Teoria da Atribuição e a Teoria do Equilíbrio, a partir das quais podemos as ideias podem ter implicações para nossa compreensão da atração. Heider (1958) acreditava que as pessoas tinham uma necessidade fundamental de compreender e explicar o comportamento dos outros. Ele propôs que o estudo da psicologia do senso comum é valioso para a compreensão científica das relações interpessoais, pois esta orienta nosso comportamento em relação às outras pessoas e é uma parte essencial dos fenômenos nos quais estamos interessados.

Na vida cotidiana, formamos ideias sobre outras pessoas e sobre situações sociais. Interpretamos as ações de outras pessoas e prevemos o que elas farão em determinadas circunstâncias. Embora essas ideias geralmente não sejam formuladas, elas costumam funcionar adequadamente. Elas alcançam, em certa medida, o que uma ciência deve alcançar: uma

descrição adequada do assunto que torna possível a previsão⁹ (Heider, 1958, p. 5, tradução nossa).

A partir desse argumento, Heider (1958) sugere a existência de uma "psicologia ingênua", a qual fornece a base que usamos para construir nossa visão do ambiente social e como reagimos nele. Ou seja, as pessoas fazem inferências sobre os motivos e intenções dos outros com base em seu comportamento, envolvendo tanto fatores internos, como traços de personalidade ou ambições, quanto externos, tais como fatores situacionais ou ambiência. Em simultaneidade, Heider (1958) também sugere que as pessoas buscam por equilíbrio e consistência em suas relações com os outros, de forma que os sujeitos preferem relações nas quais há moderação entre suas próprias crenças e atitudes e as das pessoas com as quais interagem.

No contexto da atração, as ideias de Heider (1958) sugerem que os sujeitos podem ser atraídos por outros com base nas atribuições que eles fazem sobre seu comportamento e o desejo por manter o equilíbrio em suas relações. Por exemplo, se alguém for consistentemente gentil e útil, um sujeito pode inferir que essa pessoa tem traços de personalidade positivos e sentir-se atraído por ela como resultado, tornando mais provável a busca por interações com essa pessoa e a manutenção de uma relação positiva com ela. Em geral, o trabalho de Heider (1958) fornece percepções sobre as maneiras pelas quais as pessoas fazem julgamentos sobre as outras e como esses julgamentos podem influenciar sua atração pelos demais.

William McDougall (2001), Kurt Lewin (1951) e Fritz Heider (1958) foram figuras importantes no desenvolvimento da psicologia social no início do século XX e, embora tenham diferentes áreas de foco e perspectivas teóricas, contribuíram para o estudo da atração. McDougall (2001) é conhecido por seu trabalho sobre a teoria do instinto e a psicologia social, que lançou as bases para as teorias posteriores sobre atração. O autor acreditava que a atração se baseia em instintos inatos, como a necessidade de vínculo social e companheirismo, propondo que as pessoas são atraídas por aquelas que possuem qualidades que melhoram sua própria sobrevivência e reprodução. Lewin (1951) focou seus estudos nas dinâmicas de grupo e desenvolveu a teoria que postula como forças motrizes e de contenção

⁹ No original: In everyday life we form ideas about other people and about social situations. We interpret other people's actions and we predict what they will do under certain circumstances. Though these ideas are usually not formulated, they often function adequately. They achieve in some measure what a science is supposed to achieve: an adequate description of the subject matter which makes prediction possible (Heider, 1958, p. 5).

influenciam o comportamento do sujeito e a sua atração pelos demais. Por fim, Heider (1958) desenvolveu teorias de percepção social que descrevem como as pessoas se atraem a partir da busca por consistência entre suas crenças, atitudes e comportamentos. Juntos, esses três psicólogos contribuem para nossa compreensão da atração ao destacar o papel dos instintos inatos, a influência do ambiente no comportamento e a importância da simetria e do equilíbrio nos relacionamentos sociais.

3.2 1960-1980

A segunda época, aproximadamente nas décadas de 1960 a 1980, testemunhou o florescimento da pesquisa sobre atração, de um punhado de descobertas díspares a uma importante área de pesquisa dentro da psicologia social. Donn Byrne (1966, 1961) e George Levinger (1978, 1980), por exemplo, lançaram nessa época publicações marcantes que estabeleceram as bases teóricas e metodológicas para a pesquisa que associava a semelhança à atração. Byrne (1966, 1971) fez contribuições significativas para o estudo da atração interpessoal, criando, inclusive, uma métrica própria. Em suas pesquisas, o autor postula que a atração é um fenômeno multidimensional que envolve três componentes principais: proximidade, atratividade física e, sobretudo, similaridade. A proximidade refere-se à presença física dos sujeitos, sugerindo que as pessoas têm maior probabilidade de se sentirem atraídas por outras que tenham maior permanência ao redor delas. Para Byrne (1971), a proximidade física ou a mera exposição a outra pessoa pode aumentar a simpatia, especialmente se a exposição for repetida ao longo do tempo. Ou seja, quanto mais frequentemente as pessoas entram em contato umas com as outras, maior a probabilidade de desenvolverem uma atitude positiva em relação às outras. O autor, dessa forma, sugeriu que a proximidade pode facilitar a atração ao aumentar a probabilidade de semelhanças de atitudes, valores e interesses entre pessoas que moram ou trabalham perto umas das outras. Além disso, a proximidade pode criar oportunidades de interação social, o que pode fortalecer os laços entre as pessoas e levar ao desenvolvimento de relacionamentos.

A atratividade física, o segundo componente da atração, refere-se à aparência visual dos sujeitos, sendo este um fator fundamental para determinar a atração inicial, embora os demais outros fatores se tornem mais influentes à medida

que o relacionamento se desenvolve. De acordo com Byrne (1971), as pessoas tendem a preferir aqueles que são fisicamente atraentes porque são percebidos como sendo socialmente mais desejáveis, competentes e simpáticos. O autor argumenta que a atratividade física não é importante apenas na atração inicial, mas também no desenvolvimento de relacionamentos, pois as pessoas tendem a ter sentimentos mais positivos em relação àqueles que são fisicamente atraentes e têm maior probabilidade de buscar interações com eles, tendendo a atribuir mais qualidades e intenções positivas àqueles que são fisicamente atraentes, enquanto atribuem qualidades negativas àqueles que são menos atraentes.

Em sua obra, o autor sustenta que o aumento da semelhança entre as pessoas está associado ao aumento da atração entre elas, sendo este efeito relacionado com relação a atitudes, traços de personalidade, hobbies, valores e outros atributos, reforçando a similaridade como principal componente do que leva uma pessoa sentir-se atraída por outra. Para explicar este fenômeno, Byrne (1971) criou o Modelo de Reforço da Atração¹⁰ (Byrne, 1971, p. 265, tradução nossa), argumentando que atitudes semelhantes servem como reforçadores. De acordo com essa perspectiva, as pessoas têm uma necessidade fundamental de uma visão lógica e consistente do mundo, uma necessidade que Byrne *et al.* (1966) chamou de motivo de eficácia — um desejo das pessoas de entender seu ambiente imediato com precisão e dominá-lo. Esse desejo incluía “o impulso de ser lógico, consistente e preciso, a necessidade de cognição, a necessidade de ser capaz de conhecer e prever, o desejo de certeza e o impulso avaliativo”¹¹ (Byrne *et al.*, 1966, p. 100, tradução nossa). Assim, a consciência de atitudes semelhantes às do outro pode ser interpretada como uma autovalidação e enquanto a consciência de atitudes diferentes das do outro passa a ser vista como resultado de dúvida e estranheza. Ou seja, as pessoas favorecem estímulos que reforçam a lógica e a consistência do seu próprio mundo. As pessoas que concordam conosco validam nossas ideias e atitudes e, dessa forma, satisfazem nosso motivo de efeito. Pessoas semelhantes, portanto, estão associadas a sentimentos positivos, que, por sua vez, levam à atração. As pessoas que discordam de nós criam inconsistência em nosso mundo —

¹⁰ No original: Reinforcement model of attraction (Byrne, 1971, p. 265).

¹¹ No original: “the drive to be logical, consistent, and accurate, the need to be able to know and predict, the desire for certainty and the evaluative drive” (Byrne *et al.*, 1966, p. 100).

não satisfazem o motivo da eficácia — e são associadas à ansiedade e à confusão, sentimentos que levam à repulsa ou, no mínimo, à falta de atração.

No mesmo período que Byrne (1966, 1971) realizava suas pesquisas, George Levinger (1980) propôs um arquétipo de desenvolvimento de relacionamento que discute a abrangência longitudinal das relações entre sujeitos. De acordo com esse modelo, há cinco estágios de desenvolvimento de relacionamentos: atração, construção, continuação, deterioração e término. O estágio de *atração* é o primeiro momento, quando duas pessoas tomam conhecimento da existência uma da outra e podem começar a interagir. Os sujeitos desejam uns aos outros com base na aparência física, na semelhança e na proximidade, caracterizando este estágio por um alto nível de excitação e interesse na outra pessoa. No estágio de *construção*, os envolvidos começam a desenvolver uma conexão mais profunda e a se conhecerem melhor, envolve um aumento na atração mútua e um crescente senso de proximidade. Os sujeitos podem começar a compartilhar informações pessoais e se envolver em uma comunicação mais frequente e significativa, há um aumento na intimidade e no comprometimento. No estágio de *continuação*, o relacionamento se torna mais estável e os sujeitos passam a contar um com o outro para obter apoio emocional e prático. O casal está comprometido em manter o relacionamento e começam a estabelecer metas e valores compartilhados, gerando uma sensação de estabilidade e segurança no relacionamento. No estágio de *deterioração*, o relacionamento começa a apresentar problemas e os envolvidos podem ficar insatisfeitos e infelizes. A relação passa a declinar devido a fatores externos ou internos, como conflitos ou falta de esforço, neste ponto há uma diminuição da intimidade, da comunicação e do comprometimento, o que leva a um declínio na qualidade do relacionamento. No estágio de *término*, o relacionamento chega ao fim por decisão mútua ou por decisão unilateral, resultando em uma sensação de perda e angústia emocional. Os sujeitos podem experimentar uma série de emoções, incluindo tristeza, raiva e alívio.

Ao elaborar este modelo, Levinger estava interessado em entender como o relacionamento de um casal se desenvolve e muda ao longo do tempo, propondo que relações passam por estágios distintos, cada um com seu próprio conjunto de características e desafios. O autor baseou-se na premissa de que os relacionamentos são processos dinâmicos que evoluem com o tempo e são influenciados por vários fatores, como comunicação, compromisso e, o de maior

relevância para este trabalho, atração. A avaliação da atração entre as pessoas é uma parte fundamental dos julgamentos interpessoais e ocorre na primeira fase da sequência longitudinal em todos os contatos humanos. A questão central da pesquisa sobre atração é entender os fatores que determinam o grau de afeição entre as pessoas. A boa aparência, o comportamento competente, a concordância de atitudes, a receptividade positiva e a simpatia aparente pelo outro são alguns dos fatores que facilitam a atração por outras pessoas (Huston; Levinger, 1978). A proximidade é uma condição necessária para que esses fatores sejam percebidos, mas sua importância também depende dos pensamentos da pessoa em estender o contato para um relacionamento futuro. A transição da atração para o início de um relacionamento depende de vários fatores, como a necessidade de afiliação, as diferenças entre as personalidades e a situação social.

Pouco tempo depois, os estudiosos investigaram uma ampla gama de tópicos sobre atração, inclusive os efeitos da atratividade física do alvo, os efeitos da excitação fisiológica do percebido, se os alvos da atração tendem a retribuir a atração dos atraídos, entre outros. De fato, os resultados das pesquisas sobre atração foram substanciais o suficiente para justificar um livro intitulado *Interpersonal Attraction* (Atração interpessoal), que Berscheid e Walster publicaram pela primeira vez em 1969 e revisaram em 1978. Enquanto Byrne (1971) examinava as ligações entre semelhança e atração e Levinger (1980) construía uma linha de desenvolvimento das relações, Berscheid e Walster (1978) se aprofundaram em quatro princípios centrais pelos quais as pessoas se atraem umas pelas outras: semelhança, proximidade, reciprocidade e atração física — tópicos estes, já mencionados nas obras dos autores supracitados, mas que foram melhor organizados em suas obras.

No início do capítulo sobre similaridade, Berscheid e Walster (1978), usam a expressão “pássaros de uma pena, voam juntos”¹² para apontar que a semelhança é um determinante crucial da atração interpessoal — no Brasil, diríamos que são “farinha do mesmo saco”. De acordo com o que vimos em Byrne (1971) sobre semelhança e atração, há uma crença leiga de que pessoas com similaridades acabam por se atrair umas às outras. A atração, dessa forma, aconteceria quando alguém classifica o outro como semelhante a si mesmo em um relacionamento contínuo. Berscheid e Walster (1978), porém, destacam que as pessoas tendem a

¹² No original: “birds of a feather flock together”.

mudar a semelhança percebida para obter equilíbrio em um relacionamento e que a similaridade percebida é maior do que a semelhança real na previsão da atração interpessoal.

As pessoas podem ser semelhantes ou diferentes em qualquer dimensão concebível em que os seres humanos possam ser colocados, e parece bastante improvável que semelhanças como o comprimento do dedão do pé ou o número do seguro social levem à atração¹³ (Berscheid; Walster, 1978, p. 69, tradução nossa).

Baseando-se em diversos pesquisadores, as autoras sugerem que a semelhança e a atração interpessoal são construtos multidimensionais nos quais as pessoas podem ser atraídas por outras que são similares a elas em termos de aparência física, atitudes, histórico social e cultural, interesses e atividades, personalidade e habilidades sociais, mas que isso não é um sinônimo de sucesso. Embora, a semelhança leva à atração na fase inicial da relação, mas é um indicador fraco de satisfação e estabilidade do relacionamento (Montoya; Horton; Kirchner, 2008). Ou seja, a similaridade percebida — aquela que é subjetiva e nem sempre verdadeira — prevê fortemente a atração, mas em interações mais profundas e longas, a semelhança real tem muito menos impacto do que se supõe tradicionalmente.

Quanto à função da proximidade na atração interpessoal, Brehm *et al.* (2002) escreveram: “conhecer as pessoas não significa necessariamente amá-las, mas para amá-las, precisamos primeiro conhecê-las!”¹⁴ (Brehm *et al.*, 2002, p. 69, tradução nossa). Ou seja, a proximidade com os outros muitas vezes determina se vamos ou não encontrá-los em primeiro lugar e, nesse sentido, Berscheid e Walster (1978) concordam com Byrne (1971) quando este argumenta que a proximidade é um fator fundamental na formação de relacionamentos sociais. Elas observam, porém, que, ainda que é mais provável que as pessoas se sintam atraídas por aqueles que estão fisicamente próximos a elas devido às maiores oportunidades de interação e familiaridade, esta mesma proximidade pode causar aversão. Trazendo diversos estudos sobre como o compartilhar do mesmo espaço leva à relação, Berscheid e Walster (1978) passam de fatores disposicionais para fatores situacionais, concluindo que, de fato, os alvos de interesse que são familiares são

¹³ No original: People may be similar or different on any conceivable dimension upon which humans can be placed, and it seems quite unlikely that such similarities as length of big toe or social security number lead to attraction (Berscheid; Walster, 1978, p. 69).

¹⁴ No original: “To meet people is not necessarily to love them, but to love them we must first meet them!” (Brehm *et al.*, 2002, p. 69).

mais atraentes do que os alvos que não são e que, em geral, as pessoas não gostam de desconhecidos.

A familiaridade testemunhou um ressurgimento da atenção acadêmica, com estudos nos quais os participantes foram designados aleatoriamente para aprender um número maior ou menor de descritores de características de uma pessoa-alvo hipotética sobre a qual os participantes não tinham informações adicionais e que nunca conheceriam (Norton; Frost; Ariely, 2007). Em contraste com a literatura estabelecida por Byrne (1971), que sugere que a familiaridade promove a atração, Norton *et al.* (2007) relataram que os participantes se sentiam mais atraídos pelos alvos sobre os quais tinham aprendido menos, em vez de mais. Ou seja, que a familiaridade gera desprezo. Outros estudos e pesquisadores buscaram e continuam buscando por circunstâncias em que a familiaridade promove a simpatia ou o desprezo, sendo este um esforço contínuo que envolve grandes diferenças de perspectiva, como a de Byrne (1971) — que sugere a proximidade promove a atração — e a de Norton *et al.* (2007) que sugerem que a familiaridade poderia minar, em vez de promover, a atração. O impasse torna, ainda hoje, a conclusão de Berscheid e Walster (1978) válida:

A proximidade real provavelmente está correlacionada com a atração (ou repulsão) porque a proximidade permite que um obtenha uma quantidade maior de informações do outro. Há algumas evidências sugestivas de que a proximidade, por si só, além de qualquer informação que possa fornecer sobre o outro e além de qualquer recompensa ou punição que o outro possa administrar, pode facilitar a atração como um subproduto do desejo individual de consistência cognitiva¹⁵ (Berscheid; Walster, 1978, p. 51, tradução nossa).

Quanto ao terceiro princípio, a reciprocidade, inúmeras observações cotidianas oferecem uma grande quantidade de evidências de que valorizamos muito a estima dos outros e trabalhamos arduamente para obter essa recompensa. Se a estima é, de fato, uma recompensa e se é verdade que estamos inclinados a nos atrair por aqueles que nos recompensam, isso significa que tendemos a gostar de pessoas que gostam de nós. Berscheid e Walster (1978) argumentam que o princípio da reciprocidade é um dos principais fatores da atração interpessoal. De acordo com eles, as pessoas tendem a gostar de quem gosta delas e retribuem

¹⁵ No original: Actual proximity is probably correlated with attraction (or repulsion) because proximity allows one to obtain an increased amount of information about the other person and to experience rewards or punishments from the other. There is some suggestive evidence that proximity in and of itself, apart from any information it may provide about another and apart from any rewards or punishments which the other may administer, may facilitate attraction as a by-product of the individual's desire for cognitive consistency (Berscheid; Walster, 1978, p. 51).

sentimentos e comportamentos positivos em relação a elas. A reciprocidade pode ser entendida como uma norma social que envolve responder ao comportamento positivo de outra pessoa com um comportamento positivo semelhante, criando um ciclo de parecer positivo que reforça o relacionamento. As autoras sugerem, ainda, que a reciprocidade opera por meio de vários mecanismos, incluindo validação social, aumento da autoestima e consistência cognitiva. Por exemplo, quando alguém expressa sua simpatia ou afeição por nós, isso valida nosso próprio autoconceito e aumenta nossa autoestima, levando-nos a retribuir esses sentimentos positivos. Além disso, as pessoas tendem a buscar consistência cognitiva em seus relacionamentos, e retribuir sentimentos e comportamentos positivos pode ajudar a manter um senso de equilíbrio e consistência no relacionamento. Podemos compreender, assim, que a reciprocidade é um poderoso determinante da atração interpessoal e que as pessoas têm maior probabilidade de se sentirem atraídas por outras que expressam sentimentos e comportamentos positivos em relação a elas.

Em relação ao quarto e último princípio, Berscheid e Walster (1966, 1971) argumentam que a atratividade física é um determinante essencial para saber se as pessoas se sentirão atraídas umas pelas outras, principalmente nos primeiros encontros. Apesar de velhos ditados dizendo que não podemos julgar um livro pela capa, tendemos a operar de acordo com o pronunciamento de 2000 anos de Aristóteles, no qual ele comenta que a beleza pessoal é uma recomendação maior do que qualquer carta de apresentação. Ou seja, as pessoas tendem a formar impressões sobre os outros com base em sua aparência física nos primeiros segundos após o encontro. Essa atração inicial geralmente se baseia em características físicas, como simetria facial, formato do corpo e aparência. Enquanto pesquisas deixam claro que as pessoas tendem a serem atraídas por outras consideradas fisicamente belas, Berscheid e Walster (1966, 1971) propuseram a hipótese da correspondência, que sugere que as pessoas tendem a escolher parceiros com atratividade física semelhante à sua, por fim. Isso ocorre porque as pessoas percebem que têm mais chances de formar um relacionamento bem-sucedido com alguém que seja igualmente atraente para elas. Apesar da importância da atratividade física na atração inicial, Berscheid e Walster (1978) observam que este não é o único fator que determina a satisfação no relacionamento de longo prazo e outras condições não físicas tornam-se mais

importantes à medida que os relacionamentos ultrapassam a fase de atração inicial. Por exemplo, em relacionamentos de curto prazo, a atratividade física pode ser um fator mais significativo, enquanto em relacionamentos de longo prazo, outras qualidades, como compatibilidade, valores compartilhados e conexão emocional, podem se tornar mais importantes.

3.3 1980-atual

Após os estudos de Berscheid e Walster e todas as pesquisas derivadas dos mesmos, "o campo da atração interpessoal, como uma literatura organizada, ficou em segundo plano, suplantado, mas não substituído, por um campo chamado 'relacionamentos íntimos'"¹⁶ (Graziano; Bruce, 2008, p. 272, tradução nossa). Por diversos motivos, inclusive as taxas de divórcio altíssimas da época, os acadêmicos se interessaram cada vez mais em entender o que torna os relacionamentos estabelecidos, como casamentos e relacionamentos amorosos, satisfatórios ou insatisfatórios e estáveis ou instáveis (e. g. Sprecher; Wenzel; Harvey, 2008). O novo milênio, porém, trouxe o ressurgimento do interesse na pesquisa sobre atração devido aos avanços tecnológicos e metodológicos nas práticas de relacionamento com forte presença no ciberespaço. A utilização de redes sociais online para socialização e busca por relacionamento despertou — e continua a despertar — a atenção acadêmica. Enquanto os perfis criados em sites de redes sociais online podem servir como reflexos de si mesmos para os outros e as interações passam a ser mediadas por telas, os princípios reunidos e estudados por Berscheid e Walster (1966, 1971, 1978) continuam válidos e presentes.

Em suma, a jornada através da pesquisa sobre a atração interpessoal nos revela a complexidade e a evolução das relações humanas ao longo do tempo. Desde os primeiros escritos de Schopenhauer sobre a "vontade de viver" até os estudos mais recentes sobre relacionamentos íntimos no ciberespaço, a atração interpessoal demonstra ser uma força universal e atemporal. A busca pela compreensão dessa força motriz por trás de nossas interações é contínua, e os pesquisadores têm desvendado seus muitos segredos, ampliando nosso conhecimento sobre o que nos atrai uns aos outros. Nesse processo, vimos a

¹⁶ "The field of interpersonal attraction, as an organized literature, largely faded into the background, supplanted but not replaced by a field called 'close relationships'" (Graziano; Bruce, 2008, p. 272).

definição de atração se expandir para incluir não apenas avaliações positivas ou negativas, mas também os aspectos motivacionais que impulsionam nosso desejo de nos conectar. À medida que avançamos no século 21, com as redes sociais online e novas formas de interação, a atração interpessoal continua a desempenhar um papel vital em nossas vidas, reforçando a ideia de que somos seres intrinsecamente sociais, impulsionados por laços que resistem ao teste do tempo e da tecnologia.

A evolução dos estudos sobre a atração interpessoal ao longo do tempo também deu origem a uma distinção importante entre diferentes tipos de atração, como atração sexual e atração romântica. À medida que os pesquisadores exploraram mais a fundo a complexidade das relações humanas, ficou claro que a atração não é uma entidade única, mas sim um espectro de experiências emocionais e afetivas. Essa distinção é crucial para compreender a diversidade das orientações sexuais e afetivas das pessoas. Por exemplo, a assexualidade, tema desta pesquisa, é um exemplo notável dessa distinção, pois envolve a falta de atração sexual, mas muitas vezes não exclui a capacidade de sentir atração romântica. Essa compreensão mais refinada das diferentes formas de atração será continuada no capítulo seguinte, a fim de contribuir para uma visão mais precisa das identidades e orientações das pessoas, reconhecendo que a atração sexual e a atração romântica podem variar independentemente uma da outra, ampliando assim o entendimento sobre o que motiva as conexões interpessoais.

4 ATRAÇÃO SEXUAL E ROMÂNTICA

A atração interpessoal abrange uma ampla gama de fatores que atraem as pessoas umas às outras, incluindo elementos físicos, emocionais e intelectuais, como vimos no excerto anterior. A atração sexual é um desses aspectos, um que se refere ao desejo ou interesse que os sujeitos têm em formar relacionamentos ou conexões momentâneas com outros de forma física e carnal (Giles, 2015). Dessa forma, desempenha um papel importante na atração interpessoal para muitas pessoas ao envolver o desejo de intimidade ou envolvimento sexual. A aparência física, incluindo fatores como características faciais, formato do corpo e atratividade, pode influenciar nesta atração. Entretanto, é importante observar que a atração sexual não se baseia apenas na aparência física, mas também pode ser influenciada por traços de personalidade, comportamento, confiança, cheiro e outros fatores (Friedrich; Delamater, 2002; Chivers, 2005, Whyte *et al.*, 2021).

Embora a atração sexual seja um componente comum da atração interpessoal, é importante reconhecer que nem todos os tipos de atração interpessoal são de natureza sexual (Giles, 2015). As pessoas podem se sentir atraídas por outras de várias maneiras, inclusive romanticamente, platonicamente, intelectualmente ou emocionalmente, sem necessariamente sentir atração sexual. A atração interpessoal é um fenômeno complexo e multifacetado que pode variar muito entre as pessoas. Ela é influenciada por uma combinação de fatores biológicos, psicológicos e sociais (Friedrich; Delamater, 2002; Chivers, 2005, Whyte *et al.*, 2021). Compreender e respeitar a diversidade de experiências e preferências individuais é fundamental quando se discute a atração sexual dentro do contexto mais amplo da atração interpessoal.

A atração romântica é outro tipo específico de atração que envolve sentimentos de amor, conexão emocional e desejo de um relacionamento romântico com outra pessoa (Giddens, 1993; Diamond, 2003; Fischer, 2004). Ela é diferente da atração sexual, embora as duas possam coexistir com frequência. A atração romântica abrange uma série de emoções e experiências, inclusive paixão, desejo de proximidade emocional, anseio por uma parceria romântica e o desenvolvimento de sentimentos românticos (Diamond, 2003; Fischer, 2004). Normalmente, envolve um vínculo emocional profundo, um senso de intimidade e o desejo de participar de atividades que promovam a conexão emocional e o envolvimento romântico — como

namorar, compartilhar experiências pessoais e expressar afeto. Os fatores que contribuem para a atração romântica podem incluir aparência física, traços de personalidade, interesses e valores compartilhados, compatibilidade, estilo de comunicação e conexão emocional (Berscheid; Walster, 1974; Fischer, 2004). Entretanto, o que especificamente atrai os sujeitos romanticamente pode variar muito de pessoa para pessoa. A atração romântica é uma experiência subjetiva e pode ser influenciada por fatores culturais, sociais e pessoais. Pessoas diferentes podem ter preferências e experiências diferentes quando se trata de atração romântica.

Embora seja um sentimento universal, a atração humana pode ser difícil de entender. Compreendemos no capítulo sobre atração interpessoal que atração é a sensação de proximidade, interesse ou desejo que uma pessoa pode sentir por outra e existem várias formas da atração ser experienciada — podendo significar diferentes níveis de admiração até interesse em se relacionar física e/ou emocionalmente. A atração, então, não pode ser colocada em uma caixa de tamanho único e é vivenciada de muitas formas, para esta pesquisa, vamos focar em duas delas: atração sexual e atração romântica.

4.1 Atração Sexual

As palavras que usamos geralmente têm vários significados. Termos comuns como *sexo*, *atração* e *orientação sexual*, por exemplo, são particularmente propensos a significados múltiplos e imprecisos. Para elucidar, apresentamos algumas definições para aprofundar a discussão sobre comportamento sexual. Objetivamente, a definição de atração sexual é que esta é a atração que faz com que as pessoas desejem contato sexual ou demonstrem interesse sexual em outras pessoas (e. g., LGBTQ Center Unc, 2023; The Trevor Project, 2023) e existem vários fatores importantes que influenciam que ela aconteça — desde aspectos biológicos, como feromônios, até aspectos psicológicos e emocionais, como valores e crenças compartilhados.

Segundo Giles (2015), "o coração da atração sexual está na experiência do *fascínio* — algo que faz com que nos sintamos impotentemente atraídos para uma

união física íntima com a outra pessoa"¹⁷ (Giles, 2015, p. ix, tradução nossa, grifo nosso). Ele alega também que existem diferenças fundamentais entre a atração sexual e outras formas de sentir atração pelas pessoas e que compreender a natureza dessas diferenças ajuda a esclarecer a natureza da própria atração sexual. O primeiro argumento utilizado é que a atração interpessoal é geralmente considerada como qualquer forma de atitude ou disposição positiva em relação a outra pessoa, ou seja, amplo e com diversas possibilidades de relacionamento. Em seguida, Giles (2015) discute como a atração sexual se manifesta e é vivenciada em vários contextos interpessoais, inclusive com estranhos, parceiros românticos e “amizades coloridas”¹⁸. Como a atração sexual é uma das formas básicas pelas quais podemos perceber os outros, de acordo com Giles (2015), o fascínio é evidente em uma ampla gama de relacionamentos e sua intensidade pode variar de quase imperceptível e inconsciente até irresistível. A atração sexual, dessa forma, nem sempre precisa levar à busca de um encontro sexual, o que seria impraticável na maioria dos casos.

A atividade sexual ou o comportamento sexual envolve contato físico íntimo entre pessoas, como beijos, carícias genitais, masturbação, penetração e assim por diante. Esses comportamentos geralmente são acompanhados de respostas fisiológicas específicas, como rubor da pele, lubrificação e ereção (Cavalcanti; Cavalcanti, 2006). Uma série de sentimentos além do prazer pode acompanhar e motivar a atividade sexual, incluindo medo, tesão, dependência, constrangimento, vergonha, culpa, afeto e amor romântico (Meston; Frohlich, 2003). No contexto da atração sexual, o foco é maior na atividade sexual do que sua motivação no afeto e, embora possamos identificar alguns comportamentos como explicitamente sexuais — como beijar, acariciar, etc. — nomear um ato físico como sexual depende, na verdade, do contexto social e cultural. O contato genital, por exemplo, pode não ser definido como sexual durante brincadeiras entre crianças da mesma idade, no exame físico de um médico ou em alguns rituais religiosos. Os próprios envolvidos no ato também podem definir o comportamento de forma diferente, como a discrepância de status social entre pessoas que são fisicamente íntimas pode

¹⁷ No original: “the heart of sexual attraction lies in the experience of allure—something that makes one feel helplessly drawn toward an intimate physical joining with the other person” (Giles, 2015, p. ix).

¹⁸ Amizade colorida é um termo informal usado para descrever um tipo de relacionamento onde duas pessoas, geralmente amigos, envolvem-se romanticamente ou sexualmente sem compromisso de um relacionamento sério ou exclusivo.

obscurecer a questão de se, quando e como determinados comportamentos são sexuais, assim como a prostituição. Em resumo, o contato sexual nem sempre é um bom indicador de atração sexual, pois ela ocorre por muitos motivos além da atração e pode ocorrer com pessoas que não sejam o parceiro preferido ou com pessoas que não sejam do gênero preferido do parceiro.

Em suma, *atração* é a preferência por uma pessoa em detrimento de outras, o que pode incluir um compromisso emocional, social e/ou biológico. O gostar é afetado pela proximidade, familiaridade, similaridade, reciprocidade, complementaridade, atratividade física e fatores individuais, como status social, habilidade social e necessidade de afiliação e intimidade (Byrne, 1971; Berscheid; Walster, 1978). É possível sentir diversos tipos de atração e vários graus de compromisso emocional com conhecidos, amigos, melhores amigos, amantes, companheiros, irmãos, parentes, filhos e cuidadores, como os pais. A *atração sexual*, portanto, é um tipo específico de atração, que se refere a um intenso e intrusivo desejo de intimidade física, possivelmente emocional e, em última instância, sexual com determinadas pessoas (Giles, 2015). A atração romântica pode estar intimamente relacionada à atração sexual, mas não necessariamente, referindo-se ao desejo de proximidade emocional com uma pessoa favorecida, o que pode incluir ou não atividade sexual, ao passo que um relacionamento sexual pode não ser romântico (iremos discutir sobre atração romântica adiante).

Dizer que alguém é sexualmente atraente sugere que há atração sexual envolvida. Entretanto, é interessante destacar que a atratividade sexual e o fenômeno da atração sexual não são sinônimos, ainda que estejam fortemente interligados (Giles, 2015). A *atratividade sexual* normalmente se refere à qualidade de beleza e o quão desejável uma pessoa é. Mais precisamente, a atratividade sexual é o grau em que um sujeito ou uma classe de pessoas são vistos como parceiros sexuais desejáveis (i.g. Byrne, 1971; Walster *et al.* 1966; Berscheid *et al.*, 1971). Várias características determinam a atratividade sexual de um sujeito. Os evolucionistas, indo de acordo com as ideias de McDougall (2001), afirmam que as antigas estratégias de acasalamento entre homens e mulheres favoreciam várias características físicas e comportamentais específicas do gênero associadas à atratividade sexual (Geary, 1998). Características como juventude, status social e bens materiais, simetria facial e corporal geralmente anunciam boa saúde, ausência de defeitos genéticos, fertilidade feminina e virilidade masculina, assim como a

capacidade de oferecer proteção física (Schmitt, 2008). Outras qualidades de atratividade sexual, entretanto, são culturais. Por exemplo, o que é considerado belo ou viril varia de cultura para cultura e ao longo do tempo. Um rápido passeio pela coleção histórica de um bom museu de arte é suficiente para se identificar qualquer número de variações culturais na atratividade sexual. Os exemplos de beleza feminina incluem, mas não se restringem, à rotunda Vênus de Willendorf (por volta de 28.000-25.000 AEC), a Vênus de Milo (por volta de 150-100 AEC) com proporções racionais e a ideal lisura de porcelana das cortesãs Oiran de Edo (1600-1868) nas pinturas eróticas japonesas — todas representando feminilidade. Dependendo da cultura, as mulheres sexualmente atraentes são grandes ou pequenas, altas ou baixas, esbeltas ou torneadas, de pele escura ou clara, de cabelos curtos ou longos, pintadas e enfeitadas com jóias ou sem adornos, tímidas ou gregárias, vocais ou silenciosas. Nos últimos anos, a imensa popularidade e a disseminação da televisão, do cinema, da moda e da música norte-americana promulgaram os padrões de beleza feminina (Singh; Singh, 2011), difundindo a ideia que as mulheres belas são brancas, magras, loiras, jovens e sem pelos no corpo. Mesmo assim, atualmente, algumas das imagens populares da beleza feminina na cultura ocidental são artistas como Melissa McCarthy, Ali Wong e Rihanna (Hogan, 2023).

As definições culturais de atratividade sexual masculina também variam, embora os homens sejam apresentados com muito menos frequência como objetos de beleza física. Os exemplos de beleza masculina ocidental vão desde o lânguido e infantil Davi de Donatello (por volta de 1430) até o atlético Davi de Michelangelo (1501-1504) e os modelos contemporâneos de roupas íntimas da Calvin Klein, sensualmente eróticos, musculosos e sem pelos. Na maioria dos casos, entretanto, a atratividade masculina assume a forma de demonstrações públicas de riqueza e status (Cunningham; Barbee, 2008; Wang *et al.*, 2017).

Além das características evolutivas e culturais da atratividade sexual, as preferências pessoais também desempenham um papel na avaliação da atratividade sexual. Dentro dos ideais culturais mais amplos de atratividade, algumas pessoas preferem características específicas a outras — loiras a morenas, músculos duros a carne macia, emotividade a temperamento equilibrado, e assim por diante. Taylor *et al.* (2002) definiram a atratividade sexual como a crença ou o sentimento de um sujeito de que ele é percebido como desejável por parceiros sexuais potenciais ou

reais. Já Symons (1995) descreveu a atratividade sexual como um índice, sugerindo que os sujeitos são percebidos como sexualmente atraentes quando se espera que eles proporcionem maior prazer sexual. Ou seja, a atratividade sexual pode ser definida como o nível em que uma pessoa ou grupo de pessoas apresenta características físicas, comportamentais, emocionais ou de personalidade que são consideradas desejáveis por um parceiro sexual.

A partir dessa discussão, o *fascínio* de Giles (2015) pode ser melhor compreendido pelo significado que tem em nossas vidas, por sua qualidade única e atraente e pela sensação resultante de impotência em sua experiência. A distinção entre atração e atratividade sexual está onde “o fascínio é o que uma pessoa que é considerada sexualmente atraente emana para aqueles que estão sob o domínio de sua atração sexual”¹⁹ (Giles, 2015, p. 26, tradução nossa). A fenomenologia da atração sexual, inclui três características inter-relacionadas, segundo Giles (2015): a) sentir-se atraído por uma pessoa considerada atraente, o que normalmente é experimentado como um puxão persistente com uma qualidade magnética; b) uma sensação de impotência por sentir-se incontrolavelmente atraído por essa pessoa; e c) fantasias sexuais sobre o resultado erótico imaginado. Aqui é interessante comentar que a atração sexual, ocasionalmente, ignora aspectos exteriores, pois o autor propõe que a atração sexual pode ser baseada também em traços de personalidade ou contextos sociais que levam à uma atratividade para além da física. Em última análise, a atração sexual genuína é carnal e, enquanto a atração romântica pode funcionar de forma muito parecida, seus impulsos são diferentes. Para muitas pessoas, o gênero do parceiro não é uma característica variável, ou seja, somente os membros de um determinado gênero são considerados ou vivenciados como parceiros sexuais em potencial, apesar de reconhecerem a beleza ou a atratividade de sujeitos de outros gêneros. A atração sexual não é, portanto, uma função de encontrar pessoas sexualmente atraentes. A atração sexual é o grau em que um sujeito considera sexualmente desejável um gênero em detrimento do outro ou se interessa por mais de um gênero igualmente. Assim, a atratividade sexual é um subcomponente da atração sexual, e não o contrário.

¹⁹ No original: “Allure is what a person who is perceived to be sexually attractive emanates toward those who come under the sway of his or her sexual attraction” (Giles, 2015, p. 26).

A partir dessa determinação, podemos entender que a orientação sexual e a atração sexual são semelhantes. A *orientação sexual*²⁰ refere-se a um mecanismo psicológico que direciona a sexualidade de um sujeito para pessoas com base em seu gênero aparente, referindo-se mais à atração do que ao comportamento ou à identidade, porque a orientação não é necessariamente manifestada por um comportamento sexual explícito ou alinhada ao vínculo afetivo (Varella Valentova; Varella, 2016). Em outras palavras, esse modelo pressupõe que as pessoas *possuem* uma orientação sexual e podem ser classificadas de acordo com o fato de se sentirem atraídas apenas por homens, apenas por mulheres ou por ambos e outros gêneros — cada orientação está associada a características específicas de gênero. A orientação sexual também foi descrita na literatura científica como uma linha entre dois pólos que representam a atração sexual exclusiva por pessoas do mesmo gênero e a atração exclusiva por pessoas de outro gênero; graus de atração por mais de um gênero constitui o meio termo entre os pólos (Kinsey *et al.*, 1948; Kinsey *et al.*, 1953). Os pesquisadores empregaram diferentes operacionalizações da orientação sexual e três dimensões principais da são comumente usadas: (a) comportamento sexual revelado, ou seja, parceiros masculinos, parceiros femininos, ambos; (b) rótulos de identidade sexual relatados, tais como gay, lésbica, bissexual, etc.; e (c) atração sexual expressa, por homens, mulheres ou mais de um gênero (Smith *et al.*, 2003; Saewyc *et al.*, 2004). Cada uma dessas dimensões tem méritos e déficits em relação a quem é incluído e excluído na pesquisa e quem é colocado em uma categoria ou outra para análise comparativa.

Dessa forma, podemos compreender a orientação sexual como um modelo contemporâneo de atração sexual e se refere à experiência ou capacidade de atração sexual por um ou mais gêneros; esse modelo pressupõe que a direção da atração é uma característica proeminente da personalidade. Tanto a visão dicotômica quanto a multidimensional consideram a orientação sexual como uma preferência sexual separada do comportamento sexual. Por exemplo, é difícil

²⁰ A transição do uso dos termos "opção sexual" para "orientação sexual" reflete uma mudança significativa na compreensão e aceitação da diversidade sexual. O termo "opção sexual" anteriormente implicava que a atração sexual e afetiva era uma escolha consciente, o que desconsiderava a experiência das pessoas cuja orientação sexual é inata e não sujeita a mudanças deliberadas. Por outro lado, o termo "orientação sexual" reconhece que a atração por pessoas do mesmo sexo, sexo oposto ou ambos não é uma escolha, mas sim uma parte intrínseca da identidade de um sujeito (Reis; Cazal, 2021). Essa mudança de terminologia também reflete avanços na compreensão científica da sexualidade humana e no reconhecimento dos direitos das pessoas LGBTQIAP+ em muitas sociedades.

classificar um homem que se autodenomina "heterossexual" e que tem fantasias eróticas recorrentes com homens, mas que só se envolve em atividades sexuais com mulheres e atualmente está em um relacionamento romântico com uma mulher. Ele é realmente heterossexual? Ele é bissexual ou secretamente gay? Classificar esse homem em uma orientação sexual específica depende de qual componente da atração sexual é enfatizado. Imaginemos que esse mesmo homem, após muitos anos de casamento, termine o relacionamento e inicie um outro com um homem; ele sente uma atração por homens que não sente por mulheres, embora amasse profundamente sua parceira. Esse homem agora é gay? Ele era gay o tempo todo? Sua orientação sexual mudou ou apenas seu comportamento? O modelo dicotômico convencional de orientação sexual só pode explicar essa variação como uma mudança completa na orientação sexual ou como uma supressão ou mascaramento anterior da "verdadeira" orientação sexual de alguém. Nesse sentido, a compreensão de inserção dos diferentes tipos de atração — principalmente a romântica — podem suprir a necessidade de variação em sentimentos e permitir mudanças no comportamento sexual e emocional ao longo da vida.

4.2 Atração Romântica

A história da atração romântica é influenciada por fatores culturais, sociais e individuais, e varia entre diferentes sociedades e períodos de tempo. Na Era Antiga e Clássica, por exemplo, em civilizações como o Egito antigo e a Grécia antiga, a atração romântica frequentemente se cruzava com ideias de amor, desejo e beleza; filósofos gregos como Platão e Aristóteles discutiam diferentes formas de amor, incluindo eros (amor romântico) e ágape (amor incondicional) (Ackerman, 1994). Durante a Idade Média, a atração romântica era frequentemente retratada no contexto do amor cortês, uma forma de amor altamente estilizada e idealizada; poetas e trovadores celebravam as virtudes do cavalheirismo, da devoção e do amor não correspondido (Rougemont, 1988). Na era do Renascimento, a atração romântica tornou-se um tema popular na arte e na literatura, com foco nas emoções individuais e nas conexões pessoais. O período do Iluminismo enfatizou a razão e a racionalidade, desafiando as noções tradicionais de atração romântica. O Romantismo surgiu como uma reação ao Iluminismo, enfatizando o poder das emoções e da experiência individual — atração romântica era idealizada, celebrada

e frequentemente associada a emoções intensas, paixão e busca de conexões autênticas (Rougemont, 1988; Allen, 1992).

A era vitoriana do século XIX trouxe uma abordagem mais contida e regulamentada para a atração romântica; as normas sociais e os códigos morais ditavam a conduta adequada no namoro, e os relacionamentos românticos eram geralmente guiados por expectativas sociais e considerações de classe. O amor romântico ganhou destaque, e gestos românticos, como escrever cartas e trocar lembranças, tornaram-se formas populares de expressar afeto (Ackerman, 1994). O século XX testemunhou mudanças significativas na compreensão e na expressão da atração romântica, já que com a evolução das normas sociais, houve uma maior ênfase na escolha individual, na igualdade e na realização pessoal nos relacionamentos românticos (Giddens, 1993). Conceitos como amor companheiro (baseado em amizade, confiança e respeito mútuo) e amor apaixonado (emoções intensas e atração física) ganharam reconhecimento (Hatfield; Walster, 1985). Nas últimas décadas, a compreensão da atração romântica tornou-se mais diversificada e inclusiva, reconhecendo uma série de orientações sexuais e românticas, identidades de gênero e estilos de relacionamento. Atualmente, as pessoas têm mais liberdade para buscar relacionamentos românticos com base em preferências pessoais e consentimento mútuo. De modo geral, a história da atração romântica reflete a interação de fatores culturais, sociais e individuais, mostrando como a compreensão e a expressão da atração romântica mudaram ao longo do tempo.

O que se mantém constante referente à atração romântica, é que esta pode ser uma fonte de intensa alegria, segurança e contentamento, bem como de tristeza e angústia. O amor romântico, que provém dessa atração, pode moldar decisões fundamentais na vida das pessoas e certamente desempenhou um papel importante na evolução de nossa espécie. No âmbito científico, Berscheid e Walster se destacam ao se debruçar sobre o tema, pois, até a década de 1970, os trabalhos acadêmicos sobre o amor romântico eram, em sua maioria, especulações filosóficas ou literárias; as poucas pesquisas sistemáticas realizadas consistem principalmente em descobertas incidentais de sociólogos que estudaram o namoro, o casamento e a família. Com Berscheid e Walster, as coisas mudaram, pois suas obras incluíam tratamentos um pouco mais longos nos quais as autoras introduziram a distinção entre amor apaixonado — "um estado de intenso desejo de união com outra

pessoa"²¹ (Hatfield; Walster, 1985, p. 9, tradução nossa) — e amor companheiro — "o afeto que sentimos por aqueles com quem nossas vidas estão profundamente entrelaçadas"²² (Hatfield; Walster, 1985, p. 9, tradução nossa). Os primeiros trabalhos de Berscheid e Walster lançaram as bases para o que se tornou uma literatura ampla e ainda em expansão sobre atração romântica, incluindo investigações sobre diferenças culturais e individuais, abordagens teóricas novas ou significativamente refinadas e até mesmo na neurociência (e.g. Berscheid *et al.*, 1974; Berscheid; Walster, 1978; Walster; Walster, 1985).

O desenvolvimento da Escala de Amor Apaixonado²³ (Hatfield; Sprecher, 1986, tradução nossa) permitiu demonstrar que o amor apaixonado poderia ser medido. Esta escala é uma medida psicométrica com 30 questões de respostas abertas e curtas e tem sido usada em diversos estudos, incluindo pesquisar sobre a distinção entre interesse sexual e romântico, como por exemplo a investigação que mostrou que crianças pequenas experimentam níveis de amor apaixonado com a mesma frequência e intensidade que os adultos, o que sugere que o desejo sexual não é um ingrediente necessário para a atração romântica (Hatfield *et al.*, 1988). Outro estudo digno de nota para distinguir o amor romântico do desejo sexual é o de Aron *et al.* (2005), que mostra que as atrações romântica e sexual envolvem regiões cerebrais diferentes. Já Fischer (2004) traz a atração romântica como um impulso²⁴, pois, segundo a pesquisadora, as pessoas têm diversos deles e eles são contínuos — alguns impulsos como a sede, a fome e a necessidade de calor, não podem ser extintos até que sejam satisfeitos; desejo sexual e o instinto maternal, por outro lado, quando existentes, podem ser redirecionados e até mesmo suprimidos com tempo e esforço. A experiência da atração romântica está entre esses impulsos, conforme Fischer (2004):

Em primeiro lugar, assim como os impulsos, a atração romântica é tenaz; é muito difícil de ser extinta. As emoções, por outro lado, vêm e vão; você pode estar feliz pela manhã e irritado à tarde. Assim como os impulsos, o amor romântico é focado em uma recompensa específica, a pessoa amada, da mesma forma que a fome é focada na comida. As emoções, como a repulsa, se prendem a uma imensa variedade de objetos e ideias. Na verdade, o amor romântico está ligado a muitas emoções diferentes,

²¹ No original: "a state of intense longing for union with another" (Hatfield; Walster, 1985, p. 9).

²² No original: "the affection we feel for those with whom our lives are deeply entwined" (Hatfield; Walster, 1985, p. 9).

²³ No original: Passionate Love Scale (Hatfield; Sprecher, 1986).

²⁴ Compreendemos, aqui, impulso como um estado neural que energiza e direciona o comportamento para adquirir uma necessidade biológica específica para sobreviver ou se reproduzir, definição do neurocientista Don Pfaff (1999) e utilizada por Fischer (2004) em seu livro.

dependendo se esse desejo está sendo satisfeito ou frustrado. [...] E, como todos os outros impulsos, o amor romântico é uma necessidade, um desejo. Precisamos de comida. Precisamos de água. Precisamos de calor. E o amante sente que precisa da pessoa amada²⁵ (Fischer, 2004, p. 96-97, tradução nossa).

A atração romântica, por tanto, é um tipo específico de atração interpessoal que envolve sentimentos de amor, conexão emocional e desejo de um relacionamento romântico com outra pessoa — ela é diferente da atração sexual, embora as duas possam coexistir com frequência. A atração romântica abrange uma série de emoções e experiências, inclusive paixão, anseio por proximidade emocional e o desenvolvimento de sentimentos românticos. Normalmente, envolve um vínculo emocional profundo, um senso de intimidade e o desejo de participar de atividades que promovam a conexão emocional e o compartilhamento de experiências pessoais e de afeto.

É útil distinguir a atração romântica daquilo que ela não é. Tanto os cientistas sociais quanto os filósofos distinguem os relacionamentos românticos dos relacionamentos sexuais, da amizade e da admiração (física ou não) (e. g. Diamond, 2003). Embora as normas contemporâneas possam levar as pessoas a manter todos esses relacionamentos com uma só pessoa, esses tipos de relacionamentos podem se desfazer e, com frequência, se desfazem. As pessoas podem possuir parceiros sexuais, amigos ou pessoas que admiram sem que isso implique em romance, assim como a atração romântica não necessariamente implica sentimentos ou comportamentos sexuais, de amizade ou admiração. Por vários motivos — tais como assexualidade, impotência, religião, etc. — muitas pessoas têm romance sem sexo. Ao passo que, o fim de um relacionamento entre um casal não significa que o sentimento de amor deixe de existir. É importante ressaltar que, embora o romance geralmente envolva um sentimento de alegria e satisfação, especialmente no início do relacionamento, ele não se resume a esse sentimento, pois o amor romântico pode persistir ao longo do tempo por meio da dor, da raiva e do luto (Giddens, 1993).

²⁵ No original: First of all, like drives, romantic attraction is tenacious; it is very hard to extinguish. Emotions, on the other hand, come and go; you can be happy in the morning and angry in the afternoon. Like drives, romantic love is focussed on a specific reward, the beloved, in the same way that hunger is focussed on food. Emotions, like disgust, pin themselves to an immense variety of objects and ideas. In fact, romantic love is linked with many diverse emotions depending on whether this urge is being satisfied or frustrated. [...] And like all the other drives, romantic love is a need, a craving. We need food. We need water. We need warmth. And the lover feels he/she needs the beloved (Fischer, 2004, p. 96-97).

No Ocidente moderno, a atração romântica desempenha um papel funcional específico — geralmente é a motivação para estabelecer uma parceria legal formal, ou casamento, entre duas partes. Esse relacionamento, por sua vez, altera a distribuição de bens materiais entre essas partes e, em alguns casos, para as gerações futuras. É esse componente institucional que provavelmente estimula parte do interesse nas preferências românticas individuais (Coontz, 2016). Entretanto, atração romântica não é casamento. Um casamento pode se concretizar por outros motivos que não a atração romântica — tais como questões políticas, familiares, culturais, etc. — assim como pode persistir depois que essa atração se desvanece. De fato, a presunção comum de que o casamento deve ser baseado na atração romântica, ou que um casamento sem essa atração é deficiente, é relativamente nova.

Anthony Giddens (1993) também contribuiu significativamente para a compreensão da atração romântica e dos relacionamentos. Seu trabalho explora as mudanças nos relacionamentos íntimos na sociedade moderna e algumas ideias e percepções de Giddens (1993) estão fortemente relacionadas à atração romântica. Ele enfatiza, por exemplo, o conceito de *reflexividade*, que se refere à negociação e avaliação contínuas das escolhas pessoais nos relacionamentos, argumentando que, nas sociedades modernas, os sujeitos têm maior liberdade e autoridade na escolha de seus parceiros românticos, o que leva a abordagens mais fluidas e autorreflexivas dos relacionamentos. Giddens (1993) também introduz a ideia de *relacionamento puro* para descrever os relacionamentos românticos contemporâneos. Segundo ele, os relacionamentos puros são baseados na satisfação emocional mútua e na gratificação pessoal, em vez de considerações sociais ou econômicas, assim como são caracterizados por comunicação aberta, negociação e ênfase na realização pessoal. Em conjunto, Giddens (1993) discute o conceito de *sexualidade plástica*, que se refere à ideia de que as práticas e identidades sexuais são cada vez mais vistas como maleáveis e sujeitas à escolha individual, argumentando que as normas e os papéis sexuais tradicionais estão sendo desafiados, dando origem a uma maior diversidade de orientações e preferências sexuais e românticas. Por fim, Giddens (1993) reconhece que a globalização e as tecnologias modernas influenciaram a atração romântica e os relacionamentos, sugerindo que as pessoas têm cada vez mais acesso a um grupo maior de possíveis parceiros por meio de serviços online e mídias sociais, o que

pode moldar a dinâmica da atração romântica e a maneira como as pessoas formam conexões. Logo, o trabalho de Giddens (1993) sobre atração romântica enfatiza a importância da autonomia, da escolha pessoal e da conexão emocional nos relacionamentos modernos, reconhecendo o impacto das mudanças sociais na dinâmica da atração romântica.

A atração romântica é um aspecto fascinante e complexo dos relacionamentos humanos que transcende as fronteiras culturais e o tempo, assim como a atração sexual. Ambos são elementos entrelaçados dos relacionamentos humanos, ambos com suas próprias qualidades distintas e, ao mesmo tempo, frequentemente influenciando e cruzando um com o outro. Enquanto a atração romântica é motivada pela conexão emocional, valores compartilhados e desejo de companheirismo, a atração sexual tende a girar em torno do desejo físico e da compatibilidade sexual. Entretanto, é importante reconhecer que as pessoas podem sentir essas atrações em graus e combinações diferentes, pois a experiência de atração romântica e sexual de cada pessoa é única. A interação entre a atração romântica e sexual é um aspecto dinâmico e multifacetado da natureza humana, contribuindo para a profundidade e a complexidade de nossas conexões íntimas e moldando a maneira como navegamos e expressamos nossos desejos. Ao reconhecer e compreender as complexidades da atração romântica e sexual, podemos promover relacionamentos mais saudáveis e satisfatórios que celebrem a diversidade da experiência humana.

A compreensão da assexualidade como objeto de estudo não pode ignorar as complexidades inerentes à experiência humana da atração. Nesse sentido, a primeira parte deste trabalho, até este ponto, lançou luz sobre os conceitos de atração interpessoal, atração sexual e atração romântica, reconhecendo sua relevância na compreensão das dinâmicas sociais que permeiam os aspectos identitários assexuais. Ao explorar esses elementos, foi possível contextualizar a assexualidade em um espectro mais amplo de experiências afetivas e identitárias, enfatizando não apenas a ausência de atração sexual, mas também a diversidade de vivências românticas e emocionais presentes dentro da comunidade assexual. A partir dessa base teórica consolidada, torna-se imprescindível avançar para a análise dos contrapúblicos e do ciberativismo como estratégias mobilizadas por sujeitos assexuais para reivindicar visibilidade, reconhecimento e respeito. Embora as teorias da atração não sejam diretamente citadas na análise subsequente, sua

influência é inegável na medida em que proporcionaram um arcabouço conceitual essencial para compreender as nuances da experiência assexual e os desafios enfrentados por pessoas que se identificam como tal. Assim, ao adentrar a segunda parte deste estudo, as teorias previamente discutidas fornecem uma base sólida para a análise dos mecanismos de resistência e empoderamento presentes nos contrapúblicos assexuais online.

5 CONTRAPÚBLICO

A fim de compreender o conceito de contrapúblico, é preciso ter em mente o que significa *público* e *esfera pública*. Nesta pesquisa, considera-se que público é tudo o que faz parte da vida "comum", em oposição à vida privada, das pessoas em uma comunidade (Warner, 2002). Dessa forma, baseado nas discussões de Habermas (1992) e Fraser (1990), compreende-se aqui esfera pública dominante como o espaço predominante ou abrangente em que ocorrem o discurso público, o debate e a formação de opinião em uma sociedade. Ela abrange vários canais e plataformas por meio dos quais os indivíduos se envolvem em discussões sobre assuntos de interesse comum, como política, cultura e questões sociais. Essa esfera geralmente é moldada por instituições, organizações de mídia, órgãos governamentais e indivíduos influentes que exercem poder significativo na formação da opinião pública e na definição da agenda do discurso público. De acordo com Habermas (1992), a esfera pública é, idealmente, um espaço para debate racional e deliberação entre os cidadãos, livre de coerção ou dominação por interesses poderosos. Entretanto, na realidade, determinados atores e instituições podem exercer mais influência e controle sobre a esfera pública, levando à formação de um discurso dominante que reflete suas perspectivas e agendas.

Contrapúblico, portanto, é um termo usado na comunicação e teoria social para descrever um grupo ou comunidade que opera fora da esfera pública principal e desafia as normas e crenças dominantes. Os contrapúblicos são tipicamente formados por grupos marginalizados ou subordinados que são excluídos da esfera pública dominante e, frequentemente, utilizam canais alternativos de comunicação, como as redes sociais online, para articular suas próprias visões e desenvolver suas próprias práticas culturais. O conceito de contrapúblico foi introduzido inicialmente pelo filósofo alemão Jürgen Habermas (1992), quando ele argumentou que a esfera pública era historicamente dominada pela classe burguesa, e que a classe trabalhadora e outros grupos subordinados tinham que criar seus próprios espaços públicos para se engajar em discussões políticas e críticas sociais significativas. Atualmente, o conceito de contrapúblico tem sido aplicado em vários contextos, incluindo comunidades feministas e LGBTQIAP+, minorias raciais e étnicas, assim como em movimentos sociais e culturais alternativos.

Este capítulo explora o conceito de contrapúblicos (Felski, 1989; Fraser, 1990; Warner, 2002; Muñoz, 1999), que denota os públicos alternativos que surgem em resposta a várias exclusões por parte dos públicos dominantes com o objetivo de visar e influenciar os mesmos. A emergência de contrapúblicos tem sido tradicionalmente compreendida como uma possibilidade a grupos historicamente marginalizados²⁶ que se reúnem e desafiam o discurso do público dominante.

5.1 Contrapúblico como conceito

Uma atenção crítica aos contrapúblicos surgiu com Rita Felski (1989) e Nancy Fraser (1990) nos esforços para repensar a esfera pública de forma mais inclusiva após o termo ter sido cunhado por Habermas (1962). As teóricas trouxeram definições e reflexões que introduziram os termos a muitos e colocaram luz às causas e resultados das interações dos contrapúblicos — sendo estas entre os próprios com os públicos dominantes. Rita Felski (1989) introduziu pela primeira vez a noção de uma "esfera feminista contrapública"²⁷ (Felski, 1989, p. 164, tradução nossa) quando ela sustenta que tal esfera

cumprir uma dupla função: internamente, gera uma identidade específica de gênero fundamentada em uma consciência de comunidade e solidariedade entre as mulheres; externamente, procura convencer a sociedade como um todo da validade das reivindicações feministas, desafiando as estruturas de autoridade existentes através da atividade política e da crítica teórica²⁸ (Felski, 1989, p. 168, tradução nossa).

A ideia de que os contrapúblicos possuem aplicabilidades distintas quando em ação dentro e fora dos grupos é replicada pelos demais autores ao trabalhar com outros contrapúblicos. Considera-se, assim, a extensão externa dos discursos contrapúblicos como um derivado necessário de suas reivindicações para representar um catalisador de mudanças sociais e culturais.

Em suma, Felski (1989) descreve as esferas contrapúblicas como forças sociais que se opõem às tendências homogeneizadoras do que podemos compreender como a indústria cultural. As esferas contrapúblicas articulam

²⁶ Os grupos historicamente marginalizados devem ser entendidos aqui como denotando aqueles grupos que foram historicamente desfavorecidos estruturalmente em relação a outros grupos sociais. Por exemplo, mulheres, pessoas de cor, pessoas LGBTQIAP+, etc.

²⁷ No original: "Feminist counter-public sphere" (Felski, 1989, p. 164).

²⁸ No original: serves a dual function: internally, it generates a gender-specific identity grounded in a consciousness of community and solidarity among women; externally, it seeks to convince society as a whole of the validity of feminist claims, challenging existing structures of authority through political activity and theoretical critique (Felski, 1989, p. 168).

necessidades e valores que não são abordados por esta indústria, o que as tornam potências sociais múltiplas e heterogêneas que não convergem para formar um movimento revolucionário único e coordenado. Para Felski (1989), os projetos emancipatórios dos contrapúblicos não apelam para um ideal de universalidade, mas, ao contrário, reforçam as especificidades em relação a gênero, raça, sexualidade, etnia e outros eixos de diversidade. O que a autora traz é a ideia de uma identidade comum entre os participantes de um grupo contrapúblico ao qual “a filiação não depende da aceitação de uma estrutura teórica claramente delineada, mas de um senso mais geral de uniformidade na experiência da opressão”²⁹ (Felski, 1989, p. 167, tradução nossa). Dessa forma, os contrapúblicos mantêm seu caráter público, dirigindo seus argumentos para a sociedade como um todo.

Por sua vez, Nancy Fraser (1990) evoca a importância dos espaços comunitários que facilitam o engajamento coletivo. O principal termo cunhado por Fraser (1990) são os *contrapúblicos subalternos*, o qual ela utiliza para sinalizar que eles “são arenas discursivas paralelas onde membros de grupos sociais subordinados inventam e circulam contradiscursos, que por sua vez lhes permitem formular interpretações opostas de suas identidades, interesses e necessidades”³⁰ (Fraser, 1990, p. 67, tradução nossa). Para a autora, estes espaços são aqueles de produção de conhecimento — “revistas, livrarias, editoras, redes de distribuição de filmes e vídeos, séries de palestras, centros de pesquisa, programas acadêmicos, conferências, convenções, festivais e locais de encontro”³¹ (Fraser, 1990, p. 67, tradução nossa), e, mais recentemente, podemos adicionar as redes sociais online a esta lista.

Fraser (1990) argumenta também que a necessidade de contrapúblicos surge das formas pelas quais as desigualdades sociais nas sociedades estratificadas podem influenciar reflexões sociais, mesmo na ausência de exclusões formais. A autora coloca que as desigualdades não devem ser desagregadas do discurso público e devem ser tematizadas como tópicos de deliberação, pois discursos nas

²⁹ No original: “membership is conditional not on the acceptance of a clearly delineated theoretical framework, but on a more general sense of commonality in the experience of oppression” (Felski, 1989, p. 167).

³⁰ No original: “parallel discursive arenas where members of subordinated social groups invent and circulate counterdiscourses, which in turn permit them to formulate oppositional interpretations of their identities, interests, and needs” (Fraser, 1990, p. 67).

³¹ No original: “journals, bookstores, publishing companies, film and video distribution networks, lecture series, research centers, academic programs, conferences, conventions, festivals, and local meeting places” (Fraser, 1990, p. 67).

esferas públicas tendem a favorecer os grupos dominantes e a prejudicar os grupos subordinados. Neste contexto, advoga-se a favor dos contrapúblicos para que os membros de grupos subordinados possam se engajar em processos comunicativos além da supervisão dos grupos dominantes. Dessa forma, os contrapúblicos respondem às exclusões dos públicos dominantes e, no processo, ajudam a expandir o espaço discursivo. Os contrapúblicos, nesse sentido, possuem um caráter duplo, concordando com Felski (1989): "Por um lado, funcionam como espaços de retirada e reagrupamento; por outro lado, funcionam como bases e campos de treinamento para atividades agitacionais dirigidas a públicos mais amplos" (Fraser, 1990, p. 68). O potencial emancipatório reside na dialética entre estas duas funções.

As formulações de Felski (1989) e Fraser (1990) revelam importantes semelhanças — ambas se concentram em pessoas e grupos subordinados ou oprimidos como prováveis constituintes de espaços contrapúblicos e ambas destacam a dupla função dos contrapúblicos. As autoras também reconhecem a luta e a disputa entre os públicos. O esforço para divulgar interpretações alternativas de identidades, interesses e necessidades não é um processo unidirecional e os meios de circulação estão cada vez mais amplos. Esta percepção mantém-se forte no trabalho de Michael Warner (2002), que explora o conceito de contrapúblicos e argumenta que os contrapúblicos não são apenas opositoristas ou alternativos às esferas públicas dominantes, mas também operam dentro delas e as influenciam. Segundo o autor, um contrapúblico é "um cenário onde um grupo dominado aspira a recriar-se como público e, ao fazê-lo, encontra-se em conflito não só com o grupo social dominante mas com as normas que constituem a cultura dominante como público"³² (Warner, 2002, p. 112, tradução nossa). Ou seja, são grupos formados por sujeitos marginalizados ou excluídos que compartilham uma identidade e experiência comuns, criando suas próprias práticas e normas discursivas. Estes contrapúblicos não estão isolados da esfera pública dominante, mas têm uma fronteira porosa que permite que ideias e práticas fluam de um lado para o outro entre eles.

³² No original: "a scene where a dominated group aspires to re-create itself as a public and in doing so finds itself in conflict not only with the dominant social group but with the norms that constitute the dominant culture as a public" (Warner, 2002, p. 112).

Um *público*, nos termos de Warner (2002), seja ele dominante ou não, é “espaço multicontextual de circulação, organizado não por um lugar ou uma instituição, mas pela circulação do discurso”³³ (Warner, 2002, p. 119, tradução nossa). Ao contrário de outras formas de comunidade imaginada, como uma nação ou uma classe social, na qual os membros são moldados quer saibam ou não, o público é formado a partir de atos discretos de produção, circulação e recepção de discursos. Ou seja, os públicos são ao mesmo tempo produtos e produtores de discursos e do efeito dos mesmos. Os contrapúblicos, por Warner (2002), também são formados pela circulação dos discursos, mas se definem contra um público dominante — a heteronormatividade, por exemplo.

Contrapúblicos são “contrários” na medida em que tentam fornecer diferentes formas de imaginar a sociabilidade entre estranhos e sua reflexividade; como públicos, eles permanecem orientados à circulação de estranhos de uma forma que não é apenas estratégica, mas constitutiva do fazer parte e seus efeitos³⁴ (Warner, 2002, p.121-122, tradução nossa).

Ainda, o aspecto “contra” dos contrapúblicos, segundo Warner (2002), é encontrado na forma como eles estão, de alguma forma, conscientes de seu status subordinado. Nesse ponto, o autor cita a diversidade sexual e a nova geração como dois exemplos dessas conceitualizações diferentes. Correspondentemente, o discurso de um contrapúblico “não é meramente um idioma diferente ou alternativo, mas um, que em outros contextos seria tomado com hostilidade ou com um senso de indecorosidade”³⁵ (Warner, 2002, p. 119, tradução nossa). Em outras palavras, o contrapúblico pode ser recebido negativamente por aqueles que não fazem parte do grupo e é contra esta forma de reação que os contrapúblicos trabalham. De modo geral, o conceito de contrapúblicos de Warner (2002) enfatiza a importância de reconhecer a diversidade de vozes e perspectivas na formação do discurso público e destaca a relação dinâmica e complexa entre as esferas públicas dominantes e alternativas. Por exemplo, os contrapúblicos feministas, abordados por Felski (1989) e Fraser (1990), desafiam as normas e valores patriarcais dominantes na esfera pública, mas também influenciam e moldam o debate público mais amplo sobre

³³ No original: “multicontextual space of circulation, organized not by a place or an institution but by the circulation of discourse” (Warner, 2002, p. 119).

³⁴ No original: Counterpublics are “counter” to the extent that they try to supply different ways of imagining stranger sociability and its reflexivity; as publics, they remain oriented to stranger circulation in a way that is not just strategic but constitutive of membership and its affects (Warner, 2002, p.121-122).

³⁵ No original: “is not merely a different or alternative idiom but one that in other contexts would be regarded with hostility or with a sense of indecorousness” (Warner, 2002, p. 119).

gênero e sexualidade. Da mesma forma, os contrapúblicos LGBTQIAP+, que ganham espaço no trabalho de Warner (2002), desafiam pressupostos heteronormativos na esfera pública, mas também contribuem para o discurso mais amplo sobre direitos humanos e justiça social.

José Esteban Muñoz (1999) explorou o conceito de contrapúblicos em suas pesquisas, ainda que não seja o foco do seu trabalho. Muñoz (1999) argumenta que os contrapúblicos não são simplesmente públicos opositoristas ou alternativos, mas são espaços de *world-making*³⁶ que permitem que as pessoas marginalizadas imaginem e criem futuros alternativos. A visão de Muñoz (1999) sobre os contrapúblicos é fortemente influenciada por suas próprias experiências como pessoa *queer* latina e um aspecto chave da compreensão do autor sobre o conceito é que não se trata apenas de oposição à cultura dominante, mas da criação de possibilidades alternativas, imaginativas e utópicas. Ele argumenta que estes espaços permitem aos sujeitos marginalizados vislumbrar e praticar formas de ser que existem fora das normas e estruturas dominantes, e que esta prática imaginativa é um aspecto crucial da resistência política.

O conceito de contrapúblicos de Muñoz (1999) é particularmente relevante para entender as experiências das comunidades marginalizadas e como elas usam práticas criativas para imaginar e criar mundos alternativos, destacando a importância de reconhecer o potencial transformador de suas expressões culturais. Ele argumenta que práticas culturais tais como arte, música e outras formas de expressão criativa são essenciais para a criação e manutenção de contrapúblicos. Para as comunidades marginalizadas, a produção cultural é um meio de expressar suas próprias experiências, identidades e lutas, assim como serve como uma forma de conexão com outros que compartilham experiências semelhantes. Finalmente, Muñoz (1999) enfatiza a importância de entender os contrapúblicos como situados dentro de estruturas de poder mais amplas. Embora estes espaços possam ser fortalecedores e transformadores, eles também são moldados por forças sociais, econômicas e políticas maiores. Assim, a fim de compreender plenamente os

³⁶ *Queer world-making* se refere à prática de criar e imaginar mundos que desafiam e subvertem as normas dominantes e as estruturas de poder relacionadas ao gênero, à sexualidade e à identidade. É um processo de imaginar e criar novas formas de ser e de existir que não são limitadas pelas restrições da heteronormatividade, cisnormatividade e outras formas de expectativas culturais e sociais normativas.

contrapúblicos, é necessário examinar as formas pelas quais eles são habilitados e restringidos por sistemas maiores de poder e desigualdade.

Rita Felski (1989), Nancy Fraser (1990), Michael Warner (2002) e José Esteban Muñoz (1999) são estudiosos influentes nos campos dos estudos culturais e literários e suas pesquisas têm contribuído significativamente para nossa compreensão das formas pelas quais a comunicação e as práticas culturais moldam as relações sociais, o poder político e os valores culturais. Eles se sobrepõem ao se interessarem pelo conceito de público e contrapúblico. Todos reconheceram que os públicos não são entidades monolíticas, mas são compostos de diversas subculturas e contrapúblicos que desafiam as narrativas e os valores dominantes. Eles também enfatizaram a importância de compreender as formas pelas quais os meios de comunicação moldam o discurso público e a distribuição do poder dentro da sociedade. Entretanto, há também diferenças entre seus trabalhos. O trabalho de Muñoz (1999) e Warner (2002) está particularmente focado nas experiências das comunidades marginalizadas e nas formas pelas quais elas resistem às normas culturais dominantes e criam formas alternativas de autoexpressão. Muñoz (1999) desenvolveu o conceito de "desidentificação" para descrever este processo, enquanto a Warner (2002) enfatizou o papel dos contrapúblicos no desafio aos valores culturais dominantes.

O trabalho de Fraser (1990) está mais amplamente focado em questões de justiça social e economia política. Ela tem argumentado que as esferas públicas são espaços de luta política e que as comunidades marginalizadas são frequentemente excluídas das esferas públicas principais. Seu trabalho enfatiza a importância de criar esferas públicas mais inclusivas a fim de promover a justiça social e a participação democrática. Em paralelo, o trabalho de Felski (1989) está mais focado em questões de interpretação e de valor cultural. A autora argumenta que práticas culturais e textos são afetados por forças sociais e históricas mais amplas e que elas têm o poder de moldar nossos entendimentos do mundo. Seu trabalho enfatiza a importância da reflexão crítica e da interpretação, a fim de compreender as formas pelas quais as práticas culturais e os textos moldam nossa compreensão do mundo. Em geral, o trabalho de Muñoz (1999), Warner (2002), Fraser (1990) e Felski (1989) destacam a importância dos contrapúblicos como espaços onde as comunidades marginalizadas podem desafiar as narrativas culturais dominantes e criar novas possibilidades de resistência e libertação. Ao reconhecer a diversidade e

complexidade dos públicos e contrapúblicos, podemos seguir com tais contribuições significativas para uma melhor compreensão das formas pelas quais a comunicação e as práticas culturais moldam a sociedade e as relações de poder.

6 CIBERCULTURA E CIBERATIVISMO

Em uma tentativa de fazer com que suas histórias e identidades sejam vistas e reconhecidas, os contrapúblicos optam por operar fora do *mainstream* e consolidar suas presenças na mídia. Dessa maneira, eles procuram selecionar seus próprios temas, expressar suas próprias visões e influenciar suas próprias imagens públicas. As arenas discursivas de Fraser (1990) continuam a evocar a importância dos espaços comunitários que facilitam o engajamento coletivo e os contrapúblicos criam seus próprios jornais e revistas, montam suas próprias estações de rádio e televisão, criam suas próprias produtoras de filmes e formam suas próprias agências de publicidade, geralmente especializadas em ajudar as empresas a alcançar um "mercado minoritário". Porém, o caminho para a autodeterminação na mídia não é fácil. A maioria dos esforços de criação de filmes independentes fracassa devido à falta de solidez financeira necessária para criar produções de alta qualidade consistentemente. Algumas publicações de grupos contrapúblicos podem alcançar sucesso econômico, mas ainda têm uma longevidade limitada socialmente, as emissoras de rádio e televisão podem transmitir diversos temas, mas a propriedade — e, portanto, o controle sobre as notícias e a política editorial — geralmente não está nas mãos de quem pode transmitir as narrativas fora da hegemonia social. A retórica da autodeterminação da mídia contrapública pode promover imagens de futuros utópicos, mas as realidades econômicas de sobrevivência e controle — as condições necessárias para o poder contínuo da mídia — costumam ser barreiras intransponíveis para os empreendedores da mídia independente (Bucci, 2009). Cientes da influência da mídia na vida dos grupos contrapúblicos e na busca por aumentar o impacto na mídia, grande parte do movimento midiático da comunidade LGBTQIAP+ — e neste caso, especificamente a comunidade assexual — infere-se que se dá em ambiente online.

Embora os resultados em outros suportes comunicacionais possam ser frustrantes, na internet houve casos de sucessos para os quais esses grupos podem apontar e se espelhar. Com o aumento da experiência e sofisticação da mídia, os grupos contrapúblicos estão expandindo sua influência na mídia, usufruindo de um ambiente que oferece um universo em expansão e propício, pois “pelo seu baixo custo, facilidade de operacionalização e poder de distribuição, os movimentos sociais podem divulgar e defender na Web suas ideias e denunciar as mazelas da

sociedade nacional e transnacional” (Góes, 2007, p. 7). Ao ter acesso à transmissão de informação e liberdade de expressão torna-se plausível a criação de conteúdo e a entrega do mesmo para nichos interessados e, seguidamente, a expansão deles.

Pierre Lévy (2000) define o *ciberespaço* como um espaço de comunicação mediado por computadores e redes digitais, considerando-o uma nova dimensão da realidade, uma extensão do espaço físico, onde as informações, os objetos e as pessoas podem se encontrar, interagir e colaborar de maneira virtual. Nesse sentido, o ciberespaço é um espaço sociotécnico, que combina elementos tecnológicos e sociais. Ao mesmo passo, André Lemos (2004) caracteriza o ciberespaço como um ambiente virtual e simbólico que se estabelece através das redes digitais, especialmente a internet, tornando-se um espaço de interação, comunicação e produção cultural que transcende as limitações geográficas e físicas do mundo real. É neste ambiente que se desenvolve a *cibercultura*, definida por Lemos (2003) como a cultura contemporânea moldada pelas tecnologias digitais e pela internet. O autor enfatiza que a cibercultura não é apenas uma questão de tecnologia, mas também de como as pessoas interagem e se relacionam com essa tecnologia (Lemos, 2003). O conceito é ainda usado de várias maneiras, muitas vezes referindo-se a certos produtos e práticas culturais nascidos de tecnologias voltadas para a computação, mas também a subculturas específicas que defendem hobbies, arte e linguagem relacionados a dispositivos eletrônicos e internet (Stevenson, 2013).

A cibercultura auxilia no rompimento de fronteiras e barreiras, não apenas entre nações, mas também entre grupos e sujeitos separados pelo espaço físico ou por condições políticas e sociais. Como resultado, a internet promove uma rede de relações mais complexa do que jamais existiu no mundo físico. Quando se trata da expansão do ciberespaço, Lévy (2000) traz três princípios básicos: interconexão, criação de comunidades virtuais e inteligência coletiva. A primeira é fundamental no espaço virtual, significa a conexão social por intermédio da rede, independente de tempo e espaço, as informações são enviadas e recebidas, o que traz o diálogo à interação social. Já uma comunidade virtual “é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca” (Lévy, 2000, p. 127), ou seja, são círculos sociais online nos quais sujeitos podem encontrar semelhantes e trocar conhecimento, podendo receber de duas até milhares de pessoas que podem discutir sobre um ou diversos assunto em um mesmo ambiente. Por fim, a inteligência coletiva é o propósito final

do ciberespaço, pois é o conhecimento compartilhado, que deixa de ser posse individual e passa a ser um bem coletivo com uma diversidade muito maior do que aquela com a qual se iniciou, pois esteve, e ainda está, sujeita a colaboração de diversas fontes, Lévy (1998) a define como “uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências” (Lévy, 1998, p. 28).

6.1 Ciberativismo

Com a cibercultura, em um modo de adaptar-se à nova era da comunicação, grupos contrapúblicos passaram a compreender e usar a forma do ciberespaço para manifestar suas ideias e validar suas identidades. Segundo Manuel Castells (2013), “a tecnologia e a morfologia dessas redes de comunicação dão força ao processo de mobilização e, assim, de mudança social, ao mesmo tempo como processo e como resultado” (Castells, 2013, p. 158). O autor também expõe as grandes mudanças que têm acontecido nos últimos anos quando se trata de comunicação, resultando no que ele denominou “autocomunicação de massa, baseada em redes horizontais de comunicação multidirecional, interativa, na internet” (Castells, 2013, p. 158). Tendo em vista esta nova estrutura na qual os movimentos sociais do século XXI estão inseridos e, “embora os movimentos tenham em geral sua base no espaço urbano, mediante ocupação e manifestações da rua, sua existência contínua tem lugar no espaço livre da internet” (Castells, 2013, 160). Ideia que vai de acordo com Góes (2007), pois

(...) na web, os movimentos sociais têm voz através da mídia alternativa. Com a crença de que os meios de comunicação tradicionais e hegemônicos contribuem para o recrudescimento dos problemas sociais causados pela globalização, difundindo e defendendo as ideias neoliberais e o discurso da inevitabilidade do fenômeno, várias formas de mídia alternativa surgiram no ciberespaço [...]. Assim, os movimentos sociais se articulam, apesar de suas diversidades e dispersão pelo planeta, com o objetivo comum de lutar ou defender valores considerados universais, como os direitos humanos e a justiça social (Goés, 2007, p. 7).

O ciberativismo, ou ativismo digital, consiste na realização de ações políticas não convencionais na Internet e nas mídias sociais (Fernández-Prados, 2012) — tais ações são entendidas como uma série de comportamentos muito amplos que não correspondem às normas e aos costumes definidos em um determinado regime e entre as expressões mais relevantes de ativismos estariam *sit-ins*, bloqueios,

comícios e desobediência civil (Fernández-Prados; Rojas-Tejada, 2003). Com a incorporação da Internet, os ativistas expandem suas atividades tradicionais e desenvolvem novas abordagens com a utilização da rede pelos contrapúblicos para difundir informações e reivindicações sem intermediários, a fim de buscar apoio e mobilização para suas causas (Vegh, 2003). O ciberativismo é um método que utiliza serviços de comunicação em rede — tais como e-mail, blogs, sites de rede sociais, etc. — para difundir uma causa, divulgando informações rapidamente e que não estão disponíveis nas fontes normais de notícias comerciais e do governo. O ativismo digital pode ajudar a promover um produto, empresa, pessoa ou causa, da forma como está sendo com a comunidade assexual. A utilização da Internet para difundir conceitos e pensamentos permite uma maior acessibilidade, dando acesso a qualquer pessoa que tenha acesso ao ciberespaço uma chance de tornar-se ativa em uma causa ou ter conhecido dela. Para André Lemos (2004),

(...) essa revolução digital implica, progressivamente, a passagem do mass media (cujos símbolos são a TV, o rádio, a imprensa e o cinema) para formas individualizadas de produção, difusão e estoque de informação. Aqui a circulação de informações não obedece à hierarquia da árvore (um-todos), e sim à multiplicidade do rizoma (todos-todos) (Lemos, 2004, p. 68).

Na era da informação, ciberativistas criam um novo espaço no movimento de grupos contrapúblicos, enquanto a tecnologia permite que muitos que antes eram marginalizados ou esquecidos tivessem um espaço para suas vozes. “É uma arena complementar de mobilização e politização, somando-se a assembleias, passeatas, atos públicos e panfletos” (Moraes, 2001, p. 3). Ainda que tenha ganhado força com a Web 2.0 (O’Reilly 2005), o ciberativismo sempre esteve presente desde a criação da internet e a área de estudo e pesquisa sobre o ativismo digital evoluiu nas últimas duas décadas. Uma das primeiras redes sociais online, o Myspace, foi um sucesso notável entre os jovens norte-americanos em meados da primeira década do século XXI, pois eles a consideravam essencial para serem "descolados", tornando-se um espaço relevante e de ampla divulgação onde podiam se socializar, aceitar-se socialmente e expressar sua identidade como jovens (Snyder; Carpenter; Slauson, 2007). Apesar dos riscos que pairavam sobre essa incipiente geração digital, é possível relacionar a presença online a uma força libertadora para os jovens, ou seja, a tecnologia era uma oportunidade de criar uma geração mais aberta, democrática, cívica e engajada (Choi, 2016). Assim, pode-se compreender que a geração digital está agregando novos espaços para manifestações democráticas a

partir de redes sociais online como Facebook, Twitter e YouTube no início da segunda década deste século e, mais recentemente, o Instagram, canais estes que estão sendo usados de maneiras alternativas, imaginativas, políticas e educacionais para pessoas se envolverem civicamente online. A expansão do ciberespaço e a facilidade de acesso à rede online faz com que o ambiente de diálogo entre as pessoas se torne cada vez maior e mais organizado.

O ciberativismo contemporâneo tornou-se mais visível com os movimentos Occupy Wall Street³⁷, Black Lives Matter³⁸ e os movimentos sobre mudança climática desde 2014 e 2015 em escolas de ensino médio e campi universitários, surgindo do ativismo de base, expandindo o conceito de juventude para adolescentes, fortalecendo-se contra opressões interseccionais, unindo jovens negros, mulheres, de baixa renda e LGBTQIAP+ (Mundt; Ross; Burnett, 2018). Do ponto de vista educacional, a existência desses ciberativistas pode ser extremamente útil para analisar o potencial positivo da Internet e das redes sociais online e não apenas concentrar a atenção e o estudo dos riscos e perigos (Cuenca-Piqueras; Fernández-Prados; González-Moreno, 2020). Dessa forma, a educação para uma cidadania digital crítica e ativa, seu estudo e pesquisa, sua prática e intervenção educacional podem fazer uso dos modelos e referências fornecidos por esses ativistas digitais. Além das razões pedagógicas, deve-se levar em conta as identidades e os valores construídos, compartilhados e favorecidos entre pares e pessoas da mesma e de diferentes gerações (Rojas-Tejada; Fernández-Prados, 2000).

Seguidamente, novas aplicações de mídia, como sites e aplicativos de redes sociais online, são entendidas como evoluções importantes para pessoas LGBTQIAP+. Essas tecnologias de mídia e comunicação permitem a transgressão de lugares da vida cotidiana e a conexão com outras pessoas LGBTQIAP+. Além

³⁷ O Occupy Wall Street (Ocupe Wall Street) foi um movimento de protesto que começou em setembro de 2011, quando manifestantes acamparam no Zuccotti Park, perto de Wall Street, em Nova York. O movimento surgiu em resposta à desigualdade econômica, à influência excessiva das grandes corporações e aos resgates financeiros após a crise de 2008. Os manifestantes pediam uma maior igualdade econômica, o fim da corrupção política e a responsabilização das instituições financeiras. O movimento se espalhou por todo os Estados Unidos e em outras partes do mundo, inspirando protestos similares.

³⁸ O Black Lives Matter (Vidas Negras Importam) é um movimento social que surgiu em 2013, após o assassinato de Trayvon Martin, um jovem negro nos Estados Unidos. O movimento ganhou destaque significativo em 2014, após o assassinato de Michael Brown em Ferguson, Missouri, e se espalhou rapidamente por todo o país. O Black Lives Matter se concentra em protestar contra a brutalidade policial, a discriminação racial sistêmica e a desigualdade racial. Ele busca justiça para as vítimas de violência policial e promove a conscientização sobre as questões que afetam as comunidades negras.

disso, serviços de mídia social online também podem ser usados para o ativismo acima comentado, com o compartilhamento público de vídeos ou interações em fóruns, o que oportuniza uma crescente de narrativas auto-reflexivas em plataformas de mídia digital. O surgimento de sites populares, como a AVEN, assim como o de grupos em mídias sociais direcionadas ao público assexual trouxeram maiores oportunidades para as pessoas transgredirem seus espaços da vida cotidiana, encontrando apoio para encontrar e aprender sobre aspectos de identidade assexual e seu espaço na comunidade LGBTQIAP+.

Atualmente, ainda que a manipulação de perfil seja possível, a internet está longe de ser um grande espaço anônimo, de forma que a centralização em lugares específicos seja de grande importância, pois são apropriados em larga escala e acessados diariamente conectando pessoas a amigos, clubes e assim por diante. Portanto, descobrir-se assexual em tempos de uma cultura cibernética não apenas adiciona oportunidades, mas também complexidades. Essas complexidades não se limitam apenas ao aspecto tecnológico, embora sejam mais evidentes em um ambiente público online. Elas também abrangem o aspecto cultural, pois dizem respeito à construção da assexualidade como uma orientação sexual, um traço de identidade e/ou uma comunidade. Essa construção adquire significado especialmente na vida das pessoas LGBTQIAP+ que desafiam as normas heteronormativas, ao serem ativas nas mídias sociais populares e ao compartilharem suas histórias utilizando as ferramentas de mídia, como texto, fotos e vídeos oferecidos pelo novo contexto tecnológico. O objeto que estamos pensando no presente trabalho, independente de sua natureza ou razão, possui conexão com o modo de ser em rede e é próprio de uma cultura do ciberespaço. Dessa forma, pensamos o tempo em que a cibercultura possibilita novos ambientes para os contrapúblicos, o que se dá a partir de uma certa conjunção de sociedade. A partir deste ponto temos uma nova forma de relação social sendo concretizada, que está ligada com o rompimento de dogmas, como é o caso do contrapúblico que estamos estudando, a comunidade assexual.

6.2 Cibercultura e Assexualidade

Até o desenvolvimento da internet, eram poucos os espaços que pessoas assexuais podiam se conectar, compartilhar suas experiências e interagir com outros

assexuais. No início e meados dos anos 90, pessoas publicavam ocasionalmente em grupos de notícias relacionados à sexualidade, expressando sua identificação com assexualidade ou sua falta de atração sexual, mas as funções de pesquisa não eram suficientemente eficazes, dificultando a localização de pessoas com experiências semelhantes. Além disso, vocabulário e definições comuns para discutir a assexualidade ainda não haviam se desenvolvido, portanto, uma variedade de palavras, incluindo anti-sexualidade, celibato e não-sexualidade, estavam sendo usadas para descrever a identidade assexual (Jay, 2003). A seção de comentários de um artigo Zoe O'Reilly (1997), publicado pela *StarNet Dispatches*, é considerada a primeira comunidade assexual online. No artigo, a autora descreve, com ironia, que "no que diz respeito ao resto do mundo, organismos assexuais com mais de uma célula não existem"³⁹ (O'Reilly 1997, tradução nossa), demonstrando frustração quanto a falta de validação. Foi a partir desse artigo que David Jay, em 2001, descobriu a assexualidade para além de uma definição puramente biológica e, diante da realidade que tal orientação era quase completamente desconhecida — não apenas para o rapaz, mas para a maior parte do mundo — criou uma comunidade assexual, a AVEN, para poder obter apoio, compartilhar informação e buscar validação.

Enquanto Jay criava o que viria a ser a maior comunidade assexual online, outros espaços virtuais estavam em desenvolvimento, como o Haven for the Human Amoeba (HHA), um grupo fundado na rede social online Yahoo. O grupo foi estruturado como uma lista de emails e, logo, havia membros regulares suficientes para que a atividade aumentasse para várias mensagens todos os dias. Foi nessa época que um membro do grupo entrou em contato com David Jay, que já havia criado a AVEN — na época, era apenas uma página que dava uma definição de assexualidade e solicitava e-mail daqueles que se identificaram com a definição —, e ele se juntou à discussão da HHA (Alcaire, 2020). Vários membros criaram seus próprios sites como parte do *webring*⁴⁰ que se formava e à medida que a associação e a atividade no HHA aumentou, houve uma demanda por outras redes sociais online com uma melhor estrutura e vários sites surgiram com diferentes ideologias e

³⁹ No original: "As far as the rest of the world is concerned, asexual organisms with more than one cell don't exist" (O'Reilly, 1997).

⁴⁰ Um *webring* é um conjunto de sites vinculados em uma estrutura de rede e geralmente organizados em torno de um tema específico, geralmente educacional ou social. Eles eram populares nos anos 90 e início dos anos 2000, principalmente entre sites amadores.

definições de assexualidade. A AVEN, então, foi reconstruída na esperança de se tornar uma opção mais inclusiva, baseada na neutralidade sexual e na crença de que qualquer pessoa que se identifique como assexual seja validada, independentemente do desejo sexual ou de outros fatores.

A Rede de Visibilidade e Educação Assexual, ou AVEN (Asexuality Visibility and Education Network), começou pequena, mas rapidamente se expandiu, criando o que se tornaria uma grande comunidade online, de forma que iniciou uma conversa sobre a assexualidade e suas inferências para pessoas no resto do mundo, e tornou-se referência para o debate e estudo da orientação. No site da organização, existem fóruns dedicados a todos os assuntos referentes à comunidade assexual e estes são povoados não só por pessoas que se identificam como assexuais, mas também por parceiros, amigos e familiares que desejam aprender e oferecer suporte. Como uma identidade sexual enunciada há relativamente pouco tempo e que, em grande parte, tem sido invisível em grande parte das organizações das minorias sexuais, a assexualidade tem utilizado meios online de organização e expressão ativista. Sites de redes sociais online, como o Tumblr, YouTube e Instagram, tem sido instrumentais na formação de contrapúblicos assexuais, possibilitando tanto uma chance de elaborar ideias relacionadas à identidade, à comunidade e aos relacionamentos quanto uma oportunidade de desenvolver táticas para afirmar ou adaptar identidades para que os pessoas assexuais possam configurar a si mesmas em relacionamentos, comunidades e sociedade. Embora a reunião física entre assexuais esteja se tornando mais comum devido a criação de conferências e grupos de encontro presenciais, a comunidade assexual tornou-se assim por causa da Internet.

A criação da AVEN marca um momento histórico para a assexualidade porque fornece a linguagem para pensar na assexualidade como uma orientação e identidade sexual, baseando-se no vocabulário dos modelos de orientação sexual. Ao usar a linguagem que distingue os diferentes tipos de atração, a assexualidade ganha visibilidade ao lado de outras orientações sexuais que, da mesma forma, não se enquadram na unificação entre sexualidade e romance (Scherrer, 2008). Nesse sentido, ao articular a ausência de desejo por sexo e a ausência de atração sexual, as vozes assexuais demonstram que a assexualidade é pensável dentro do regime moderno de sexualidade. Essa articulação da assexualidade em linhas de atração sexual é um movimento político importante em termos de visibilidade e educação,

pois permite que a assexualidade seja mapeada em entendimentos já existentes de como as identidades e orientações sexuais operam dentro de entendimentos comuns de sexualidade.

Mary Bernstein (2003), em sua análise dos modos de ativismo usados pelos movimentos de lésbicas e gays nas décadas de 1960-1970 e 1980, comenta sobre a interação entre os vários tipos de objetivos priorizados por um movimento social, que incluem mudanças políticas, mas também culturais, mobilização e impacto discursivo na opinião pública. Um movimento pode não ser bem-sucedido na mudança direta de uma situação política ou legal, mas, ao mesmo tempo, pode conseguir mudar a compreensão pública da minoria em questão e, assim, introduzir uma mudança cultural significativa (Bernstein, 2003). Essa abordagem é útil para pensarmos sobre a assexualidade devido às metas por vezes vistas como brandas do movimento. Ou seja, os objetivos centrados em minar as suposições e os discursos acefóbicos e desafiar a sexualidade compulsória, podem ser mais bem alcançadas por meio da promoção da visibilidade e da educação, sem necessariamente haver uma demanda por mudanças legais. Ao mesmo tempo, a assexualidade tem o potencial de inspirar modificações específicas na prática jurídica e médica que afetam não apenas os assexuais, mas todos, como visto no excerto sobre o envolvimento da orientação com a psicologia.

Espaços online, como a AVEN, são de grande importância para o ativismo assexual, pois, embora este inclua tanto a organização virtuais quanto a presencial, a existência e permanência online tem sido especialmente relevante para a identidade e a comunidade. A AVEN, por exemplo, cumpre diversos papéis no ativismo assexual, como nomear a orientação sexual e mobilizar sua definição, aumentar a visibilidade em torno da assexualidade, oferecer fóruns por meio dos quais pessoas assexuais e interessados na comunidade podem se conectar uns com os outros e reagir contra a compulsividade do sexo. De acordo com o censo assexual de 2020, que perguntou aos participantes onde eles consomem conteúdo sobre assexualidade, os três serviços online de conteúdo mais utilizados foram o YouTube (56,5%), os fóruns da AVEN em inglês (48,7%) e o Instagram (45,6%) (Hermann *et al.*, 2022). Embora os níveis de atividade em 2020 para o YouTube e a AVEN em inglês sejam semelhantes aos registrados em 2019, o Instagram se tornou muito mais popular, em comparação com 24,8% dos participantes em 2019 (Weis *et al.*, 2021) para o consumo de conteúdo assexual, enquanto o Tumblr perdeu

popularidade, já que 62,4% dos participantes utilizavam a rede social online em 2019 e apenas 44,6% dos entrevistados o faziam em 2020.

Joseph De Lappe (2018) refere-se ao ativismo assexual como um movimento social facilitado pela Internet e em seu trabalho ele investiga a emergência do ativismo assexual como um movimento social sexual e de gênero. Como a assexualidade era, até recentemente, uma orientação sexual pouco identificada, a Internet proporcionou uma maneira de as pessoas assexuais se encontrarem e compartilharem suas experiências para se organizarem em prol da inclusão e do reconhecimento assexuais e em resposta à sexualidade compulsória. Da mesma forma, vale a pena ressaltar que a organização assexual online não é monolítica. Como vimos com Gupta (2017) e Dawson, Scott e McDonnell (2018), existe uma pluralidade de vivências assexuais e não há um modelo único como essas realidades são experimentadas. Cerankowski e Milks (2010) comentam que as experiências, identidades e expressões assexuais são mais bem compreendidas no plural, como "assexualidades". Por exemplo, o guarda-chuva da assexualidade pode abranger sujeitos românticos e arromânticos, greyssexuais e demissexuais (Decker, 2015). Esse vocabulário aponta para a insuficiência das de linguagem e visibilidade de formações de relacionamento baseadas no sexo que falham em descrever as experiências das pessoas assexuais. Uma compreensão plural da assexualidade também permite por luz em identidades interseccionais dentro da comunidade, relacionando a orientação com gênero, racialização, localização geográfica, afiliações religiosas e políticas. A organização assexual online, por fim, é uma forma de ativismo que funciona para criar identidade, visibilidade, comunidade e resistência em contextos de sexualidade compulsória.

6.3 Plataformas digitais como espaço para contrapúblicos

A existência de esferas públicas, onde as pessoas podem se reunir para discutir assuntos de interesse comum, independentemente de sua posição social, tem sido há muito considerada como uma parte central das democracias que funcionam bem. Entretanto, desde o início dos anos 90, quando a Internet foi introduzida a um público mais amplo, as esferas públicas, como as conhecemos, passaram por uma tremenda transformação. Ao contrário de outros tipos de locais públicos, os espaços públicos online são altamente acessíveis. Através de um

enorme número de plataformas digitais, bilhões de pessoas interagem diariamente entre si para discutir assuntos de interesse comum, sem ter que lidar com *gatekeepers* tradicionais ou outros tipos de barreiras inerentes a espaços públicos *offline*.

Gillespie (2010) conceitua plataformas como sistemas tecnológicos e sociais que permite e molda a interação entre produtores e consumidores de conteúdo. Ele enfatiza que as plataformas digitais não são apenas infraestruturas neutras, mas sim estruturas sociais e políticas que moldam as práticas de comunicação e as relações de poder na sociedade contemporânea. Para Gillespie (2010), as plataformas são espaços de governança algorítmica, onde algoritmos e regras de moderação exercem influência significativa sobre a distribuição e visibilidade de informações. Esta noção vai ao encontro de Van Dijck (2013), que também descreve plataformas de mídia social como infraestruturas digitais que favorecem a comunicação e o compartilhamento de conteúdo entre usuários, mas sua definição é mais ampla e contextualizada historicamente. A autora destaca que essas plataformas não são apenas ferramentas neutras, mas também espaços culturais e econômicos que moldam e são moldados pelas práticas sociais dos usuários. Além disso, Van Dijck (2013) argumenta que as plataformas de mídia social têm uma arquitetura específica que influencia como os usuários interagem e se engajam com o conteúdo, discutindo a importância dos algoritmos, das interfaces de usuário e das políticas de moderação na maneira como as informações são distribuídas e consumidas dentro desses ambientes digitais.

Essas definições refletem as abordagens distintas dos autores em relação às plataformas digitais, com Gillespie (2010) focando mais nas dimensões políticas e algorítmicas, enquanto Van Dijck (2013) destaca a importância cultural e histórica desses ambientes digitais. Ao mesmo passo, ambos os autores adotam uma abordagem crítica em relação às plataformas digitais, questionando seu papel na sociedade contemporânea e destacando preocupações sobre poder, controle, privacidade e manipulação algorítmica. Eles também reconhecem a importância da dimensão social e cultural das plataformas digitais, destacando como esses ambientes influenciam as interações humanas, as práticas comunicativas, as identidades digitais e as relações sociais. Por fim, tanto Gillespie (2010) quanto Van Dijck (2013) estão preocupados com as implicações políticas e democráticas das plataformas digitais, examinando como esses espaços influenciam o discurso

público, a formação de opinião e os processos políticos. É neste contexto que se está empregando o conceito de *contrapúblico* explorado no capítulo anterior, a partir do qual é possível uma compreensão da esfera pública não como uma entidade única, mas como uma multidão de públicos diversos que interagem e competem entre si, dos quais alguns são dominantes e outros estão subordinados. Em relação a outros tipos de públicos, os contrapúblicos denotam um tipo particular de espaço discursivo, que emerge em resposta às diversas exclusões por parte de públicos dominantes com o objetivo de visar e influenciar os mesmos. Assim, o conceito de contrapúblicos permite uma análise de como discursos e narrativas contra-hegemônicas encontram solo fértil na internet, principalmente por meio das redes sociais online.

Um pré-requisito importante para o surgimento de contrapúblicos, como visto previamente, é a existência de espaços públicos alternativos que ofereçam a possibilidade de grupos que são marginalizados nos espaços *mainstream* se reunirem e formularem seus interesses e necessidades. As possibilidades menos dispendiosas e menos demoradas para organizar e participar do ativismo político são as redes sociais online, já que a falta de barreiras formais podem proporcionar tal espaço para discussões públicas mais igualitárias (Castells, 2013). Compreende-se que a existência de espaços públicos mais inclusivos permite que grupos historicamente marginalizados desenvolvam suas próprias narrativas e contestem significados e práticas dominantes. Os públicos dominantes são entendidos como discursos públicos formados por grupos sociais predominantes na esfera pública oficial devido a suas posições privilegiadas — por exemplo, homens cisgêneros, brancos, heterossexuais e de classe média. Os grupos dominantes têm historicamente se beneficiado de uma maior inclusão formal e informal nas esferas públicas oficiais, a fim de formular e defender seus interesses. Em contraste, os contrapúblicos atuam em duas instâncias:

1. Objetivos orientados para o interior, mais importante ainda, a invenção, elaboração e formulação de identidades, interesses e necessidades alternativas, que se pode esperar que sejam tipicamente perseguidos em espaços de comunicação seguros e isolados.
2. Objetivos orientados para o exterior, o mais crucial é a quebra e mudança das estruturas de consenso dentro dos públicos dominantes, envolvendo

públicos mais amplos e visando públicos dominantes com "contrapublicidade".⁴¹ ⁴² (Toepfl; Piwoni, 2018, p. 2014, tradução nossa).

Ou seja, espaços públicos alternativos, ou até mesmo zonas em espaços públicos *mainstream*, podem apresentar uma oportunidade crucial para que grupos historicamente marginalizados se organizem e ganhem pontos de influência social, de forma que possam contestar as estruturas predominantes existentes. O uso do mundo virtual e a exposição a pontos de vista alternativos resulta, dessa forma, em uma esfera pública mais rica. A Internet proporciona espaços para o público LGBTQIAP+ discutir e dissecar acontecimentos, bem como debater questões que envolvem a comunidade. Nesse contexto, vamos ao encontro de Dahlberg (2007) que propõe que a Internet disponibiliza o espaço para que grupos marginalizados estabeleçam um contrapúblico, lugar este que “entra em ação sempre que as pessoas se envolvem em discussões sobre reivindicações de validade problematizada”⁴³ (Dahlberg, 2007, p. 49, tradução nossa). A diversidade de espaços públicos que são cruciais para o desenvolvimento dos contrapúblicos e esta têm variado ao longo do tempo. Nos séculos XVIII e XIX, a circulação de panfletos, revistas e jornais, materiais estes lidos e discutidos em cafés e salões, constituíram importante desenvolvimento das esferas pública e contrapública. Mais tarde, estes foram substituídos pela mídia de massa, bem como meios públicos alternativos, como revistas, livrarias, editoras e outros como citados por Fraser (1990) e Felski (1989). Mesmo que os contrapúblicos possam emergir em vários tipos de espaços públicos, sendo eles tomados por um público dominante ou não, a existência de espaços alternativos são mais inclusivos.

⁴¹ No original: 1. Inward-oriented goals, most importantly, the invention, elaboration, and formulation of alternative identities, interests, and needs, which can be expected to be typically pursued in safe, secluded communicative spaces.

2. Outward-oriented goals, most crucially, the breaking up and shifting of consensus structures within dominant publics by engaging with wider audiences and targeting dominant publics with “counterpublicity” (Toepfl; Piwoni, 2018, p. 2014).

⁴² A contrapublicidade, conceituada por Robert Asen (2000), refere-se aos esforços de grupos sociais marginalizados para participar do discurso público e desafiar ideologias, normas ou estruturas de poder dominantes. Esse conceito destaca a importância da inclusão e da diversidade no discurso público, reconhecendo que diferentes grupos podem ter percepções e preocupações exclusivas que precisam ser reconhecidas e abordadas. A interação do discurso do contrapúblico com audiências mais vastas representa a contrapublicidade, que é uma atividade comparável à “entrar em público”.

⁴³ No original: “comes into existence whenever people engage in argumentation over problematized validity claims” (Dahlberg, 2007, p. 49).

O advento da Web 2.0⁴⁴ no início dos anos 2000 é particularmente importante para fornecer a infraestrutura para um novo tipo de espaço público, estes online, que poderiam oferecer espaços para que grupos marginalizados se reúnam e formulem seus interesses e necessidades. Desde o humilde começo da internet como um punhado de máquinas interligadas nos anos 60 até sua ampla distribuição nos anos 90, ninguém poderia prever o que ela cresceu — uma rede pública aberta a todos que têm acesso a uma tela com conexão à web. Ou seja, a internet iniciou sendo consumida por alguns poucos profissionais especializados e se desenvolveu para até ser um ambiente digital bastante fácil para qualquer pessoa produzir e compartilhar seu próprio conteúdo, bem como interagir com outros usuários de uma forma sem precedentes (Van Dijck, 2013). As plataformas digitais tornaram-se um espaço real tanto quanto uma praça, uma cafeteria ou um sofá em sua sala de estar. As pessoas têm integrado ativamente suas vidas com seus feitos digitais ao ponto de se tornarem seres digitais.

Hoje, muitos dos serviços online que vieram com a Web 2.0, tais como redes sociais online, blogs, fóruns online, sites, etc., podem ser considerados espaços públicos alternativos atenuantes para a emergência de novos contrapúblicos e manutenção dos já existentes.

Em particular, a mídia digital é vista como facilitador para vozes excluídas dos discursos dominantes para que façam três coisas inter-relacionadas com respeito à política democrática: formar contrapúblicos e contradiscursos; estabelecer uma ligação com outras vozes excluídas no desenvolvimento de contradiscursos representativos e estrategicamente eficazes; e, posteriormente, contestar as fronteiras discursivas da esfera pública dominante⁴⁵ (Dahlberg, 2011, p. 861, tradução nossa).

Devido à forma como tais espaços públicos online oferecem novas possibilidades de entrar e participar de debates públicos, estes estão aumentando tanto a inclusão formal, ao oferecer novas redes sociais online e *software* para produzir e compartilhar conteúdo, quanto a inclusão informal, pois diminuem as barreiras e custos para as pessoas entrarem, expressarem suas opiniões e interagirem nas esferas públicas. Em comparação com o início dos anos 90, grande

⁴⁴ A expressão “web 2.0” se popularizou em 2004 com a empresa americana O’Reilly Media e se refere a sites que enfatizam conteúdo gerado pelo usuário, facilidade de uso e cultura participativa (O’Reilly, 2005)

⁴⁵ No original: In particular, digital media is seen as enabling voices excluded from dominant discourses to do three interrelated things with respect to democratic politics: to form counter-publics and counter-discourses; to link up with other excluded voices in developing representative, strategically effective counter-discourses; and subsequently to contest the discursive boundaries of the mainstream public sphere (Dahlberg, 2011, p. 861).

parte das atividades dos contrapúblicos se deslocou para ambientes online, onde atualmente possuem forte atuação. Isso se deve, sobretudo, à oferta da Internet de “meios relativamente baratos de divulgar a contrapublicidade e de fazer contatos e alianças entre grupos geograficamente dispersos”⁴⁶ (Downey, 2007, p. 117-118, tradução nossa).

A recente ascensão dos contrapúblicos online através das tecnologias de mídia digital pode, além disso, ser entendida à luz da natureza da mobilização política online, que tende a ser organizada através de ações de comunicação mais espontâneas, de conexões menos estritas e mais rápida, em comparação com a organização mais formal dos movimentos sociais tradicionais. Se antes o problema inicial da ação coletiva era fazer o sujeito contribuir para um grande grupo, hoje este movimento acontece em um compartilhamento automotivado, no qual a pessoa expõe nas redes sociais online ideias, planos e opiniões já internalizados. Por meio da lógica das mídias online, essa ação pode se expandir rapidamente, permitindo uma comunicação para além da pessoal e atingindo um patamar social.

As redes de comunicação personalizada, capacitadas pela tecnologia, envolvem mais do que apenas a troca de informações ou mensagens. A natureza flexível e recombinante do DNA (*digitally networked action*) torna essas esferas da web e suas extensões offline mais do que apenas sistemas de comunicação. Tais redes são organizações flexíveis em si mesmas, muitas vezes permitindo ajustes coordenados e ações rápidas com o objetivo de muitas vezes mudar alvos políticos, mesmo atravessando fronteiras geográficas e temporais no processo⁴⁷ (Bennet; Segerberg, 2012, p. 753, tradução nossa).

Em paralelo, Van Dijck (2013), evocando Latour (2012), argumenta que “uma plataforma é um *mediador* em vez de um intermediário: ela molda a realização de atos sociais em vez de meramente facilitá-los”⁴⁸ (Van Dijck, 2013, p. 29, tradução nossa). Nesse sentido, retoma-se a compreensão de que as plataformas digitais, bem como as políticas que regem seu uso, moldam as condições de como o público poderá utilizá-las — normalmente destacando as ideias de ‘liberdade’ e ‘identidade’, assim, dando espaço para o surgimento de contrapúblicos. As plataformas digitais,

⁴⁶ No original: “relatively low-cost means of disseminating counter-publicity and of making contacts and alliances between geographically dispersed groups” (Downey, 2007, p. 117-118).

⁴⁷ No original: Technology-enabled networks of personalized communication involve more than just exchanging information or messages. The flexible, recombinant nature of DNA makes these web spheres and their offline extensions more than just communication systems. Such networks are flexible organizations in themselves, often enabling coordinated adjustments and rapid action aimed at often shifting political targets, even crossing geographic and temporal boundaries in the process (Bennet; Segerberg, 2012, p. 753).

⁴⁸ No original: “a platform is a mediator rather than an intermediary: it shapes the performance of social acts instead of merely facilitating them” (Van Dijk, 2013, p. 29).

portanto, estão longe de serem artefatos neutros que às vezes são retratados como, até pelos próprios provedores desses espaços. Em vez disso, as plataformas digitais podem ser entendidas como construídas para determinados fins, ainda que com consequências que talvez não sejam intencionais. Os contrapúblicos online, nesse contexto, são públicos não-dominantes que surgiram principalmente através das possibilidades de espaços públicos online.

7 PERCURSO METODOLÓGICO

A presente seção metodológica apresenta a estrutura e abordagem adotadas para a realização deste estudo, que tem como objetivo explorar a dinâmica de publicações sobre assexualidade no contexto do Instagram. A pesquisa em questão é uma pesquisa qualitativa, iniciada com uma pesquisa bibliográfica, e utiliza o método análise de conteúdo de dados coletados por meio de processo sistematizado, a fim de proporcionar compreensão de práticas comunicativas e expressivas dos perfis nesse ambiente digital. A escolha de uma abordagem qualitativa fundamenta-se na necessidade de explorar as complexidades e nuances das interações no Instagram, permitindo uma compreensão mais profunda dos significados subjacentes às ações dos perfis.

A coleta de dados foi realizada por meio de uma combinação de técnicas, incluindo o registro sistemático de conteúdo encontrado na rede social online. Essa abordagem permitiu a captura de diferentes perspectivas de perfis do Instagram, revelando suas motivações, comportamentos e percepções em relação às exposições na rede social online. A análise de conteúdo, a partir de Bardin (2011), será empregada para examinar minuciosamente o material coletado, identificando padrões, temas recorrentes e tendências emergentes nas publicações e comentários no Instagram. Esse método de análise possibilitará a categorização e interpretação dos dados de forma aprofundada, permitindo a descoberta de percepções significativas sobre como os perfis se expõem, comunicam e constroem significados por meio de imagens, textos e interações na plataforma digital. Este segmento apresenta, portanto, os processos metodológicos e as etapas que estão sendo seguidas ao longo deste estudo, destacando a importância da abordagem qualitativa, da análise de conteúdo e da coleta de dados como pilares fundamentais para a investigação das interações sociais no Instagram.

7.1 Pesquisa qualitativa

Enquanto a metodologia quantitativa é baseada em métodos numéricos, a qualitativa é usada para entender as crenças, experiências, atitudes, comportamentos e interações dos e entre os sujeitos, gerando dados não apenas estatísticos. A integração da pesquisa qualitativa em desdobramentos sociais é uma estratégia reconhecida por sua capacidade de adicionar uma nova dimensão aos

estudos que não podem ser obtidos por meio da medição de variáveis sozinhas. Dessa forma, concorda-se com Moresi (2003), para quem a pesquisa qualitativa

(...) considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem (Moresi, 2003, p. 8-9).

Portanto, o método qualitativo é principalmente exploratório. Ele é usado para obter uma compreensão das razões, opiniões e motivações subjacentes, fornecendo discernimento sobre o problema ou ajudando a desenvolver ideias ou hipóteses para um resultado potencial. Além de ser usada para revelar tendências de pensamento e opiniões e aprofundar o problema, a pesquisa qualitativa também trabalha com intensidade, sendo esta “própria de fenômenos *complexos* que mesclam seus componentes de modos ordenados e desordenados. São complexos não só porque estão dotados de componentes múltiplos, mas sobretudo porque são *ambíguos*” (Demo, 2012, p. 16, grifos do autor). Neste sentido, a complexidade é uma entidade abrangente, caracterizada por interações contrastantes cuja atividade gera consequências que vão além de sua origem.

Dessa forma, há a necessidade de trabalhar com a construção social e sua subjetividade na intenção de compreender a cultura e as pessoas que a compõem. Para chegar em uma compreensão além da crença comum, Demo (2012) elenca três fases de análise: sócio-histórica, na qual há a busca do que foi construído social e historicamente; formal ou discursiva, momento de averiguar padrões na forma do objeto; e, por fim, a interpretação/reinterpretação, fase na qual a análise de fato se concretiza após a preparação ocorrida nas anteriores. Dos três patamares, o primeiro é alcançado por meio da base teórica utilizada nesta pesquisa, o segundo está sendo construído na metodologia e é concretizado a partir da seleção dos excertos a serem analisados e o terceiro será atingido na parte final do estudo.

A pesquisa qualitativa no contexto das redes sociais online envolve uma abordagem a fim de compreender as interações, comportamentos e significados dos usuários dentro das plataformas de mídia social (Quan-Haase; Sloan, 2022). O método se concentra em capturar as complexidades e nuances das experiências das pessoas em comunidade, permitindo uma compreensão mais rica e

contextualizada do fenômeno em estudo. No atual trabalho, utilizando o Instagram como plataforma digital, a pesquisa qualitativa será conduzida por meio de Análise de Conteúdo visual e textual. A análise de conteúdo envolve a avaliação das postagens de perfis em *post* selecionados no Instagram, incluindo a identificação de temas, tendências e padrões nas legendas, *hashtags*, imagens e temas expostos nas postagens. Dada a natureza visual do Instagram, a análise de figura pode ser particularmente relevante, pois envolve a interpretação das imagens compartilhadas pelos perfis, considerando aspectos estéticos, símbolos, contextos e narrativas visuais. O reconhecimento da importância da integração entre análise visual e textual foi ressaltado como crucial para compreender os dados do Instagram (Highfield; Leaver, 2015), de forma que separar uma imagem de sua legenda, assim como a legenda da imagem, resulta em uma perda substancial de contexto. A pesquisa qualitativa no Instagram oferece a oportunidade de explorar as motivações subjacentes e os contextos sociais, permitindo análise de práticas sociais nessa plataforma digital. Isso pode levar a esclarecimentos sobre como as pessoas constroem identidades, relacionamentos e significados por meio das interações no Instagram.

7.2 Análise de conteúdo

A metodologia de análise de conteúdo de postagens no Instagram é uma abordagem sistemática e rigorosa para examinar detalhadamente as informações compartilhadas pelos usuários na plataforma digital (Laestadius; Witt, 2022). Essa técnica pode ser usada para compreender as tendências, temas, padrões e significados subjacentes presentes nas postagens e interações dos perfis. A análise de conteúdo, em si, é um método que pode ser usado qualitativa ou quantitativamente para analisar sistematicamente a documentação escrita, verbal ou visual (White; Marsh, 2006). Os principais temas emergem de excertos que, depois de selecionados, são classificados e codificados. De acordo com Oliveira *et al.* (2003), a análise de conteúdo é um:

[...] instrumento de análise interpretativa, é uma das técnicas de pesquisa mais antigas — os primórdios de sua utilização remontam a 1787 nos Estados Unidos, e sua emergência como método de estudo aconteceu nas décadas de 20 e 30 do século passado com o desenvolvimento das Ciências Sociais, quando a ciência clássica entrava em crise. Como se sabe, a atitude interpretativa faz parte do ser humano que deseja atingir o

conhecimento. Desde a hermenêutica, arte de interpretar os textos sagrados ou misteriosos, o homem praticava a interpretação como forma de colocar a sua observação sobre um dado fenômeno. (Oliveira *et al.*, 2003: p. 2).

Seguindo a perspectiva de Bardin (2011), a análise de conteúdo desempenha duas funções centrais: a exploração do conteúdo em busca de elementos inovadores e a estimulação da formulação de hipóteses que orientam a pesquisa. Além disso, ela também oferece um retorno ao campo ao apresentar de maneira rigorosa o conhecimento adquirido, em conformidade com os critérios científicos estabelecidos. Dessa forma, Bardin (2011) traz a análise de conteúdo como iniciativa de explicitação, sistematização e expressão do conteúdo da mensagem, com o objetivo de fazer deduções lógicas e justificadas sobre a origem dessas mensagens — quem as emitiu, em que contexto e/ou quais efeitos pretendiam causar por meio delas. Mais especificamente, a análise de conteúdo é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. (Bardin, 2011, p. 48).

A análise de conteúdo, conforme Bardin (2011), pode ser aplicada a diversos domínios, indo além da comunicação linguística e icônica. Ela abrange outros códigos semióticos, ou seja, "tudo o que não é linguístico e pode ser portador de significações" (Bardin, 2011, p. 40) — destaca-se, porém, que não se trata de um trabalho que se utilizará de semiótica. A análise de conteúdo pode, então, ser realizada em imagens e sons e a condução da análise de conteúdo pode ser feita de diferentes maneiras, não há uma regra a ser cumprida para chegar ao final do processo de análise, o pesquisador tem diferentes possibilidades de realizar a análise para responder ao seu objeto de pesquisa. Dadas as várias possibilidades de realizar a análise de conteúdo, optou-se por tomar como base a técnica dos passos propostos por Bardin (2011) para realizar a análise de conteúdo das publicações que serão selecionadas na plataforma do Instagram. As etapas da análise de conteúdo sob a perspectiva de Bardin (2011) apresentam as seguintes fases: pré-análise, exploração do material e processamento dos resultados.

A primeira etapa corresponde à organização do material coletado. A **pré-análise** tem como objetivo a organização dos dados, a escolha dos documentos que farão parte da análise dos dados, o desenvolvimento de indicadores, códigos que facilitem a análise. A fase de **exploração do material** é o momento em que o

pesquisador realiza a aplicação sistemática da análise técnica. Nessa etapa, é realizada a criação de códigos a partir da leitura das imagens e textos coletados, ou seja, a organização dos dados para posteriormente realizar a categorização. Segundo Bardin (2011), a categorização envolve uma conversão dos dados não processados do texto por meio de regras específicas, o que possibilita adquirir uma representação do conteúdo ou da sua manifestação. Isso tem o potencial de fornecer ao pesquisador percepções sobre as particularidades do texto e da imagem. A codificação, dessa forma, é a organização sistemática que é feita para classificar e categorizar posteriormente. Após a codificação, a próxima etapa é a categorização, que, de acordo com Bardin (2011), é:

[...] uma operação de classificação dos componentes de um conjunto de diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios pré-definidos. As categorias são rubricas ou classes, que reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse feito em razão das características comuns desses elementos (Bardin, 2011: p. 147).

Ainda na fase de exploração do material, após a codificação dos dados, é realizada a categorização, que se apresenta com um processo que permite que os códigos sejam agrupados ou segregados com o objetivo de consolidar um significado. Durante a etapa de **processamento dos resultados**, conforme Bardin (2011), os dados brutos são processados para adquirirem validade. Com resultados relevantes e confiáveis à sua disposição, o pesquisador pode formular inferências e interpretações, avançando no alcance dos objetivos estabelecidos ou explorando descobertas inesperadas que também possam surgir.

7.3 Seleção de perfis

A maioria dos estudos sobre o Instagram se concentra em “determinar o que os usuários do Instagram estão postando sobre um tópico que tenha implicações sociais mais amplas ou que esclarece um fenômeno que, de outra forma, poderia ser obscurecido”⁴⁹ (Laestadius; Witt, 2022, p. 584, tradução nossa). Para coletar e analisar dados do Instagram, há três métodos possíveis, sendo eles: coleta automatizada de dados do Instagram, coleta manual de dados do Instagram e envolvimento com os usuários do Instagram (Laestadius; Witt, 2022). Esta pesquisa

⁴⁹ No original: “determining what Instagram users are posting about a topic that either holds broader social implications or sheds light on a phenomenon that may otherwise be obscured” (Laestadius; Witt, 2022, p. 584)

usa a coleta manual de dados do Instagram, concordando com Kitchin e Lauriault (2015) que, enquanto uma grande amostra coletada por meio de abordagens automatizadas pode fornecer percepções sobre tendências amplas, amostras manuais menores podem ser melhor utilizadas para responder a perguntas de pesquisa específicas e permite "explorar em detalhes e em profundidade as formas variadas, contextuais, racionais e irracionais com as quais as pessoas interagem e dão sentido ao mundo, e como os processos funcionam"⁵⁰ (Kitchin; Lauriault, 2015, p. 466, tradução nossa). Dessa forma, foi pesquisado manualmente as contas e publicações do Instagram a partir das métricas de relevância determinadas pela plataforma digital.

A coleta de dados foi realizada por meio de um processo sistematizado, com o intuito de obter um conjunto de publicações que abordassem temáticas relacionadas à assexualidade. Foi realizada uma busca na plataforma Instagram por meio do perfil pessoal da pesquisadora deste estudo, no dia 02 de dezembro de 2023. A coleta foi realizada em um único dia para evitar qualquer viés no estudo e para garantir a abrangência e o registro de todos os resultados obtidos na pesquisa. Para isso, se iniciou com a utilização da função de busca do Instagram, na qual foi inserido o termo-chave *assexualidade* para encontrar as "Principais publicações"⁵¹ relacionadas aos temas por meio da utilização da *hashtag*. No momento da busca, foram encontrados 10.262 *posts*. A definição do termo-chave ocorreu devido à sua relevância para o escopo da pesquisa, considerando o público lusófono falante, sendo coletadas 100 publicações relevantes com a *hashtag* 'assexualidade'. Após a identificação dos perfis que compartilharam as publicações coletadas, estes foram filtrados com base na temática, frequência e tipo de perfil. O objetivo era a identificação de perfis visíveis ao público nos quais a última postagem tivesse ocorrido no mínimo um mês antes do momento da busca. Além disso, os perfis em questão deveriam permitir identificar um ou mais criadores de conteúdo, com ênfase

⁵⁰ No original: "to explore in detail and in-depth the varied, contextual, rational and irrational ways in which people interact and make sense of the world, and how processes work" (Kitchin; Lauriault, 2015, p. 466).

⁵¹ Nas páginas de *hashtags* do Instagram, a sequência das publicações que é visualizada é influenciada por diversos fatores. Esses elementos englobam o momento em que a postagem foi compartilhada, a forma como outras pessoas interagem com a postagem e se o conteúdo está em conformidade com as Diretrizes de Recomendação estabelecidas. Quando acessada a página de uma *hashtag*, é possível selecionar entre duas opções de filtragem: visualizar todas as postagens mais relevantes ou focar nas postagens mais relevantes compartilhadas recentemente. Para esta pesquisa foi selecionada a primeira opção.

em material original e um teor predominante relacionado à assexualidade. O resultado da primeira etapa de análise da *hashtag* 'assexualidade' revelou alguns desafios que comprometem a consistência e representatividade dos dados obtidos. A variação de conteúdo foi um dos principais obstáculos encontrados, pois os perfis que continham conteúdo sobre assexualidade apresentaram uma considerável diversidade em termos de temas abordados. Alguns deles se dedicam a aspectos educativos e de conscientização sobre gênero e sexualidade em geral, enquanto outros adotam um enfoque individual, compartilhando experiências próprias juntamente com conteúdos pessoais não relacionados à assexualidade. Ou seja, ainda que o tema da assexualidade seja discutido em português no Instagram, como o número de publicação com a *hashtag* 'assexualidade' indica, não foi possível encontrar perfis nos quais seja possível identificar um ou mais criadores de conteúdo e que tenham a orientação como foco. As diferentes perspectivas, enfoques e mensagens presentes nas publicações tornam complexa a tarefa de identificar tendências ou narrativas consistentes que pudessem ser exploradas em maior profundidade.

Diante desses desafios, decidiu-se repetir a filtragem, no dia 03 de dezembro de 2023, com o termo-chave *asexuality* no campo de busca, havendo 153.497 *posts* utilizando a *hashtag* momento da pesquisa. A partir da busca foram selecionadas as primeiras 100 publicações que abordaram diretamente o tema da assexualidade e incluíam imagens, legendas e *hashtags* — sendo excluído *reels* e vídeos devido à diferença de distribuição algorítmica do Instagram. Após a coleta das publicações, foi realizado um processo de seleção e filtro dos perfis que as compartilharam. A filtragem foi, novamente, baseada em temática, frequência e tipo de perfil, encontrando perfis de criadores de conteúdo, com material original, predominância do teor relacionado à assexualidade e com última postagem com pelo menos um mês de antecedência. O processo envolveu os seguintes passos:

- a) **Identificação dos Perfis:** a partir das 100 publicações coletadas, foram identificados 47 perfis diferentes que as compartilharam. Esses perfis foram considerados como unidades de análise;
- b) **Filtro por Temática:** a fim de ser considerado no estudo, o perfil precisava apresentar conteúdo predominantemente relacionado a assexualidade, o que reduziu o número de perfis para 20;

- c) **Eliminação de Perfis com Base na Frequência:** a fim de ser considerado no estudo, o perfil precisava estar visível ao público e sua última postagem deveria ter ocorrido pelo menos um mês antes, demonstrando, assim, a natureza ativa do perfil — nesta etapa, não houve eliminação de perfis;
- d) **Exclusão de Perfis por Tipo:** os 20 perfis identificados foram submetidos a uma análise para determinar se eram perfis do tipo pessoal, comercial ou criador de conteúdo. Perfis pessoais e comerciais foram excluídos da análise, uma vez que a distribuição algorítmica é distinta entre os diferentes tipos de perfil. Foram eliminados também os perfis que utilizavam conteúdo de outras plataformas digitais, como Twitter e Tumblr, pois não havia material original, assim como perfis que não permitiam identificação de um ou mais criadores de conteúdo — o resultado obtido foram 5 perfis;
- e) **Seleção dos Perfis Finais:** Após os filtros, um único perfil foi eliminado devido ao seu conteúdo ser predominantemente exposto em vídeo ou divulgação de evento. Dessa forma, foram selecionados 4 perfis para o estudo, que demonstraram consistência e relevância em suas abordagens sobre assexualidade.

7.4 Perfis selecionados e coleta de dados

O objeto empírico sob análise nesta pesquisa consiste em um conjunto de postagens de quatro perfis do Instagram selecionados por meio da sistemática apresentada, sendo estes pertencentes a quatro criadores de conteúdo e ativistas assexuais que operam, principalmente, na plataforma Instagram. Respeitando os princípios éticos de pesquisa, todas as permissões necessárias foram obtidas, as autorizações para o uso das publicações do Instagram foram concedidas por meio de mensagens no Instagram e emails, garantindo o consentimento informado dos produtores dos conteúdos analisados. Um dos protagonistas é o perfil o *acedadadvice*, de Cody Daigle-Orians, escritor assexual, agêner e educador⁵² sobre assexualidade com base em Columbus, Ohio. Cody criou o "Ace Dad Advice" em março de 2021, um projeto educacional centrado em plataformas digitais,

⁵² A linguagem neutra refere-se ao uso de termos e estruturas linguísticas que evitam a atribuição de gênero, buscando incluir e representar de maneira equitativa pessoas de diferentes identidades de gênero. O emprego da linguagem neutra neste contexto fundamenta-se na consideração à identidade de gênero de Cody.

especificamente no Instagram. Este projeto tem como objetivo fornecer suporte e orientação para pessoas que estão explorando a assexualidade ou questionando sua orientação sexual. A dedicação de Cody à educação e ao apoio à juventude LGBTQIAP+ é fundamentada em uma década de experiência como educadore em sala de aula e também como artista docente independente. O reconhecimento do trabalho de Cody transcendeu as plataformas digitais, a publicação do livro *I am ace: advice on living your best ace life* e a indicação ao *2023 British LGBTQ Award* na categoria Influenciador Digital são exemplos do impacto significativo que suas postagens e iniciativas têm na comunidade. Além disso, Cody realiza treinamentos e palestras que abordam a inclusão das perspectivas assexuais e aromânticas, bem como questões relacionadas a sexo e relacionamentos à luz dessas orientações. O engajamento de Cody se estende por diversas plataformas de mídia social, incluindo TikTok, Instagram, YouTube e Twitter. O perfil do Instagram acumulou uma base substancial de 44,9 mil seguidores, enquanto o TikTok segue com 111,2 mil seguidores, o YouTube com 24,1 mil inscritos e o Twitter com 20,1 mil seguidores⁵³. Esses números indicam a amplitude do alcance de Cody, permitindo-lhe conectar-se com uma audiência diversificada e disseminar informações sobre a assexualidade.

Figura 1 – Perfil de Cody Daigle-Orians no Instagram



Fonte: <https://www.instagram.com/acedadadvice/>

O outro perfil que terá publicações analisadas é o *theyasminbenoit*, da modelo, escritora, palestrante e consultora de projetos Yasmin Benoit. A sua incursão no mundo da moda, aos 18 anos, teve o intuito de introduzir diversidade no setor e, conseqüentemente, a transformou numa das modelos alternativas de origem negra mais influentes do Reino Unido. No final de 2017, ela revelou publicamente

⁵³ Dados coletados em 30 de dezembro de 2023.

sua identidade como arromântica e assexual, emergindo como uma voz e representante improvável dessas comunidades. A sua missão abarca o empoderamento de pessoas arromânticas e assexuais, a promoção da inclusão desses traços de identidade nos âmbitos social e legal, assim como a desmistificação de equívocos a elas associados, através de uma abordagem interseccional e abrangente. Yasmin criou a iniciativa *#ThisIsWhatAsexualLooksLike* (Isso é como um assexual se parece) com o intuito de demonstrar que não existe uma aparência ou vestimenta específica para pessoas assexuais e o movimento foi abraçado por pessoas assexuais globalmente. Em 2021, ela se tornou a primeira ativista arromântica e assexual a receber um prêmio LGBTQIAP+, o *Attitude Pride Award*, o primeiro de diversos reconhecimentos. Com um público no Instagram de 73,9 mil seguidores⁵⁴, Yasmin Benoit se ergue como uma figura proeminente na esfera global da comunidade assexual. Através do seu ativismo incansável, ela alçou a assexualidade a um patamar mais alto de visibilidade tanto dentro da comunidade LGBTQIAP+ quanto na mídia em geral.

Figura 2 – Perfil de Yasmin Benoit no Instagram



Fonte: <https://www.instagram.com/theyasminbenoit/>

O terceiro perfil a ter publicações analisadas é *acesexeducation*, de Aubri Lancaster, educadora em sexualidade certificada pela American Association of Sexuality Educators, Counselors and Therapists (AASECT), especializada em assexualidade, arromanticidade e processos da excitação. Identificando-se como assexual greyromântica, ela é uma mulher judia secular e neurodivergente que reside no sul da Califórnia, concentrando seu trabalho principalmente em espaços

⁵⁴ Dado coletado em 30 de dezembro de 2023.

virtuais. Formada em Psicologia pela Whittier College, dedica grande parte de sua carreira a realizar apresentações em domicílio, focando em excitação, intimidade e na incorporação de brinquedos para adultos. Atualmente, Aubri concentra-se em oferecer treinamento sobre assexualidade e arromanticidade, além de workshops e sessões educacionais individuais, adaptando seu trabalho para torná-lo acessível. Seu conteúdo gratuito é compartilhado em redes sociais, no qual ela conta com um engajamento de 4 mil seguidores no Instagram, 830 seguidores no Facebook e 800 seguidores no TikTok⁵⁵.

Figura 3 – Perfil de Aubri Lancaster no Instagram



Fonte: <https://www.instagram.com/acesexeducation/>

O quarto perfil com publicações selecionadas é o *angstyace*, mantido por Rachel, uma estudante de enfermagem na University of Michigan que se identifica como assexual e arromântica. Por meio do Instagram, e TikTok, onde acumula 626 e 38,5 mil seguidores respectivamente⁵⁶, Rachel compartilha sua jornada de autodescoberta e traz discussões sobre sexualidade. Dentro os temas que trabalha estão a diversidade das experiências humanas, especialmente na comunidade LGBTQIAP+, desafios de relacionamentos para sujeitos nos espectros assexual e arromânticos e a falta de representação da assexualidade na grande mídia e na sociedade.

⁵⁵ Dado coletado em 30 de dezembro de 2023.

⁵⁶ Dado coletado em 30 de dezembro de 2023.

Figura 4 – Perfil de Rachel no Instagram



Fonte: <https://www.instagram.com/angstyace/>

Após a seleção dos quatro perfis finais, procedeu-se à escolha de publicações específicas para análise, optando-se por selecionar um conjunto de 5 publicações de cada perfil. Dessa forma, foram coletados os dados de todas as publicações dos quatro perfis selecionados ao longo do período de 3 meses — de setembro a novembro de 2023, totalizando 94 publicações do perfil *acedadadvice*; 27 publicações do perfil *theyasminbenoit*; 15 publicações do perfil *acesexeducation* e 11 publicações do perfil *angstyace*. As publicações de cada perfil foram ordenadas de acordo com o número decrescente de curtidas, permitindo identificar as publicações mais populares e foram eliminados as publicações em formato *reels* e vídeo, já que a distribuição algorítmica deste modelo de publicação é diferente das demais. As seguintes publicações de cada perfil foram selecionadas para análise detalhada:

Quadro 2 – Dados numéricos das publicações no momento da seleção

| Publicação | Data da publicação | Número de curtidas | Link para acesso |
|-------------------------------------|-----------------------|--------------------|---|
| Publicação 1 de <i>acedadadvice</i> | 11 de outubro de 2023 | 8071 | https://www.instagram.com/p/CyQnJ1_uWdt/?img_index=1 |
| Publicação 2 de <i>acedadadvice</i> | 19 de outubro de 2023 | 7300 | https://www.instagram.com/p/CyldE5yNbHY/?img_index=1 |
| Publicação 3 de <i>acedadadvice</i> | 7 de novembro de 2023 | 6128 | https://www.instagram.com/p/CzWfSPpv0zw/?img_index=1 |
| Publicação 4 de <i>acedadadvice</i> | 19 de outubro de 2023 | 4776 | https://www.instagram.com/p/CylZV6XL_FY/ |

| | | | |
|--|------------------------|-------|---|
| Publicação 5 de <i>acedadadvice</i> | 20 de novembro de 2023 | 4273 | https://www.instagram.com/p/Cz37UYCtp9u/?img_index=1 |
| Publicação 1 de <i>theyasminbenoit</i> | 31 de outubro de 2023 | 12257 | https://www.instagram.com/p/CzEjqYrscEV/?img_index=1 |
| Publicação 2 de <i>theyasminbenoit</i> | 21 de setembro de 2023 | 11215 | https://www.instagram.com/p/Cxc6YgfMqoV/ |
| Publicação 3 de <i>theyasminbenoit</i> | 22 de setembro de 2023 | 9948 | https://www.instagram.com/p/CxgEpl9MqgN/?img_index=1 |
| Publicação 4 de <i>theyasminbenoit</i> | 2 de outubro de 2023 | 8886 | https://www.instagram.com/p/Cx6AH4osRAe/?img_index=1 |
| Publicação 5 de <i>theyasminbenoit</i> | 26 de outubro de 2023 | 8463 | https://www.instagram.com/p/Cy3zpx7sg4l/?img_index=1 |
| Publicação 1 de <i>acesexeducation</i> | 23 de setembro de 2023 | 522 | https://www.instagram.com/p/CxinqV6L36C/ |
| Publicação 2 de <i>acesexeducation</i> | 5 de setembro de 2023 | 210 | https://www.instagram.com/p/Cw0iYrwvp1x/ |
| Publicação 3 de <i>acesexeducation</i> | 23 de outubro de 2023 | 197 | https://www.instagram.com/p/CywJbWMvohA/ |
| Publicação 4 de <i>acesexeducation</i> | 3 de novembro de 2023 | 188 | https://www.instagram.com/p/CzMq0H9RnzD/ |
| Publicação 5 de <i>acesexeducation</i> | 30 de novembro de 2023 | 181 | https://www.instagram.com/p/C0RzW9rM8gl/ |
| Publicação 1 de <i>angstyace</i> | 22 de outubro de 2023 | 560 | https://www.instagram.com/p/CytcLM-LfdO/ |
| Publicação 2 de <i>angstyace</i> | 22 de outubro de 2023 | 559 | https://www.instagram.com/p/CytsfL6veJy/?img_index=1 |
| Publicação 3 de <i>angstyace</i> | 20 de novembro de 2023 | 404 | https://www.instagram.com/p/Cz4TzOkPwSe/?img_index=1 |
| Publicação 4 de <i>angstyace</i> | 6 de novembro de 2023 | 367 | https://www.instagram.com/p/CzUHbdarCGt/?img_index=1 |
| Publicação 5 de <i>angstyace</i> | 24 de outubro de 2023 | 349 | https://www.instagram.com/p/CyzNBH3rCWT/?img_index=1 |

O procedimento metodológico descrito acima permite uma análise das publicações do Instagram relacionadas a assexualidade, enquanto a abordagem de coleta de dados e seleção dos perfis garante a relevância e consistência das análises. O estudo dessas publicações busca oferecer uma visão mais completa dos discursos sobre a assexualidade presentes nesta plataforma digital.

7.5 Categorias de análise

A análise de conteúdo (Bardin, 2011) aplicada em publicações do Instagram é uma abordagem interessante para explorar conteúdos específicos relacionados à assexualidade. Incorporando e adaptando a abordagem de Bardin (2011), deu-se início aos procedimentos metodológicos com a coleta de dados, resultando na seleção de perfis e postagens relacionados à assexualidade no Instagram — como foi descrito no excerto anterior. Em seguida, foi realizado o que Bardin (2011) chama de leitura flutuante, a qual foi conduzida sobre os *posts* para uma compreensão inicial dos elementos visuais das postagens e legendas.

A partir desta leitura, dentro da análise de conteúdo, foi definido a realização de um reconhecimento das características presentes nas publicações do Instagram, a fim de analisar a representação textual e reconhecer os efeitos dos elementos visuais da assexualidade no Instagram. A seguir, apresenta-se dimensões de análise para este estudo:

Quadro 3 – Dimensões de análise

| Categoria | Descrição | Exemplo |
|--|---|---|
| Público com o qual o post tenta se comunicar | Refere-se para quem está sendo produzido o conteúdo. | Assexuais; Alossexuais; Aliados; Sujeito que está explorando sua identidade; etc. |
| Estrutura da postagem | O que a postagem contém e termos textuais e visuais | Texto; Foto; Elementos gráficos; <i>Hashtags</i> ; etc. |
| Conteúdo da publicação | Envolve a análise da mensagem da postagem. | Educacional; Entretenimento; Notícia; Ativismo; etc. |
| Contexto histórico e cultural | Normas, valores e temas levantados no conteúdo e seu significado. | Representatividade; Estereótipos; Diversidade; Interseccionalidade, etc. |

Fonte: elaboração da pesquisadora

Durante a análise final, a leitura de dados envolve o mapeamento de padrões estéticos nas imagens e padrões textuais nas legendas, assim como o registro das *hashtags* utilizadas em conjunto com *#asexuality* (termo-chave) para identificar tendências. Este passo tem o objetivo de procurar por padrões recorrentes em relação aos tipos de conteúdo e temas nos *posts*, assim como busca contextualizar o ambiente mais amplo do Instagram, como o perfil do criador de conteúdo, o histórico da conta, o contexto social e cultural, etc. Esta análise pretende examinar como as mensagens são produzidas pelos criadores de conteúdo e levar a uma compreensão mais profunda de como a assexualidade é exposta no Instagram.

Um dos objetivos desta pesquisa também é explorar como os perfis dedicados à assexualidade no Instagram funcionam como contrapúblicos e como empregam estratégias de ciberativismo para promover a conscientização e a compreensão da assexualidade. Busca-se, então, reconhecer como os sujeitos que se identificam como assexuais utilizam ativamente essa rede social online como um espaço para se manifestarem, construírem identidades, e promoverem a conscientização sobre as questões que afetam a comunidade assexual. Ao aplicar as teorias apresentadas nesta pesquisa, a análise está atenta também a uma série de características-chave que definem a assexualidade como contrapúblico, o Instagram como um ambiente propício para a formação de contrapúblicos e as estratégias de ciberativismo empregadas pelos participantes e como esses elementos se entrelaçam para criar uma esfera pública digital única e significativa. As características consideradas são:

Quadro 4 – Características de identificação de contrapúblicos e ciberativismo

| Plataformas digitais como espaço para contrapúblicos | Contrapúblico | Ciberativismo |
|--|--|--|
| Acessibilidade e disponibilidade generalizada | Desafio às normas e crenças dominantes | Uso do ciberespaço como ambiente de manifestação |
| Eliminação de <i>gatekeepers</i> tradicionais | Formados por grupos marginalizados ou subordinados | Comunicação multidirecional e interativa |
| Públicos diversos | Exclusão da esfera pública dominante | Ação política não convencional |

| | | |
|--|---|---|
| Espaço discursivo para contrapúblicos | Dupla função (criação de uma identidade e validação social) | Difusão de informações fora das fontes tradicionais |
| Inclusão formal e informal | Reconhecimento das estruturas de poder | Facilidade de acesso e inclusão |
| Mudança nas fronteiras políticas e sociais | Relação dinâmica com a esfera pública dominante | Impacto educacional e conscientização |
| Plataforma digital como mediadora | Diversidade de vozes e perspectivas | Construção de identidade |
| Construção de identidade e liberdade | Potencial transformador | Transgressão de espaços da vida cotidiana |

Fonte: elaboração da pesquisadora

Na seção seguinte deste capítulo metodológico, será realizada a exposição aprofundada das características de identificação de contrapúblicos e ciberativismo, conforme delineado no Quadro 4. Esta etapa da pesquisa permite retomar a teoria trabalhada nos primeiros capítulos e dá luz às complexidades dos conceitos que dão base para a análise. Após a caracterização minuciosa desses elementos, explora-se como cada característica influencia e molda as práticas ciberativistas e a formação de contrapúblicos. Essa abordagem permite desvelar camadas mais profundas de significado e entender melhor como esses fenômenos se desenvolvem e se manifestam na esfera pública digital.

7.5.1 Características de identificação de plataformas digitais como espaço para contrapúblico

Iniciando pelos elementos atribuídos à plataformas digitais como espaço para contrapúblicos, uma das características mais marcantes é a **acessibilidade e disponibilidade generalizada**, que se refere à capacidade de um grande número de pessoas poderem acessar e utilizar os recursos disponíveis em determinado contexto, como a internet, de forma ampla e sem restrições significativas. Trazendo os contrapúblicos para o âmbito virtual, pode-se trazer Castells (2013) quando este destaca como a internet se tornou amplamente acessível, permitindo que um grande número de pessoas utilize seus recursos de forma relativamente fácil e Van Dijck (2013), que complementa essa discussão ao observar a transição da internet de um meio restrito a especialistas para uma plataforma digital aberta a todos. Essa acessibilidade generalizada é fundamental para o surgimento atual de

contrapúblicos, grupos historicamente marginalizados que encontram na internet um espaço discursivo para expressar suas identidades e necessidades. Como apontado por Castells (2013), as redes sociais online oferecem oportunidades menos dispendiosas e demoradas para o ativismo político, permitindo discussões mais igualitárias.

Essa **eliminação de gatekeepers tradicionais** é outra característica do que torna uma plataforma digital propícia para o desenvolvimento de contrapúblicos, significando a remoção ou diminuição da influência de intermediários ou autoridades que tradicionalmente controlavam o acesso à informação ou aos espaços de discussão pública. Como discutido por Dahlberg (2011), esta é parte integrante desse processo, pois a internet, especialmente com o surgimento das redes sociais online, diminuiu a necessidade desses intermediários que controlavam o acesso à informação. Já a presença de **públicos diversos**, refere-se à possibilidade de existência de uma variedade de grupos com diferentes perspectivas, interesses e identidades em um determinado espaço público. Warner (2002) sugere que o discurso de um contrapúblico pode ser alvo de uma recepção negativa por parte daqueles que não fazem parte do grupo e é contra essa forma de reação que os contrapúblicos lutam. A internet, dessa forma, oferece plataformas digitais para que a comunidade LGBTQIAP+ possa discutir e analisar eventos, além de debater questões que afetam seu grupo, sendo a variedade de vozes fundamental para a formação dos contrapúblicos.

Em comparação com outros tipos de públicos, é importante a existência de **espaços discursivos para contrapúblicos**, que surgem em resposta às exclusões diversas perpetradas pelos públicos dominantes, buscando visar e influenciar esses mesmos públicos. Estes espaços oferecem oportunidades para que grupos marginalizados nos espaços mainstream se reúnam e articulem seus interesses e demandas. As redes sociais online surgem como uma opção mais acessível e ágil para a organização e participação em ativismo político, uma vez que a ausência de barreiras formais pode propiciar esse espaço para debates públicos mais democrático (Castells, 2013). Na esfera digital, pode-se recorrer à ideia de Dahlberg (2007), que sugere que a Internet oferece um ambiente para que grupos marginalizados formem um contrapúblico, que se manifesta quando as pessoas debatem questões relacionadas à validade contestada. A variedade de espaços

públicos é fundamental para a evolução dos contrapúblicos e tem variado ao longo do tempo.

Além disso, a **inclusão formal e informal** nas esferas públicas online, conforme discutido por Downey (2007), contribui para a participação equitativa das pessoas, reduzindo barreiras sociais e culturais para a expressão de opiniões. Esta inclusão se refere à maneira como esses espaços públicos online oferecem novas oportunidades para participar de debates públicos, eles estão promovendo tanto a inclusão formal, ao fornecer novos serviços online para criar e compartilhar conteúdo, quanto a inclusão informal, ao reduzir as barreiras e os custos para as pessoas participarem, expressarem suas opiniões e interagirem nas esferas públicas. Tal inclusão leva a outra característica de plataforma digital como espaço contrapúblico, as **mudanças nas fronteiras políticas e sociais**, se referindo à capacidade das plataformas digitais de desafiar e mudar as fronteiras políticas e sociais existentes, ampliando o espaço discursivo e permitindo que novos grupos e perspectivas participem nos debates públicos, o que implica a alteração das divisões e hierarquias sociais e políticas, muitas vezes enfrentando as estruturas de poder estabelecidas e permitindo a emergência de novas formas de organização e participação. Assim como Dahlberg (2011), que discute sobre como os contrapúblicos online podem contestar as fronteiras discursivas da esfera pública dominante, Bennet e Segerberg (2012) observam que as redes sociais online são impulsionadas pela natureza flexível, possibilitando ações coordenadas que atravessam fronteiras geográficas e temporais.

As **plataformas digitais como mediadoras** desempenham um papel crucial nessas interações, moldando as condições de uso e orientando as interações sociais. Isso porque as redes sociais online não são apenas facilitadoras passivas, mas ativamente moldam e influenciam as interações e comunicações dos usuários. Van Dijck (2013), trazendo Latour (2012), argumenta que as plataformas digitais e suas políticas moldam as condições para o uso público, frequentemente destacando conceitos como 'liberdade' e 'identidade', o que, por sua vez, propicia o surgimento de contrapúblicos. Os contrapúblicos online, nesse contexto, são grupos não-dominantes que emergiram principalmente devido às oportunidades oferecidas por estes espaços públicos online.

Por fim, a característica **construção de identidade e liberdade** refere-se à capacidade dos usuários de uma rede social online de expressar suas identidades

de forma livre e construtiva, sem as restrições muitas vezes impostas nos espaços públicos tradicionais, conforme discutido por Fraser (1990), Muñoz (1999) e Warner (2002). Toepfl e Piwoni (2018) atualizam esta perspectiva, defendendo que os contrapúblicos atuam com metas direcionadas para a própria comunidade quando se trata da criação, desenvolvimento e articulação de identidades, interesses e necessidades alternativas. Assim, a internet trouxe consigo uma série de características que estão redefinindo a esfera pública e as interações sociais, proporcionando espaços para a expressão de identidades marginalizadas, a circulação de contradiscursos e a contestação das estruturas de poder estabelecidas. Autores como Fraser (1990), Muñoz (1999), Warner (2002), Dahlberg (2011), Van Dijck (2013) e Castells (2013) contribuem significativamente para o entendimento dessas transformações e foram utilizados como base para a análise do Instagram como plataforma digital para contrapúblicos.

7.5.2 Características de identificação de contrapúblico

A pesquisa busca compreender como os perfis dedicados à assexualidade funcionam como contrapúblicos e como estes empregam estratégias de ciberativismo para promover conscientização e compreensão da assexualidade. Esta parte da análise e discussão considera características-chave que definem contrapúblicos (Quadro 4), examinando como esses elementos se entrelaçam na esfera pública digital. As características de contrapúblico surgiram a partir do reconhecimento de aspectos trabalhados por Felski (1989), Fraser (1990), Muñoz (1999) e Warner (2002) e que constantemente estavam sendo discutidos por esses autores. O **desafio às normas e crenças dominantes** é uma característica central dos contrapúblicos, que consiste na capacidade de questionar e contestar as visões predominantes na esfera pública. Todos os autores recém citados exploram essa dinâmica em seus estudos, ressaltando como os contrapúblicos representam vozes dissidentes que contestam os valores estabelecidos. Estes autores também entram em concordando de que esses contrapúblicos são **formados por grupos marginalizados ou subordinados** na sociedade, proporcionando espaços de expressão e empoderamento para aqueles que enfrentam exclusão ou marginalização pela esfera pública dominante. Os autores acima referenciados

destacam essa composição em seus trabalhos, enfatizando a importância dos contrapúblicos como alternativas inclusivas.

Os contrapúblicos surgem em resposta à **exclusão da esfera pública dominante** desses grupos, que muitas vezes não reconhece ou valida suas experiências e perspectivas. Fraser (1990) pontua a importância da existência de espaços discursivos para contrapúblicos, o que significa um ambiente onde grupos historicamente marginalizados podem se reunir, discutir e articular suas próprias perspectivas e interesses, muitas vezes em oposição aos discursos dominantes. Como discutido por Fraser (1990), a diversidade de espaços facilita o engajamento coletivo de grupos marginalizados, permitindo a circulação de contradiscursos que desafiam interpretações dominantes de identidade e necessidade.

Outra característica fundamental dos contrapúblicos é sua **dupla função**, pois, além de fornecerem um espaço para a criação e reforço da identidade dos membros do grupo, também buscam validar suas perspectivas perante a sociedade mais ampla. Felski (1989) e Fraser (1990) exploram essa dualidade, examinando como os contrapúblicos promovem a solidariedade interna e o engajamento externo. Os contrapúblicos online, assim, oferecem um espaço para que estas ações aconteçam. Ainda, conforme abordado por Toepfl e Piwoni (2018) os contrapúblicos atuam também externamente, na contestação das estruturas de consenso nos espaços públicos dominantes. Isso implica envolver audiências mais amplas e direcionar estratégias para que grupos historicamente marginalizados se organizem e conquistem influência social, permitindo que contestem convenções e valores predominantes existentes.

O **reconhecimento das estruturas de poder** que moldam a sociedade também é crucial para os contrapúblicos. Muñoz (1999) ressalta a necessidade de reconhecer que os contrapúblicos estão inseridos em contextos mais abrangentes de poder, pois, embora esses espaços possam ser capacitadores e agentes de mudança, também são influenciados por dinâmicas sociais, econômicas e políticas mais amplas. Portanto, para uma compreensão completa dos contrapúblicos, é essencial analisar como eles são afetados e limitados por sistemas de poder e desigualdade em larga escala. A partir disso, os contrapúblicos precisam manter uma **relação dinâmica com a esfera pública** dominante, interagindo de forma ativa, influenciando e sendo influenciados pelo ambiente no qual estão. Isso permite que os contrapúblicos contestem não apenas os grupos sociais dominantes, mas

também as convenções culturais que os sustentam, ideia encontra Warner (2002), quando este defende que os contrapúblicos não são simplesmente contrários ou alternativos às esferas públicas predominantes, mas também atuam dentro delas e exercem influência sobre elas.

A **diversidade de vozes e perspectivas**, tal como Fraser (1990) e Warner (2002) discutem, é uma característica marcante dos contrapúblicos, que abrangem uma ampla gama de experiências e identidades. Fraser (1990) destaca a necessidade de reconhecer a multiplicidade de pontos de vista e vivências na formação do discurso público, enquanto Warner (2002) ressalta a importância de reconhecer a multiplicidade de vozes e perspectivas na configuração do discurso público, evidenciando a relação dinâmica e complexa entre as esferas públicas predominantes e as alternativas. Por fim, os contrapúblicos têm um **potencial transformador** significativo, oferecendo alternativas às narrativas dominantes e imaginando futuros mais inclusivos. Felski (1989), Fraser (1990) e Warner (2002) discutem esse potencial em seus trabalhos, destacando a capacidade dos contrapúblicos de promover mudanças sociais e culturais. Já Muñoz (1999) destaca a relevância significativa de analisar as vivências das comunidades marginalizadas e sua utilização de práticas criativas para conceber e instaurar realidades alternativas, sendo a produção cultural não apenas uma maneira de manifestar suas próprias vivências, identidades e lutas, mas também um meio de conexão com outros que compartilham experiências semelhantes. Em conclusão, a compreensão dos contrapúblicos, como delineado por Felski (1989), Fraser (1990), Muñoz (1999) e Warner (2002), revela uma série de características que permite este estudo avaliar se os perfis estudados podem ser tidos como contrapúblicos em uma perspectiva atualizada do ponto de vista tecnológico.

7.5.3 Características de identificação de ciberativismo

Um dos objetivos da pesquisa também é explorar como os perfis dedicados à assexualidade no Instagram empregam estratégias de ciberativismo para promover a conscientização e a compreensão da assexualidade. Assim como descrito com o conceito de contrapúblico acima, a análise considera características-chave que demonstram a presença de ciberativismo (Quadro 4). Tais elementos foram concebidos a partir do quadro teórico exposto no capítulo 6 e, a seguir, a retomada

dessas características. A primeira delas é o **uso do ciberespaço como ambiente de manifestação**, destacando como a internet e as redes digitais se tornaram espaços essenciais para expressar opiniões, promover causas e mobilizar apoio para questões políticas e sociais. Discutindo o ciberespaço como um ambiente de comunicação mediado por computadores, onde as pessoas podem interagir e colaborar virtualmente, Castells (2013) observa que, embora os movimentos sociais do século XXI ainda estejam enraizados no espaço urbano, com protestos e ocupações de ruas, a sua presença contínua é cada vez mais marcante no espaço livre da internet. Já Góes (2007) destaca que na internet, os movimentos sociais encontram uma voz através da mídia alternativa, visto que muitos consideram os meios de comunicação tradicionais como contribuintes para os problemas sociais decorrentes da globalização. Lemos (2004) conceitua o ciberespaço como um meio de interação, comunicação e produção cultural que transcende as barreiras geográficas e físicas do mundo real. Ao mesmo tempo, Castells (2013) sugere que as redes de comunicação desempenham um papel fundamental no processo de mobilização e mudança social. Assim, pode-se compreender que para uma transformação significativa na comunicação é necessário uma **comunicação multidirecional e interativa**, baseada em redes horizontais de interação na internet, o que permite diálogos e trocas de informações entre os participantes, descrevendo a natureza das interações na internet.

No contexto do ativismo, destaca-se a importância da **ação política não convencional**, que se refere a formas de engajamento que não seguem as práticas tradicionais, como manifestações de rua e protestos. Em vez disso, envolve o uso de métodos alternativos virtuais para promover mudanças sociais e políticas, como reconhecem Fernández-Prados (2012) e Rojas-Tejada (2003). Assim, o ativismo digital é compreendido como ações caracterizadas por uma variedade de comportamentos que não seguem as normas e costumes estabelecidos em determinadas sociedades. Com a integração da internet, os ativistas podem ampliar suas atividades tradicionais e desenvolver novas abordagens, utilizando a rede para divulgar informações e reivindicações diretamente aos públicos interessados, visando obter apoio para suas causas.

Outra característica do ciberativismo é a **difusão de informações fora das fontes tradicionais** de mídia, destacando como a internet e as redes sociais online permitem que as pessoas compartilhem informações e discutam questões de forma

independente dos canais de comunicação tradicionais, como televisão, rádio e jornais. Com o avanço da mídia e sua crescente sofisticação, os contrapúblicos estão ampliando sua influência nos meios de comunicação, aproveitando um ambiente vasto e favorável. E aqui, evoca-se Góes (2007), quando este declara que, devido ao baixo custo, facilidade de operação e alcance de distribuição, os movimentos sociais podem disseminar suas ideias e denunciar questões sociais tanto a nível nacional quanto transnacional na web. Já Lemos (2004) observa que essa revolução digital implica progressivamente na transição dos meios de comunicação de massa para formas mais individualizadas de produção, disseminação e armazenamento de informações. Com o acesso à transmissão de informações e liberdade de expressão, surge a oportunidade de criar e compartilhar conteúdo com nichos específicos, facilitando sua expansão e a utilização da Internet para disseminar conceitos e pensamentos proporciona uma maior acessibilidade, permitindo que qualquer pessoa com acesso ao ciberespaço se envolva em uma causa ou tome conhecimento dela.

Nesta mesma linha, a **facilidade de acesso e inclusão** na comunicação online é outro aspecto importante no ciberativismo, destacando a acessibilidade generalizada à internet e às redes sociais online, que permitem que uma ampla gama de pessoas participe na comunicação online e nas atividades cívicas. Para compreender este atributo, evoca-se Lévy (2000), que considera o ciberespaço uma nova esfera da realidade, uma extensão do espaço físico onde informações, objetos e sujeitos podem interagir e colaborar virtualmente. Isso implica uma mudança significativa na forma como as pessoas se conectam e se relacionam, transcendendo as limitações do espaço físico e criando novas possibilidades de interação. A presença online, assim, é uma força libertadora, representando uma oportunidade de criar um diálogo mais aberto, democrático e engajado. Além disso, o espaço online permite uma quebra de fronteiras entre grupos e pessoas separados por distâncias físicas ou por condições políticas e sociais, o que resulta em uma rede de relações complexas.

O ciberativismo também enfatiza o **impacto educacional e de conscientização** da internet e das redes sociais online, destacando como essas plataformas digitais podem promover a disseminação de conhecimento e a conscientização sobre questões sociais e políticas. Rojas-Tejada e Fernández-Prados (2000) discutem o potencial educacional da internet para

promover a conscientização e a mudança social, a partir do qual a presença e atuação dos ciberativistas oferecem a oportunidade de examinar o potencial positivo da Internet e das redes sociais online. Nesse sentido, a educação voltada para uma cidadania digital crítica e engajada, envolvendo pesquisa, prática e intervenção educacional, pode aproveitar os exemplos e influências oferecidos por esses ativistas digitais. Além das considerações pedagógicas, os autores comentam que é importante reconhecer as identidades e valores que são construídos, compartilhados e promovidos entre pares e pessoas de diferentes gerações (Rojas-Tejada; Fernández-Prados, 2000). Ou seja, eles já discutem outra característica do ciberativismo, a **construção de identidade** online. Esta se refere a como a internet e as redes sociais online fornecem um espaço para a expressão e desenvolvimento de identidades individuais e coletivas. Com base em Lemos (2004) e Castells (2013), que sugerem que houve uma emergência de novas aplicações de mídia, compreende-se que isso representa avanços significativos para a comunidade LGBTQIAP+. Esses avanços tecnológicos oferecem oportunidades para que membros de comunidades marginalizadas ultrapassem as barreiras do dia a dia e se conectem uns com os outros, resultando em uma multiplicação de narrativas auto-reflexivas e no desenvolvimento de identidades individuais e coletivas.

Por fim, a última característica de referência é a **transgressão de espaços da vida cotidiana** proporcionada pelo ambiente online. Esta destaca como a internet permite que as pessoas desafiem e transcendam as fronteiras físicas e sociais do dia a dia, permitindo que as pessoas se conectem e interajam além dos limites tradicionais. Com base nos autores retomados neste bloco, é possível perceber como o ciberespaço permite a transgressão de fronteiras geográficas e sociais, criando novas formas de interação e conexão além dos limites tradicionais. Pensando diretamente na assexualidade, a ascensão de plataformas digitais como a AVEN, e grupos em redes sociais online voltados para pessoas assexual proporcionou uma maior abertura para que as restrições de ambientes cotidianos fossem desafiados. Estas formações também se estendem a elementos sociais e culturais relacionados à compreensão da assexualidade como um todo. Essa formação ganha relevância, especialmente entre pessoas LGBTQIAP+ que contestam a heteronormatividade, ao participarem ativamente de redes sociais online amplamente utilizadas e ao compartilharem suas histórias por meio de recursos midiáticos disponibilizados pelo ambiente tecnológico contemporâneo.

No capítulo seguinte, a **interpretação e discussão dos resultados** é realizada à luz dos objetivos da pesquisa, proporcionando uma compreensão mais profunda da produção de conteúdo sobre assexualidade no Instagram. Este percurso metodológico, estruturado e baseado na análise de conteúdo de Bardin (2011), busca permitir uma análise relacionada da comunidade assexual em uma das plataformas digitais mais utilizadas do mundo. Após a meticulosa definição de abordagem, a partir de agora dedica-se em demonstrar e examinar os resultados obtidos, pondo luz sobre os padrões, as tendências e as nuances que emergiram do corpus analisado. Ao conduzir esta análise, o objetivo é não apenas descrever os fenômenos observados, mas também contextualizá-los dentro do quadro teórico estabelecido, visando assim debater sobre como a assexualidade é representada, discutida e percebida no cenário digital contemporâneo. Este capítulo representa, portanto, um ponto crucial da pesquisa, onde os dados empíricos coletados convergem com as questões teóricas levantadas, a fim de construir uma discussão sobre a dinâmica da comunidade assexual no Instagram.

8 ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa proposta é baseada na metodologia de análise de conteúdo de Bardin (2011), aplicada especificamente às publicações do Instagram relacionadas à assexualidade. A pesquisa iniciou-se com a coleta de dados, selecionando perfis e postagens pertinentes ao tema (anexo A). A leitura flutuante foi empregada para uma compreensão inicial dos elementos visuais e textuais das postagens e, em seguida, foram definidas dimensões de análise (Quadro 3) e as características de identificação de contrapúblicos, ciberativismo e plataformas digitais como espaço para contrapúblicos (Quadro 4). A primeira parte da análise traz os resultados obtidos e discussões da avaliação do Instagram como espaço para contrapúblicos assexuais, demonstrando a complexidade e o potencial desta plataforma digital em promover a visibilidade e aceitação da assexualidade. Juntamente, foi analisado como os perfis *acedadadvice*, *theyasminbenoit*, *acesexeducation* e *angstyace* são espaços potenciais para o contrapúblico assexual no Instagram.

Na parte seguinte da análise, são demonstrados os resultados obtidos a partir do Quadro 3, o que inclui uma discussão sobre público-alvo das postagens, a fim de identificar para quem está sendo produzido o conteúdo; estrutura das postagens, verificando o que as publicações trazem em termos textuais e visuais; o conteúdo das postagens, o que envolve o teor da mensagem das publicações; e o contexto histórico e cultural das postagens, a partir do qual é possível identificar normas, valores e temas levantados no conteúdo. Durante esta fase da pesquisa, também foram mapeados padrões estéticos e textuais, além das *hashtags* utilizadas, visando identificar tendências e contextualizar o ambiente do Instagram.

Após, é exposto e discutido a presença de características de contrapúblico e de ciberativismo em cada uma dos perfis estudados a partir das publicações analisadas, com base nas características de referência expostas no Quadro 4. E, por fim, foi analisada a interseção entre os conceitos de contrapúblicos e de ciberativismo que, em uma era digital, representa um campo de estudo e prática rico em possibilidades, onde as dinâmicas de poder, identidade e participação pública são constantemente redefinidas. Este encontro, além de ampliar as possibilidades de participação e mobilização, também levanta questões importantes sobre representação e inclusão no ambiente online. A interpretação e discussão dos resultados foram realizadas à luz dos objetivos da pesquisa, oferecendo uma

compreensão mais profunda da produção de conteúdo sobre assexualidade no Instagram. Esta metodologia estruturada e baseada na análise de conteúdo de Bardin (2011) proporciona uma análise relacionada da comunidade assexual em uma das plataformas digitais mais amplamente utilizadas do mundo.

8.1 Instagram como plataforma digital para contrapúblicos

Considerando as características de referência de plataforma digital como espaço para contrapúblico (Quadro 4) e as aplicando ao Instagram, compreende-se que a rede social online serve como um espaço para contrapúblicos. A **acessibilidade e disponibilidade generalizada** do Instagram o tornam uma plataforma digital amplamente acessível, aberta para qualquer pessoa com acesso à internet e um dispositivo compatível. O maior desafio do Instagram em relação à acessibilidade é de públicos com restrições geográficas, econômicas ou tecnológicas. Isso pode excluir pessoas de baixa renda, áreas rurais ou países com acesso limitado à internet, impedindo sua participação nos contrapúblicos assexuais na rede social online. Porém, com milhões de usuários ativos diariamente em todo o mundo, oferece uma oportunidade significativa para pessoas assexuais se reunirem e interagirem, compartilhando suas experiências e desafios de uma maneira que pode não ser viável em espaços públicos offline. Além disso, sua popularidade massiva, com mais de um bilhão de usuários ativos mensais (We Are Social, 2023), proporciona uma oportunidade única para grupos marginalizados construir identidades coletivas de uma forma que pode ser dificultada em outros ambientes.

No Instagram, há a **eliminação de gatekeepers tradicionais**, como editores ou proprietários de mídia, para filtrar ou censurar o conteúdo dos contrapúblicos. Os usuários têm liberdade para compartilhar suas experiências, perspectivas e necessidades sem a interferência de terceiros. Essa liberdade está condicionada ao cumprimento das Normas da Comunidade do Instagram (INSTAGRAM, 2024), um conjunto de regras que delinham o que pode ou não ser publicado na plataforma digital, abrangendo questões como propriedade intelectual, nudez, spam, conteúdo ilegal, discurso de ódio, automutilação e violência explícita, mas que prezam pela liberdade de expressão e manifestação pessoal e coletiva. Ainda que existam algoritmos e políticas de moderação que podem restringir a visibilidade de certos conteúdos, como os citados acima, essa ausência de gatekeepers tradicionais

proporciona aos contrapúblicos um espaço mais autêntico e inclusivo para compartilhar suas experiências e perspectivas dentro da comunidade online.

Da mesma forma, o Instagram abriga **públicos diversos**, criando oportunidades para os contrapúblicos se conectarem e se organizarem. A diversidade de usuários na rede social pode ser tanto uma vantagem quanto um desafio para os contrapúblicos. Enquanto a presença de um público diverso pode promover a inclusão e a troca de perspectivas, também pode levar à polarização e à hostilidade em relação às comunidades marginalizadas, como os contrapúblicos assexuais. Essa ampla variedade de usuários contribui para a formação de espaços discursivos mais abrangente, onde diferentes vozes podem ser ouvidas e valorizadas. Ao mesmo tempo, o conteúdo compartilhado pelos usuários também pode atrair um público que discorda das suas posições e exposições, fazendo com que os usuários que compartilham sobre assexualidade, por exemplo, possam ser alvo de discriminação e assédio por parte de outros usuários. Isso pode incluir comentários ofensivos, mensagens de ódio ou até mesmo ataques direcionados à comunidade assexual. Vale ressaltar que um dos objetivos dos contrapúblicos é combater tais agressões e se impor diante dessas formas de discriminação e hostilidade, buscando promover a conscientização, a aceitação e a defesa dos direitos das comunidades marginalizadas.

Sendo um ambiente virtual acessível para diversos públicos, o Instagram fornece um **espaço discursivo para contrapúblicos** articularem suas vozes, compartilharem suas histórias e discutirem questões relevantes para suas comunidades. Por meio das ferramentas disponibilizadas pela plataforma digital, os usuários podem expressar suas identidades e promover a visibilidade e aceitação. A comunidade assexual no Instagram, por exemplo, inclui perfis individuais, *hashtags* específicas e contas dedicadas a fornecer recursos educacionais e de apoio, vide objeto de estudo desta pesquisa. Embora o Instagram forneça um espaço para os contrapúblicos assexuais expressarem suas vozes, as limitações de formato, como a extensão das legendas e a natureza visual da plataforma digital, podem dificultar a discussão detalhada de questões complexas relacionadas à assexualidade. Esses espaços, porém, proporcionam uma oportunidade para que pessoas assexuais se conectem, compartilhem suas histórias e questionem os estereótipos e normas sociais dominantes relacionados à sexualidade, assim como abrem portas para discussões mais profundas em outros espaços.

A característica de **inclusão formal** está presente no Instagram por meio da constante criação de novas ferramentas dentro da plataforma digital, o que oportuniza diferentes formas de manifestação e participação dos usuários, de forma que os contrapúblicos podem tomar para si essas ferramentas e utilizá-las para se promover. Já a **inclusão informal** está presente ao facilitar a interação e conexão entre pessoas com experiências similares, ajudando a fortalecer os laços comunitários e a promover um senso de pertencimento entre os membros do contrapúblico. Quanto às **mudanças nas fronteiras políticas e sociais**, através do Instagram, os contrapúblicos LGBTQIAP+ têm a oportunidade de questionar as convenções sociais dominantes e impulsionar mudanças nas percepções e atitudes em relação à sexualidade como um todo. Ao mesmo passo, a liberdade de expressão dentro da plataforma digital também pode reforçar e perpetuar pré-concepções e preconceitos existentes. A disseminação de conteúdos prejudiciais e a falta de sensibilidade cultural podem marginalizar ainda mais os contrapúblicos em geral e dificultar sua aceitação pela sociedade em geral. No caso da assexualidade, durante esta pesquisa não foi percebido um movimento acefóbico organizado o suficiente para que se tornasse um ponto relevante, enquanto os perfis dedicados à assexualidade na plataforma digital que estão sendo estudados nesta pesquisa são ativos na promoção da conscientização e aceitação da comunidade assexual, compartilhando informações educativas, histórias pessoais e recursos para combater o estigma e a falta de compreensão em torno dessa orientação sexual.

O Instagram, como **plataforma digital como mediadora**, atua entre os usuários, influenciando a forma como as interações ocorrem e como o conteúdo produzido é compartilhado. A rede social online oferece uma variedade de formatos de conteúdo, como fotos, vídeos, *stories* e legendas, que permitem que os usuários assexuais expressem suas identidades e experiências de várias maneiras, contribuindo para a diversidade de narrativas dentro e fora da comunidade assexual e fortalecendo o contrapúblico. Por outro lado, a natureza algorítmica do Instagram influencia a forma como os usuários interagem e se envolvem com o conteúdo na rede social, de forma que algoritmo de recomendação e moderação podem favorecer certos tipos de conteúdo em detrimento de outros, impactando a visibilidade e a representação dos contrapúblicos na plataforma digital. Embora isso possa limitar a exposição de certos conteúdos para um público mais amplo, também

pode fornecer um espaço para amplificar as vozes dos contrapúblicos assexuais e promover a conscientização sobre suas questões. O Instagram permite que os usuários mobilizem recursos e defendam causas relacionadas à assexualidade e à comunidade LGBTQIAP+ em geral.

No Instagram, os usuários assexuais podem se expressar de forma autêntica, possibilitando a **construção de identidade e liberdade**, compartilhando imagens, histórias e recursos relacionados à assexualidade. Isso não apenas promove a liberdade de expressão dentro do contrapúblico, mas também ajuda os membros a se sentirem vistos, ouvidos e validados em sua orientação sexual. Além de fornecer um espaço para expressão, o Instagram facilita a mobilização e a conexão entre os membros dos contrapúblicos. Por meio das ferramentas disponibilizadas na plataforma digital, as pessoas assexuais podem expressar sua identidade de maneira visual e narrativa, compartilhando experiências pessoais e coletivas, contestando ideias preconcebidas e promovendo uma compreensão mais ampla da assexualidade. Esse processo não apenas contribui para a visibilidade da comunidade assexual, mas também para a normalização de suas experiências dentro da rede social online.

Em síntese, o Instagram serve como um espaço significativo para os contrapúblicos assexuais se reunirem, compartilharem suas experiências e promoverem a visibilidade e aceitação da assexualidade. Embora ofereça oportunidades significativas de expressão e conexão para contrapúblicos, existem limitações estruturais e os problemas sistêmicos de moderação e representação que podem afetar a eficácia da plataforma digital como espaço inclusivo para os contrapúblicos e a capacidade dos contrapúblicos assexuais de alcançarem seus objetivos de conscientização, esses desafios, porém, são inerentes dos contrapúblicos independente do espaço que ocupam. O Instagram, por sua vez, oferece uma série de recursos e oportunidades para os usuários expressarem seu traço de identidade assexual e se conectarem com outros membros da comunidade, contribuindo para o fortalecimento e empoderamento do contrapúblico assexual dentro do espaço digital.

Além da análise do Instagram como plataforma digital para contrapúblicos, também foi realizada a relação das características de referência com os perfis estudados nesta pesquisa (ver anexo B). Com base nessa avaliação, pode-se concluir que os perfis *acedadadvice*, *theyasminbenoit*, *acesexeducation* e *angstyace*

são espaços potenciais para o contrapúblico assexual no Instagram, mas com abordagens e ênfases ligeiramente diferentes entre si. O perfil **acedadadvice**, por exemplo, demonstra ser um espaço potencial para contrapúblico assexual, pois oferece informações educativas e acolhedoras sobre a assexualidade, contestando estereótipos e compartilhando experiências dentro da comunidade. Aborda uma variedade de identidades sexuais, românticas e de gênero, criando um ambiente abrangente para discussões e compartilhamento de experiências. Além disso, promove a inclusão formal e informal, incentivando os seguidores a compartilharem suas identidades com orgulho e combatendo pré-concepções prejudiciais.

Já o perfil **theyasminbenoit**, destacando-se por sua abordagem de ativismo e defesa ativa da comunidade assexual. Yasmin Benoit utiliza seu perfil para compartilhar informações, promover discussões e contestar ideias preconcebidas em relação à assexualidade, além de advogar por mudanças políticas e sociais em prol dos direitos assexuais. Sua presença na mídia, como modelo e ativista, amplifica ainda mais sua mensagem, alcançando um público mais amplo e afrontando as normas sociais vigentes. O perfil **acesexeducation**, por sua vez, fornece informações abrangentes e recursos educacionais sobre assexualidade, desafiando estigmas e promovendo uma compreensão mais inclusiva da diversidade sexual. Além de abordar questões específicas relacionadas à assexualidade, o perfil também discute temas mais amplos sobre sexualidade, contribuindo para uma conversa mais ampla e progressiva sobre identidade e orientação sexual.

Por fim, o perfil **angstyace** também é um espaço potencial para contrapúblico assexual, oferecendo recursos educacionais, compartilhando experiências pessoais e contestando estereótipos associados à assexualidade. Ao destacar experiências menos reconhecidas dentro da comunidade assexual e promover uma compreensão mais positiva e autêntica da assexualidade, o perfil contribui para a construção de identidade e liberdade dentro da comunidade assexual. Em suma, todos os perfis analisados demonstram características que os tornam espaços potenciais para contrapúblico assexual, oferecendo informações, recursos e apoio para a comunidade assexual, ao mesmo tempo em que refuta pré-concepções e preconceitos associados à assexualidade. Cada perfil tem uma abordagem única, mas todos contribuem para uma conversa mais inclusiva e informada sobre identidade e orientação sexual.

8.2 Perfis em perspectiva: um olhar detalhado sobre os espaços contrapúblicos potenciais

O conjunto de dados levantados a partir do Quadro 3 (ver anexo C) fornece uma visão interessante sobre como diferentes perfis no Instagram dedicados à assexualidade abordam a orientação sexual e traço de identidade assexual, assim como questões relacionadas à diversidade sexual. Cada perfil tem seu próprio foco e estratégia para transmitir suas mensagens. Os perfis estudados nesta pesquisa desempenham papéis diversos na promoção da conscientização sobre a comunidade assexual. O perfil **acedadadvice** se concentra em oferecer uma variedade de conteúdos, desde orgulho e positividade até educação e ativismo, atendendo a uma gama diversificada de públicos, incluindo assexuais, alossexuais e aqueles que estão explorando sua identidade. Sua estrutura de postagem, que inclui elementos gráficos, legendas e *hashtags*, mostra uma tentativa de tornar o conteúdo mais atraente e acessível. Por outro lado, o perfil **theyasminbenoit** se destaca pelo ativismo e pela discussão de questões relacionadas à representatividade e combate a estereótipos e acefobia. Sua abordagem consistente de uso de fotos, legendas e *hashtags* parece eficaz em transmitir suas mensagens educacionais e de conscientização para uma ampla audiência, trabalhando constantemente com questões político-sociais e demonstrando sua presença em outras mídias.

O perfil **acesexeducation** adota uma abordagem mais direcionada para a educação e o ativismo, fornecendo informações detalhadas e recursos para aqueles interessados na assexualidade. O uso de elementos gráficos e *hashtags* parece ser uma tentativa de tornar o conteúdo mais acessível e compartilhável. Finalmente, o perfil **angstyace** parece se concentrar na promoção do orgulho e da positividade entre assexuais e outros grupos relacionados à diversidade sexual. Sua combinação de texto, elementos gráficos e *hashtags* reflete uma tentativa de engajar uma audiência diversificada e promover uma conversa mais inclusiva sobre identidades sexuais diversas. Esses perfis refletem a diversidade de vozes e abordagens na comunidade online, contribuindo para uma conversa mais abrangente sobre a assexualidade e identidades sexuais e românticas diversas. Ao mesmo tempo, estes perfis demonstram como o Instagram pode servir como espaço para promover conscientização, educação e aceitação de contrapúblicos, oferecendo diferentes ferramentas para atingir uma ampla gama de públicos.

Concluindo o Quadro 3, passa-se a considerar as características de referência de contrapúblico e ciberativismo (Quadro 4) para análise e discussão a fim de examinar a presença e desenvolvimentos desses conceitos nas publicações estudadas (anexo A). Isso inclui avaliar como os contrapúblicos utilizam as plataformas digitais para promover suas causas e mobilizar apoio, bem como os desafios enfrentados, como a polarização e a hostilidade por parte de outros usuários. Desde já, a fim de evitar repetições entre os excertos seguintes, compreende-se que todos perfis estudados são **formados por grupos marginalizados ou subordinados**, característica de contrapúblico (Quadro 4), uma vez que representam uma comunidade frequentemente excluída ou ignorada pela sociedade em geral. A assexualidade é uma orientação sexual frequentemente incompreendida e estigmatizada, levando as pessoas pertencentes a esta comunidade a enfrentarem diversas formas de discriminação e invisibilização. Além disso, essa parte da análise também explora como o ciberativismo pode fortalecer os contrapúblicos, proporcionando-lhes uma ferramenta poderosa para ampliar sua influência e alcançar seus objetivos de mudança social e política. Ao integrar essas perspectivas, a análise e discussão trazem o papel e o impacto dos contrapúblicos e do ciberativismo na esfera pública digital contemporânea.

8.2.1 Contrapúblico: acedadadvice em foco

A análise do perfil acedadadvice em relação às características de contrapúblico (Quadro 4) revela um ambiente virtual que engloba todas as oito características de contrapúblico em suas postagens, oferecendo um espaço inclusivo e informativo para pessoas assexuais e outras com orientações não convencionais. O perfil **desafia as normas e crenças dominantes** ao questionar as convenções culturais predominantes relacionadas à sexualidade, introduzindo a assexualidade como contraponto e fornecendo informações, esclarecimentos e destaque para experiências não convencionais de atração e relacionamentos. O perfil questiona a suposição de que a experiência da sexualidade é dada de forma universal e que a presença do desejo sexual é o padrão. Isso é evidenciado em publicações que esclarecem conceitos (post ⁵⁷), contestam ideias preconcebidas

⁵⁷ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CzWfSPpv0zw/?img_index=1. Acesso em: 27 abr. 2024.

(post 4⁵⁸) e destacam a diversidade de experiências dentro da comunidade assexual (post 2⁵⁹).

Por exemplo, a publicação 5⁶⁰ do perfil *acedadadvice* explora a distinção entre atração sexual e sensual, oferecendo definições claras e concisas desses conceitos. O texto começa definindo cada termo, sendo a atração sexual caracterizada pelo desejo de praticar o ato sexual com uma pessoa, enquanto a atração sensual envolve o desejo de interação física não sexual, como abraços, carícias e beijos. A publicação prossegue destacando que culturalmente tendemos a associar o toque sensual com uma preparação para o sexo, o que pode obscurecer a distinção entre esses dois tipos de atração. No entanto, ressalta-se que são experiências distintas e independente e a diferença é importante porque questiona a noção de que a atração física é sempre orientada para o sexo. Ao reconhecer e compreender a diferença entre atração sexual e sensual, uma pessoa desenvolve uma maior consciência sobre seus próprios desejos e limites, bem como respeitar os desejos e limites de outros.

Ao tomar esta posição, o perfil cria um espaço inclusivo para pessoas assexuais e aqueles que experimentam diferentes formas de atração e identidades de gênero, que muitas vezes enfrentam falta de compreensão e marginalização na sociedade em geral. Através de suas publicações, o perfil oferece uma mensagem de aceitação, normalizando suas experiências e mostrando que existe uma comunidade virtual onde podem se sentir compreendidos e apoiados. A publicação 1⁶¹, por exemplo, celebra o Dia Nacional da "Saída do Armário" dos EUA (11/10) com uma mensagem de apoio e encorajamento para aqueles que estão se assumindo como assexuais, aromânticos, agêneros ou em uma combinação dessas identidades pela primeira vez. O texto incentiva essas pessoas a compartilharem sua verdade com orgulho, oferecendo alguns gráficos simples que podem ser utilizados para comunicar sua identidade de forma clara e direta. A mensagem é repetida em quatro blocos, cada um identificando um dos traços de identidade mencionados: assexual, aromântico, agênero e aromântico/assexual. Cada bloco

⁵⁸ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CylZV6XL_FY/. Acesso em: 27 abr. 2024.

⁵⁹ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CyldE5yNbHY/?img_index=1. Acesso em: 27 abr. 2024.

⁶⁰ Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cz37UYCtp9u/?img_index=1. Acesso em: 27 abr. 2024.

⁶¹ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CyQnJ1_uWDt/?img_index=1. Acesso em: 27 abr. 2024.

começa com a frase "Eu sou..." seguida da identidade específica. Em seguida, é expresso que compartilhar essa informação é um presente e que conhecer a pessoa como tal é conhecê-la como seu eu completo e autêntico. A publicação visa fornecer um espaço seguro e de apoio para aqueles que estão se assumindo, enfatizando a importância da autenticidade e da aceitação de si mesmo. Ao destacar esses traços de identidades e encorajar a expressão honesta de quem se é, a postagem contribui para a visibilidade e o entendimento das diversas experiências humanas relacionadas à orientação sexual e identidade de gênero. Isso é crucial, considerando a **exclusão da esfera pública dominante**, onde a assexualidade e outras orientações não convencionais geralmente são invisibilizadas ou mal interpretadas e a narrativa predominante da sexualidade é baseada na norma heterossexual e atração sexual como única. O perfil *acedadadvice*, então, combate essa exclusão ao questionar tais noções e fornecer informações inclusivas que validam e aceitam as experiências daqueles que não se encaixam nos padrões heteronormativos.

Além disso, o perfil cumpre uma **dupla função** ao permitir que os assexuais construam e afirmem suas identidades, ao mesmo tempo em que oferece validação social e apoio emocional. Este é um ponto essencial, pois fortalece a autoestima e o senso de pertencimento em um ambiente que muitas vezes os invalida. A publicação ⁶² do perfil *acedadadvice*, por exemplo, aborda um equívoco relacionado à assexualidade, quando esta se torna sinônimo de ausência de sexo. O texto inicia esclarecendo que a assexualidade não é uma experiência uniforme e destaca que muitas pessoas assexuais optam por não incluir o sexo em seus relacionamentos ou em suas vidas, porém, isso não é uma regra absoluta. O ponto central da mensagem é que algumas pessoas assexuais escolhem participar de atividades sexuais e isso não invalida ou contradiz sua assexualidade. Essa é uma perspectiva que contesta estereótipos associados à assexualidade que frequentemente são baseados em normas da heteronormatividade na qual sexo é interpretado apenas de uma forma e a ideia ser assexual significa necessariamente não ter interesse ou envolvimento em atividades sexuais. A publicação ressalta que não há uma forma "correta" de se relacionar com o sexo que confirme ou invalide a assexualidade de alguém. Essa abordagem empática e abrangente busca desmistificar a

⁶² Disponível em: https://www.instagram.com/p/CyldE5yNbHY/?img_index=1. Acesso em: 27 abr. 2024.

assexualidade, promovendo uma compreensão mais abrangente das diversas formas de experiência humana, contribui para uma maior aceitação das pessoas assexuais e valida os traços de identidade dos assexuais em suas diferentes experiências.

O mesmo acontece com o publicação 3⁶³, na qual o perfil *acedadadvice* aborda de maneira direta questões relacionadas à assexualidade com repulsa ao sexo, desmistificando quatro estigmas sobre essa experiência. Em primeiro lugar, salienta-se que os assexuais com repulsa sexual não são sexo-negativos; eles estão apenas fazendo escolhas pessoais que respeitam sua própria identidade, sem julgar as escolhas dos outros. Além disso, é enfatizado que esses sujeitos não estão quebrados e não precisam ser "consertados"; o desejo por sexo não é um padrão universal de comportamento humano e a falta desse desejo não indica um problema a ser corrigido. Em seguida, a publicação ressalta que as pessoas assexuais com repulsa ao sexo merecem ter relacionamentos e companhia, independentemente de sua falta de interesse em atividades sexuais; seu traço de identidade assexual não deve impedi-las de encontrar conexões emocionais significativas. Por fim, é destacado que os assexuais com repulsa ao sexo não devem ser marginalizados em favor daqueles que se identificam como assexuais e ainda participam de atividades sexuais. Pondo as publicações 2 e 3 lado a lado, é possível perceber que o perfil *acedadadvice* deseja passar a mensagem de que todas as formas de expressão da assexualidade merecem ser reconhecidas e apoiadas, e é importante que todas as vozes dentro da comunidade assexual sejam valorizadas, tema recorrente nas publicações dos quatro perfis estudados.

O **reconhecimento das estruturas de poder** que moldam as normas culturais em torno da sexualidade acontece quando o perfil destaca a diversidade de experiências de atração e relacionamento. O perfil *acedadadvice* contesta essas estruturas que limitam e definem estreitamente a expressão da sexualidade e da identidade de gênero e contribui para uma maior conscientização sobre as formas como o poder opera na sociedade e como ele pode afetar as experiências das pessoas assexuais e não conformes de gênero. O perfil também mantém uma **relação dinâmica com a esfera pública dominante**, ao falar diretamente com um público não apenas assexual e trazer questões relacionadas à assexualidade e

⁶³ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CzWfSPpv0zw/?img_index=1. Acesso em: 27 abr. 2024.

outras orientações não convencionais para o centro do discurso sobre sexualidade como um todo. Ao questionar as convenções culturais predominantes e fornecer informações educativas, o perfil tenta contribuir para a conversa pública sobre sexualidade e relacionamentos. No entanto, há áreas que podem ser melhoradas, como a interação direta com essa esfera pública por meio de outros canais para ampliar a conscientização e o diálogo sobre questões assexuais. Outro ponto a ser considerado é a **diversidade de vozes e perspectivas** dentro do perfil. Embora o perfil *acedadadvice* demonstre uma variedade de experiências, há espaço para ampliar a inclusão de vozes menos representadas ou marginalizadas, como assexuais de diferentes origens étnicas, socioeconômicas e culturais, bem como aqueles com identidades de gênero não-binárias.

Por fim, o perfil tem o **potencial transformador** ao questionar convenções culturais predominantes e promover uma compreensão mais inclusiva e empática da sexualidade humana. Ao fornecer informações precisas e relevantes sobre a assexualidade e outras orientações não convencionais, o perfil *acedadadvice* está contribuindo para reduzir estereótipos e promover uma maior aceitação e compreensão dessas identidades. Em resumo, ainda que existam áreas que podem ser aprimoradas, como a interação com a esfera pública dominante e a inclusão de uma diversidade mais ampla de vozes e perspectivas em suas postagens, o perfil *acedadadvice* desempenha o papel de contrapúblico na promoção da visibilidade, aceitação e compreensão da assexualidade e de experiências relacionadas à diversidade sexual e de gênero. Suas publicações educativas, validadoras e questionadoras contribuem para uma mudança na forma como a sociedade percebe e entende a sexualidade e a identidade de gênero.

8.2.2 Ciberativismo em ação: perspectiva do perfil *acedadadvice*

A análise do perfil *acedadadvice* em relação às características de ciberativismo (Quadro 4) revela que este apresenta 7 dos 8 itens em suas postagens, consolidando-se como um espaço de ciberativismo no Instagram dentro da comunidade assexual. O perfil se destaca por sua abordagem educativa, inclusiva e empática em relação à diversidade de experiências sexuais e de gênero. Como exemplo, pode-se citar a publicação 4⁶⁴ do perfil, que contesta o estereótipo

⁶⁴ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CylZV6XL_FY/. Acesso em: 27 abr. 2024.

comum de que as pessoas assexuais não entendem ou não sabem nada sobre sexo. Cody expressa seu descontentamento com essa ideia, considerando-a "muito idiota", já que as pessoas assexuais, na verdade, sabem muito sobre sexo e tiveram que pensar sobre o assunto com frequência para se entenderem na assexualidade. A publicação descreve essa experiência como tentar decifrar um enigma antigo todos os dias e a falta de interesse em ter relações sexuais não significa falta de conhecimento ou reflexão sobre o assunto. Pelo contrário, quando alguém não deseja sexo em um sociedade altamente sexualizada, este tema está constantemente presente em uma reflexão mais profunda sobre o tema. Dessa forma, a publicação se encaixa bem no contexto do **uso do ciberespaço como ambiente para manifestação** ao contestar estereótipos comuns sobre pessoas assexuais, de maneira que o perfil oferece uma perspectiva íntima e autêntica sobre a experiência assexual. Ao utilizar o Instagram, o perfil acesdadadvice aproveita a visibilidade e o alcance da plataforma digital para compartilhar essa perspectiva e promover discussões sobre a assexualidade, abordagem crucial para refutar conceitos errôneos e educar o público sobre as experiências reais das pessoas assexuais.

O perfil também questiona normas culturais e sociais relacionadas à sexualidade e identidade de gênero em uma **ação política não convencional**, abordando questões sensíveis como os diferentes tipos de atração (post 5⁶⁵) e repulsa sexual (post 3⁶⁶), o que promove uma compreensão mais abrangente, como discutido no excerto anterior. As publicações 3 e 5 abordam diferentes aspectos da assexualidade e da atração, questionando convenções e crenças dominantes enquanto destacam a diversidade de experiências dentro da comunidade assexual.

Ambas as publicações contestam pré-concepções e preconceitos comuns em relação à assexualidade e à atração, promovendo uma compreensão mais inclusiva e empática das experiências sexuais e afetivas. A publicação 3⁶⁷, promove uma ação política não convencional ao refutar preconceitos comuns relacionados à assexualidade e ao desmistificar estigmas sobre assexuais com repulsa ao sexo, promovendo a inclusão de dessas pessoas na comunidade assexual e a aceitação

⁶⁵ Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cz37UYCtp9u/?img_index=1. Acesso em: 27 abr. 2024.

⁶⁶ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CzWfSPpv0zw/?img_index=1. Acesso em: 27 abr. 2024.

⁶⁷ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CzWfSPpv0zw/?img_index=1. Acesso em: 27 abr. 2024.

delas fora da comunidade também. Por sua vez, a publicação 5⁶⁸, explica a distinção entre dois tipos de atração e ressaltar que é possível sentir atração sensual sem necessariamente desejar sexo, contestando os padrões estabelecidos e contribuindo para uma maior conscientização sobre a diversidade de experiências relacionadas à sexualidade. Ambas as publicações, além de serem exemplos de ação política não convencional, têm um impacto educacional significativo, fornecendo informações claras e acessíveis sobre a assexualidade e a atração. Além disso, estas e outras publicações (post 2⁶⁹) desempenham um papel na **difusão de informações fora das fontes tradicionais** sobre assexualidade e identidade de gênero, oferecendo perspectivas autênticas que contestam ideias preconcebidas e proporcionam uma compreensão mais completa da diversidade sexual, romântica e de gênero.

Outro aspecto relevante no perfil *acedadadvice* é a ênfase na **facilidade de acesso e inclusão**, fornecendo informações e recursos educativos acessíveis a qualquer pessoa que siga o perfil no Instagram. Suas postagens são elaboradas para alcançar uma ampla audiência e oferecer suporte às pessoas que se identificam como assexuais ou que desejam aprender mais sobre o tema. O **impacto educacional** do perfil é notável, fornecendo informações claras e acessíveis sobre questões relacionadas à assexualidade, aumentando a conscientização sobre as diversas experiências dentro da comunidade assexual e promovendo uma compreensão mais empática das identidades sexuais. Em resumo, o perfil *acedadadvice* é um exemplo de ciberativismo na comunidade assexual, utilizando o Instagram como plataforma digital para promover a aceitação, visibilidade e empoderamento das pessoas assexuais. Suas postagens contestam estereótipos, fornecem educação e apoio, e promovem uma cultura de inclusão.

8.2.3 Contrapúblico: *theyasminbenoit* em foco

A análise da relação do perfil *theyasminbenoit* com as características de contrapúblico mostra uma presença marcante de características de contrapúblico em suas postagens, onde a modelo e ativista Yasmin Benoit se posiciona como uma voz ativa na defesa e visibilidade da comunidade assexual. Ao abordar questões

⁶⁸ Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cz37UYCtp9u/?img_index=1. Acesso em: 27 abr. 2024.

⁶⁹ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CyldE5yNbHY/?img_index=1. Acesso em: 27 abr. 2024.

relacionadas à falta de representação na mídia e direitos para pessoas assexuais, a ativista **desafia as normas e crenças dominantes**, contestando preconceitos enraizados sobre sexualidade através de discussões sobre discriminação, estereótipos e falta de reconhecimento legal para essa comunidade. O perfil theyasminbenoit serve como um espaço onde as preocupações relacionadas à comunidade assexual são trazidas à tona e discutidas abertamente, desafiando a **exclusão da esfera pública dominante**, principalmente por meio de argumentação em prol da necessidade de mais representações positivas da assexualidade na mídia. As publicações 2, 3 e 4 do perfil trazem esse assunto e a distinção entre elas contam uma história.

A publicação 2⁷⁰, de 21 de setembro de 2023, mostra uma Yasmin animada em revelar para seus seguidores que teve a oportunidade de trabalhar com a Netflix do Reino Unido na criação de um personagem e enredo para a última temporada do seriado “Sex Education”. Esta é uma conquista significativa não apenas para a ativista, que tem se dedicado ao trabalho de diversificar a representação assexual na mídia, mas também para a comunidade assexual, visto que os números de representação assexual na mídia são baixos (GLAAD, 2023). Na mensagem, Yasmin Benoit expressa sua esperança de que o público aprecie o resultado de seu trabalho, assim como expressa gratidão pela oportunidade e por finalmente poder se ver representada de forma autêntica em um personagem assexual na série. Essa publicação reflete o comprometimento de Yasmin Benoit com a representação diversificada na mídia, especialmente em relação à comunidade assexual e destaca a importância de incluir uma gama mais ampla de experiências e identidades nas narrativas televisivas.

A publicação 3⁷¹, de 22 de setembro de 2024, é um aprofundamento sobre a colaboração entre Yasmin Benoit e a Netflix. A postagem é a divulgação de uma entrevista exclusiva concedida à Attitude⁷²⁷³, na qual Yasmin Benoit discute a criação da personagem Sara “O” Owen para “Sex Education”. Na entrevista, a ativista compartilha que a personagem evoluiu com a contribuição de Benoit para se tornar

⁷⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cxc6YgfMqoV/>. Acesso em: 27 abr. 2024.

⁷¹ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CxgEpl9MqgN/?img_index=1. Acesso em: 27 abr. 2024.

⁷² Attitude é uma revista britânica de estilo de vida com foco no público LGBTQIAP+. Criada em 1994, sua distribuição é física e presencial.

⁷³ Publicação original em: <https://www.attitude.co.uk/culture/sex-education-season-4-yasmin-benoit-asexual-character-447435/>. Acesso em: 27 abr. 2024.

uma mulher de cor, confiante e positiva em relação ao sexo, que educa outras pessoas sobre sexualidade. Benoit enfatizou que ser assexual não significa ser antissexual ou tímido, defendendo a representação da assexualidade com confiança e empoderamento. Ela queria que o personagem fosse "o mais foda possível", refutando os estereótipos de assexuais como desconectados ou ingênuos. Yasmin também expressou seu desapontamento com a personagem assexual anterior da série, Florence Simmons, que apareceu em apenas 3 episódios da segunda temporada e teve apenas uma cena relevante em relação a sua assexualidade, de forma que a ativista pressionou por uma representação mais substancial com O. O título e o conteúdo da publicação destacam o compromisso de Benoit em garantir uma representação autêntica e empoderadora da comunidade assexual na mídia. Além disso, ressalta-se a importância de mostrar a diversidade de experiências dentro da assexualidade, esperando que isso ajude as pessoas a compreender e aceitar melhor esse traço de identidade e orientação sexual.

Enquanto as publicações 2 e 3 trouxeram uma expectativa positiva sobre a representatividade assexual na mídia, a publicação 4⁷⁴, de 2 de outubro de 2024, vem com o resultado após a exibição do seriado. Na entrevista exclusiva concedida ao PinkNews⁷⁵⁷⁶, Yasmin aborda a reação da comunidade assexual ao personagem O na quarta temporada de "Sex Education" e compartilha sua análise sobre o desenrolar da história de O na série, expressando surpresa e preocupação com certas mudanças na representação do personagem. É possível entender que, embora a ativista tenha contribuído para evitar pré-concepções negativas, algumas nuances foram perdidas na adaptação da ideia e tela, resultando em uma recepção variada do personagem. A publicação destaca a importância de representar com cuidado a única personagem assexual mulher de cor em uma grande mídia, enfatizando os possíveis impactos negativos para a comunidade assexual quando a representação é mal interpretada. Apesar da negatividade direcionada ao personagem nas redes sociais online devido ao envolvimento com o personagem

⁷⁴ Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cx6AH4osRAe/?img_index=1. Acesso em: 27 abr. 2024.

⁷⁵ PinkNews é um jornal online criado em 2005 com sede no Reino Unido, focado na comunidade LGBTQIAP+. Segundo o site oficial do PinkNews, esta é a maior e mais influente marca de mídia LGBTQIAP+ do mundo, com mais de 150 milhões de visitantes únicos mensais em todas as suas plataformas (PINKNEWS, 2024).

⁷⁶ Publicação original em: <https://www.thepinknews.com/2023/10/02/sex-education-asexual-o-yasmin-benoit/>. Acesso em: 27 abr. 2024.

mal recebido, Yasmin se esforça para encontrar aspectos positivos e vê a representação como um meio passo na direção certa.

A discussão em torno das publicações mencionadas traz à tona questões essenciais sobre representatividade, inclusão e os desafios enfrentados pela comunidade assexual na mídia. Mesmo com a colaboração de uma ativista assexual e mulher de cor, que buscou que o personagem fosse representado de maneira autêntica e empoderadora, a execução foi falha, resultando em uma interpretação ambígua do personagem e a resposta variada do público. Isso destaca os desafios enfrentados ao tentar traduzir uma visão abrangente e precisa da assexualidade para a mídia *mainstream*, especialmente quando se trata de representar minorias étnicas e sexuais. Essa discrepância entre expectativa e realidade ressalta a importância de uma representação cuidadosa e sensível da diversidade sexual na mídia. A falta de representação pode reforçar ideias preconcebidas prejudiciais e alienar comunidades marginalizadas, como a comunidade assexual. Por outro lado, uma representação autêntica e positiva pode fornecer modelos inspiradores e promover uma maior compreensão e aceitação da diversidade sexual. Dessa forma, é crucial que os criadores de mídia considerem as vozes e perspectivas das comunidades que estão sendo representadas, colaborando de forma significativa e garantindo que suas histórias sejam contadas com autenticidade. Embora haja desafios nesse processo, a continuidade do diálogo e o compromisso com a inclusão são essenciais para promover uma representação mais justa e precisa de todas as identidades sexuais na mídia.

A partir dessa discussão e a exposição feita no perfil theyasminbenoit, nota-se que o mesmo desempenha uma **dupla função** ao criar uma identidade assexual autêntica e valorizar as experiências da comunidade, ao mesmo tempo em busca proporcionar um senso de pertencimento e validação para os assexuais e contesta pré-concepções e preconceitos. Para além da mídia, o perfil demonstra a colaboração de Yasmin Benoit com instituições como a Stonewall, uma organização beneficente de direitos LGBTQIAP+ do Reino Unido e a maior da Europa, e abordando questões legais e políticas. Assim o perfil **reconhece as estruturas de poder** e busca influenciar para promover a igualdade e justiça para os assexuais. Da mesma forma, a ativista demonstra uma **relação dinâmica com a esfera pública dominante** ao trabalhar com mídias como Netflix, Attitude e PinkNews, identificando

lacunas na legislação e na mídia, assim como trabalhando para mudar essas estruturas para criar um ambiente mais inclusivo.

O exemplo de conexão entre esses dois fatores está na publicação 5⁷⁷, onde o perfil theyasminbenoit aborda o reconhecimento legal da assexualidade em entrevista para a Attitude Magazine. No texto, Yasmin compartilha sua jornada e esforços para trazer atenção e proteção à comunidade assexual do Reino Unido, destacando a importância de que a assexualidade seja tratada com seriedade e respeito nos espaços legais e sociais. Ao lançar o primeiro relatório do Reino Unido sobre experiências assexuais e discriminação em colaboração com a Stonewall, Benoit visa não apenas a conscientização, mas também a ação concreta para garantir que as pessoas assexuais recebam reconhecimento. Ela ressalta que, embora a assexualidade seja frequentemente ignorada ou minimizada, as pessoas assexuais enfrentam discriminação, isolamento e preconceito em diversos aspectos de suas vidas, incluindo educação, trabalho e saúde. O relatório destaca disparidades significativas enfrentadas pela comunidade assexual, como estigma médico associado à assexualidade, resistência de figuras conservadoras e a falta de atenção por parte da comunidade LGBTQIAP+ mais ampla. Essa publicação não apenas chama a atenção para a necessidade de reconhecimento legal da assexualidade, mas também destaca a importância do ativismo persistente e da colaboração com organizações como a Stonewall para promover mudanças significativas na sociedade. Dessa forma, o ativismo online de Yasmin Benoit em seu perfil demonstra um **potencial transformador** ao promover a conscientização, educação e advocacia em nome da comunidade assexual e ao buscar ativamente transformar a maneira como a sociedade percebe a assexualidade. Seu trabalho visa criar mudanças significativas na legislação, na conscientização pública e na representação midiática.

Embora o perfil theyasminbenoit desempenhe efetivamente o papel de contrapúblico em muitos aspectos, também há algumas limitações em relação às características de contrapúblico, mais precisamente, quando se trata de **diversidade de vozes e perspectivas**. Yasmin Benoit assume o papel de protagonista em seu perfil e, ao passo que promove a comunidade assexual, este pode não incluir uma ampla gama de experiências e pontos de vista devido à natureza limitada do espaço nas redes sociais online e das estratégias de ativismo que Yasmin utiliza. Outro

⁷⁷ Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cy3zpx7sg4l/?img_index=1. Acesso em: 27 abr. 2024.

detalhe que merece destaque é o envolvimento de Yasmin Benoit com uma grande plataforma de entretenimento como a Netflix, o que sugere uma certa integração na esfera pública dominante. A abordagem estratégica e colaborativa demonstra o impacto positivo que sujeitos engajados podem ter na construção de uma sociedade mais inclusiva. Em resumo, o perfil theyasminbenoit emerge como um espaço contrapúblico essencial para a promoção da representação autêntica da comunidade assexual e a defesa de seus direitos e reconhecimento. A análise ressalta como Yasmin Benoit desempenha um papel importante na promoção da representação autêntica da comunidade assexual, na defesa de seus direitos e reconhecimento, e na busca por mudanças estruturais e legais para garantir visibilidade para as pessoas assexuais.

8.2.4 Ciberativismo em ação: perspectiva do perfil theyasminbenoit

A análise do perfil theyasminbenoit evidencia a presença marcante das características de ciberativismo (Quadro 4), situando-se como um espaço de engajamento significativo dentro da comunidade assexual no Instagram. Yasmin Benoit, destacando-se como uma ciberativista engajada, promove os direitos e a visibilidade dessa comunidade de forma notável. Ao examinar suas publicações, é possível identificar a presença de todas as características de ciberativismo do Quadro 4. Primeiro, nota-se o **uso do ciberespaço como ambiente de manifestação**, já que Yasmin utiliza predominantemente as redes sociais online, especialmente o Instagram e o Twitter, como plataformas digitais primordiais para expressar suas opiniões, compartilhar informações e promover conscientização, engajando-se com seguidores e membros da comunidade LGBTQIAP+. Seu perfil é interativo, convidando interações e chamadas para ação dos seguidores. As publicações analisadas indicam que Yasmin responde a perguntas e críticas (posts 1⁷⁸ e 4⁷⁹), compartilha experiências pessoais (posts 2⁸⁰ e 4⁸¹) e participa de discussões sobre questões relacionadas à assexualidade e discriminação (posts 3,

⁷⁸ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CzEjqYrscEV/?img_index=1. Acesso em: 27 abr. 2024.

⁷⁹ Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cx6AH4osRAe/?img_index=1. Acesso em: 27 abr. 2024.

⁸⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cxc6YgfMgoV/>. Acesso em: 27 abr. 2024.

⁸¹ Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cx6AH4osRAe/?img_index=1. Acesso em: 27 abr. 2024.

4⁸² e 5), fazendo com que esta seja uma **comunicação multidirecional e interativa**.

Em vez de adotar métodos políticos convencionais, Yasmin opta por uma abordagem online, usando o ciberespaço como uma ferramenta para promover mudanças políticas e sociais. Ela usa o ciberativismo para pressionar por maior reconhecimento legal e social da comunidade assexual em uma **ação política não convencional**. O perfil também **não se restringe às fontes tradicionais de mídia** para divulgar informações, utilizando seu espaço na plataforma digital para compartilhar notícias, relatórios e outras informações relevantes sobre assexualidade, alcançando um público mais amplo e diversificado. O perfil theyasminbenoit oferece **fácil acesso** a informações e recursos relacionados à assexualidade, permitindo que pessoas de diferentes origens e localizações geográficas se envolvam no diálogo e na conscientização sobre o tema. Utilizando o ciberativismo para informar o público sobre as questões enfrentadas pela comunidade assexual, Yasmin destaca desafios, preconceitos e estereótipos, promovendo uma compreensão mais ampla e empática da assexualidade e gerando, a partir das suas postagens, **impacto educacional e conscientização**:

Ao compartilhar suas próprias experiências e lutas como pessoa assexual, Yasmin contribui para a **construção de uma identidade** positiva e afirmativa para outras pessoas assexuais, refutando ideias preconcebidas e normalizando a diversidade de orientações sexuais. E o perfil **transgride espaços da vida cotidiana** ao enfrentar a invisibilidade e o silenciamento históricos da comunidade assexual e trazer questões relacionadas à assexualidade para o ciberespaço e para o domínio público das redes sociais online, ampliando o alcance do ativismo assexual.

A publicação 1⁸³ do perfil theyasminbenoit demonstra claramente a postura de Yasmin como ativista, assim como diversas características discutidas neste excerto. A publicação em questão aborda a reação e os comentários enfrentados após a divulgação do relatório sobre discriminação assexual no Reino Unido em parceria com a Stonewall. No conteúdo, Yasmin Benoit compartilha exemplos de comentários ofensivos, acefóbicos e misóginos que recebeu em resposta ao seu trabalho. Esses

⁸² Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cx6AH4osRAe/?img_index=1. Acesso em: 27 abr. 2024.

⁸³ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CzEjqYrscEV/?img_index=1. Acesso em: 27 abr. 2024.

comentários variam desde insinuações sobre sua aparência até acusações infundadas sobre sua assexualidade e seu ativismo. As respostas de Yasmin às críticas são diretas e firmes, destacando a falta de entendimento e empatia por parte dos comentaristas. Ela rejeita acusações de desajuste, comparações com prostituição e tentativas de invalidação da assexualidade. Essa publicação ilustra a resistência e a determinação de Yasmin Benoit em enfrentar a adversidade e continuar seu ativismo em prol da comunidade assexual.

A publicação 1 também mostra que o ciberativismo do perfil theyasminbenoit enfrenta uma série de desafios que podem comprometer sua eficácia e bem-estar. Um dos maiores obstáculos é o assédio e os ataques online que Yasmin enfrenta regularmente; como uma ativista que se expõe para um público além da comunidade assexual, ela está sujeita a comentários negativos e até mesmo ameaças, provenientes de pessoas que se opõem à causa. Esses ataques não apenas podem prejudicar sua saúde mental, mas também dificultam sua capacidade de continuar seu ativismo de forma produtiva. Além do assédio, Yasmin também enfrenta reações negativas e hostis de pessoas que não compreendem ou aceitam a assexualidade; as respostas negativas em suas publicações são um lembrete constante dos desafios que a comunidade enfrenta ao tentar educar e promover a conscientização sobre a assexualidade. Lidar com críticas e até mesmo com assédio online pode ser extremamente desgastante e desafiador, porém, o perfil theyasminbenoit utiliza essas reações para fortalecer sua posição e a comprovar a necessidade do ativismo assexual, permanecendo comprometida com a causa e a luta por uma maior visibilidade e aceitação da assexualidade.

Em suma, o perfil theyasminbenoit demonstra um ciberativismo proativo, visando aumentar a conscientização e combater a discriminação contra a comunidade assexual. Através de suas publicações, compartilhamentos de recursos e interações diretas, Yasmin Benoit está ativamente engajada na promoção da causa assexual, exemplificando o poder do ciberativismo na promoção da conscientização, educação e defesa dos direitos dessa comunidade. Seu trabalho influente tem impactado positivamente a conscientização pública e a promoção da inclusão e respeito pela comunidade assexual. Yasmin ganhou reconhecimento significativo como uma voz proeminente no ativismo assexual, participando de eventos, entrevistas e colaborações com organizações influentes.

8.2.5 Contrapúblico: aceseducation em foco

A análise do perfil aceseducation em comparação às características de contrapúblico demonstra uma presença relevante desses atributos em suas postagens, estabelecendo um espaço alternativo no Instagram para discutir e promover a compreensão da diversidade sexual, especialmente focando na comunidade assexual. O perfil **desafia as normas e crenças dominantes** sobre sexualidade, especialmente aquelas que afetam a vivência assexual. Além do sexo, suas postagens contestam ideias preconcebidas sobre amor, desejo, intimidade e identidade, oferecendo perspectivas alternativas e contrapontos às narrativas convencionais. A publicação 4⁸⁴, por exemplo, apresenta uma citação da autora Julie Sondra Decker, tirada de seu livro "A Orientação Invisível", no qual compara a percepção da atração sexual nas pessoas assexuais com a ideia de que um cão sem cauda nunca está feliz, já que se acredita que todos os cães abanam o rabo quando estão felizes. A publicação abre espaço para uma discussão importante sobre a diversidade de experiências humanas. Em primeiro lugar, a analogia do cão sem cauda oferece uma maneira interessante de ilustrar a experiência das pessoas assexuais. Assim como nem todos os cães abanam o rabo quando estão felizes, nem todas as pessoas experimentam ou desejam atração sexual em seus relacionamentos amorosos, isso enfrenta diretamente a ideia convencional de que o sexo é uma parte essencial do amor e da felicidade em um relacionamento. Além disso, essa citação implica a importância de reconhecer e respeitar a diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero. A sociedade muitas vezes assume que todos experimentam atração sexual da mesma forma, o que pode levar à marginalização e à falta de compreensão das pessoas assexuais. Ao destacar que a atração sexual nem sempre está presente ou é necessária para um relacionamento amoroso, a publicação põe luz sobre a diversidade de experiências humanas.

Ao representar e amplificar as vozes e experiências daqueles que estão fora das convenções sexuais predominantes, o perfil age como um contraponto à cultura *mainstream*, oferecendo um espaço para discussões que muitas vezes são invisibilizadas. Dessa forma, o perfil contesta a **exclusão da esfera pública dominante** ao destacar experiências e perspectivas frequentemente ignoradas ou

⁸⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CzMq0H9RnzD/>. Acesso em: 27 abr. 2024.

estigmatizadas, proporcionando uma voz para aqueles que podem não se sentir representados em outros espaços.

O perfil *aceseducation* também desempenha uma **dupla função** ao fornecer não apenas informações educacionais sobre sexualidade, mas também ao validar as identidades de pessoas assexuais e outras que não se identificam com as normas sexuais e românticas predominantes. Suas postagens buscam valorizar as experiências desses grupos, criando um senso de comunidade e pertencimento. Por exemplo, a publicação 2⁸⁵ compartilhada pelo perfil, que traz uma metáfora criativa sobre a importância dos rótulos na identidade pessoal e na definição de limites. A imagem de uma caixa de papelão aberta com um gato dentro, balançando as patas e um sorriso de satisfação no rosto, representa visualmente a ideia de autodeterminação e conforto ao escolher entrar em uma "caixa" ou rótulo por vontade própria. A analogia é reforçada pela citação que acompanha a imagem, atribuída ao usuário do Tumblr "bisexualbaker"⁸⁶, que compara a experiência de ser rotulado por outros com a diferença de voluntariamente se rotular. Essa metáfora é então complementada pela citação de "naamahdarling"⁸⁷ que elogia a resposta para o argumento de que os rótulos são ruins. Isso destaca a importância de reconhecer que os rótulos podem ser uma ferramenta útil para as pessoas expressarem sua identidade e estabelecerem limites, especialmente quando se trata de orientação sexual e identidade de gênero. Em suma, essa publicação ressalta a importância do autocentrimento na formação da identidade pessoal, rejeitando a ideia de que os rótulos são necessariamente prejudiciais ou limitantes e o fato de isto estar exposto em uma rede social online e demonstrando que outras pessoas estão falando sobre isso e sentindo o mesmo, passa a mensagem de que a experiência não é isolada.

O perfil também **reconhece as estruturas de poder** que estigmatizam certas identidades e experiências sexuais e as critica, destacando como as convenções sociais e culturais podem ser opressivas e prejudiciais para pessoas que não se encaixam nos padrões convencionais de sexualidade. A publicação 1⁸⁸ feita por Aubri Lancaster no seu perfil, que afirma que "as pessoas assexuais não devem a você virgindade, abstinência ou sexo", está diretamente relacionada ao

⁸⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cw0iYrwvp1x/>. Acesso em: 27 abr. 2024.

⁸⁶ Publicação original em: <https://bisexualbaker.tumblr.com/post/107266896941/a-note-on-labels>. Acesso em: 27 abr. 2024.

⁸⁷ Publicação original em: <https://naamahdarling.tumblr.com/post/107443354841/a-note-on-labels>. Acesso em: 27 abr. 2024.

⁸⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CxingV6L36C/>. Acesso em: 27 abr. 2024.

reconhecimento das estruturas de poder que estigmatizam certas identidades e experiências sexuais. Ao enfatizar que as pessoas assexuais não têm a obrigação de cumprir as expectativas sociais em relação à sua vida sexual, a publicação critica as normas sociais e culturais que impõem padrões convencionais de sexualidade. Essas convenções, que muitas vezes são opressivas e prejudiciais para aqueles que não se encaixam nelas, podem perpetuar estigmas e marginalizar as pessoas assexuais, colocando sobre elas uma pressão injusta para se conformarem a ideias predefinidas sobre sexualidade. Ao questionar essas expectativas e reivindicar a autonomia sexual das pessoas assexuais, a publicação promove uma crítica construtiva das estruturas de poder que perpetuam a estigmatização e a discriminação com base na identidade sexual.

Isso também faz com que o perfil mantenha uma **relação dinâmica com a esfera pública dominante**, pois este tenta influenciar diretamente o discurso público sobre sexualidade. Suas postagens provocam reflexões, geram conversas e promovem mudanças na percepção social das diferentes formas de se relacionar. O **potencial transformador** está presente quando o perfil questiona percepções e atitudes em relação à assexualidade, promove uma educação sexual inclusiva e busca avançar o discurso público sobre sexualidade de maneira progressista e aberta. É importante reconhecer que, apesar de suas características de contrapúblico, o perfil também pode apresentar algumas características de risco na expansão do alcance do seu conteúdo. Devido à sua abordagem aberta e progressista em relação à sexualidade como um todo e não apenas focada na assexualidade, o perfil pode **afastar audiências mais conservadoras**. Isso pode limitar sua capacidade de alcançar e educar pessoas que mais precisam de informações sobre sexualidade, mas que podem não se sentir confortáveis com abordagens mais questionadoras. Também, mesmo que o perfil desafie diretamente normas culturais em torno da sexualidade, a **relação com a esfera pública dominante** não é tão dinâmica quanto os dois perfis apresentados anteriormente, de forma que pode haver áreas em que sua mensagem não é amplamente difundida ou aceita, o que pode limitar seu potencial transformador.

Em suma, o perfil acesexeducation se demonstra como contrapúblico ao criar um espaço alternativo para discussões sobre sexualidade como um todo e validar e dar voz a identidades fora das convenções predominantes. Suas mensagens têm o potencial de gerar impacto significativo tanto dentro quanto fora da comunidade

assexual, pois o perfil desempenha um papel na promoção da educação sexual abrangente, na defesa das vivências das pessoas assexuais e no avanço do discurso público sobre sexualidade.

8.2.6 Ciberativismo em ação: perspectiva do perfil **acesexeducation**

A análise do perfil **acesexeducation** revela um engajamento significativo em ciberativismo relacionado à assexualidade e à diversidade sexual, contribuindo para a conscientização, educação e promoção da inclusão tanto dentro da comunidade assexual quanto além dela. Ao examinar as publicações, é possível identificar a presença de 7 das 8 características de ciberativismo (Quadro 4), iniciando pelo **uso do ciberespaço como ambiente de manifestação**, já que o perfil utiliza o Instagram para compartilhar mensagens, imagens e citações relacionadas à assexualidade e à diversidade sexual, buscando alcançar um público diversificado e ampliando o alcance das mensagens de ativismo. Um exemplo de manifestação do perfil, pode ser encontrado na publicação ¹⁸⁹, onde Aubri questiona conceitos tradicionais sobre virgindade, abstinência e sexo, reforçando a identidade e autonomia das pessoas assexuais. Isso ajuda a construir uma narrativa positiva em torno da assexualidade, empoderando pessoas assexuais e questionando os estigmas e expectativas sociais associadas à sua orientação sexual.

Embora a interatividade direta, que implica uma comunicação semelhante a um diálogo com o público, seja limitada nas postagens analisadas, o perfil promove a **comunicação multidirecional** ao indicar o acompanhamento das discussões geradas em tópicos dentro da assexualidade em outras plataformas digitais, como na publicação ²⁹⁰. A postagem traz uma posição em relação ao uso de rótulos e termos para identificar orientações românticas e sexuais, oferecendo uma perspectiva de que o uso de termos para auto identificação é uma forma de garantir que seus limites sejam compreendidos e respeitados. O post ainda traz a interação entre dois diferentes perfis de outra rede social (Tumblr), demonstrando que o tema já gerou interações e contribuiu para uma comunicação multidirecional e interativa dentro da comunidade online.

⁸⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CxinqV6L36C/>. Acesso em: 27 abr. 2024.

⁹⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cw0iYrwvp1x/>. Acesso em: 27 abr. 2024.

A **ação política não convencional** aparece no perfil quando suas postagens questionam normas e estereótipos associados à assexualidade e apresentam reflexões (post 3⁹¹), citações (post 4⁹²) e informações (post 5⁹³) que contestam conceitos convencionais de sexualidade, contribuindo para uma compreensão mais inclusiva da diversidade sexual. Por meio dessas publicações, o perfil também compartilha recursos, livros, citações e reflexões que **difundem informações fora das fontes tradicionais**, auxiliando no alcance de uma das principais metas do perfil, sendo esta a de **educar e conscientizar** o público sobre as questões enfrentadas pelas pessoas assexuais, refutando estigmas e equívocos associados à assexualidade, fornecendo informações precisas, reflexões provocativas e recursos educacionais.

A **construção de identidade** se faz presente quando o perfil fornece um espaço online seguro e abrangente que promove uma narrativa positiva em torno da assexualidade, ajudando os sujeitos a se sentirem validados e aceitos em sua identidade. E, embora não seja explícita em todas as postagens, o perfil **transgride espaços da vida cotidiana** ao contestar as regras sociais e culturais associadas à sexualidade, contribuindo para uma maior aceitação das diversas formas de expressão sexual e identidade dentro da sociedade.

Na publicação 5⁹⁴, por exemplo, são apresentadas definições claras e distintas de termos relacionados à sexualidade e intimidade, o que Aubri chama de "terminologia conflituosa", fornecendo definições concisas para os termos libido, excitação, desejo, atração sexual e intimidade, demonstrando como é a experiência com cada um deles separadamente e como eles podem se sobrepor. A publicação, dessa forma, ajuda a esclarecer nuances importantes na compreensão da sexualidade e das relações íntimas, fornecendo uma base para uma discussão mais aprofundada sobre esses temas. Ao esclarecer esses termos, o perfil **aceseducation** busca promover uma maior conscientização sobre questões que estão presentes na vida cotidiana, mas muitas vezes não são dadas a devida atenção.

Um dos desafios do perfil, porém, é o alcance limitado, pois, apesar dos esforços para atingir um público amplo e diversificado, pode haver limitações em

⁹¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CywJbWMvohA/>. Acesso em: 27 abr. 2024.

⁹² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CzMQ0H9RnzD/>. Acesso em: 27 abr. 2024.

⁹³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C0RzW9rM8gl/>. Acesso em: 27 abr. 2024.

⁹⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C0RzW9rM8gl/>. Acesso em: 27 abr. 2024.

termos de impacto, especialmente entre aqueles que não estão ativamente procurando informações ou apoio relacionados à assexualidade e sexualidade fora das regras dominantes. Isso pode dificultar a capacidade do perfil de alcançar e educar aqueles que podem se beneficiar de suas mensagens e recursos. Em suma, o perfil aceseducation desempenha o papel ciberativista promovendo conscientização, educação e inclusão relacionadas à assexualidade e à diversidade sexual. Suas postagens questionam estigmas, disseminam informações e promovem uma compreensão mais profunda das diversas experiências sexuais e de identidade.

8.2.7 Contrapúblico: angstyace em foco

O perfil angstyace pode ser identificado como um espaço contrapúblico, exibindo todas as 8 características distintivas desse papel, especialmente dentro do contexto da comunidade assexual. **Desafiando as normas e crenças dominantes** sobre sexualidade diretamente, o perfil educa sobre a assexualidade e traços de identidades relacionados, abordando conceitos como o Modelo de Atração Dividida (MAD) e asexual aromântico (aloaro), confrontando assim a falta de compreensão e estigma em torno dessas orientações. O primeiro exemplo está na publicação 5⁹⁵, onde o perfil explora o conceito do Modelo de Atração Dividida (MAD) durante a Semana da Conscientização Assexual de 2023. O post busca esclarecer o que é o MAD e como ele pode ser uma ferramenta útil para pessoas que experimentam uma desconexão entre sua atração sexual e romântica, visto que esse modelo é descrito como um dispositivo que permite diferenciar as atrações. Para muitos na comunidade assexual, que podem sentir atração romântica enquanto ainda sendo assexuais, o MAD oferece uma maneira de expressar sua identidade de forma mais precisa. Por exemplo, uma pessoa assexual pode se identificar como aromântica, heterorromântica, homorromântica, birromântica, panromântica, entre outras possibilidades. No entanto, a postagem também enfatiza que não há uma regra rígida sobre o uso do MAD, pois assim como algumas pessoas asexuais se sentem confortáveis com um único rótulo para descrever sua identidade sexual e romântica, muitos assexuais e aromânticos podem optar por não usar o MAD e

⁹⁵ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CyzNBH3rCWT/?img_index=1. Acesso em: 27 abr. 2024.

escolher apenas um rótulo que englobe sua experiência completa. A mensagem final destaca que os rótulos são ferramentas para ajudar as pessoas a se compreenderem melhor, mas não devem ser vistos como caixas limitadoras, sendo importante usar os termos que fazem com que cada pessoa se sinta confortável e autêntica em sua identidade, vide publicação 2⁹⁶ de *acesexeducation*.

Com esta postura de reconhecimento, o perfil *angstyace* oferece um espaço para os grupos marginalizados da sociedade, como as pessoas assexuais e aromânticos, serem reconhecidos, preenchendo uma lacuna deixada pela **exclusão da esfera pública dominante** e falta de representação e discussões dessas experiências em outros âmbitos sociais. Além disso, o perfil *angstyace* não apenas auxilia na criação e afirmação de identidade para os sujeitos assexuais, mas também valida suas experiências, gerando um senso de pertencimento e comunidade, exercendo assim, a **dupla função** de criação de identidade e validação social.

A postagem 1⁹⁷ do perfil, também realizada em prol da Semana da Conscientização Assexual de 2023, exemplifica como o perfil oferece um espaço para o contrapúblico assexual ser reconhecido e celebrado. Ao compartilhar sua própria jornada e experiências pessoais como pessoa assexual, Rachel preenche uma lacuna deixada pela exclusão dessas experiências na esfera pública dominante e na falta de representação em outros âmbitos sociais. Além disso, ao expressar gratidão pela oportunidade de ajudar outros na comunidade assexual a explorar e afirmar seu traço de identidade, o perfil *angstyace* valida as experiências dessas pessoas, gerando um senso de pertencimento e comunidade. Isso é fundamental porque muitos assexuais podem se sentir isolados ou incompreendidos em uma sociedade que muitas vezes valoriza exclusivamente a sexualidade convencional. Portanto, a postura do perfil *angstyace* vai além de apenas criar uma identidade individual, pois também desempenha um papel na validação social das experiências assexuais, promovendo assim um ambiente mais inclusivo e empático para todos os membros dessa comunidade.

O perfil **reconhece as estruturas de poder** influencia a compreensão convencional da sexualidade e questiona essas narrativas por meio da educação e

⁹⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cw0iYrwvp1x/>. Acesso em: 27 abr. 2024.

⁹⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CytclM-LfdO/>. Acesso em: 27 abr. 2024.

visibilidade online. A publicação 3⁹⁸, por exemplo, aborda mitos e equívocos comuns sobre a assexualidade, oferecendo esclarecimento de uma forma dinâmica. Com a proposta de instigar que mais pessoas se identificariam como assexuais se caso a orientação fosse naturalizada, o perfil introduz uma lista de declarações que desmistificam concepções errôneas sobre o que significa ser assexual. Este ponto destaca a diferença entre assexualidade e aversão ao sexo, como demonstrado também na publicação 2⁹⁹ de acedadadvice. Aqui, é feita a distinção entre assexualidade e arromanticidade, mostrando que a falta de atração sexual não está diretamente ligada à falta de interesse em relacionamentos românticos e este ponto esclarece que a falta de atração sexual não implica necessariamente a ausência de desejo ou excitação sexual. As pessoas assexuais podem experimentar uma variedade de sentimentos em relação ao sexo e o post contesta a noção de que ser assexual exclui a possibilidade de ter interesses ou preferências sexuais específicas. Este ponto destaca a importância da representação e discussão aberta sobre a assexualidade para combater a falta de compreensão e aumentar a conscientização sobre o assunto. A postagem também conclui que o aumento no número de pessoas se identificando como assexuais não significa necessariamente um aumento na população assexual, mas sim uma maior disponibilidade de recursos e informações que permitem que as pessoas compreendam e adotem o rótulo assexual com mais facilidade. Isso ressalta a importância da educação e visibilidade contínuas para a comunidade assexual.

A característica menos presente nas publicações do perfil angstyace é a **relação dinâmica com a esfera pública dominante**, pois esta é demonstrada apenas a partir de indicações que a assexualidade pode usufruir das redes sociais online para sua construção e validação, assim como influenciar e participar do discurso público sobre sexualidade e românticidade. Representando uma variedade de experiências dentro da comunidade assexual, o perfil reconhece a **diversidade de vozes e perspectivas**, destacando que diferentes pessoas podem experimentar a assexualidade de maneiras únicas. Além disso, o perfil traz informações sobre outras orientações sexuais e românticas, expandindo o diálogo sobre as relações humanas. Com seu **potencial transformador**, o perfil angstyace questiona

⁹⁸ Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cz4TzOkPwSe/?img_index=1. Acesso em: 27 abr. 2024.

⁹⁹ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CyldE5yNbHY/?img_index=1. Acesso em: 27 abr. 2024.

estereótipos, esclarece equívocos e promove uma compreensão mais abrangente dos traços de identidades assexuais e aromânticas, contribuindo para uma mudança na percepção e aceitação dessas orientações na sociedade.

Apesar do perfil desempenhar um papel como contrapúblico na promoção da visibilidade e compreensão da assexualidade e identidades relacionadas, há algumas limitações que podem ser identificadas. Por exemplo, embora o perfil tenha o potencial de ser transformador ao refutar pré-concepções, esclarecer equívocos e promover uma compreensão mais abrangente da assexualidade e aromanticidade, pode haver áreas em que sua mensagem não é amplamente difundida, pois suas mensagens são direcionadas apenas para essas comunidades, de forma que a **relação com a esfera pública dominante** não seja tão eficaz e isso pode limitar a capacidade do perfil de se envolver em diálogos construtivos com públicos externos. Por fim, o perfil angstyace opera como um contrapúblico na promoção da visibilidade e compreensão da assexualidade e identidades relacionadas ao questionar as normas e estigmas dominantes e desempenhar um papel na criação de um espaço seguro e inclusivo para as pessoas assexuais se expressarem e se conectarem.

8.2.8 Ciberativismo em ação: perspectiva do perfil angstyace

O perfil angstyace destaca-se no Instagram como um espaço de ciberativismo dentro da comunidade assexual, abordando questões relacionadas à assexualidade e outras orientações dentro do espectro LGBTQIAP+. Por meio de publicações informativas, educativas e reflexivas, o perfil demonstra a presença de 6 das 8 características de ciberativismo (Quadro 4). Fazendo **uso do ciberespaço como ambiente de manifestação**, através do Instagram, o perfil expressa ideias, informações e experiências relacionadas à assexualidade e outras orientações do espectro, de forma que é criado um espaço virtual para a comunidade assexual obter recursos e apoio. A publicação 2¹⁰⁰ é um exemplo de como o perfil se posiciona na manifestação em prol da assexualidade, reunindo diversas características ciberativistas. Esta postagem marca o início da Semana da Conscientização Assexual de 2023 e a autora do perfil se propõe a fazer uma publicação por dia em celebração ao evento, sendo que a primeira oferece uma introdução básica à assexualidade, destacando sua natureza diversificada e

¹⁰⁰ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CytsfL6veJy/?img_index=1. Acesso em: 27 abr. 2024.

multifacetada. A assexualidade é definida por Rachel como a sensação de pouca ou nenhuma atração sexual por qualquer gênero, indo ao encontro do conceito de Bogaert (2004). Essa definição estabelece a base para entender a assexualidade como uma orientação sexual legítima, que ocorre naturalmente, assim como qualquer outra sexualidade que faça parte do espectro LGBTQ+. Ao afirmar isso, o perfil reforça a importância de reconhecer e respeitar a assexualidade como parte da diversidade sexual humana. Além disso, a publicação ressalta que a assexualidade não é uma experiência monolítica, assim como as publicações 2 de *acedadadvice*¹⁰¹ e 1 de *aceseducation*¹⁰². Ou seja, as pessoas no espectro assexual podem ter experiências variadas, podendo ou não experimentar outras formas de atração, participar de atividades sexuais, sentir excitação ou desejo sexual, entre outras possibilidades. Essa afirmação enfatiza a complexidade da assexualidade e a necessidade de compreender suas nuances. Por meio dessa publicação, o perfil inicia uma discussão sobre a assexualidade, fornecendo informações básicas e estabelecendo uma base para explorar mais a fundo esse aspecto da sexualidade humana ao longo da semana de conscientização.

A postagem, assim como as demais do perfil, apresenta uma abordagem de **ação política não convencional** ao educar o público sobre a assexualidade e combater estereótipos e preconceitos relacionados a essa orientação sexual, por meio da educação e conscientização sobre vivências assexuais e de outras identidades do espectro. Ao fornecer informações sobre o que é a assexualidade, o perfil busca não apenas esclarecer equívocos, mas também promover uma compreensão mais ampla e inclusiva dessa diversidade sexual. Além disso, a publicação adota uma estratégia de **difusão de informações fora das fontes tradicionais**, não sendo a única no perfil (posts 4¹⁰³ e 5¹⁰⁴), ao utilizar o Instagram como uma plataforma digital para compartilhar conhecimentos importantes. Em vez de depender exclusivamente de fontes educacionais convencionais, o perfil busca alcançar um público mais amplo, atingindo pessoas que podem não ter acesso a essas informações de outra forma.

¹⁰¹ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CyldE5yNbHY/?img_index=1. Acesso em: 27 abr. 2024.

¹⁰² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CxinqV6L36C/>. Acesso em: 27 abr. 2024.

¹⁰³ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CzUHbdarCGt/?img_index=1. Acesso em: 27 abr. 2024.

¹⁰⁴ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CyzNBH3rCWT/?img_index=1. Acesso em: 27 abr. 2024.

O **impacto educacional e de conscientização** da postagem, e do perfil como um todo, acontece quando este esclarece o conceito de assexualidade para aqueles que podem não estar familiarizados com o termo ou que podem ter equívocos sobre ele. Ao aumentar a compreensão e aceitação da diversidade sexual, a publicação contribui para um ambiente mais abrangente. Ao prover um espaço inclusivo e explorar diferentes aspectos da identidade assexual, o perfil contribui para a validação e **construção da identidade** das pessoas dentro da comunidade assexual. Discutindo e celebrando as diversas formas de identificação dentro do espectro assexual, o perfil ajuda os seguidores a compreenderem melhor suas próprias identidades e a se sentirem mais empoderados e validados, fortalecendo, assim, o senso de pertencimento dentro da comunidade.

Por fim, o perfil angstyace contesta regras sociais ao abordar questões relacionadas aos temas já mencionados de forma aberta e clara, o que representa uma forma de **transgressão dos espaços da vida cotidiana**, instigando uma maior inclusão das pessoas assexuais e de outras identidades do espectro na sociedade. Em geral, o perfil desempenha o papel de ciberativista, promovendo a conscientização, educação e aceitação dos traços identitários assexuais e outras identidades do espectro LGBTQIAP+. Enquanto isso, o perfil enfrenta o mesmo desafio do perfil acesexeducation em relação ao alcance. Mesmo que o perfil se empenhe em disseminar informações e conscientização, pode encontrar obstáculos ao tentar alcançar uma audiência mais abrangente e variada. Isso se deve à forma como os algoritmos das redes sociais online operam, muitas vezes restringindo o alcance das postagens. Esse cenário é especialmente desafiador para aqueles que não têm familiaridade com a assexualidade ou não buscam ativamente informações sobre o tema. Ainda assim, através de uma abordagem empática, o perfil angstyace cria um espaço virtual acolhedor e abrangente para a comunidade assexual, enquanto contesta ideias preconcebidas e preconceitos e promove uma maior compreensão e aceitação da diversidade sexual e romântica na sociedade contemporânea.

8.3 Contrapúblico e Ciberativismo

A interseção entre contrapúblicos e ciberativismo representa um campo fértil de estudo e prática na era digital, onde as dinâmicas de poder, identidade e

participação pública são redefinidas. Os contrapúblicos, como definidos nos capítulos teóricos desta pesquisa, emergem como resposta à exclusão das esferas públicas dominantes e buscam questionar as convenções e crenças estabelecidas. Por outro lado, o ciberativismo oferece uma forma de ação para esses contrapúblicos se organizarem, articularem suas demandas e alcançarem um público mais amplo. Um aspecto fundamental dessa interseção é a democratização da participação pública. As plataformas digitais permitem que pessoas e grupos anteriormente marginalizados ou excluídos tenham acesso a espaços de expressão e engajamento que antes estavam fora de seu alcance. Isso é especialmente importante para contrapúblicos, como a comunidade assexual, que podem encontrar no ciberespaço um ambiente acolhedor e solidário para compartilhar suas experiências e lutar por seus direitos. Além disso, o ciberativismo transcende as fronteiras geográficas e culturais, conectando pessoas e grupos em todo o mundo que compartilham interesses e objetivos comuns. Isso cria oportunidades para a solidariedade global e a troca de conhecimentos e estratégias entre diferentes contrapúblicos, fortalecendo assim suas lutas coletivas por justiça e reconhecimento.

No entanto, é importante reconhecer que o ciberativismo também apresenta desafios significativos. A disseminação de desinformação, o discurso de ódio e a manipulação online são preocupações cada vez mais presentes que podem comprometer a integridade e a eficácia dos movimentos sociais digitais. Além disso, as desigualdades no acesso à Internet e nas habilidades digitais podem perpetuar exclusões e marginalizações existentes, limitando o alcance e a representatividade dos contrapúblicos online. Outro ponto relevante é a interseccionalidade dos contrapúblicos e do ciberativismo. Muitas vezes, os grupos marginalizados enfrentam múltiplas formas de opressão e discriminação, o que requer uma abordagem inclusiva e sensível às suas necessidades e demandas. Nesse sentido, o ciberativismo pode proporcionar um espaço para a articulação de pautas interseccionais e a construção de alianças entre diferentes grupos e movimentos sociais. É importante destacar também o papel dos algoritmos e das plataformas digitais na moldagem da visibilidade e do impacto dos contrapúblicos online. A lógica dos algoritmos pode favorecer conteúdos populares em detrimento de vozes menos ouvidas, exacerbando assim as hierarquias de poder existentes. Portanto, a regulação e a transparência das plataformas digitais são questões-chave para garantir a diversidade e a representatividade no ciberativismo. Dessa forma,

compreende-se que a interseção entre contrapúblicos e ciberativismo oferece percepções sobre as transformações da esfera pública na era digital. Ao mesmo tempo em que amplia as possibilidades de participação e mobilização, essa interseção também levanta questões importantes sobre poder, representação e inclusão no ambiente online.

As análises da presença das características de contrapúblico e de ciberativismo no perfil *acedadadvice* revelam uma interseção significativa entre os conceitos. Em primeiro lugar, o perfil atua como um contrapúblico ao contrapor as normas e crenças predominantes associadas à sexualidade, questionando estereótipos comuns sobre pessoas assexuais e destacando a diversidade de experiências dentro da comunidade, de forma que o perfil cria um espaço virtual inclusivo e informativo para aqueles que se identificam como assexuais ou desejam aprender mais sobre o tema. Essa função de contrapúblico é crucial para oferecer um ambiente onde as experiências não convencionais de atração e relacionamentos são validadas e celebradas, em oposição à exclusão e marginalização frequentemente encontradas na sociedade. Por outro lado, o perfil também age como um espaço de ciberativismo, utilizando o Instagram como plataforma digital para promover a aceitação, visibilidade e empoderamento das pessoas assexuais. Suas postagens educativas, abrangente e empáticas contestam pré-concepções, fornecem informações claras e acessíveis e promovem uma compreensão mais ampla das experiências sexuais e de gênero. Ao questionar convenções culturais e sociais relacionadas à sexualidade e identidade de gênero, o perfil *acedadadvice* representa uma forma de engajamento político não convencional, contribuindo para uma mudança na forma como a sociedade percebe e entende a assexualidade e outras experiências relacionadas à diversidade sexual e de gênero. Assim, a análise conjunta do perfil *acedadadvice* como um contrapúblico e um espaço de ciberativismo destaca a importância das plataformas digitais na promoção da visibilidade, aceitação e compreensão dos aspectos de identidade assexuais.

Já o perfil *theyasminbenoit* evidencia uma integração ainda mais eficiente entre os conceitos de contrapúblico e ciberativismo, demonstrando como essas abordagens se complementam para impulsionar a visibilidade e os direitos da comunidade assexual. Na análise de contrapúblico, o perfil questiona as convenções ao abordar temas relacionados à discriminação e direitos dos assexuais com Yasmin Benoit se destacando como uma voz ativa na promoção de uma representação

genuína e positiva da assexualidade, colaborando com grandes empresas de mídia e instituições. O perfil atua como um espaço onde as preocupações da comunidade assexual são debatidas e desafiam diretamente a exclusão da esfera pública predominante. Ao mesmo tempo, na análise de ciberativismo, o perfil utiliza o espaço virtual como uma ferramenta para promover a conscientização e combater a discriminação contra a comunidade assexual. Por meio de postagens interativas, compartilhamento de recursos e participação em discussões online, Yasmin Benoit engaja ativamente seus seguidores e amplia o alcance de sua mensagem. Sua abordagem proativa para lidar com o assédio online e responder às críticas ilustra resiliência e dedicação à causa. O perfil se destaca como um exemplo de como o ciberativismo pode ser utilizado para fomentar uma compreensão séria e empática da assexualidade, de que forma que exemplifica a sinergia entre os conceitos de contrapúblico e de ciberativismo, mostrando como essas abordagens podem se unir para questionar padrões, aumentar a conscientização e defender os direitos da comunidade assexual.

No que diz respeito ao perfil *acesexeducation*, como contrapúblico, este questiona ativamente as convenções sociais e culturais predominantes relacionadas à sexualidade e questiona ideias preconcebidas sobre amor, desejo, intimidade e identidade, oferecendo abordagens alternativas e contrapontos às narrativas convencionais. Ao fazer isso, o perfil estabelece um espaço alternativo no Instagram para explorar e fomentar a compreensão da diversidade sexual, dando destaque às experiências muitas vezes marginalizadas ou estigmatizadas. Ao representar e amplificar as vozes daqueles que não se enquadram nas normas sexuais predominantes, o perfil atua como um contraponto à cultura *mainstream*, criando um ambiente propício para discussões que frequentemente são ignoradas. No contexto da análise de ciberativismo, o perfil utiliza o ciberespaço como ambiente de educação para falar sobre diversidade sexual e, ao compartilhar mensagens, imagens, citações e recursos educacionais por meio do Instagram, o perfil busca alcançar uma audiência diversificada e expandir o alcance das mensagens de ativismo. Em síntese, o perfil *acesexeducation* ilustra como a análise de contrapúblico e a análise de ciberativismo podem se complementar e fortalecer mutuamente, criando um espaço online dinâmico e engajado para a conscientização e defesa da diversidade sexual.

Por fim, o perfil angstyace, atuando como uma voz da comunidade assexual e contesta convenções e concepções predominantes sobre sexualidade ao instruir sobre a orientação e identidades afins, como o conceito de Modelo de Atração Dividida (MAD) e aloarromanticidade. Ao preencher uma brecha deixada pela falta de compreensão da diversidade sexual, proporciona uma forma mais precisa para a expressão daqueles que experimentam uma desconexão entre atração sexual e romântica. No âmbito do ativismo virtual, o perfil faz uso do ciberespaço como uma arena de expressão, compartilhando informações esclarecedoras e reflexivas sobre a assexualidade e outras identidades abrangidas pelo espectro LGBTQIAP+. Por meio de publicações informativas, busca dissipar equívocos, promover compreensão e aceitação, e fortalecer o senso de pertencimento na comunidade. Estas facetas estão intimamente entrelaçadas no perfil angstyace, pois ele atua como um anteparo às normas dominantes enquanto utiliza o ciberespaço para disseminar informação e acolhimento.

8.4 Assexualidade no Instagram: desafios e potencialidades

A fim de iniciar a parte final da discussão desta pesquisa, é importante reconhecer algumas limitações neste estudo. Embora os perfis analisados forneçam uma perspectiva sobre a interseção entre contrapúblico e ciberativismo, eles representam apenas uma amostra limitada do universo de espaços online relacionados à assexualidade. Além disso, a análise se concentrou principalmente nos conteúdos postados pelos perfis, sem considerar completamente o engajamento e as interações dos seguidores. Isso pode limitar a compreensão completa do impacto e da eficácia desses espaços na promoção da conscientização e da aceitação da assexualidade. É relevante reconhecer também os desafios enfrentados por perfis, pois, ainda que desempenhem um papel importante na promoção da visibilidade da orientação, eles podem encontrar obstáculos ao tentar alcançar uma audiência mais ampla e diversificada. Os perfis enfrentam resistência cultural e social devido às convenções e valores predominantes em relação à sexualidade e identidade de gênero, e a assexualidade ainda é frequentemente marginalizada ou invisibilizada na sociedade, o que torna o ativismo relacionado a essa orientação sexual ainda mais desafiador. Além disso, a disseminação de desinformação e o discurso de ódio online são preocupações crescentes que podem

comprometer a integridade e a eficácia dos movimentos sociais digitais, pois ainda há muitas concepções equivocadas sobre o que significa ser assexual, o que requer esforços contínuos para contestar essas ideias preconcebidas e fornecer informações educativas precisas.

Ainda assim, a pesquisa mostra que o Instagram, com sua acessibilidade generalizada e sua popularidade massiva, emerge como um ambiente propício para que pessoas assexuais se conectem, compartilhem experiências e refutar pré-concepções dentro de contrapúblicos dedicados. Ao eliminar *gatekeepers* tradicionais e proporcionar liberdade de expressão dentro das diretrizes da comunidade, o Instagram permite que os contrapúblicos assexuais se manifestem de forma autêntica, promovendo a inclusão e a conexão entre membros da comunidade. No entanto, a diversidade de usuários na plataforma digital também apresenta desafios, como polarização e hostilidade, que podem impactar a experiência dos contrapúblicos assexuais. Apesar das limitações estruturais e dos problemas de moderação, o Instagram oferece uma variedade de recursos e oportunidades para os usuários assexuais expressarem sua identidade e se conectarem com outros membros da comunidade. Os perfis *acedadadvice*, *theyasminbenoit*, *acesexeducation* e *angstyace*, estudados nesta pesquisa, exemplificam como o Instagram pode ser um espaço potente para contrapúblicos assexuais, fornecendo informações educativas, promovendo discussões e contestando estereótipos.

Da mesma forma, os perfis analisados não apenas questionam as normas sociais e culturais predominantes, mas também criam um ambiente inclusivo e informativo para aqueles que se identificam como assexuais ou desejam aprender mais sobre o tema, desempenhando um papel significativo como contrapúblicos e oferecendo uma alternativa à esfera pública dominante ao desafiar convenções sociais associadas à sexualidade. Eles criam espaços abrangentes onde as experiências assexuais são validadas e celebradas, em oposição à exclusão e marginalização frequentemente encontradas na sociedade. Além disso, os perfis funcionam como espaços de ciberativismo, utilizando o ciberespaço como uma ferramenta para promover a conscientização, educação e engajamento político, representando uma forma de engajamento político não convencional, contribuindo para uma mudança na forma como a sociedade percebe e entende a assexualidade e outras experiências relacionadas à diversidade sexual e de gênero. Eles

compartilham informações educativas, geram discussões online e utilizam estratégias interativas para ampliar o alcance de sua mensagem.

Uma das principais conclusões do estudo é que os perfis analisados agem ativamente na construção de comunidades online acolhedoras e abrangente para a comunidade assexual. Eles fornecem um espaço seguro onde as pessoas podem se conectar, compartilhar experiências e encontrar apoio mútuo. Além disso, esses perfis desempenham um papel importante na promoção da visibilidade e aceitação da assexualidade, refutando pré-concepções, fornecendo educação e promovendo uma compreensão mais ampla da diversidade sexual e de gênero. Um resultado interessante deste estudo foi a forma como os perfis integraram efetivamente os conceitos de contrapúblico e ciberativismo. Esperava-se encontrar uma distinção mais clara entre esses dois conceitos, mas os perfis demonstraram como eles podem se complementar e fortalecer mutuamente na luta por uma sociedade mais inclusiva. Outro resultado de destaque é a eficácia dos perfis em contestar estereótipos e promover uma maior compreensão e aceitação da assexualidade e identidades relacionadas. Apesar de enfrentarem desafios significativos, como a disseminação de desinformação e o discurso de ódio online, esses perfis conseguem criar um impacto positivo ao fornecer educação, apoio e visibilidade para a comunidade assexual. Cada um desses apontamentos podem ser percebidos nas diferentes abordagens de cada perfil.

O perfil *acedadadvice* adota uma abordagem educacional e informativa, concentrando-se em fornecer conselhos e informações sobre diversos aspectos da assexualidade, buscando oferecer orientação prática e suporte emocional para aqueles que estão explorando sua identidade assexual ou enfrentando desafios relacionados a ela. Por outro lado, o perfil *theyasminbenoit* parece adotar uma abordagem mais ativista, direcionada à conscientização sobre as questões enfrentadas pela comunidade assexual. Eles compartilham informações sobre estereótipos, desafios e experiências relacionadas à assexualidade, visando combater preconceitos e promover a aceitação e compreensão. O perfil *acesexeducation* foca na promoção da conscientização sobre a assexualidade, compartilhando informações sobre assexuais, respondendo a perguntas comuns e abordando temas como virgindade, abstinência e terminologia relacionada à assexualidade, com ênfase na educação e na promoção de uma compreensão mais profunda dessa orientação sexual. Já o perfil *angstyace* adota uma abordagem mais

peçoal e centrada na comunidade, compartilhando suas próprias experiências como pessoa assexual, além de informações sobre a orientação sexual, terminologia e questões enfrentadas pela comunidade assexual, enquanto promove uma sensação de comunidade e apoio mútuo. Essas diferentes abordagens refletem as diversas formas de engajamento com a comunidade assexual, desde o fornecimento de informações práticas até o ativismo, o compartilhamento de experiências pessoais e a construção de comunidade, cada uma contribuindo de maneira única para a representação e promoção da assexualidade.

Ainda que com suas diferenças de abordagem, os quatro perfis tem tópicos e temas comuns entre si. A análise das publicações revela uma variedade de assuntos que refletem o esforço contínuo para promover a conscientização, compreensão e aceitação da assexualidade. Esses temas incluem educação, combate à pré-concepções, inclusão, exploração de identidade e apoio à comunidade. Essas descobertas têm implicações significativas para o entendimento da assexualidade e sua representação na sociedade. Em primeiro lugar, a ênfase na **conscientização e educação** sobre a assexualidade destaca a necessidade de abordar lacunas de conhecimento e desmistificar conceitos equivocados sobre essa orientação sexual. Além disso, a abordagem dos **estereótipos relacionados à assexualidade** destaca a importância de reconhe

A **celebração e o apoio à comunidade assexual** demonstram o valor do suporte mútuo e da construção de redes de apoio para pessoas assexuais. Esses espaços proporcionam um senso de pertencimento e validação para aqueles que muitas vezes se sentem incompreendidos. Além disso, a discussão sobre **identidade e orientação** dentro do espectro assexual, incluindo a exploração de traços de identidade como aloaros, amplia ainda mais a compreensão da diversidade de experiências dentro da comunidade assexual. Isso destaca a importância de reconhecer e respeitar a multiplicidade de identidades e experiências dentro do espectro assexual, evitando generalizações simplistas. Os perfis concordam que a assexualidade não é monolítica e ao afirmar que assexual não significa necessariamente a ausência completa de sexo, esses perfis estão destacando uma importante distinção entre a falta de atração sexual e a escolha consciente de abster-se de atividades sexuais. Essa nuance é crucial para reconhecer a variedade de experiências dentro da comunidade assexual e para

evitar a estigmatização daqueles que optam por uma vida sexual ativa ou têm interesses sexuais específicos.

Além disso, ao explicar que algumas pessoas assexuais podem optar por ter relações sexuais, os perfis estão contestando a noção de que a assexualidade é uma condição rígida e inflexível. Ou seja, é importante reconhecer a agência e a autonomia das pessoas assexuais em relação às suas próprias vidas sexuais e românticas. Ao oferecer essa perspectiva, os perfis estão promovendo uma compreensão mais empática e inclusiva da assexualidade, que reconhece a complexidade das experiências individuais e respeita a diversidade de escolhas e identidades. Ao relatar que pessoas assexuais sabem sobre sexo, pois tentam decifrar a atração sexual quando não a sentem, os perfis rejeitam a ideia preconcebida de que as pessoas assexuais são desinteressadas ou ignorantes sobre o sexo. Essa afirmação destaca a experiência única das pessoas assexuais em navegar por um mundo onde a sexualidade é frequentemente considerada como uma parte central da identidade e das interações sociais. Em suma, pessoas assexuais podem ter conhecimento significativo sobre sexo e se envolver ativamente em discussões sobre o tema, subvertendo expectativas prejudiciais e promovendo uma visão mais ampla da sexualidade humana. Ao fornecer informações claras e acessíveis sobre a assexualidade e suas nuances, os perfis estão capacitando as pessoas assexuais a se afirmarem e a se sentirem validadas em suas vivências. Ao mesmo tempo, estão educando o público em geral e promovendo uma maior conscientização e aceitação da assexualidade.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dissertação analisou de forma abrangente a interseção entre contrapúblicos e ciberativismo na promoção da visibilidade, compreensão e aceitação da assexualidade. Através da análise detalhada de quatro perfis do Instagram — *acedadavice*, *theyasminbenoit*, *acesexeducation* e *angstyace* — o estudo revelou como esses perfis atuam como espaços de questionamento às normas dominantes sobre sexualidade e como promovem a conscientização e validação das identidades sexuais e de gênero diversas, tornando-se ambientes relevantes para a comunidade assexual ao contestar estereótipos, fornecer educação e apoio, e promover uma maior conscientização sobre a orientação sexual estudada. Os resultados deste estudo são significativos ao demonstrar a importância dos espaços online na promoção da visibilidade e dos direitos das comunidades assexuais.

Em um contexto mais amplo para a sociedade, os resultados fornecem tópicos interessantes para pesquisas futuras sobre o tema, destacando a necessidade de explorar mais profundamente o papel dos contrapúblicos e do ciberativismo na promoção da visibilidade da assexualidade. Sugere-se que pesquisas futuras investiguem os efeitos a longo prazo desses perfis na conscientização sobre a orientação sexual, bem como estratégias eficazes para combater a disseminação de desinformação e discurso de ódio online. Isso poderia incluir uma análise mais detalhada do engajamento dos seguidores, bem como uma investigação sobre como esses espaços influenciam as percepções e atitudes em relação à assexualidade na sociedade em geral. Além disso, seria interessante explorar como os perfis de redes sociais online podem colaborar com outras formas de ativismo offline para promover uma mudança social mais ampla. Ao abordar essas lacunas de pesquisa, poderíamos avançar ainda mais no entendimento e na promoção da diversidade sexual e de gênero.

Durante a pesquisa, foi mapeado também um conjunto de dados levantados a partir do Quadro 3 (ver anexo C), enquanto no item 8.2 foram discutidos os resultados por perfil, agora os resultados são apresentados como um todo. Os resultados apresentados oferecem uma análise abrangente das diferentes dimensões envolvidas na produção de conteúdo relacionado à assexualidade, destacando suas implicações sociais e culturais. Primeiramente, observa-se que as postagens têm como alvo não apenas a comunidade assexual, mas também

alosessexuais e aqueles que estão explorando sua identidade sexual, refletindo uma abordagem inclusiva e a busca por ampliar a conscientização sobre a assexualidade para além dos próprios assexuais. Em relação à estrutura das postagens, nota-se uma predominância de texto, sugerindo um foco educacional ao fornecer informações e esclarecimentos sobre a assexualidade. O uso estratégico de *hashtags* específicas visa aumentar a visibilidade do conteúdo, enquanto elementos visuais, como fotos, são incorporados para tornar as postagens mais atrativas e compartilháveis.

Quanto ao conteúdo das publicações, estas abrangem uma variedade de temas, desde educacionais até de entretenimento e ativismo, com o objetivo de disseminar informações precisas, promover uma imagem positiva da assexualidade e refutar pré-concepções prejudiciais. No contexto histórico e cultural, as postagens abordam questões como representatividade, estereótipos, diversidade e identidade, demonstrando uma compreensão das complexidades e desafios enfrentados pela comunidade assexual, bem como uma preocupação com a acefobia e a interseccionalidade. Esses resultados apontam para uma abordagem abrangente e multifacetada na produção de conteúdo relacionado à assexualidade, visando educar, contestar ideias preconcebidas, promover a aceitação e criar uma comunidade inclusiva e empoderada.

Este cenário levanta importantes questões sobre representatividade, educação e ativismo dentro e fora da comunidade assexual. Uma das descobertas mais significativas é o esforço consciente para alcançar uma audiência diversificada. Em vez de se limitar apenas à comunidade assexual, os produtores de conteúdo buscam engajar alosessexuais e pessoas que estão explorando sua identidade sexual. Isso não apenas amplia a conscientização sobre a assexualidade, mas também auxilia a desmistificar concepções prejudiciais ao abrir espaço para conversas mais abrangentes e compreensivas sobre sexualidade. A predominância de postagens educacionais sugere um compromisso em fornecer informações precisas e corrigir conceitos errôneos sobre a assexualidade. No entanto, é importante considerar como esse conteúdo é recebido e assimilado pelo público. Será que, a partir dos perfis estudados, há espaço suficiente para debates construtivos e para a ampliação do conhecimento sobre a diversidade sexual fora da comunidade assexual?

Além disso, a presença de elementos visuais, como fotos, e o uso estratégico de *hashtags* destacam a importância da visibilidade online para impulsionar

conversas e promover a conscientização. No entanto, é crucial questionar até que ponto essas estratégias estão alcançando efetivamente o público-alvo desejado e gerando impacto além das bolhas online. A discussão sobre representatividade, estereótipos e interseccionalidade ressalta a complexidade das experiências assexuais, que são moldadas por uma variedade de fatores, incluindo identidade de gênero, raça, classe social e orientação romântica. Reconhecer e abordar essas interseções é essencial para uma representação mais autêntica e inclusiva da diversidade assexual. Por fim, a reflexão sobre o potencial transformador desse conteúdo levanta questões sobre o alcance e o impacto efetivo das iniciativas de conscientização. Como podemos medir o sucesso na promoção da aceitação e compreensão da assexualidade na sociedade em geral? E quais são os próximos passos para garantir que as vozes e experiências de pessoas assexuais sejam validadas e respeitadas em todos os aspectos da vida social e cultural? Essas questões destacam a importância contínua de explorar e discutir a assexualidade de maneira holística, reconhecendo suas nuances, desafios e potenciais contribuições para uma sociedade mais abrangente e compassiva.

Outro tópico que surgiu durante a pesquisa e merece um olhar mais aprofundado em estudos futuros é o Modelo de Atração Dividida (MAD). O MAD é uma estrutura que busca entender a orientação sexual e romântica de uma pessoa, reconhecendo que esses dois aspectos podem ser distintos e independentes entre si. Ele permite a compreensão de que nem todos experimentam a atração sexual e romântica da mesma forma, possibilitando a comunicação de complexidades na atração humana e nos relacionamentos. Por exemplo, alguém pode ser bissexual e heterorromântico, o que indica atração sexual por mais de um gênero, mas apenas atração romântica pelo gênero diferente do seu. O MAD fornece uma maneira de entender e comunicar esta diferença, reconhecendo a complexidade da atração humana e dos relacionamentos e pode ser útil na criação de espaços mais inclusivos e afirmadores para pessoas que experimentam diferentes formas de atração. Embora amplamente utilizado na linguagem assexual online, o MAD carece de um maior embasamento acadêmico, sugerindo a necessidade de estudos futuros para explorar seu potencial.

Focando na parte dos desafios, a exposição de ativistas para um público mais amplo pode gerar consequências negativas, qualquer que seja sua causa, e é importante entender as adversidades que esses ativistas enfrentam. Primeiramente,

é importante reconhecer que, como em muitos movimentos de ativismo, aqueles que se expõem e lutam por uma causa podem enfrentar hostilidade, críticas e até mesmo ameaças. No caso dos ativistas assexuais, que trabalham para aumentar a visibilidade e compreensão da assexualidade em uma sociedade que muitas vezes não a compreende bem, essas reações negativas podem ser especialmente intensas. Muitas pessoas não entendem ou reconhecem a assexualidade como uma orientação sexual válida, o que pode levar a comentários preconceituosos, ridicularização e até mesmo ataques verbais ou físicos. Quando os ativistas assexuais se expõem publicamente, seja em redes sociais online, em marchas ou em eventos, eles podem se tornar alvos para aqueles que discordam ou se sentem ameaçados pela ideia de uma sexualidade fora das normas convencionais.

Além disso, a internet e as plataformas digitais proporcionaram um espaço para que o discurso de ódio se espalhe rapidamente e anonimamente. Isso significa que os ativistas assexuais podem enfrentar uma avalanche de comentários negativos e ameaças virtuais simplesmente por expressarem suas opiniões ou compartilharem suas vivências. Essas experiências podem ser extremamente desgastantes emocionalmente e podem até mesmo levar os ativistas a reconsiderarem seu envolvimento público por medo de represálias. No entanto, aqueles que continuam seu ativismo estão conscientes dos riscos e o fazem porque acreditam na importância de aumentar a conscientização e promover a aceitação da assexualidade. Para combater essas reações negativas, é essencial que a sociedade como um todo trabalhe para educar as pessoas sobre a diversidade das orientações sexuais e combater o preconceito e a intolerância.

A assexualidade, enquanto identidade, é um traço importante dentro do espectro da orientação sexual. Pessoas assexuais experimentam uma falta significativa de atração sexual com outras pessoas e isso pode se manifestar de diversas formas, desde uma completa ausência de desejo sexual até um interesse mínimo ou esporádico. É fundamental entender que a assexualidade não é uma disfunção ou um problema a ser corrigido, é simplesmente uma variação natural da experiência humana em relação à sexualidade. Assim como heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade e outras orientações sexuais, a assexualidade é uma parte intrínseca da identidade de uma pessoa. Para muitas pessoas assexuais, descobrir e entender sua orientação sexual pode ser um processo desafiador, especialmente em uma cultura que muitas vezes valoriza a sexualidade como parte

central da identidade pessoal. Muitas vezes, há uma falta de representação e entendimento da assexualidade na sociedade em geral, o que pode levar a sentimentos de alienação e incompreensão por parte das pessoas assexuais.

No entanto, nos últimos anos, houve um aumento na visibilidade e discussão da assexualidade. Comunidades online e grupos de apoio têm fornecido um espaço seguro para pessoas assexuais se conectarem, compartilharem experiências e encontrarem validação em sua identidade. É importante reconhecer que a assexualidade é um traço de identidade válido e legítimo, e que as pessoas assexuais merecem viver plenamente suas identidades. Isso inclui reconhecer que relacionamentos sem sexo podem ser tão significativos e satisfatórios quanto aqueles baseados em atração sexual e que as pessoas assexuais podem viver suas vidas de acordo com seus próprios desejos e necessidades, sem pressão para se conformarem a normas sociais estabelecidas em torno da sexualidade.

É importante reconhecer que a assexualidade não é uma identidade única e homogênea, mas sim uma ampla gama de experiências individuais. Assim como em outras orientações sexuais, existem variações significativas na forma como as pessoas assexuais experimentam e se relacionam com sua sexualidade e identidade. Algumas pessoas assexuais podem sentir repulsa ou aversão ao sexo, enquanto outras podem ser indiferentes ou neutras em relação a ele. Algumas podem sentir atração romântica por outras pessoas, enquanto outras podem ser arromânticas, ou seja, não experimentam atração romântica. Além disso, algumas pessoas assexuais podem se identificar com outras identidades de gênero além de homem ou mulher cisgênero, como não-binárias ou transgênero. Isso mostra que a assexualidade como identidade pode se manifestar de maneiras diversas e interseccionais. Portanto, é fundamental reconhecer e respeitar essa diversidade dentro da comunidade assexual, assim como em qualquer outra parte da comunidade LGBTQIA+ ou de orientações sexuais diversas. A aceitação e inclusão de todas as experiências individuais dentro do espectro assexual são passos importantes em direção a uma sociedade mais compreensiva e acolhedora.

Por fim, a assexualidade desafia de maneira significativa a dicotomia tradicional entre relacionamentos românticos e amizades, pois ela destaca que os relacionamentos não precisam ser definidos pelo aspecto sexual. Tradicionalmente, a sociedade tende a associar a intimidade sexual com o romance, e os relacionamentos são muitas vezes categorizados com base na presença ou

ausência de atividade sexual. No entanto, a assexualidade demonstra que a intimidade emocional, o afeto e o compromisso podem existir independentemente do desejo sexual. Para muitas pessoas assexuais, o amor e a intimidade são experimentados de maneiras que não se alinham com as expectativas sociais convencionais. Eles podem valorizar profundamente os relacionamentos baseados em conexões emocionais, compartilhamento de experiências e apoio mútuo, sem necessariamente sentir atração sexual. Isso desafia a ideia de que a presença ou ausência de atividade sexual é o principal marcador de um relacionamento romântico ou de uma amizade.

Além disso, a assexualidade também coloca em questão a ideia de que os relacionamentos românticos devem ser privilegiados em relação às amizades. Em uma cultura que muitas vezes valoriza e prioriza os relacionamentos românticos, as amizades podem ser relegadas a um segundo plano. No entanto, para muitas pessoas assexuais e também para outros, as amizades íntimas e duradouras podem ser tão significativas e satisfatórias quanto os relacionamentos românticos. Enfrentando estigmas e preconceitos na sociedade, a discussão expandida sobre a assexualidade pode promover uma maior aceitação e respeito pela diversidade sexual. Ao valorizar a intimidade emocional e o companheirismo nos relacionamentos, a assexualidade destaca que a intimidade vai além do aspecto físico e sexual. O processo de autodescoberta para pessoas que navegam no espectro assexual pode ser desafiador, mas também libertador, proporcionando a oportunidade de encontrar comunidade e apoio entre outros assexuais. Ao reconhecer e respeitar a assexualidade como uma orientação sexual válida, assim como um traço de identidade, contribuimos para uma representação mais abrangente da diversidade sexual na sociedade, criando um ambiente mais acolhedor para pessoas de todas as orientações sexuais. Em suma, essa discussão nos convida a reconsiderar nossas suposições sobre sexo, levanta questões importantes sobre como definimos e valorizamos os relacionamentos e destaca a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e flexível para compreender a diversidade de experiências humanas.

REFERÊNCIAS

ACKERMAN, Diane. **A natural history of love**. New York, NW: Random House, 1994.

ALCAIRE, Rita. Asexuality as an epistemological lens: an evolving multi-layered approach. In: DAVY, Z.; SANTOS, A. C.; BERTONE, C.; THORESON, R.; WIERINGA, S. (Eds.), *The SAGE Handbook of Global Sexualities*. **Sage Publications**, 2020. p. 141-159.

ALLEN, Pater Lewis. **The art of love**: amatory fiction from Ovid to the Romance of the Rose. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1992.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-IV. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

_____. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2014.

ARON, Arthur; FISCHER, Helen; MASHEK, Debra; STRONG, Greg; LI, Haifang; BROWN, Lucy. Reward, Motivation, and Emotion Systems Associated With Early-Stage Intense Romantic Love. **Journal of Neurophysiology**, v. 84, n. 1, p. 327-337, 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.1152/jn.00838.2004>>. Acesso em: 20 jun. 2023

ASEN, Robert. Seeking the “counter” in counterpublics. **Communication Theory**, v. 10, n. 4, p. 424-446, 2000. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/229803735_Seeking_the_Counter_in_Counterpublics>. Acesso em: 03 set. 2023.

ASEXUALITY. ORG. **The asexuality visibility and education network**. Disponível em: <<http://www.asexuality.org/>>. Acesso em: 30 jul. 2023.

ASSMANN, Aleida. The printing press and the internet: From a culture of memory to a culture of attention. In: GENTZ, N.; KRAMER, S. (Eds.), **Globalization, cultural identities, and media representations**. Albany: State University of New York Press, 2006, p. 11-24.

AYALA, Evelyn Estela. **Asexual Experiences Of Microaggressions Scale: Instrument Development And Evaluation**. Grand Forks, ND: University of North Dakota, 2020. Disponível em: <<https://commons.und.edu/theses/3255/>>. Acesso em: 03 set. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BENNER, Lance; SEGERBERG, Alexandra. The Logic of Connective Action: Digital Media and the Personalization of Contentious Politics. **Information, Communication & Society**, v. 15, n. 5, p. 739-768, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/1369118X.2012.670661>>. Acesso em: 09 abr. 2023.

BERCHEID, Ellen; WALSTER, Elaine. A little bit about love: a minor essay on a major topic. In HUSTON, T. L. (Eds.). **Foundations of interpersonal attraction**. Waltham, MA: Academic Press, 1974. p. 355–381. Disponível em: <http://www.elainehatfield.com/uploads/3/4/5/2/34523593/7._hatfield_berscheid_1974.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2023

BERNSTEIN, Mary. Nothing ventured, nothing gained? Conceptualizing social movement “success” in the lesbian and gay movement. **Sociological Perspectives**, v. 46, n. 3, p. 353-379, 2003. <<https://doi.org/10.1525/sop.2003.46.3.353>>. Acesso em: 30 jul. 2023.

BERSCHEID, Ellen; DION, Karen; WALSTER, Elaine; WALSTRT, G. William. Physical attractiveness and dating choice: A test of the matching hypothesis. **Journal of Experimental Social Psychology**, v. 7, n. 2, p. 173-189, 1971. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0022103171900655>>. Acesso em: 14 mai. 2023.

BERSCHIED, Ellen; WALSTER, Elaine. **Interpersonal attraction**. Reading, MA: Addison-Wesley Pub. Co., 1978.

BITTLE, Andi; ANDERSON, Veanne N. As Human as Anybody Else: attitudes toward asexual people. **Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity**, Advance online publication, 2023. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2Fsgd0000652>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

BOGAERT, Anthony F. Asexuality: prevalence and associated factors in a national probability sample. In: **The Journal of Sex Research**, Taylor & Francis (Routledge), v. 41, n. 3, p. 279-287, 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/8220138_Asexuality_Prevalence_and_Associated_Factors_in_a_National_Probability_Sample>. Acesso em: 03 set. 2023.

_____. Asexuality: what it is and why it matters. **The Journal of Sex Research**, Taylor & Francis (Routledge), v. 52, n. 4, p. 362-379, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/275278342_Asexuality_What_It_Is_and_Why_It_Matters>. Acesso em: 25 jul. 2023.

_____. The Demography of Asexuality. In: BAUMLE, A. (Eds). **International Handbook on the Demography of Sexuality**, Dordrecht: Springer, 2013. p. 275-288. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-94-007-5512-3_15>. Acesso em: 25 jul. 2023.

_____. Toward a conceptual understanding of asexuality. **Review of General Psychology**, American Psychological Association, v. 10, n. 3, p. 241-250, 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/232473247_Toward_a_Conceptual_Understanding_of_Asexuality>. Acesso em: 03 set. 2023.

_____. **Understanding asexuality**. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2012. Acesso em: 30 jul. 2023.

BOWLES, Emily. Bisexuality. In: OYSTER, C. K.; SLOAN, J. E.; STANGE, M. Z.

BREHM, Sharon S.; MILLER, Rowland S.; PERLMAN, Daniel; CAMPBELL, Susan M. **Intimate Relationships**. New York, NY: McGraw-Hill, 2002.

BROTTO, Lori. A.; KNUDSON, Gail; INSKIP, Jess; RHODES, Katherine; ERSKINE, Yvonne. Asexuality: a mixed-methods approach. **Archives of Sexual Behavior**, v. 39, p. 599-618, 2010. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10508-008-9434-x>>. Acesso em: 03 set. 2023.

BROTTO, Lori. A.; YULE, Morag A.; GORZALKA, Boris B. Asexuality: an extreme variant of sexual desire disorder? **The Journal of Sexual Medicine**, v. 12, n. 3, p. 646-660, 2015. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1743609515309784>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

BUCCI, Eugênio. **A imprensa e o dever da liberdade**: a independência editorial e suas fronteiras com a indústria do entretenimento, as fontes, os governos, os corporativismo, o poder econômico e as ONG's. São Paulo: Contexto, 2009. Disponível em: https://biblio.unisc.br/biblioteca_s/php/login_usu.php?flag=pearson_restrito.php>. Acesso em: 30 jul. 2023.

BYRNE, Donn. **The Attraction Paradigm**. New York, NY: Academic Press, Inc., 1971.

BYRNE, Donn; NELSON, Don; REEVES, Keith. Effects of Consensual Validation and Invalidation on Attraction as a Function of Verifiability. **Journal of Experimental Social Psychology**, v. 2, n. 1, p. 98-107, 1966. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/0022-1031\(66\)90009-6](https://doi.org/10.1016/0022-1031(66)90009-6)>. Acesso em: 14 mai. 2023.

CARRIGAN, Mark. There's more to life than sex? Difference and commonality within the asexual community. **Sexualities**, v. 14, n. 4, p. 462-478, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/1363460711406462>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CAVALCANTI, Ricardo; CAVALCANTI, Mabel. **Tratamento clínico das inadequações sexuais**. São Paulo: Roca, 2006.

CERANKOWSKI, Karli June; MILKS, Megan. New orientations: asexuality and its implications for theory and practice. **Feminist Studies**, v. 36, n. 3, p. 650-64, 2010. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/27919126>>. Acesso em: 30 jul. 2023.

CHASIN, CJ DeLuzio. Considering Asexuality as a Sexual Orientation and Implications for Acquired Female Sexual Arousal/Interest Disorder. **Archives of Sexual Behavior**, v. 46, p. 631-635, 2017. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s10508-016-0893-1>>. Acesso em: 03 set. 2023.

_____. Theoretical Issues in the Study of Asexuality. **Archives of Sexual Behavior**, v. 40, p. 713-723, 2011. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s10508-011-9757-x>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

CHIVERS, Meredith. A brief review and discussion of sex differences in the specificity of sexual arousal. **Sexual and Relationship Therapy**, v. 20, n. 4, p. 377-390, 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/14681990500238802>> Acesso em: 20 jun. 2023.

CHOI, Moonsun. A Concept Analysis of Digital Citizenship for Democratic Citizenship Education in the Internet Age. **Theory & Research in Social Education**, v. 44, n. 4, p. 565-607, 2016. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00933104.2016.1210549>>. Acesso em: 30 jul. 2023.

CHRISTIANSEN, Lars D.; FISCHER, Nancy L. Construction as a Social Process. In: FISCHER, N.; WESTBROOK, L.; SEIDMAN, S. (Eds.). **Introducing the New Sexuality Studies**. New York, NY: Routledge, 2022. Disponível em: <<https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9781003163329-3/construction-social-process-lars-christiansen-nancy-fischer>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

COLBORNE, Adrienne. Chasing Aces: asexuality, misinformation and the challenges of identity. **Dalhousie Journal of Interdisciplinary Management**, v. 14, 2018. Disponível em: <<https://ojs.library.dal.ca/djim/article/view/6926>>. Acesso em: 03 set. 2023.

COONTZ, Stephanie. **The Radical Idea Of Marrying For Love**. The Sun, 2016. Disponível em: <<https://www.thesunmagazine.org/issues/489/the-radical-idea-of-marrying-for-love>> Acesso em: 20 jun. 2023.

CRANNEY, Sephen. Does Asexuality Meet the Stability Criterion for a Sexual Orientation?. **Archives of Sexual Behavior**, v. 46, p. 637-638, 2017. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s10508-016-0887-z#>> Acesso em: 25 jul. 2023.

CUENCA-PIQUERAS, Critina; FERNÁNDEZ-PRADOS, Juan Sebastián; GONZÁLEZ-MORENO, María José. Face-to-face versus online harassment of european women: importance of date and place of birth. **Sexuality & Culture**, v. 24, p. 157-173, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s12119-019-09632-4>>. Acesso em: 30 jul. 2023.

CUNNINGHAM, Michael; BARBEE, Anita. Prelude to a Kiss: Nonverbal Flirting, Opening Gambits, and Other Communication Dynamics in the Initiation of Romantic Relationships. In S. Sprecher, A. Wenzel, & J. Harvey (Eds.), **Handbook of relationship initiation**. Hove, NY: Psychology Press, 2008, p. 97-120.

DAHLBERG, Lincoln. Re-Constructing Digital Democracy: An Outline of Four 'Positions. **New Media & Society**, v. 13, n.6, p. 855-872, 2011. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/233815927_Re-Constructing_Digital_Democracy_An_Outline_of_Four_%27Positions>. Acesso em: 09 abr. 2023.

DAHLBERG, Lincoln. The Internet, deliberative democracy, and power: Radicalizing the public sphere. **International Journal of Media and Cultural Politics**, v. 3, n.1, p. 47-64, 2007. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/43478646_The_Internet_deliberative_democracy_and_power_Radicalizing_the_public_sphere#fullTextFileContent>. Acesso em: 09 abr. 2023.

DAWSON, Matt; SCOTT, Susie; MCDONNELL, Liz. Asexual Isn't Who I Am: the politics of asexuality. **Sociological Research Online**, v. 23, n. 2, p. 374-391, 2018. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1360780418757540>> Acesso em: 03 set. 2023.

DE LAPPE, Joseph. **Asexy and we know it**: the emergence of asexual activism as a aexual and

DECKER, Julie Sondra. **The Invisible Orientation**: An Introduction to Asexuality. New York: Skyhorse Publishing, 2015.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e informação qualitativa**: aportes metodológicos. 5. ed. Campinas: Papirus, 2012.

DEUTSCH, Tamara. **Asexual people's experience with microaggressions**. New York, NY: City University of New York, 2018. Disponível em: <https://academicworks.cuny.edu/jj_etds/52/>. Acesso em: 25 jul. 2023.

DIAMOND, Lisa. What Does Sexual Orientation Orient? A Biobehavioral Model Distinguishing Romantic Love and Sexual Desire. **Psychological Review**, v. 110, n. 1, p. 173-192, 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.1037/0033-295X.110.1.173>> Acesso em: 25 jul. 2023.

DOWNEY, John. Participation and/or Deliberation? The Internet as a Tool for Achieving Radical Democratic Aims. In: DAHLBERG, L.; SIAPERA, E. (Eds.). **Radical Democracy and the Internet**: Interrogating Theory and Practice, p. 108-127. New York: Palgrave MacMillan, 2007. **Encyclopedia of Women in Today's World**, Sage Publications, 2011. p. 156-162. era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FELSKI, Rita. **Beyond Feminist Aesthetics**: Feminist Literature and Social Change. Cambridge: Harvard University Press, 1989.

FERNÁNDEZ-PRADOS, Juan Sebastián. Cyberactivism: conceptualization, hypothesis and measurement. **ARBOR Ciencia, Pensamiento y Cultura**, v. 188, n. 756, p. 631-639, 2012. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/278342575_Cyberactivism_Conceptualization_Hypothesis_and_Measurement>. Acesso em: 30 jul. 2023.

FERNÁNDEZ-PRADOS, Juan Sebastián; ROJAS-TEJADA, Antonio José. Analysis of the Unconventional Political Action Scale. **Field Methods**, v. 15, n. 2, p. 131-142, 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/1525822X03015002002>>. Acesso em: 30 jul. 2023.

_____. Efectos del procedimiento de administración en la estabilidad de la escala de postmaterialismo. **Psicothema**, v. 12, n. 2, p. 482-486, 2000. Disponível em: <<https://www.psicothema.com/pdf/609.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2023.

FISCHER, Helen. **Why we love**: the nature and chemistry of romantic love. New York, NY: Henry Holt and Company, 2004.

FOSTER, Aasha B. **Measuring social invisibility and erasure: development of the asexual microaggressions scale**. New York, NY: Columbia University, 2017. Disponível em: <<https://academiccommons.columbia.edu/doi/10.7916/D8M61XR3>>. Acesso em: 03 set. 2023.

FRASER, Nancy. Rethinking the Public Sphere: a Contribution to the Critique of Actually Existing Democracy. **Social Text**, n. 25/26, p. 56–80, 1990. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/466240?origin=JSTOR-pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2023.

FRIEDRICH, William; DELAMATER, John. Human sexual development. **The Journal of Sex Research**, v. 39, n. 1, p. 10-14, 2002. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/10996417_Human_sexual_development> Acesso em: 20 jun. 2023.

GEARY, David. **Male, female: the evolution of human sex differences**. Washington, D C: **American Psychological Association**, 1998.
gender social movement. PhD Thesis submitted to the Centre for Research in Education and Technology. United Kingdom: The Open University, 2018. Disponível em: <<https://oro.open.ac.uk/58665/>>. Acesso em: 30 jul. 2023.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1993.

GILES, James. **Sexual Attraction: The Psychology of Allure**. Santa Barbara, California: Praeger, 2015.

GILLESPIE, Tarleton. The politics of ‘platforms.’ **New Media & Society**, v. 12, n. 3, p. 347–364, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/1461444809342738>>. Acesso em: 09 abr. 2023.

GLAAD. **Where We Are on TV 2022-2023**. Relatório. 2023. Disponível em: <<https://assets.glaad.org/m/114d72edf8a779a6/original/GLAAD-2022-23-Where-We-Are-on-TV.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2023.

GÓES, Laércio Pedro Torres de. Contra-hegemonia e Internet: Gramsci e a Mídia Alternativa dos Movimentos Sociais. In: **IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste: Mercado, Região e Comunicação na Sociedade Digital**. Anais [...] Salvador, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2007/resumos/r0364-1.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2023.

GRAZIANO, William G.; BRUCE, Jennifer Weisho. Attraction and the initiation of relationships: A review of the empirical literature. In S. Sprecher, A. Wenzel, & J. Harvey (Eds.), **Handbook of relationship initiation**. Hove, NY: Psychology Press, 2008, p. 269-295.

GUPTA, Kristina. And Now I’m Just Different, but There’s Nothing Actually Wrong With Me: asexual marginalization and resistance. **Journal of Homosexuality**, v. 64, n. 8, p. 991-1013, 2017. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00918369.2016.1236590>>. Acesso em: 03 set. 2023.

HABERMAS, Jurgen. **The Structural Transformation of the Public Sphere**. Oxford, England: Polity Press, 1992.

HATFIELD, Elaine; SCHMITZ, Earle; CORNELIUS, Jeffrey; RAPSON, Richard. Passionate love: how early does it begin? **Journal of Psychology & Human Sexuality**, v. 1, n. 1, p. 35-52, 1988. Disponível em: <https://doi.org/10.1300/J056v01n01_04> Acesso em: 20 jun. 2023.

HATFIELD, Elaine; SPRECHER, Susan. Measuring passionate love in intimate relations. **Journal of Adolescence**, v. 9, p. 383-410, 1986. Disponível em: <[10.1016/s0140-1971\(86\)80043-4](https://doi.org/10.1016/s0140-1971(86)80043-4)> Acesso em: 20 jun. 2023.

HATFIELD, Elaine; WALSTER, G. William. **A new look at love**. Lanham, MD: University Press of America, 1985.

HEIDER, Fritz. **The Psychology of Interpersonal Relations**. New York, NY: John Wiley & Sons, Inc., 1958.

HERMANN, Lea; BABA, Ai; MONTAGNER, Deniz; PARKER, Rebecca; SMIGA, Joseph A.; TOMASKOVIC-MOORE, Sig; WALFRAND, Aria; MILLER, Tristan L.; WEIS, Robin; BAUER, Caroline; CAMPOS, Ana; JACKSON, Ellen; JOHNSTON, Mags; KHAN, Scheherazade; LUTZ, Georgi D.; NGUYEN, Huong; NIEDERHOFF, Torquil; VAN DER BIEZEN, Tracy; VENTRESCA, Christa; VOLVOREDRA. **2020 ace community survey summary report**. The Ace Community Survey Team, 2022. Disponível em:

<<https://acecommunitysurvey.org/2022/10/27/2020-ace-community-surveysummary-report/>>. Acesso em: 30 jul. 2023.

HIGHFIELD, Tim; LEAVER, Tama. A methodology for mapping Instagram hashtags. **First Monday**, v. 20. n. 1, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.5210/fm.v20i1.5563>>. Acesso em: 21 ago. 2023.

HILLE, Jessica J. Beyond sex: A review of recent literature on asexuality. **Current Opinion in Psychology**, v. 49, 2023. Disponível em:

<<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2352250X22002378?via%3Dihub>>. Acesso em: 03 set. 2023.

HOGAN, Kate. PEOPLE's Beautiful Issue Is Out This Week! Sneak a Peek at the Stellar Women Featured This Year. **PEOPLE**, 2023. Disponível em:

<<https://people.com/celebrity/beautiful-issue-2023-sneak-peek-photos/>> . Acesso em: 20 jun. 2023

HUSTON, Ted L.; LEVINGER, George. Interpersonal-attraction and relationships. **Annual Review of Psychology**, v. 29, n. 1, p. 115-156, 1978. Disponível em:

<<http://dx.doi.org/10.1146/annurev.ps.29.020178.000555>>. Acesso em: 14 mai. 2023.

INSTAGRAM. **Normas da Comunidade**. Disponível em:

<https://help.instagram.com/477434105621119/?locale=pt_BR%2F1000>. Acesso em: 01 abr. 2024.

JAY, David. **The Computer in the Closet** – Online Collective Identity Formation. AVEN, 2003.

Disponível em:

<<http://web.archive.org/web/20040712040017/http://www.asexuality.org/AVENpaper.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2023.

JOHNSON, Myra. Asexual and autoerotic women: two invisible groups. In: GORCHROS, H.; GORCHROS, J. (Eds.). **The Sexually Oppressed**, New York: Associated Press, 1977. p. 96-107.

KELLEHER, Sinéad; MURPHY, Mike. Asexual identity development and internalisation: a thematic analysis. **Sexual and Relationship Therapy**. Disponível em:

<<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14681994.2022.2091127>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

KINSEY, Alfred C.; POMEROY, Wardell R.; MARTIN, Clyde E. **Sexual Behavior in the Human Male**. Philadelphia: Saunders, 1948.

KINSEY, Alfred C.; POMEROY, Wardell R.; MARTIN, Clyde E.; GEBHARD, Paul H. **Sexual Behavior in the Human Female**. Philadelphia: Saunders, 1953.

KITCHIN, Rob; LAURIAULT, Tracey P. Small data in the era of big data. **GeoJournal**, v. 80, p. 463–475, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s10708-014-9601-7>>. Acesso em: 21 ago. 2023.

LAESTADIUS, Linnea; WITT, Alice. Instagram Revisited. In: QUAN-HAASEN, A.I; SLOAN, L. (Eds.). **The SAGE Handbook of Social Media Research Methods**, Sage Publications, 2022. p. 581-597.

LATOIR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Salvador: EDUFBA/EDUSC, 2012.

LEMONS, André. Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época. In: ____.; CUNHA, P. (Org.) **Olhares sobre a cibercultura**. Sulina: Porto Alegre, 2003. Disponível em:

<<https://facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/cibercultura.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2023.

_____. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LEVINGER, George. Toward the analysis of close relationships. **Journal of Experimental Social Psychology**, v. 16, n. 6, p. 510-544, 1980. Disponível em: <[https://doi-org.ez45.periodicos.capes.gov.br/10.1016/0022-1031\(80\)90056-6](https://doi-org.ez45.periodicos.capes.gov.br/10.1016/0022-1031(80)90056-6)>. Acesso em: 14 mai. 2023.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2000.

LEWIN, Kurt. **Field Theory in Social Science**. New York, NY: Harper & Brothers, 1951.

LGBTQ CENTER, University of North Carolina. **Asexuality, Attraction, and Romantic Orientation**. Disponível em: <<https://lgbtq.unc.edu/resources/exploring-identities/asexuality-attraction-and-romantic-orientation/>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

MCDUGALL, William. **An Introduction to Social Psychology**. Kitchener, ON: Batoche Books, 2001.

MESTON, Cindy; FROHLICH, Penny. Love at First Fright: partner salience moderates roller-coaster-induced excitation transfer. **Archives of Sexual Behavior**, v. 32, n. 6, p. 537–544, 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.1023/A:1026037527455>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

METODOLOGIA

MONTOYA, R. Matthew; HORTON, Robert S.; KIRCHNER, Jeffrey. Is actual similarity necessary for attraction? A meta-analysis of actual and perceived similarity. **Journal of Social and Personal Relationships**, v. 25, n. 6, p. 889–922, 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/0265407508096700>>. Acesso em: 14 mai. 2023.

MORAES, Dênis de. **O ativismo digital**. Universidade Federal Fluminense, 2001. Disponível em: <<https://www.bocc.ubi.pt/pag/moraes-denis-ativismo-digital.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2023.

MORESI, Eduardo. **Metodologia da Pesquisa**. 2003. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/56327539/moresi-2003>>. Acesso em: 21 ago. 2023.

MUNDT, Marcia; ROSS, Karen; BURNETT, Charla M. (2018). Scaling social movements through social media: the case of black lives matter. **Social Media + Society**, v. 4, n. 4, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/2056305118807911>>. Acesso em: 30 jul. 2023.

MUÑOZ, José Esteban. **Disidentifications: Queers of Color and the Performance of Politics**. Minneapolis: University of Minnesota, 1999.

NORTON, Michael I.; FROST, Jeana H.; ARIELY, Dan. Less Is More: The Lure of Ambiguity, or Why Familiarity Breeds Contempt. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 92, n. 1, p. 97-105, 2007. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/fulltext/2006-23056-008.pdf?auth_token=2bd310f1a3f6a0ce91ee116a06c511f649e01d41>. Acesso em: 14 mai. 2023.

NURIUS, Paula S. Mental Health Implications of Sexual Orientation. **The journal of Sex Research**, v. 19, n. 2, p. 119-136, 1983.

O'REILLY, Zoe. **My life as amoeba**. Disponível em: <<http://web.archive.org/web/20030210212218/http://dispatches.azstarnet.com/zoe/amoeba.htm>>. Acesso em: 30 jul. 2023.

OLIVEIRA, Eliana de; ENS, Romilda Teodora; FREIRE ANDRADE, Daniela; MUSSIS, Carlo Ralph de. Análise de conteúdo e pesquisa na área da educação. **Revista Diálogo Educacional**, v. 4, n. 9, p. 1-17, 2003. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=189118067002>>. Acesso em: 21 ago. 2023.

PRAUSER, Nicole; GRAHAM, Cynthia A. Asexuality: Classification and Characterization. **Archives of Sexual Behavior**, v. 36, n. 3, p. 341-356, 2007. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s10508-006-9142-3>>. Acesso em: 03 set. 2023.

QUAN-HAASEN, Anabel; SLOAN, Luke. Introduction. In: QUAN-HAASEN, A.I; SLOAN, L. (Eds.). **The SAGE Handbook of Social Media Research Methods**, Sage Publications, 2022. p. 1-10.

REIS, Toni; CAZAL, Simón. (Org.). **Manual de Comunicação LGBTI+**. 3ª edição. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI; Rede GayLatin, 2021. Disponível em: <<https://aliancagbti.org.br/wp-content/uploads/2022/01/manual-de-comunicacao-gaylatino-V-2021-WE B.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2023.

ROBARDS, Brady; CHURCHILL, Brendan; VIVIENNE, Son; HANCKEL, Benjamin; BYRON, Paul. Twenty years of 'cyberqueer': the enduring significance of the Internet for young LGBTIQ+ people. In: AGGLETON, P; COVER, R; LEAHY, D; MARSHALL, D; RASMUSSEN, M. (Eds.). **Youth, Sexuality and Sexual Citizenship**. London: Routledge, 2018. p. 151-167. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/331657590_Twenty_years_of_'cyberqueer'_the_enduring_significance_of_the_Internet_for_young_LGBTIQ_people/citations>. Acesso em: 25 jul. 2023.

ROUGEMONT, Denis de. **O Amor e o Ocidente**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Guanabara, 1988.

RUST, Paula C. **The Politics of Sexual Identity: Sexual Attraction and Behavior among Lesbian and Bisexual Women**. Social Problems, Oxford University Press, v. 39, n. 4, p. 366-386, 1992. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3097016>>. Acesso em: 04 ago. 2024.

SAEWYC, Elizabeth; BAUER, Greta; SKAY, Carol; BEARINGER, Linda; RESNICK, Michael; REIS, Elizabeth; MURPHY, Aileen. Measuring sexual orientation in adolescent health surveys: Evaluation of eight school-based surveys. **Journal of Adolescent Health**, v. 35, n. 4, p. 345.e1-345.e15, 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2004.06.002>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SCHERRER, Kristin S. Coming to an Asexual Identity: negotiating identity, negotiating desire. **Sexualities**, v 11, n. 5, p. 621-641, 2008. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1363460708094269>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

SCHERRER, Kristin S.; PFEFFER, Carla A. None of the Above: toward identity and community-based understandings of (a)sexualities. **Archives of Sexual Behavior**, v. 46, p. 643-646, 2017. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s10508-016-0900-6>>. Acesso em: 03 set. 2023.

SCHMITT, David. An Evolutionary Perspective on Mate Choice and Relationship Initiation. In S. Sprecher, A. Wenzel, & J. Harvey (Eds.), **Handbook of relationship initiation**. Hove, NY: Psychology Press, 2008, p. 55-74.

SCHOPENHAUER. Arthur. **O Mundo como Vontade e Representação**. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2005

SINGH, Devendra; SINGH, Dorian. Shape and Significance of Feminine Beauty: an evolutionary perspective. **Sex Roles**, v. 64, p. 723-731, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s11199-011-9938-z>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SMITH, Anthony; RISSEL, Chris; RICHTERS, Juliet; GRULICH, Andrew; VISSER, Richard. Sex in Australia: sexual identity, sexual attraction and sexual experience among a representative sample of adults. **Australian and New Zealand Journal of Public Health**, v. 27, n. 2, p. 138-145, 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/j.1467-842X.2003.tb00801.x>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SNYDER, Johnny; CARPENTER, Donald; SLAUSON, Gayla Jo. MySpace.com – A social networking site and social contract theory. **Information Systems Education Journal**, v. 5, n. 2, 2017. <<http://isedj.org/5/2/>>. Acesso em: 30 jul. 2023.

SPIZZIRRI, Giancarlo; EUFRÁSIO, Rai Á.; ABDO, Carmita .H.N.; PEREIRA LIMA, Maria Cristina. Proportion of ALGBT adult Brazilians, sociodemographic characteristics, and self-reported violence. **Scientific Reports**, v. 12, n. 11176, 2022. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/s41598-022-15103-y#>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

SPRECHER, Susan; WENZEL, Amy; HARVEY, John. **Handbook of relationship initiation**. Hove, NY: Psychology Press, 2008.

STEVENSON, Michael. **The web as exception**: The rise of new media publishing cultures. Amsterdã: University of Amsterdam, 2013. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/11245/1.394557>>. Acesso em: 30 jul. 2023.

STORMS, Michael D. Sexual Orientation and Self-Perception. In: PLINER, P.; BLANKSTEIN, K. R.; SPIGEL, I. M. (Eds). **Perception of Emotion in Self and Others**. Boston: Springer, 1979. p. 165-180. Disponível em: <https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-1-4684-3548-1_7>. Acesso em: 25 jul. 2023.

SYMONS, Donald. Beauty is in the adaptations of the beholder: the evolutionary psychology of human female sexual attractiveness. In: ABRAMSON, P. R.; PINKERTON, S. D. (Eds.), **Sexual nature, sexual culture**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995, p. 80-120.

TAYLOR, Kathryn; LAMDAN, Ruth; SIEGEL, Jamie; SHELBY, Rebecca; HRYWNA, Mary; MORAN-KLIMI, Karen. Treatment regimen, sexual attractiveness concerns and psychological adjustment among African–American breast cancer patients. *Psycho-Oncology*, v. 11, n. 6, p. 505-517, 2002. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/pon.616>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

THE TREVOR PROJECT, Org. The Coming Out Handbook, 2023. Disponível em: <<https://www.thetrevorproject.org/resources/guide/the-coming-out-handbook/>> . Acesso em: 20 jun. 2023

TOEPFL, Florian; PIWONI, Eunike. Targeting dominant publics: How counterpublic commenters align their efforts with mainstream news. **New Media & Society**, v. 20, n. 5, p. 2011-2027, 2018. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1461444817712085>>. Acesso em: 09 abr. 2023.

VAN DIJCK, José. **The culture of connectivity**: a critical history of social media. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VAN HOUDENHOVE, Ellen; ENZLIN, Paul; GIJS, Lul. A Positive Approach Toward Asexuality: some first steps, but still a long way to go. **Archives of Sexual Behavior**, v. 46, p. 647–65, 2017. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s10508-016-0921-1>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

VARELLA VALENTOVA, Jaroslava; VARELLA, Marco Antonio. Sexual Orientation and Human Sexuality. In: SHACKELFORD, T.; WEEKES-SHACKELFORD, Encyclopedia of Evolutionary Psychological Science. Springer Cham, 2016, P. 1-9. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/978-3-319-16999-6_3622-1>. Acesso em: 25 jul. 2023.

VEGH, Sandor. Classifying forms of online activism: the case of cyberprotests against the World Bank. In: MCCAUGHEY, M., AYERS, M.D. (Eds.). **Cyberactivism**: online activism in theory and practice. London: Routledge, 2003.

WALSTER, Elaine; ARONSON, Vera; ABRAHAMSON, Darcy; ROTTMAN, Leon. Importance of physical attractiveness in dating behavior. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 4, n. 5, p. 508–516, 1966. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/fulltext/2005-11095-001.pdf?auth_token=13f7117b81695469c65b9c291ee587784f1c8e6a>. Acesso em: 14 mai. 2023.

WANG, Guanlin; CAO, Minxuan; SAUCIUVENAITE, Justina; BISSLAND, Ruth; HACKER, Megan; HAMBLY, Catherine; VAANHOLT, Lobke; NIU, Chaoqun; FARIES, Mark; SPEAKMAN, John. Different impacts of resources on opposite sex ratings of physical attractiveness by males and females.

Evolution and Human Behavior, v. 39, n. 2, 2017. Disponível em: <[10.1016/j.evolhumbehav.2017.12.008](https://doi.org/10.1016/j.evolhumbehav.2017.12.008)> Acesso em: 20 jun. 2023.

WARNER, Michael. **Publics and Counterpublics**. New York: Zone Books, 2002.

WE ARE SOCIAL. **Digital 2023 Global Overview Report**. Relatório. 2023. Disponível em: <<https://datareportal.com/reports/digital-2023-global-overview-report>> Acesso em: 03 set. 2023.

WEIS, Robin; HERMANN, Lea; BAUER, Caroline; MILLER, Tristan L.; BABA, Ai; VAN DER BIEZEN, Trazy; CAMPOS, Ana; SMIGA, Joseph A.; TOMASKOVIC-MOORE, Sig; TRIEU, Theresa H.; WALFRAND, Aria; ZIEBERT, Jacci. **The 2019 asexual community survey summary report**. The Ace Community Survey Team, 2021. Disponível em: <<https://asexualcensus.wordpress.com/2019-asexual-community-survey-summary-report/>> . Acesso em: 30 jul. 2023.

WEEKS, Jeffrey. **What is Sexual History?**. Malden: Polity, 2016.

WHITE, Marilyn Domas; MARSH, Emily. Content analysis: A flexible methodology. **Library Trends**, v. 55, n. 1, p. 22-45, 2006. Disponível em: <<https://muse.jhu.edu/article/202361>>. Acesso em: 21 ago. 2023.

WHYTE, Stephen; BROOKS, Robert; CHAN, Ho Fai; TORGLER, Benno. Sex differences in sexual attraction for aesthetics, resources and personality across age. **PLoS One**, v. 16, n. 5, 2021. Disponível em: <[10.1371/journal.pone.0250151](https://doi.org/10.1371/journal.pone.0250151)> Acesso em: 20 jun. 2023.

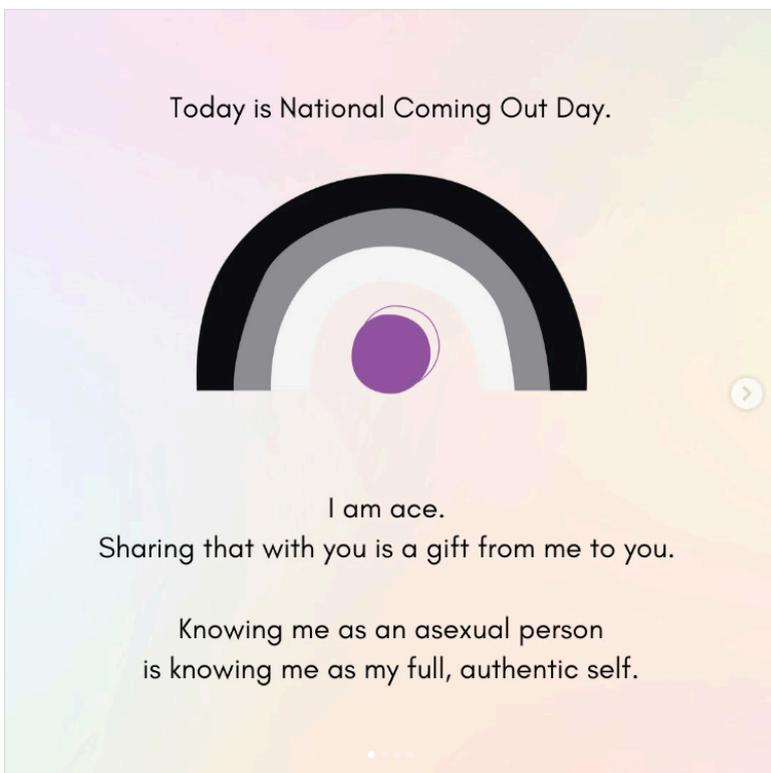
YULE, Morag A.; BROTTTO, Lori. A.; GORZALKA, Boris B. Biological Markers of Asexuality: handedness, birth order, and finger length ratios in self-identified asexual men and women. **Archives of Sexual Behavior, Archives of Sexual Behavior**, v. 43, p. 299-310, 2014. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s10508-013-0175-0>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

_____. Mental health and interpersonal functioning in self-identified asexual men and women. **Psychology & Sexuality**, v. 4, n. 2, p. 136-151, 2013. Disponível em: <<https://doi-org.ez45.periodicos.capes.gov.br/10.1080/19419899.2013.774162>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

_____. Sexual fantasy and masturbation among asexual individuals. **The Canadian Journal of Human Sexuality**, v. 23, n. 2, p. 89-95, 2014. Disponível em: <<https://utpjournals.press/doi/10.3138/cjhs.2409>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

ANEXO A — Publicações analisadas

Publicação 1 de acedadadvice



Today is National Coming Out Day.



I am ace.
Sharing that with you is a gift from me to you.

Knowing me as an asexual person
is knowing me as my full, authentic self.

acedadadvice • Seguindo

acedadadvice • Happy National Coming Out Day. If you're already out or will be coming out today for the first time as ace, aro, agender or aroace, here are some simple graphics you can use to share your truth! Share your truth loudly and proudly!

#asexual #agender #aromantic #asexualpride #agenderpride #aromanticpride #aroace #aroacepride #NationalComingOutDay #comingoutday2023 #comingout

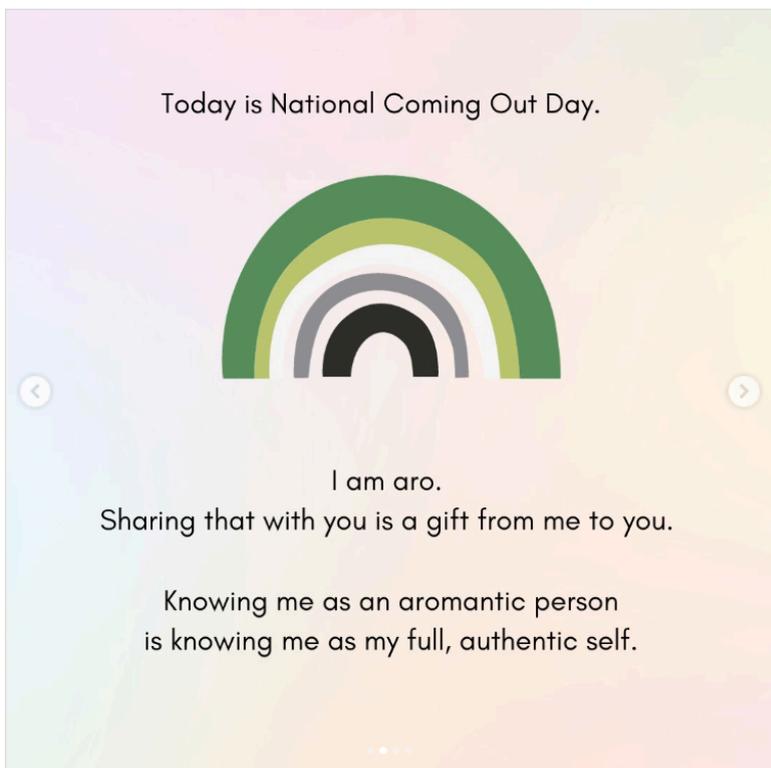
8 sem

bees.and.pumpkins This is such a beautiful and apposite way to word it, thank you for this 🙌💚💜💖💗

8 sem 2 curtidas Responder

8.071 curtidas
11 de outubro

Adicione um comentário... Publicar



Today is National Coming Out Day.



I am aro.
Sharing that with you is a gift from me to you.

Knowing me as an aromantic person
is knowing me as my full, authentic self.

acedadadvice • Seguindo

acedadadvice • Happy National Coming Out Day. If you're already out or will be coming out today for the first time as ace, aro, agender or aroace, here are some simple graphics you can use to share your truth! Share your truth loudly and proudly!

#asexual #agender #aromantic #asexualpride #agenderpride #aromanticpride #aroace #aroacepride #NationalComingOutDay #comingoutday2023 #comingout

8 sem

bees.and.pumpkins This is such a beautiful and apposite way to word it, thank you for this 🙌💚💜💖💗

8 sem 2 curtidas Responder

8.071 curtidas
11 de outubro

Adicione um comentário... Publicar



Today is National Coming Out Day.



I am agender.
Sharing that with you is a gift from me to you.

Knowing me as an agender person
is knowing me as my full, authentic self.

acedadadvice • Seguindo

acedadadvice Happy National Coming Out Day. If you're already out or will be coming out today for the first time as ace, aro, agender or aroace, here are some simple graphics you can use to share your truth! Share your truth loudly and proudly!

#asexual #agender #aromantic #asexualpride #agenderpride #aromanticpride #aroace #aroacepride #NationalComingOutDay #comingoutday2023 #comingout

8 sem

bees.and.pumpkins This is such a beautiful and apposite way to word it, thank you for this 🙌💚💜💖💗

8 sem 2 curtidas Responder

8.071 curtidas
11 de outubro

Adicione um comentário... Publicar



Today is National Coming Out Day.



I am aroace.
Sharing that with you is a gift from me to you.

Knowing me as an aroace person
is knowing me as my full, authentic self.

acedadadvice • Seguindo

acedadadvice Happy National Coming Out Day. If you're already out or will be coming out today for the first time as ace, aro, agender or aroace, here are some simple graphics you can use to share your truth! Share your truth loudly and proudly!

#asexual #agender #aromantic #asexualpride #agenderpride #aromanticpride #aroace #aroacepride #NationalComingOutDay #comingoutday2023 #comingout

8 sem

bees.and.pumpkins This is such a beautiful and apposite way to word it, thank you for this 🙌💚💜💖💗

8 sem 2 curtidas Responder

8.071 curtidas
11 de outubro

Adicione um comentário... Publicar

Tradução da legenda: Feliz Dia Nacional da “Saída do Armário”. Se você já se assumiu ou vai se assumir hoje pela primeira vez como assexual, aromântico, agênero ou aromântico e assexual, aqui estão alguns gráficos simples que você pode usar para compartilhar sua verdade! Compartilhe sua verdade em voz alta e com orgulho!

Tradução das imagens: a) Hoje é o Dia Nacional da “Saída do Armário”. Eu sou assexual. Compartilhar isso com você é um presente meu para você. Conhecer-me como uma pessoa assexual é me conhecer como meu eu completo e autêntico; b) Hoje é o Dia Nacional da “Saída do Armário”. Eu sou aromântico. Compartilhar isso com você é um presente meu para você. Conhecer-me como uma pessoa aromática é me conhecer como meu eu pleno e autêntico; c) Hoje é o Dia Nacional da “Saída do Armário”. Eu sou agênero. Compartilhar isso com você é um presente meu para você. Conhecer-me como uma pessoa agênero é conhecer-me como meu eu pleno e autêntico; d) Hoje é o Dia Nacional da “Saída do Armário”. Eu sou aromântico e assexual. Compartilhar isso com você é um presente meu para você. Conhecer-me como uma pessoa aromântica e assexual é me conhecer como meu eu pleno e autêntico.

Publicação 2 de acedadadvice



acedadadvice • Seguindo

acedadadvice [#asexuality](#) [#asexual](#) [#asexualpride](#) [#asexualcommunity](#) [#asexualspectrum](#) [#asexualpositivty](#)
7 sem

a_llama_for_now_ I'm not trying to be offensive I'm just autistic.

I'm so confused on what it means to be Asexual then because it literally means "no sex" and that can not be a spectrum. And if there are ways to include sex in a relationship then it needs a more accurate label because it doesn't match the etymology. I've been apart of the Family for like 5 years and this I never can wrap my head around.

7 sem 60 curtidas Responder Ver tradução

7.300 curtidas
19 de outubro

Adicione um comentário... [Publicar](#)

Asexuality is not a monolithic experience. There is no "right way" to be ace.

Many ace folks choose not to include sex in their relationships or in their lives.

But some ace folks do have sex. Their asexuality is just as valid.

There is no "right" relationship with sex that validates or confirms your asexuality.

You're ace whether you have sex or you don't.

acedadadvice • Seguindo

acedadadvice #asexuality #asexual #asexualpride #asexualcommunity #asexualspectrum #asexualpositivity
7 sem

a_llama_for_now_ I'm not trying to be offensive I'm just autistic.

I'm so confused on what it means to be Asexual then because it literally means "no sex" and that can not be a spectrum. And if there are ways to include sex in a relationship then it needs a more accurate label because it doesn't match the etymology. I've been apart of the Family for like 5 years and this I never can wrap my head around.

7 sem 60 curtidas Responder Ver tradução

7.300 curtidas
19 de outubro

Adicione um comentário... Publicar

Tradução das imagens: a) "Assexual" não significa "sem sexo"; b) A assexualidade não é uma experiência monolítica. Não existe uma "maneira correta" de ser assexual. Muitas pessoas assexuais optam por não incluir o sexo em seus relacionamentos ou em suas vidas. Mas algumas pessoas assexuais fazem sexo. Sua assexualidade é igualmente válida. Não existe um relacionamento "correto" com o sexo que valide ou confirme sua assexualidade. Você é assexual, quer faça sexo ou não.

Publicação 3 de acedadadvice



**4 Truths About
SEX-REPULSED
ASEXUALITY**

acedadadvice • Seguindo

acedadadvice #asexual #asexuality #asexualpride ##asexualspectrum #asexualcommunity #asexualpositivity 4 sem

lilicsuhany Thanks for this post! As a repulsed ace I can say great relationships are absolutely possible, I'm in a QPR with a non-repulsed person and I couldn't be happier 🥰
♥️ Also, I'm very sex-positive, more so than some of my allo friends. Repulsion is definitely not the same as negativity ♥️♣️

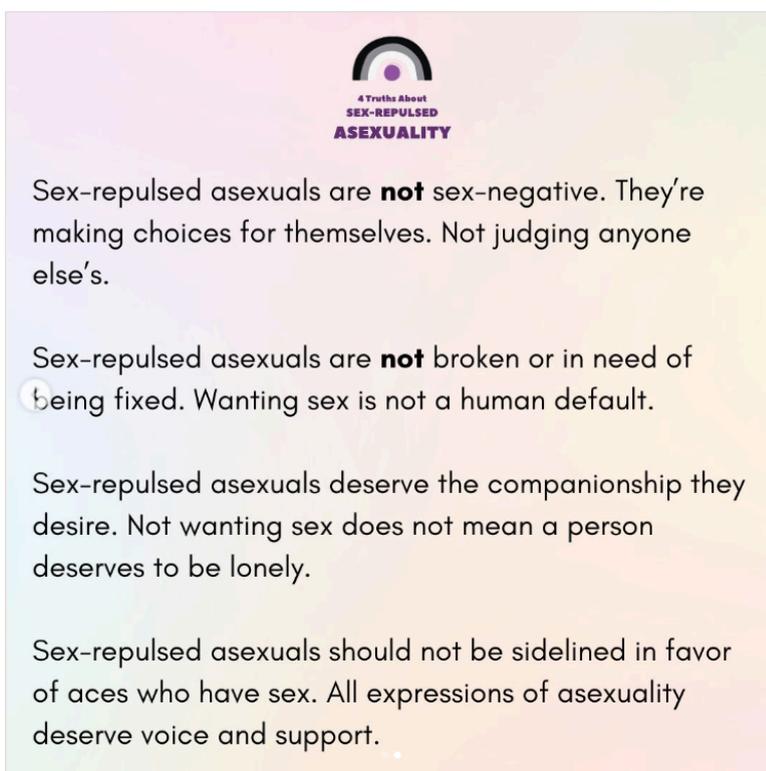
4 sem 105 curtidas Responder Ver tradução

Ver respostas (9)

13th creature I need this nost about ...

6.128 curtidas 7 de novembro

Adicione um comentário... Publicar



**4 Truths About
SEX-REPULSED
ASEXUALITY**

Sex-repulsed asexuals are **not** sex-negative. They're making choices for themselves. Not judging anyone else's.

Sex-repulsed asexuals are **not** broken or in need of being fixed. Wanting sex is not a human default.

Sex-repulsed asexuals deserve the companionship they desire. Not wanting sex does not mean a person deserves to be lonely.

Sex-repulsed asexuals should not be sidelined in favor of aces who have sex. All expressions of asexuality deserve voice and support.

acedadadvice • Seguindo

acedadadvice #asexual #asexuality #asexualpride ##asexualspectrum #asexualcommunity #asexualpositivity 4 sem

lilicsuhany Thanks for this post! As a repulsed ace I can say great relationships are absolutely possible, I'm in a QPR with a non-repulsed person and I couldn't be happier 🥰
♥️ Also, I'm very sex-positive, more so than some of my allo friends. Repulsion is definitely not the same as negativity ♥️♣️

4 sem 105 curtidas Responder Ver tradução

Ver respostas (9)

13th creature I need this nost about ...

6.128 curtidas 7 de novembro

Adicione um comentário... Publicar

Tradução das imagens: a) 4 verdades sobre a assexualidade com repulsa ao sexo; b) Os assexuais com repulsa sexual não são sexo-negativos. Eles estão fazendo escolhas por si mesmos. Não estão julgando as escolhas dos outros. Os assexuais com repulsa sexual não estão quebrados ou precisam ser consertados. O desejo por sexo não é um padrão humano. Os assexuais com repulsa por sexo merecem a

companhia que desejam. O fato de não querer sexo não significa que a pessoa mereça ficar sozinha. Os assexuais com repulsa ao sexo não devem ser deixados de lado em favor de assexuais que fazem sexo. Todas as expressões de assexualidade merecem voz e apoio.

Publicação 4 de acedadadvice



Tradução da imagem: O estereótipo de que as pessoas assexuais não sabem nada sobre sexo é muito idiota para mim. Nós sabemos demais! Tivemos que pensar sobre isso o tempo todo! Tentamos decifrar essa merda todos os dias como se fosse um enigma antigo. Quando você não quer transar, você pensa muito sobre isso.

Publicação 5 de acedadadvice

WHAT'S THE DIFFERENCE?

SEXUAL ATTRACTION & SENSUAL ATTRACTION

@acedadadvice

acedadadvice • Seguindo

acedadadvice What's the difference between sexual and sensual attraction?
2 sem

artsybon3z As a sex neutral ace person I m just curious; would "making out" or just kisses on the chest and stuff like that count as sensual?
2 sem 2 curtidas Responder Ver tradução

meridithbeird Learning the different forms of attraction was SO helpful and instrumental for me understanding my aceness. It wasn't until I uncoupled sensual attraction

4.273 curtidas
20 de novembro

Adicione um comentário... Publicar

WHAT'S THE DIFFERENCE?

Sexual attraction describes an attraction to a person or a kind of person that makes you want to have sex with them.

Sensual attraction describes an attraction to a person or a kind of person that makes you want to engage in touch with them: hugs, cuddles, maybe kisses. Sensual attraction is about non-sexual touch.

Because we culturally place the kind of touch that sensual attraction describes in the role of "lead-up" to sex, we may not have been taught to see a difference between those two kinds of feelings.

But they're different. You can be sensually attracted to someone and want touch with them without wanting sex or being sexually attracted to them.

@acedadadvice

acedadadvice • Seguindo

acedadadvice What's the difference between sexual and sensual attraction?
2 sem

artsybon3z As a sex neutral ace person I m just curious; would "making out" or just kisses on the chest and stuff like that count as sensual?
2 sem 2 curtidas Responder Ver tradução

meridithbeird Learning the different forms of attraction was SO helpful and instrumental for me understanding my aceness. It wasn't until I uncoupled sensual attraction

4.273 curtidas
20 de novembro

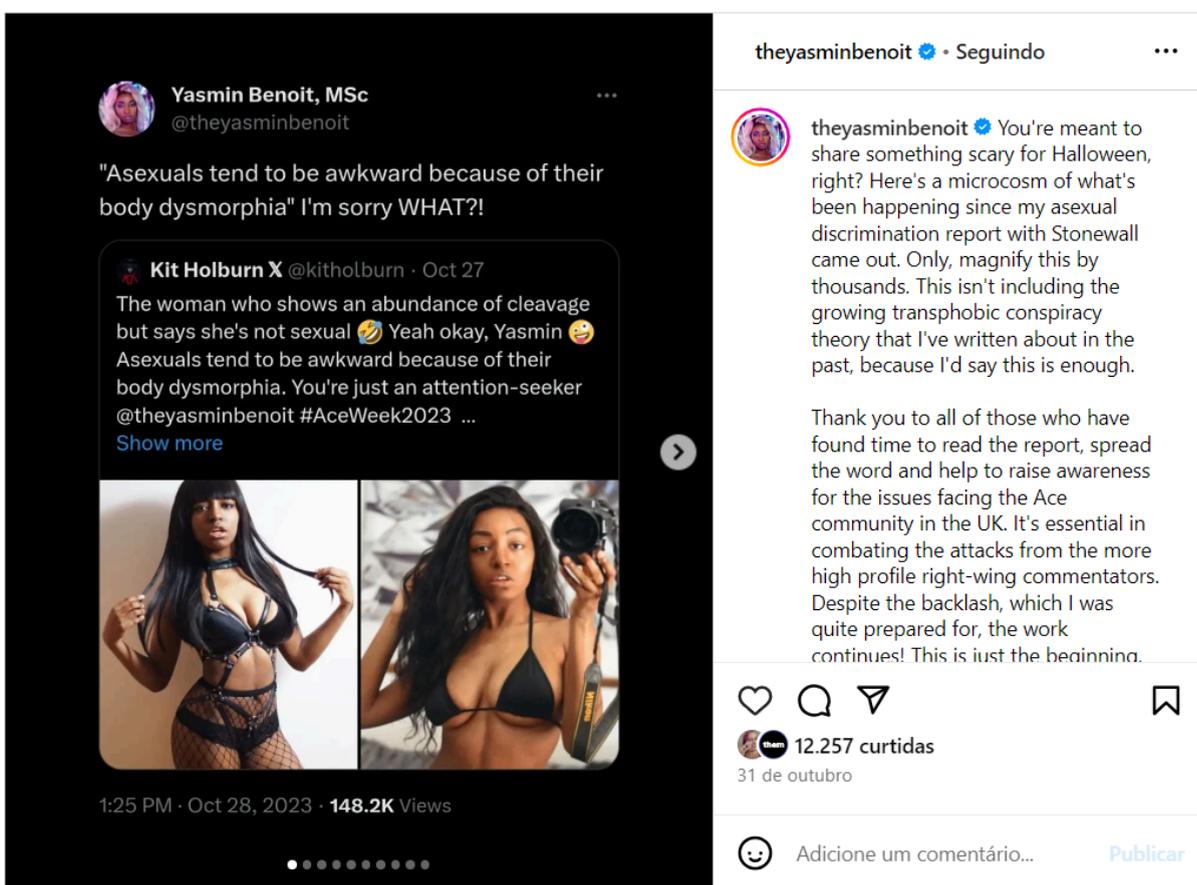
Adicione um comentário... Publicar

Tradução da legenda: Qual é a diferença entre atração sexual e sensual?

Tradução das imagens: a) Qual é a diferença? Atração sexual e atração sensual; b) A atração sexual descreve a atração por uma pessoa ou um tipo de pessoa que faz

com que você queira fazer sexo com ela. A atração sensual descreve a atração por uma pessoa ou um tipo de pessoa que faz com que você queira entrar em contato com ela: abraços, carícias, talvez beijos. A atração sensual tem a ver com o toque não sexual. Como culturalmente colocamos o tipo de toque que a atração sensual descreve no papel de "preparação" para o sexo, talvez não tenhamos sido ensinados a ver uma diferença entre esses dois tipos de sentimentos. Mas eles são diferentes. Você pode se sentir sensualmente atraído por alguém e querer tocá-lo sem querer sexo ou se sentir sexualmente atraído por ele.

Publicação 1 de theyasminbenoit



Yasmin Benoit, MSc
@theyasminbenoit

"Asexuals tend to be awkward because of their body dysmorphia" I'm sorry WHAT?!

Kit Holburn X @kitholburn · Oct 27
The woman who shows an abundance of cleavage but says she's not sexual 🤔 Yeah okay, Yasmin 😊
Asexuals tend to be awkward because of their body dysmorphia. You're just an attention-seeker @theyasminbenoit #AceWeek2023 ...
[Show more](#)

1:25 PM · Oct 28, 2023 · 148.2K Views

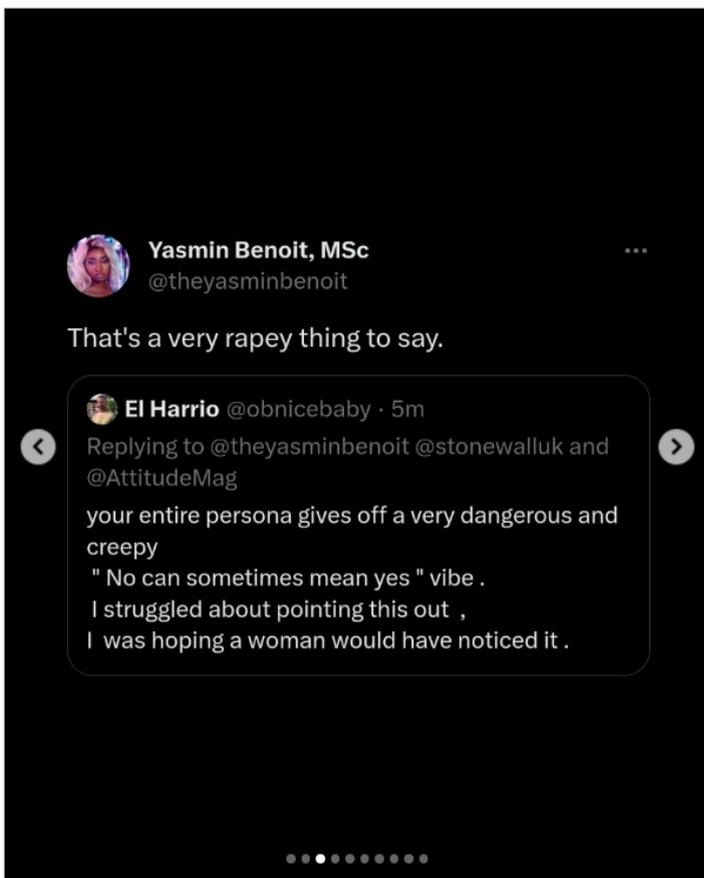
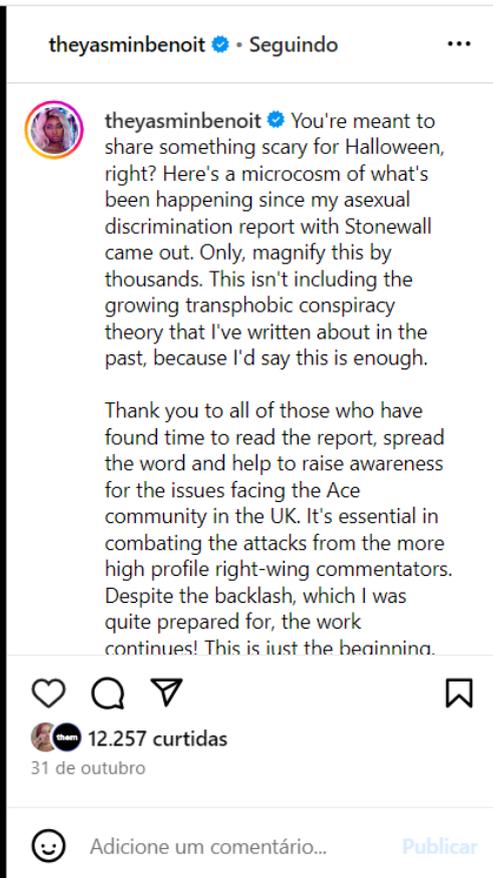
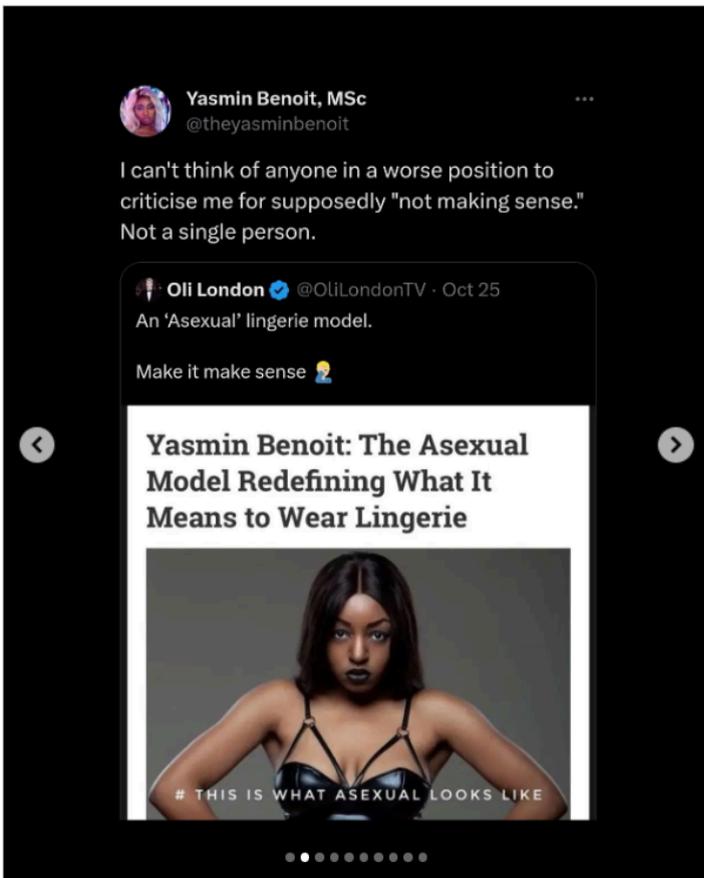
theyasminbenoit • Seguindo

theyasminbenoit You're meant to share something scary for Halloween, right? Here's a microcosm of what's been happening since my asexual discrimination report with Stonewall came out. Only, magnify this by thousands. This isn't including the growing transphobic conspiracy theory that I've written about in the past, because I'd say this is enough.

Thank you to all of those who have found time to read the report, spread the word and help to raise awareness for the issues facing the Ace community in the UK. It's essential in combating the attacks from the more high profile right-wing commentators. Despite the backlash, which I was quite prepared for, the work continues! This is iust the beainnina.

12.257 curtidas
31 de outubro

Adicione um comentário... [Publicar](#)



 **Kate**
@theantiherokate Follow

Why the sexy pic with the sexy stare? Please. Do everyone a favor and get a real job. This is the most ridiculous grift I've ever seen. It's so deeply annoying. lol

People are REALLY reaching these days. Idiots abound.

 **Yasmin Benoit, MSc** @theyasminbenoi · Oct 26
It's time for asexuality to be legally recognised and protected in the UK! Tomorrow, @stonewalluk and I will release the first ever report into asexual discrimination. I spoke to @AttitudeMag about asexual rights and our initiative!...
[Show more](#)
[Show this thread](#)

theyasminbenoit • Seguindo

 theyasminbenoit You're meant to share something scary for Halloween, right? Here's a microcosm of what's been happening since my asexual discrimination report with Stonewall came out. Only, magnify this by thousands. This isn't including the growing transphobic conspiracy theory that I've written about in the past, because I'd say this is enough.

Thank you to all of those who have found time to read the report, spread the word and help to raise awareness for the issues facing the Ace community in the UK. It's essential in combating the attacks from the more high profile right-wing commentators. Despite the backlash, which I was quite prepared for, the work continues! This is just the beginning.

 12.257 curtidas
31 de outubro

 Adicione um comentário... Publicar

 **Comrade Maggie Dods**
@MagDods Follow

WHO and Yasmin Benoit? I did wonder how she was fronting a "movement" all on her own.

 **Gates**
@Gates001 Follow

 **AHF**
@ahfpro Follow

These aren't girls.....THESE ARE WHORES

Asexuality should concern people. This is deeply disturbing and sinister. Two words: animals and children.

theyasminbenoit • Seguindo

 theyasminbenoit You're meant to share something scary for Halloween, right? Here's a microcosm of what's been happening since my asexual discrimination report with Stonewall came out. Only, magnify this by thousands. This isn't including the growing transphobic conspiracy theory that I've written about in the past, because I'd say this is enough.

Thank you to all of those who have found time to read the report, spread the word and help to raise awareness for the issues facing the Ace community in the UK. It's essential in combating the attacks from the more high profile right-wing commentators. Despite the backlash, which I was quite prepared for, the work continues! This is just the beginning.

 12.257 curtidas
31 de outubro

 Adicione um comentário... Publicar

Morninglord @deer_sage Follow ...

They don't wanna fuck you, but they want you to want to fuck them. Totally makes sense.

lundwall @lundwall Follow ...

Asexual is a made up thing for whores who want to be able to tease other people and take no responsibility for their actions.

missyLV @MissyLeTigre Follow ...

"Teehee I'm not like other girls, I'm a slutty asexual attention hoer. Buy my only fans for more tips on how to be sexy asexual. I have dildos linked so use my code, IHATESEX"

@Amanda2010

I suspect this has kink appeal. Appeals to the kind of men who prefer sex with unwilling/unconscious/ otherwise frozen women.

It's a genuine kink. A dark one, mind.

theyasminbenoit • Seguindo ...

theyasminbenoit You're meant to share something scary for Halloween, right? Here's a microcosm of what's been happening since my asexual discrimination report with Stonewall came out. Only, magnify this by thousands. This isn't including the growing transphobic conspiracy theory that I've written about in the past, because I'd say this is enough.

Thank you to all of those who have found time to read the report, spread the word and help to raise awareness for the issues facing the Ace community in the UK. It's essential in combating the attacks from the more high profile right-wing commentators. Despite the backlash, which I was quite prepared for, the work continues! This is just the beainnina.

12.257 curtidas
31 de outubro

Adicione um comentário... Publicar

Storm @stormrobinson Follow ...

recognised.

92 284 1.4K 30K

You're not asexual. You just have no libido from a lifetime of poor diet and drug abuse.

Lay off the meth, the SSRIs, the adderall, the ketamine, or whatever your drug of choice is and you'll miraculously want sex again.

2:05 PM · Oct 27, 2023 · 100 Views

theyasminbenoit • Seguindo ...

theyasminbenoit You're meant to share something scary for Halloween, right? Here's a microcosm of what's been happening since my asexual discrimination report with Stonewall came out. Only, magnify this by thousands. This isn't including the growing transphobic conspiracy theory that I've written about in the past, because I'd say this is enough.

Thank you to all of those who have found time to read the report, spread the word and help to raise awareness for the issues facing the Ace community in the UK. It's essential in combating the attacks from the more high profile right-wing commentators. Despite the backlash, which I was quite prepared for, the work continues! This is just the beainnina.

12.257 curtidas
31 de outubro

Adicione um comentário... Publicar

It's time for asexuality to be legally recognised and protected in the UK! Tomorrow, @stonewalluk and I will release the first ever report into asexual...

[Show more](#)
[Show this thread](#)

26 13 254 21K

GunShyMartyr
@jimmy_rustlin

Follow

TLDR: I am asexual, I use I/Me pronouns. If you kiss someone in front of me, you have offended me and should be criminalized as a hate crime. I will teach children in school about self-love, with masturbation, instead of traditional way of loving yourself with compassion.

theyasminbenoit • Seguindo

theyasminbenoit You're meant to share something scary for Halloween, right? Here's a microcosm of what's been happening since my asexual discrimination report with Stonewall came out. Only, magnify this by thousands. This isn't including the growing transphobic conspiracy theory that I've written about in the past, because I'd say this is enough.

Thank you to all of those who have found time to read the report, spread the word and help to raise awareness for the issues facing the Ace community in the UK. It's essential in combating the attacks from the more high profile right-wing commentators. Despite the backlash, which I was quite prepared for, the work continues! This is just the beginning.

12.257 curtidas
31 de outubro

Adicione um comentário... [Publicar](#)

José Montoya
@Jose_Montoya81

Follow

Being asexual is metaphysically impossible. You have a human body organized so as to foster sexual reproduction. What this person wants is to be frigid and for some reason have everyone else say that's a good thing. But she has a condition that requires psychological treatment.

Yasmin Benoit, MSc @theyasminbenoi · Oct 26

It's time for asexuality to be legally recognised and protected in the UK! Tomorrow, @stonewalluk and I will release the first ever report into asexual discrimination. I spoke to @AttitudeMag about asexual rights and our initiative!...

[Show more](#)
[Show this thread](#)

attitude

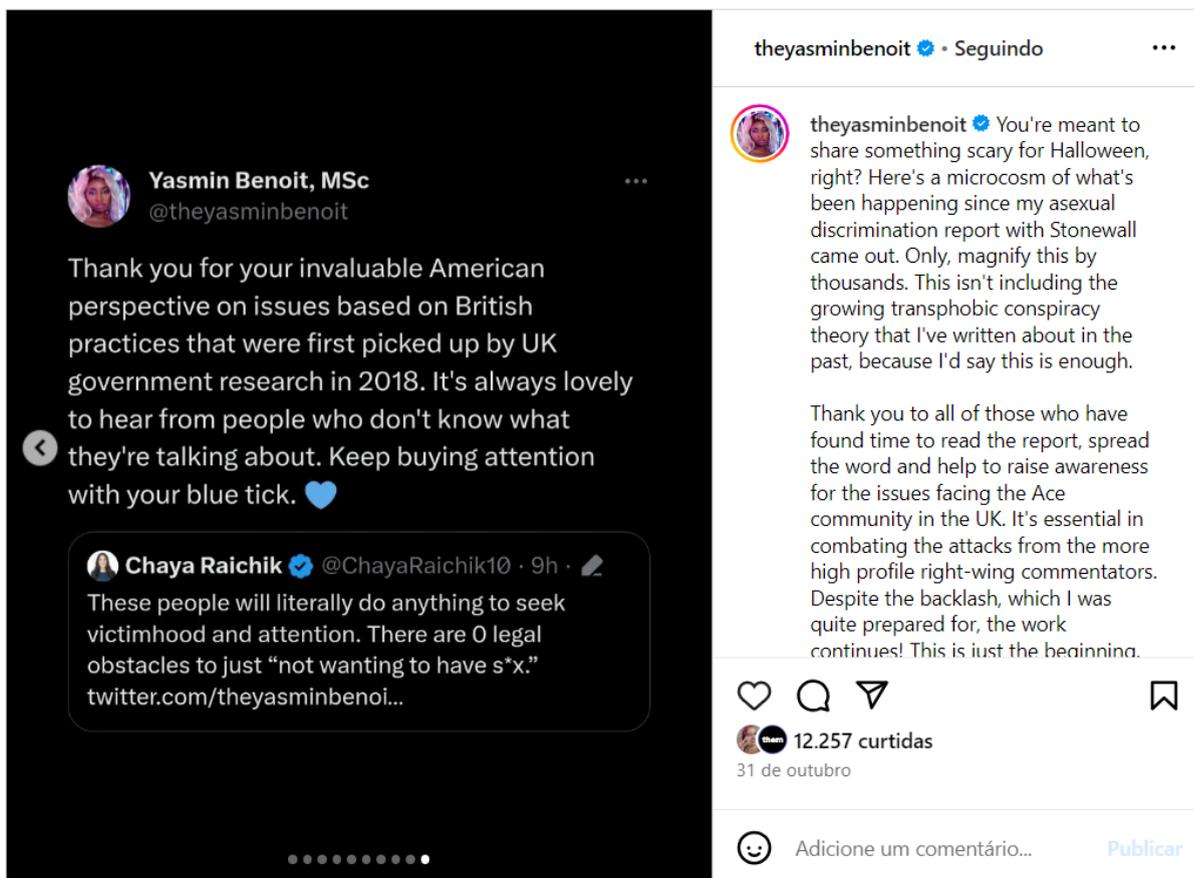
theyasminbenoit • Seguindo

theyasminbenoit You're meant to share something scary for Halloween, right? Here's a microcosm of what's been happening since my asexual discrimination report with Stonewall came out. Only, magnify this by thousands. This isn't including the growing transphobic conspiracy theory that I've written about in the past, because I'd say this is enough.

Thank you to all of those who have found time to read the report, spread the word and help to raise awareness for the issues facing the Ace community in the UK. It's essential in combating the attacks from the more high profile right-wing commentators. Despite the backlash, which I was quite prepared for, the work continues! This is just the beginning.

12.257 curtidas
31 de outubro

Adicione um comentário... [Publicar](#)



Tradução da legenda: Você deve compartilhar algo assustador para o Halloween, certo? Aqui está um microcosmo do que vem acontecendo desde que meu relatório sobre discriminação assexual com a Stonewall foi publicado. Só que aumente isso em milhares. Isso não inclui a crescente teoria da conspiração transfóbica sobre a qual escrevi no passado, porque eu diria que isso já é o suficiente. Agradeço a todos que encontraram tempo para ler o relatório, divulgá-lo e ajudar a aumentar a conscientização sobre os problemas enfrentados pela comunidade Ace no Reino Unido. Isso é essencial para combater os ataques dos comentaristas de direita mais famosos. Apesar da reação negativa, para a qual eu estava preparado, o trabalho continua! Este é apenas o começo. É hora de mudar. Você pode ver o relatório clicando no link em minha biografia. 💜💜

Tradução das imagens: Postagem original: A mulher que mostra uma abundância de decotes, mas diz que não é sexual (emoji de risada) Sim, tudo bem, Yasmin (emoji de cara de louco). Os assexuais tendem a ser desajeitados por causa de sua dismorfia corporal. Você é apenas uma caçadora de atenção @theyasminbenoit

#AceWeek2023. Resposta: "Os assexuais tendem a ser desajeitados por causa de sua dismorfia corporal" Desculpe-me, o quê?!

Postagem original: Uma "modelo de lingerie assexual". Faça isso fazer sentido (emoji de palma no rosto) Descrição do texto da imagem: Yasmin Benoit: A modelo assexual que está redefinindo o que significa usar lingerie Resposta: Não consigo pensar em ninguém em uma posição pior para me criticar por supostamente "não fazer sentido". Nem uma única pessoa.

Postagem original: respondendo a @theyasminbenoit @stonewalluk e @AttitudeMag toda a sua personalidade transmite uma vibração muito perigosa e assustadora de "Às vezes, não pode significar sim". Tive dificuldade em apontar isso, estava esperando que uma mulher tivesse notado. Resposta: Isso é uma coisa muito estupradora de se dizer.

Postagem original: Está na hora de a assexualidade ser legalmente reconhecida e protegida no Reino Unido! Amanhã, @stonewalluk e eu divulgaremos o primeiro relatório sobre discriminação assexual. Falei com a @AttitudeMag sobre os direitos dos assexuais e nossa iniciativa! Resposta: Por que a foto sexy com o olhar sexy? Por favor. Faça um favor a todos e arrume um emprego de verdade. Esse é o golpe mais ridículo que já vi. É profundamente irritante. As pessoas estão REALMENTE chegando ao limite hoje em dia. Há muitos idiotas.

Comrade Maggie Dods @MagDods: OMS (Organização Mundial da Saúde) e Yasmin Benoit? Eu me perguntei como ela estava liderando um "movimento" por conta própria.

Gates @Gates001: Essas não são garotas....ESSAS SÃO PROSTITUTAS.

AHF @ahfpro: A assexualidade deveria preocupar as pessoas. Isso é profundamente perturbador e sinistro. Duas palavras: animais e crianças.

Morninglord @deer_sage: Eles não querem transar com você, mas querem que você queira transar com eles. Faz todo o sentido.

lundwall @lundwall: Assexual é uma coisa inventada para prostitutas que querem poder provocar outras pessoas e não assumem responsabilidade por suas ações.

missyLV @MissyLeTigre: "Teehee (riso trocista) eu não sou como as outras garotas, sou uma prostituta assexual que gosta de chamar a atenção. Compre meus OnlyFans para obter mais dicas sobre como ser sexy e assexual. Tenho links para dildos, então use meu código, IHATESEX".

@Amanda2010___: Suspeito que isso tenha um apelo fetichista. Apela para o tipo de homem que prefere sexo com mulheres relutantes, inconscientes ou frígidas de alguma forma. É um fetiche genuíno. Um sombrio, claro.

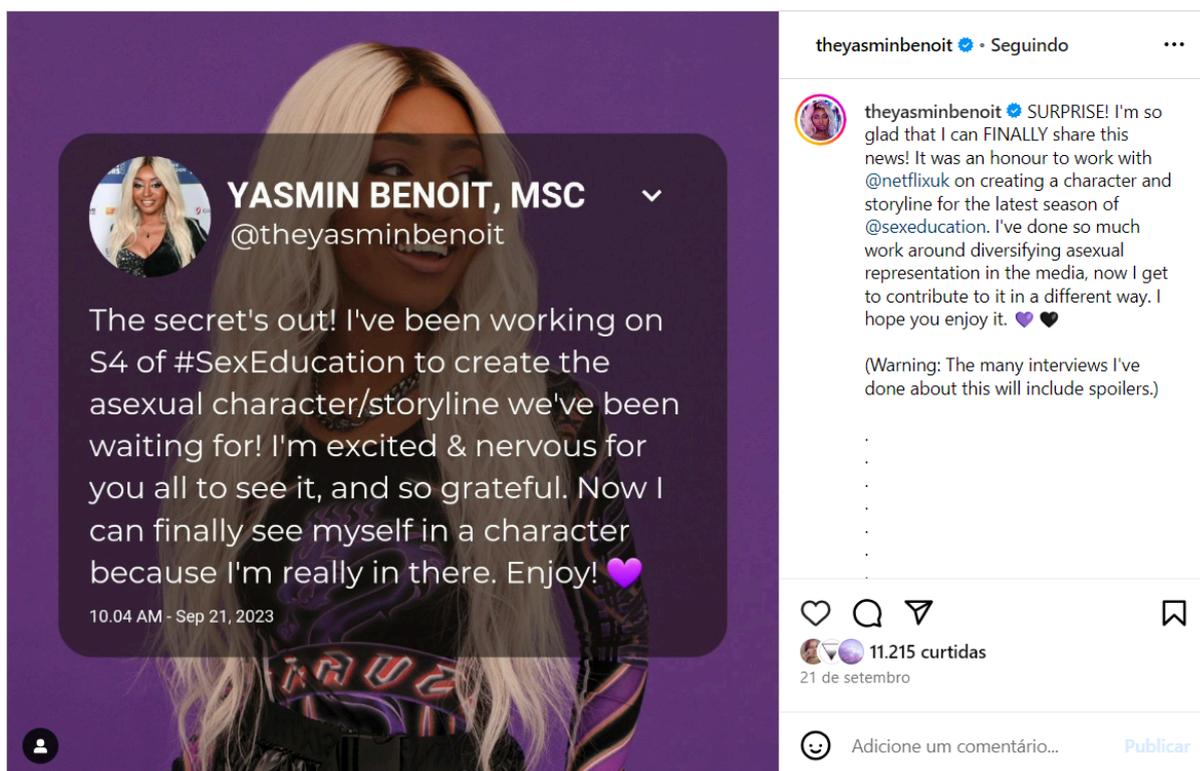
Storm @stormrobinson: Você não é assexual. Você só não tem libido por causa de uma vida inteira de má alimentação e abuso de drogas. Deixe de lado a metanfetamina, os ISTSs (Inibidores seletivos da recaptção de serotonina), o adderall, a cetamina ou qualquer que seja a droga de sua preferência e, milagrosamente, você voltará a querer sexo.

GunShyMartyr @jimmy_rustlin: TLDR: Sou assexual, uso os pronomes Eu/Meu. Se você beijar alguém na minha frente, você me ofendeu e deveria ser criminalizado como um crime de ódio. Ensinarei às crianças na escola sobre amor próprio, com masturbação, em vez da maneira tradicional de amar a si mesmo com compaixão.

Postagem original: Está na hora da assexualidade ser legalmente reconhecida e protegida no Reino Unido! Amanhã, @stonewalluk e eu divulgaremos o primeiro relatório sobre discriminação assexual. Falei com a @AttitudeMag sobre os direitos dos assexuais e nossa iniciativa! Resposta: Ser assexual é metafisicamente impossível. Você tem um corpo humano organizado de forma a promover a reprodução sexual. O que essa pessoa quer é ser frígida e, por algum motivo, que todos digam que isso é bom. Mas ela tem uma condição que requer tratamento psicológico.

Postagem original: Essas pessoas farão literalmente qualquer coisa para buscar vitimização e atenção. Não há nenhum obstáculo legal para simplesmente "não querer fazer sexo". Resposta: Obrigada por sua inestimável perspectiva americana sobre questões baseadas em práticas britânicas que foram detectadas pela primeira vez por uma pesquisa do governo do Reino Unido em 2018. É sempre bom ouvir de pessoas que não sabem do que estão falando. Continue chamando a atenção com seu selo azul.

Publicação 2 de theyasminbenoit



Tradução da legenda: SURPRESA! Estou muito feliz por FINALMENTE poder compartilhar esta notícia! Foi uma honra trabalhar com a @netflixuk na criação de um personagem e de um enredo para a última temporada de @sexeducation. Já trabalhei muito para diversificar a representação assexual na mídia e agora posso contribuir para isso de uma maneira diferente. Espero que vocês gostem. 💜💜 (Aviso: as muitas entrevistas que fiz sobre isso incluirão spoilers).

Tradução da imagem: O segredo foi revelado! Estive trabalhando no S4 do #SexEducation para criar o personagem/enredo assexual que estávamos esperando! Estou animada e nervosa para que todos vocês vejam, e muito grata. Agora posso finalmente me ver em um personagem porque estou realmente lá. Divirtam-se!

Publicação 3 de theyasminbenoit



theyasminbenoit • Seguindo

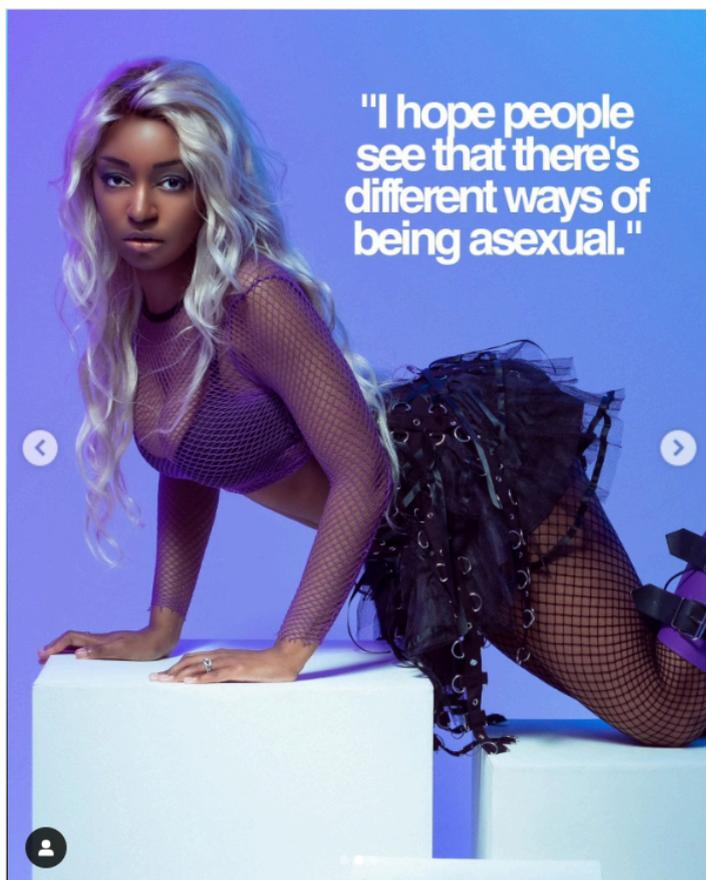
theyasminbenoit I spoke to @attitudemag about creating an asexual character and storyline for the new season of @sexeducation! Warning: the article contains spoilers (as does all the other interviews I've done)!

If you want to find out more about the character and the storyline, check out the interview on their website! ❤️❤️

Photography: @the_abstract_reality
MUA: @faithmistmakeup
Top & Boots: @dollskill
Skirt: @hellbunnyofficial

9.948 curtidas
22 de setembro

Adicione um comentário... Publicar



theyasminbenoit • Seguindo

theyasminbenoit I spoke to @attitudemag about creating an asexual character and storyline for the new season of @sexeducation! Warning: the article contains spoilers (as does all the other interviews I've done)!

If you want to find out more about the character and the storyline, check out the interview on their website! ❤️❤️

Photography: @the_abstract_reality
MUA: @faithmistmakeup
Top & Boots: @dollskill
Skirt: @hellbunnyofficial

9.948 curtidas
22 de setembro

Adicione um comentário... Publicar

Sex Education season 4: Yasmin Benoit on creating 'as badass as possible' asexual character

Exclusive: The asexual campaigner worked with Netflix to create the brand-new character (Warning: Contains spoilers)



theyasminbenoit • Seguindo



theyasminbenoit I spoke to @attitudemag about creating an asexual character and storyline for the new season of @sexeducation! Warning: the article contains spoilers (as does all the other interviews I've done)!

If you want to find out more about the character and the storyline, check out the interview on their website! 💜💜

Photography: @the_abstract_reality
MUA: @faithmismakeup
Top & Boots: @dollskill
Skirt: @hellbunnyofficial

📍
📅
📌

📍
🗨️
📌

👤
9.948 curtidas

22 de setembro

😊
Adicione um comentário...
Publicar

Tradução da legenda: Conversei com a @attitudemag sobre a criação de um personagem assexual e o enredo da nova temporada de @sexeducation! Aviso: o artigo contém spoilers (assim como todas as outras entrevistas que fiz)! Se você quiser saber mais sobre o personagem e o enredo, confira a entrevista no site deles! 💜💜

Fotografia: @the_abstract_reality

Maquiagem: @faithmismakeup

Top e botas: @dollskill

Saia: @hellbunnyofficial

Tradução das imagens: Exclusivo - Sex Education 4ª temporada: Yasmin Benoit sobre a criação de um personagem assexual "o mais foda possível". A ativista assexual trabalhou com a Netflix para criar a nova personagem. (Aviso: contém spoilers);

"Espero que as pessoas vejam que há diferentes maneiras de ser assexual";

Sex Education 4ª temporada: Yasmin Benoit sobre a criação de um personagem assexual "o mais foda possível". A ativista assexual trabalhou com a Netflix para criar a nova personagem. (Aviso: contém spoilers).

Publicação 4 de theyasminbenoit

TV

How Sex Education season 4 let down the asexual community with the character of O

Oct 02 • Written by Asyia Iftikhar



Asexual activist and *Sex Education* consultant Yasmin Benoit has spoken to PinkNews about the backlash to asexual character O in the show's fourth and final season.

theyasminbenoit • Seguindo

theyasminbenoit Okay, let's get into it! I spoke to @pinknews about what went wrong with O's character in #SexEducation S4, the consequences of that, and why I'm still looking on the bright side. Hopefully this can address some of people's concerns and explain why certain parts of the storyline didn't make sense.

I'm still going to #VoteForO regardless, and it's been lovely to hear from some people that the nuances of the character and storyline didn't completely go over their heads. 💜💜

8.886 curtidas

2 de outubro

Adicione um comentário... **Publicar**

Asexual activist and Sex Education consultant Yasmin Benoit has spoken to PinkNews about the backlash to asexual character O in the show's fourth and final season.

In a TV landscape already lacking **asexual** representation, **Yasmin Benoit** is on a mission to change the narrative. The high-profile asexual activist has previously spoken of their joy at seeing trailblazing characters **such as Heartstopper's Isaac (played by Tobie Donovan)** and hoped to repeat the success on Netflix's other hit queer teen series, *Sex Education*.

Season four saw **a rich range of LGBTQ+ storylines**, including newly-introduced asexual character, Sarah 'O' Owen (Thaddea Graham), who plays Cavendish' Sixth Form College's sex positive student therapist and Otis' (Asa Butterfield) arch-rival.

Speaking with PinkNews, Benoit explained that as she watched O's storyline unfold she was shocked to see how the character came across on screen.

"When I watched it I realised some of these things were not translated according to plan, some things had been cut, others changed. Then I understood why the character had such a mixed reception," she says.

While Benoit understood O was playing Otis' nemesis, she was clear that she "didn't want her to be the antagonist of the season", adding that a lot of the "nuance got lost in translation".

theyasminbenoit • Seguindo



theyasminbenoit Okay, let's get into it! I spoke to @pinknews about what went wrong with O's character in #SexEducation S4, the consequences of that, and why I'm still looking on the bright side. Hopefully this can address some of people's concerns and explain why certain parts of the storyline didn't make sense.

I'm still going to #VoteForO regardless, and it's been lovely to hear from some people that the nuances of the character and storyline didn't completely go over their heads. 💜💜



8.886 curtidas

2 de outubro



Adicione um comentário...

Publicar

theyasminbenoit • Seguindo



theyasminbenoit Okay, let's get into it! I spoke to @pinknews about what went wrong with O's character in #SexEducation S4, the consequences of that, and why I'm still looking on the bright side. Hopefully this can address some of people's concerns and explain why certain parts of the storyline didn't make sense.

I'm still going to #VoteForO regardless, and it's been lovely to hear from some people that the nuances of the character and storyline didn't completely go over their heads. 💜💜



8.886 curtidas

2 de outubro



Adicione um comentário...

Publicar



Thaddea Graham as O in Sex Education season four.
(Netflix/Samuel Taylor)

For example, the scene in which 10-year-old O hurts Ruby by telling the other girls she wet the bed was meant to deflect from O's own insecurities after being teased as "frigid" and shielding her asexuality. Instead, O's betrayal seemed entirely unprovoked and malicious.

theyasminbenoit • Seguindo



theyasminbenoit Okay, let's get into it! I spoke to @pinknews about what went wrong with O's character in #SexEducation S4, the consequences of that, and why I'm still looking on the bright side. Hopefully this can address some of people's concerns and explain why certain parts of the storyline didn't make sense.

I'm still going to #VoteForO regardless, and it's been lovely to hear from some people that the nuances of the character and storyline didn't completely go over their heads. 💜❤



8.886 curtidas

2 de outubro



Adicione um comentário...

Publicar

Elsewhere, Otis was meant to have made more provoking sexist remarks towards O, prompting her to come out as asexual and label him a misogynist during their student counsellor debate. Her apology to Ruby also comes much later in the season than originally planned.

While Benoit "doubts there was any malicious intent" on behalf of the production team who made the final edits, she is all too aware of the potential consequences for asexuals.

"I don't really blame anyone in particular, I think that's just how TV shows go," she continues.

"But when you have literally the only asexual woman of colour on television and it is a really big moment for the community, you do have to be a lot more careful when you're representing something which is essentially half of the representation we have."

theyasminbenoit • Seguindo



theyasminbenoit Okay, let's get into it! I spoke to @pinknews about what went wrong with O's character in #SexEducation S4, the consequences of that, and why I'm still looking on the bright side. Hopefully this can address some of people's concerns and explain why certain parts of the storyline didn't make sense.

I'm still going to #VoteForO regardless, and it's been lovely to hear from some people that the nuances of the character and storyline didn't completely go over their heads. 💜❤



8.886 curtidas

2 de outubro



Adicione um comentário...

Publicar



Asexual activist Yasmin Benoit speaks out about dangerous editing down of O's plot. (Getty)

Especialmente em uma série majoritária como *Sex Education*, uma representação mal executada tem o poder de reforçar estereótipos e moldar visões negativas.

"[Portraying O as] the mean and unlikable one is not only reinforcing that asexuals are inherently callous and don't connect with people, but it's also pretty harmful to the ace minority that finally get to see themselves in something and then see the [terrible] reception," Benoit says.

Most disappointing for Benoit is that she had entered the writing room with the key intention of avoiding this kind of portrayal and fallout.

theyasminbenoit • Seguindo

theyasminbenoit Okay, let's get into it! I spoke to @pinknews about what went wrong with O's character in #SexEducation S4, the consequences of that, and why I'm still looking on the bright side. Hopefully this can address some of people's concerns and explain why certain parts of the storyline didn't make sense.

I'm still going to #VoteForO regardless, and it's been lovely to hear from some people that the nuances of the character and storyline didn't completely go over their heads. 💜💜

8.886 curtidas
2 de outubro

Adicione um comentário... Publicar

"I've always said from the beginning, whatever we do, we've got to make sure she does not come across as the villain, we're not doing the evil, asexual stereotype," she notes.

"And then accidentally, that's what ended up happening."

Now fans across social media are targeting their vitriol towards Benoit due to her public involvement with the poorly-received character. Benoit calls herself an "easy target".

"I'm the only person you can really visibly see [associated with the character]," she says. "So that was definitely unfortunate because I've spent my whole career trying to make sure that asexual representation is positive."

theyasminbenoit • Seguindo

theyasminbenoit Okay, let's get into it! I spoke to @pinknews about what went wrong with O's character in #SexEducation S4, the consequences of that, and why I'm still looking on the bright side. Hopefully this can address some of people's concerns and explain why certain parts of the storyline didn't make sense.

I'm still going to #VoteForO regardless, and it's been lovely to hear from some people that the nuances of the character and storyline didn't completely go over their heads. 💜💜

8.886 curtidas
2 de outubro

Adicione um comentário... Publicar



O and Otis in Sex Education. (Netflix)

The 27-year-old, who became the first-ever asexual grand marshal for the New York City Pride parade in June, continues: “I put so much of myself in the character and it’s a little hard not to take it personally when I was like ‘yes, this character is me, finally, after all these years’, and then everyone’s like, ‘well, cool, we hate her.’”

theyasminbenoit • Seguindo



theyasminbenoit Okay, let's get into it! I spoke to @pinknews about what went wrong with O's character in #SexEducation S4, the consequences of that, and why I'm still looking on the bright side. Hopefully this can address some of people's concerns and explain why certain parts of the storyline didn't make sense.

I'm still going to #VoteForO regardless, and it's been lovely to hear from some people that the nuances of the character and storyline didn't completely go over their heads. 💜 ❤️

...



8.886 curtidas

2 de outubro



Adicione um comentário...

Publicar

Despite battling the negativity sent her way over the past week, Benoit wants to also focus on the positive aspects of O's time on *Sex Education*, which says is "half a step in the right direction" for increasing ace representation.

"I hope that asexual minorities in particular, don't take the backlash to heart too much," she concludes.

"It's been a difficult, even I'm trying to put a positive spin on it in my head but then I've also had people say, 'we did see what you were going for'. I hope once more people see the potential we can do justice for this character."

Sex Education season one to four are now streaming on Netflix.

theyasminbenoit • Seguindo
...



theyasminbenoit Okay, let's get into it! I spoke to @pinknews about what went wrong with O's character in #SexEducation S4, the consequences of that, and why I'm still looking on the bright side. Hopefully this can address some of people's concerns and explain why certain parts of the storyline didn't make sense.

I'm still going to #VoteForO regardless, and it's been lovely to hear from some people that the nuances of the character and storyline didn't completely go over their heads. 💜💜

👍 8.886 curtidas
2 de outubro

😊 Adicione um comentário... Publicar

Tradução da legenda: Muito bem, vamos ao que interessa! Falei com @pinknews sobre o que deu errado com o personagem de O em #SexEducation S4, as consequências disso e por que ainda estou vendo o lado positivo. Espero que isso possa abordar algumas das preocupações das pessoas e explicar por que certas partes da história não faziam sentido. Ainda vou votar em #VoteForO de qualquer maneira, e foi muito bom ouvir de algumas pessoas que as nuances do personagem e da história não passaram completamente despercebidas. 💜💜

Tradução das imagens: Como a quarta temporada de Sex Education decepcionou a comunidade assexual com o personagem O. A ativista assexual e consultora da Sex Education, Yasmin Benoit, conversou com a PinkNews sobre a reação à personagem assexual O na quarta e última temporada do programa.

A ativista assexual e consultora da Sex Education, Yasmin Benoit, conversou com a PinkNews sobre a reação à personagem assexual O na quarta e última temporada do programa. Em um cenário de TV que já carece de representação assexual, Yasmin Benoit está em uma missão para mudar a narrativa. A ativista assexual de alto nível já havia falado anteriormente sobre sua alegria em ver personagens

pioneiros como Isaac de Heartstopper (interpretado por Tobie Donovan) e esperava repetir o sucesso na outra série adolescente queer de sucesso da Netflix, *Sex Education*. A quarta temporada contou com uma grande variedade de histórias LGBTQ+, incluindo a recém-introduzida personagem assexual Sarah 'O' Owen (Thaddea Graham), que interpreta a terapeuta sexual positiva da Faculdade Cavendish' Sixth Form e arquirrival de Otis (Asa Butterfield).

Em conversa com a PinkNews, Benoit explicou que, ao assistir ao desenrolar da história de O, ficou chocada com a forma como a personagem apareceu na tela. "Quando assisti, percebi que algumas dessas coisas não foram traduzidas de acordo com o planejado, algumas coisas foram cortadas, outras mudadas. Então, entendi por que a personagem teve uma recepção tão variada", diz ela. Embora Benoit tenha entendido que O estava interpretando a nêmesis de Otis, ela deixou claro que "não queria que ela fosse a antagonista da temporada", acrescentando que muitas das "nuances se perderam na tradução".

Por exemplo, a cena em que O, de 10 anos de idade, magoa Ruby dizendo às outras meninas que ela molha a cama tinha como objetivo desviar a atenção das inseguranças de O depois de ter sido ridicularizada como "frígida" e proteger sua assexualidade. Em vez disso, a traição de O parecia totalmente não provocada e maliciosa.

Além disso, Otis deveria ter feito comentários sexistas mais provocantes em relação a O, levando-a a se assumir como assexual e a rotulá-lo de misógino durante o debate com o conselheiro estudantil. Seu pedido de desculpas a Ruby também ocorre muito mais tarde na temporada do que o planejado originalmente.

Embora Benoit "duvide que tenha havido qualquer intenção maliciosa" por parte da equipe de produção que fez as edições finais, ela está muito ciente das possíveis consequências para os assexuais.

"Na verdade, não culpo ninguém em particular, acho que é assim que os programas de TV funcionam", continua ela.

"Mas quando você tem literalmente a única mulher assexual de cor na televisão e esse é um momento realmente importante para a comunidade, é preciso ter muito mais cuidado ao representar algo que é essencialmente metade da representação que temos."

Especialmente em uma série importante como *Sex Education*, a representação mal executada tem o poder de reforçar estereótipos e moldar visões negativas "[Retratar

O como] o mau e antipático não só reforça a ideia de que os assexuais são intrinsecamente insensíveis e não se relacionam com as pessoas, mas também é bastante prejudicial para a minoria de assexuais que finalmente consegue se ver em algo e depois vê a [péssima] recepção", diz Benoit. O mais decepcionante para Benoit é que ela entrou na sala de redação com a intenção principal de evitar esse tipo de representação e consequências.

"Sempre disse, desde o início, que o que quer que façamos, temos de garantir que ela não seja vista como vilã, que não estejamos fazendo o estereótipo do mal e do assexual", observa ela. "E, acidentalmente, foi isso que acabou acontecendo." Agora, os fãs das mídias sociais estão direcionando seu ódio contra Benoit devido ao seu envolvimento público com a personagem mal recebida. Benoit se considera um "alvo fácil". "Sou a única pessoa que você pode realmente ver visivelmente [associada ao personagem]", diz ela. "Então, isso foi definitivamente lamentável, porque passei toda a minha carreira tentando garantir que a representação assexual fosse positiva."

A jovem de 27 anos, que se tornou a primeira grande marechal assexual da parada do Orgulho da Cidade de Nova York em junho, continua: "Eu coloquei muito de mim na personagem e é um pouco difícil não levar para o lado pessoal quando eu dizia 'sim, essa personagem sou eu, finalmente, depois de todos esses anos', e então todo mundo dizia, 'bem, legal, nós a odiamos'".

Apesar de lutar contra a negatividade que lhe foi enviada na semana passada, Benoit quer se concentrar também nos aspectos positivos do tempo em que esteve em Sex Education, que diz ser "meio passo na direção certa" para aumentar a representação de assexuais. "Espero que as minorias assexuais, em particular, não levem muito a sério a reação negativa", conclui. "Tem sido difícil, até mesmo eu estou tentando dar um toque positivo a isso na minha cabeça, mas também tive pessoas que disseram: 'nós vimos o que você queria'. Espero que mais uma vez as pessoas vejam o potencial que temos para fazer justiça a esse personagem." As temporadas de Sex Education 1 a 4 estão sendo transmitidas pela Netflix.

Publicação 5 de theyasminbenoit



theyasminbenoit • Seguindo

theyasminbenoit One day to go! Tomorrow, @stonewalluk and I will be releasing the UK's first ever report into asexual experiences and discrimination. After two years of work, I can't believe we're almost there.

This is only the beginning, but it is an essential first step for the UK to start understanding, accepting and advocating for the asexual community. I spoke about asexual rights and why I've taken my activism in this direction for @attitudemag!

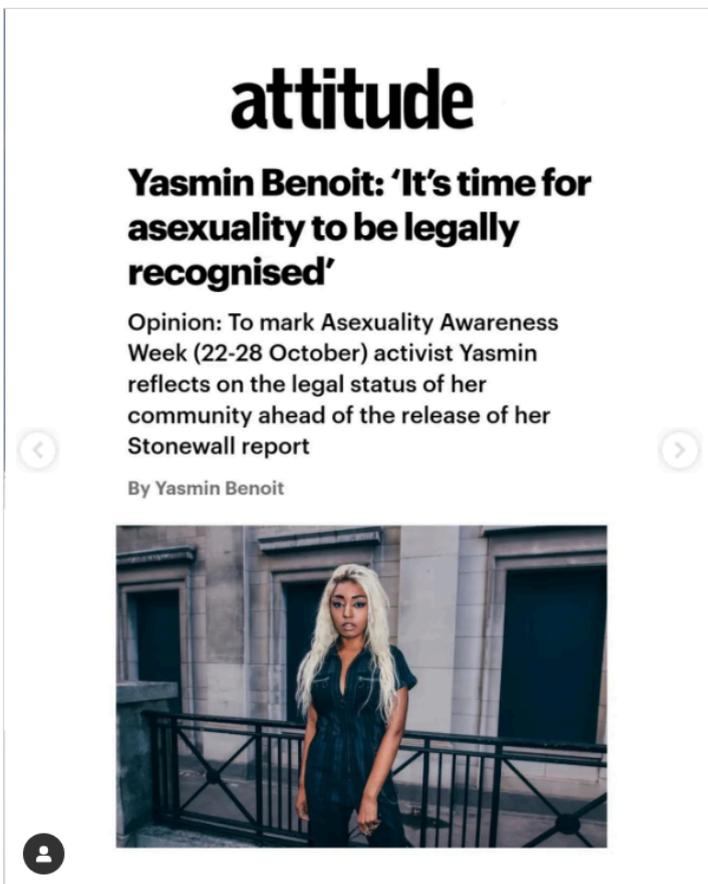
Click the link in my bio to read the full piece (these are just the highlights!)

Photoaraphv: @del_photos

8.463 curtidas

26 de outubro

Adicione um comentário... Publicar



theyasminbenoit • Seguindo

theyasminbenoit One day to go! Tomorrow, @stonewalluk and I will be releasing the UK's first ever report into asexual experiences and discrimination. After two years of work, I can't believe we're almost there.

This is only the beginning, but it is an essential first step for the UK to start understanding, accepting and advocating for the asexual community. I spoke about asexual rights and why I've taken my activism in this direction for @attitudemag!

Click the link in my bio to read the full piece (these are just the highlights!)

Photoaraphv: @del_photos

8.463 curtidas

26 de outubro

Adicione um comentário... Publicar

'Asexual rights' is not a combination of words that you hear very often, but it should be. You'll mainly find it in certain corners of internet culture. For some, it's a meme, a joke. For others, it's a battle cry, a call to arms. This **Ace Week**, it's time to emphasise the latter. At the end of this week, **Stonewall** and I will release the first ever report into asexual experiences and discrimination in the UK. The compilation of qualitative research, case studies, and policy recommendations will provide invaluable insight into an increasingly large group whose voices often go unheard. It's been two years in the making, but it's been needed for much longer than that.

theyasminbenoit • Seguindo



theyasminbenoit • One day to go! Tomorrow, @stonewalluk and I will be releasing the UK's first ever report into asexual experiences and discrimination. After two years of work, I can't believe we're almost there.

This is only the beginning, but it is an essential first step for the UK to start understanding, accepting and advocating for the asexual community. I spoke about asexual rights and why I've taken my activism in this direction for @attitudemag!

Click the link in my bio to read the full piece (these are just the highlights)!
♥♥

Photographv: @del_photos



8.463 curtidas

26 de outubro



Adicione um comentário...

Publicar

It was why I wasn't surprised when the National LGBT Survey (2018) found that asexual people are 10% more likely to be offered or to undergo conversion therapy than other orientations. This is made possible by a combination of factors. Asexuality is still medicalised in the International Classification of Diseases as 'hypoactive sexual desire disorder.' This means that if someone were to describe asexuality to a healthcare professional who wasn't informed about the sexual identity, they're more likely to be told to undergo treatment than to have that recognised as part of who they are, leading to our higher conversion therapy rates.

theyasminbenoit • Seguindo



theyasminbenoit • One day to go! Tomorrow, @stonewalluk and I will be releasing the UK's first ever report into asexual experiences and discrimination. After two years of work, I can't believe we're almost there.

This is only the beginning, but it is an essential first step for the UK to start understanding, accepting and advocating for the asexual community. I spoke about asexual rights and why I've taken my activism in this direction for @attitudemag!

Click the link in my bio to read the full piece (these are just the highlights)!
♥♥

Photographv: @del_photos



8.463 curtidas

26 de outubro



Adicione um comentário...

Publicar

Asexuality is still medicalised in the International Classification of Diseases as 'hypoactive sexual desire disorder.' This means that if someone were to describe asexuality to a healthcare professional who wasn't informed about the sexual identity, they're more likely to be told to undergo treatment than to have that recognised as part of who they are, leading to our higher conversion therapy rates. At the same time, asexuality isn't recognised as a sexual orientation under the UK Equality Act 2010 either, and thus doesn't receive the same protections as other sexual identities. It's an issue unfortunately reminiscent of those faced by other queer orientations in the past.

theyasminbenoit • Seguindo



theyasminbenoit • One day to go! Tomorrow, @stonewalluk and I will be releasing the UK's first ever report into asexual experiences and discrimination. After two years of work, I can't believe we're almost there.

This is only the beginning, but it is an essential first step for the UK to start understanding, accepting and advocating for the asexual community. I spoke about asexual rights and why I've taken my activism in this direction for @attitudemag!

Click the link in my bio to read the full piece (these are just the highlights!)
♥♥

Photographv: @del_photos



8.463 curtidas

26 de outubro



Adicione um comentário...

Publicar

Throughout my years of working as an activist for this community, I've continued to encounter similar stories over the years – not just of medical discrimination, but of the fear, isolation, prejudice, and alienation that aces experience at work, in education and other aspects of their lives. These are all conversations which tend to take place within ace spaces, and rarely leave them. When they do, the wider LGBTQ+ community tends not to pay attention. We have seen this with campaigns to ban conversion therapy in the UK, something the Conservative government has been slacking on for five years.

theyasminbenoit • Seguindo



theyasminbenoit • One day to go! Tomorrow, @stonewalluk and I will be releasing the UK's first ever report into asexual experiences and discrimination. After two years of work, I can't believe we're almost there.

This is only the beginning, but it is an essential first step for the UK to start understanding, accepting and advocating for the asexual community. I spoke about asexual rights and why I've taken my activism in this direction for @attitudemag!

Click the link in my bio to read the full piece (these are just the highlights!)
♥♥

Photographv: @del_photos



8.463 curtidas

26 de outubro



Adicione um comentário...

Publicar

It's a recurring theme when it comes to the asexual community, or anyone who falls beyond the Q in LGBTQIA+. The UK is behind when it comes to asexual rights, but recognising our legitimacy is not a far-fetched dream. After all, New York passed the Sexual Orientation Non-Discrimination Act all the way back in 2003. That was the only piece of legislation in the world to specifically mention asexuality as one of the protected sexual orientations until 2023, when Tasmania became the first state in Australia to officially recognise asexual, aromantic and agender people.

theyasminbenoit • Seguindo



theyasminbenoit • One day to go! Tomorrow, @stonewalluk and I will be releasing the UK's first ever report into asexual experiences and discrimination. After two years of work, I can't believe we're almost there.

This is only the beginning, but it is an essential first step for the UK to start understanding, accepting and advocating for the asexual community. I spoke about asexual rights and why I've taken my activism in this direction for @attitudemag!

Click the link in my bio to read the full piece (these are just the highlights!)
♥♥

Photoaranhv: @del_photos



8.463 curtidas

26 de outubro



Adicione um comentário...

Publicar

Even though the National LGBT Survey showed glaring disparities for asexual people, there was no inclination to dig deeper into why that was. I waited, just like aces across the country did, for something to change. But very little seemed to be happening. Then, I decided to do what I had always strived to do: push the conversation forward. In 2021, I approached Stonewall to see what we could do to help the asexual community in the UK receive the recognition and protection that it deserves. It was then that we established the Stonewall x Yasmin Benoit Ace Project, which would begin with a report into asexual experiences.

theyasminbenoit • Seguindo



theyasminbenoit • One day to go! Tomorrow, @stonewalluk and I will be releasing the UK's first ever report into asexual experiences and discrimination. After two years of work, I can't believe we're almost there.

This is only the beginning, but it is an essential first step for the UK to start understanding, accepting and advocating for the asexual community. I spoke about asexual rights and why I've taken my activism in this direction for @attitudemag!

Click the link in my bio to read the full piece (these are just the highlights!)
♥♥

Photoaranhv: @del_photos



8.463 curtidas

26 de outubro



Adicione um comentário...

Publicar

On International Asexuality Day 2022, the project was launched to an overwhelmingly positive reception from the ace community and our allies. It was also met with harassment and ridicule from more right-wing online figures, who saw the topic of 'asexual rights' as an oxymoron and weren't keen on Stonewall's choice of partner. Nonetheless, we began to recruit participants to take part in our focus groups and one-to-one interviews. A year later, after many hours of planning, research, coding, transcribing, writing, editing, and organising, the report is nearly here.

theyasminbenoit • Seguindo



theyasminbenoit One day to go! Tomorrow, @stonewalluk and I will be releasing the UK's first ever report into asexual experiences and discrimination. After two years of work, I can't believe we're almost there.

This is only the beginning, but it is an essential first step for the UK to start understanding, accepting and advocating for the asexual community. I spoke about asexual rights and why I've taken my activism in this direction for @attitudemag!

Click the link in my bio to read the full piece (these are just the highlights)!
♥♥

Photoaraphv: @del_photos



8.463 curtidas

26 de outubro



Adicione um comentário...

Publicar



Tradução da legenda: Falta um dia! Amanhã, @stonewalluk e eu estaremos lançando o primeiro relatório do Reino Unido sobre experiências assexuais e discriminação. Depois de dois anos de trabalho, não consigo acreditar que estamos quase lá. Este é apenas o começo, mas é um primeiro passo essencial para que o Reino Unido comece a entender, aceitar e defender a comunidade assexual. Falei sobre os direitos dos assexuais e por que direcionei meu ativismo nesse sentido para a @attitudemag! Clique no link em minha biografia para ler o artigo completo (estes são apenas os destaques)! ❤️💜

Fotografia: @del_photos

Body: @hellbunnyofficial

Tradução das imagens: "Está na hora da assexualidade ser reconhecida legalmente."

Yasmin Benoit: "Está na hora da assexualidade ser reconhecida legalmente
Opinião: Para marcar a Semana de Conscientização sobre a Assexualidade (22 a 28 de outubro), a ativista Yasmin reflete sobre o status legal de sua comunidade antes do lançamento do relatório da Stonewall.

"Direitos assexuais" não é uma combinação de palavras que se ouve com frequência, mas deveria ser. Você a encontrará principalmente em certos cantos da cultura da Internet. Você a encontrará principalmente em certos cantos da cultura da Internet. Para alguns, é um meme, uma piada. Para outros, é um grito de guerra, um chamado às armas. Nesta Ace Week, é hora de enfatizar o último. No final desta semana, a Stonewall e eu lançaremos o primeiro relatório sobre experiências assexuais e discriminação no Reino Unido. A compilação de pesquisas qualitativas, estudos de caso e recomendações de políticas fornecerá uma visão inestimável de um grupo cada vez maior, cujas vozes muitas vezes não são ouvidas. O relatório está sendo elaborado há dois anos, mas é necessário há muito mais tempo.

Foi por isso que não fiquei surpreso quando a Pesquisa Nacional LGBT (2018) constatou que as pessoas assexuais têm 10% mais probabilidade de receber ofertas ou de se submeter à terapia de conversão do que outras orientações. Isso é possível devido a uma combinação de fatores. A assexualidade ainda é medicalizada na Classificação Internacional de Doenças como "transtorno de desejo sexual hipotativo". Isso significa que, se alguém descrever a assexualidade a um profissional de saúde que não tenha sido informado sobre a identidade sexual, é mais provável que seja instruído a se submeter a um tratamento do que a ter isso reconhecido como parte de quem ele é, o que leva a nossas taxas mais altas de terapia de conversão.

A assexualidade ainda é medicalizada na Classificação Internacional de Doenças como "transtorno do desejo sexual hipotativo". Isso significa que, se alguém descrever a assexualidade a um profissional de saúde que não tenha sido informado sobre a identidade sexual, é mais provável que seja instruído a se submeter a um tratamento do que a ter isso reconhecido como parte de quem ele é, o que leva a nossas taxas mais altas de terapia de conversão. Ao mesmo tempo, a assexualidade também não é reconhecida como uma orientação sexual de acordo com a Lei de Igualdade do Reino Unido de 2010 e, portanto, não recebe as mesmas proteções que outras identidades sexuais. Infelizmente, esse é um problema que lembra os enfrentados por outras orientações queer no passado.

Durante meus anos de trabalho como ativista dessa comunidade, continuei a encontrar histórias semelhantes ao longo dos anos - não apenas sobre discriminação médica, mas sobre o medo, o isolamento, o preconceito e a alienação que os assexuais experimentam no trabalho, na educação e em outros aspectos de

suas vidas. Todas essas são conversas que tendem a ocorrer dentro dos espaços ace e raramente saem deles. Quando isso acontece, a comunidade LGBTQ+ mais ampla tende a não prestar atenção. Vimos isso nas campanhas para proibir a terapia de conversão no Reino Unido, algo que o governo conservador vem deixando de lado há cinco anos.

Esse é um tema recorrente quando se trata da comunidade assexual ou de qualquer pessoa que esteja além do Q em LGBTQIA+. O Reino Unido está atrasado quando se trata de direitos assexuais, mas reconhecer nossa legitimidade não é um sonho distante. Afinal de contas, Nova York aprovou a Lei de Não Discriminação por Orientação Sexual em 2003. Essa foi a única legislação no mundo a mencionar especificamente a assexualidade como uma das orientações sexuais protegidas até 2023, quando a Tasmânia se tornou o primeiro estado da Austrália a reconhecer oficialmente as pessoas assexuais, aromáticas e agêneros.

Embora a Pesquisa Nacional LGBT mostrasse disparidades gritantes para as pessoas assexuais, não havia nenhuma inclinação para aprofundar o assunto. Esperei, assim como os assexuais de todo o país, que algo mudasse. Mas parecia que muito pouco estava acontecendo. Então, decidi fazer o que sempre me esforcei para fazer: levar a conversa adiante. Em 2021, entrei em contato com a Stonewall para ver o que poderíamos fazer para ajudar a comunidade assexual do Reino Unido a receber o reconhecimento e a proteção que merece. Foi então que estabelecemos o projeto Stonewall x Yasmin Benoit Ace, que começaria com um relatório sobre experiências assexuais.

No Dia Internacional da Assexualidade de 2022, o projeto foi lançado com uma recepção extremamente positiva da comunidade ace e de nossos aliados. Ele também foi recebido com assédio e ridicularização por parte de figuras on-line mais direitistas, que viam o tópico "direitos assexuais" como um oxímoro e não estavam interessados na escolha do parceiro da Stonewall. Mesmo assim, começamos a recrutar participantes para participar de nossos grupos de discussão e entrevistas individuais. Um ano depois, após muitas horas de planejamento, pesquisa, codificação, transcrição, redação, edição e organização, o relatório está quase pronto.

“Assexuais merecem igualdade. Assexuais merecem proteção. Assexuais merecem reconhecimento. Assexuais merecem apoio. Assexuais merecem ser ouvidos. Não apenas durante a Ace Week, mas durante todo o ano.”

Publicação 1 de acesexeducation



Tradução da imagem: Tópicos postados por Aubri Lancaster: As pessoas assexuais não devem a você virgindade, abstinência ou sexo.

Publicação 2 de acesexeducation

acesexeducation • Seguindo

acesexeducation "As I am sure any cat owner will be able to tell you, someone else putting you in a box is entirely different from getting into a box yourself."
~ bisexualbaker (Tumblr)

"This is the most brilliant, concise, cute, and disarming response to the "but laaaaaabels are baaaaaad" argument that gets used against people trying to self-identify as something as a way of making sure their boundaries are understood and respected."
~ naamahdarling (Tumblr)

[Image of an open cardboard box with a calico cat dangling its paws off the side and a contented smile in its face. Background is yellow fading to orange]

210 curtidas
5 de setembro

Adicione um comentário... [Publicar](#)

@AccSexEducation

Tradução da imagem: "Como tenho certeza de que qualquer dono de gato poderá lhe dizer, outra pessoa colocando você em uma caixa é totalmente diferente de você mesmo entrar em uma caixa." ~ bisexualbaker (Tumblr)

"Essa é a resposta mais brilhante, concisa, fofa e desarmante para o argumento "mas os rótulos são ruins" que é usado contra pessoas que tentam se identificar como algo como uma forma de garantir que seus limites sejam compreendidos e respeitados." ~ naamahdarling (Tumblr)

Publicação 3 de acesexeducation

ACE WEEK
in the midst of War

Asexuality reveals that the stories we have been told about how we are supposed to find fulfillment, pleasure, and intimacy can also bring harm and pain to others.

War reveals that the stories we have been told about how we are supposed to find freedom, liberation, and safety can also bring harm and pain to others.

We have to write new stories.

@AceSexEducation

acesexeducation • Seguindo

acesexeducation ACE WEEK
In the midst of war

Asexuality reveals that the stories we have been told about how we are supposed to find fulfillment, pleasure, and intimacy can also bring harm and pain to others.

War reveals that the stories we have been told about how we are supposed to find freedom, liberation, and safety can also bring harm and pain to others.

We have to write new stories.

[Text is over a background of clouds with sun shining through.]

#Asexuality #Asexual #AceWeek

197 curtidas
23 de outubro

Adicione um comentário... [Publicar](#)

Tradução da imagem: SEMANA DA ASSEXUALIDADE (Em meio à guerra). A assexualidade revela que as histórias que nos foram contadas sobre como devemos encontrar realização, prazer e intimidade também podem causar danos e dor a outras pessoas. A guerra revela que as histórias que nos foram contadas sobre como deveríamos encontrar liberdade, libertação e segurança também podem causar danos e dor a outras pessoas. Temos de escrever novas histórias. [O texto está sobre um fundo de nuvens com o sol brilhando.]

Publicação 4 de acesexeducation

The image shows a social media post from the account 'acesexeducation'. On the left, there is a quote in bold black text on a light gray background. The quote reads: "Believing the love isn't fully there unless sex is desired too is like believing a tailless dog is never happy based on the notion that all dogs wag their tails if they're happy. For asexual people, sexual attraction is just not in the equation; like the tailless dog, it's just not there to wag." Below the quote is the attribution: "~Julie Sondra Decker (The Invisible Orientation pg 42)". To the right of the quote is the cover of the book 'The Invisible Orientation: An Introduction to Asexuality' by Julie Sondra Decker. The book cover is white with purple and gray text and a central graphic of a dog's tail. Below the book cover is a small green line drawing of a dog. At the bottom right of the post area is the handle '@AceSexEducation'. On the right side of the image is a screenshot of an Instagram post from 'acesexeducation'. The post text repeats the quote and attribution. Below the text are several hashtags: #Asexuality, #Asexual, #asexuals, #asexualityisreal, #asexualawareness, #romanticasexual, #acepride, #asexualpride, #acespectrum, #grayace, #demisexual, #acespec, and #acebooks. The post has 188 likes and was posted on November 3rd. There are icons for liking, commenting, and saving, and a text input field for a comment.

"Believing the love isn't fully there unless sex is desired too is like believing a tailless dog is never happy based on the notion that all dogs wag their tails if they're happy. For asexual people, sexual attraction is just not in the equation; like the tailless dog, it's just not there to wag."

~Julie Sondra Decker
(The Invisible Orientation pg 42)

THE INVISIBLE ORIENTATION
AN INTRODUCTION TO ASEXUALITY
JULIE SONDRAL DECKER

@AceSexEducation

acesexeducation • Seguindo

acesexeducation "Believing the love isn't fully there unless sex is desired too is like believing a tailless dog is never happy based on the notion that all dogs wag their tails if they're happy. For asexual people, sexual attraction is just not in the equation; like the tailless dog, it's just not there to wag."
~Julie Sondra Decker
(The Invisible Orientation pg 42)

[Image shows the cover of the book The Invisible Orientation and the quote beside it.]

#Asexuality #Asexual #asexuals
#asexualityisreal #asexualawareness
#romanticasexual #acepride
#asexualpride #acespectrum #grayace
#demisexual #acespec #acebooks

188 curtidas
3 de novembro

Adicione um comentário... [Publicar](#)

Tradução da imagem: "Acreditar que o amor não está totalmente presente a menos que o sexo também seja desejado é como acreditar que um cão sem cauda nunca está feliz com base na noção de que todos os cães abanam o rabo quando estão felizes. Para as pessoas assexuais, a atração sexual simplesmente não faz parte da equação; como o cão sem cauda, ela simplesmente não está lá para abanar." ~Julie Sondra Decker (A orientação invisível, pág. 42).

Publicação 5 de acesexeducation

The image shows an Instagram post from the account 'acesexeducation'. The post features a purple graphic with white text defining five terms: Libido, Arousal, Desire, Sexual Attraction, and Intimacy. The Instagram interface shows the post was made on November 30th, has 181 likes, and includes a comment section.

acesexeducation • Seguindo

acesexeducation Conflated Terminology

Libido
The body asking for an orgasm

Arousal
The physical process of genital engorgement, heightened sensitivity, and building towards climax

Desire
Wanting to engage with one's Libido and build Arousal

Sexual Attraction
Directs the Libido, Arousal, and Desire at a specific person that they find sexually appealing

Intimacy
Closeness and Connection

#Asexual #Asexuality
#desirediscrepancy #lowdesire

181 curtidas
30 de novembro

Adicione um comentário... [Publicar](#)

Tradução da imagem: Terminologia Conflituosa: Libido - O corpo pedindo por um orgasmo; Excitação - O processo físico de ingurgitamento genital, aumento da sensibilidade e construção do clímax; Desejo - Querer se envolver com a libido e aumentar a excitação; Atração sexual - Direciona a libido, a excitação e o desejo para uma pessoa específica que ela considera sexualmente atraente; Intimidade - Proximidade e a conexão.

Publicação 1 de angstyace



Tradução da legenda: feliz semana de conscientização sobre o espectro assexual! a semana da assexualidade deste ano marca os 3 anos em que me identifiquei como assexual e, uau, que viagem louca tem sido. cresci muito desde que adotei o rótulo assexual pela primeira vez e devo muito disso à minha experiência no tiktok. adoro poder ajudar as pessoas assexuais que estão se questionando a descobrirem sua identidade e a se tornarem mais confiantes em si mesmas. Adoro as pessoas que conheci e a maneira como elas me ajudaram a me tornar mais confiante em mim mesma. resumindo: adoro o que faço. ser assexual e poder construir essa comunidade mudou minha vida, e eu não trocaria isso por nada. obrigada a todos que me apoiaram ao longo dos anos e me permitiram ter essa experiência incrível. espero que todos tenham uma ótima semana ace 💜.

Publicação 2 de angstyace



Tradução da legenda: Feliz semana da assexualidade! Começaremos com o básico e nos aprofundaremos no decorrer da semana.

Tradução das imagens: Espectro Assexual - Semana de Conscientização 2023 - Dia 1 - O que é assexualidade? A assexualidade é definida como a sensação de pouca

ou nenhuma atração sexual por qualquer gênero. É uma orientação que ocorre naturalmente, assim como qualquer outra sexualidade que se enquadre no espectro LGBTQ+. A assexualidade não é, de forma alguma, uma experiência monolítica. As pessoas no espectro assexual podem ou não experimentar outras formas de atração, participar de atividades sexuais, sentir excitação ou desejo sexual, etc.

Publicação 2 de angstyace



angstyace • Seguir

angstyace this is also the reason the number of asexuals has been going up. there aren't actually more asexual people, there are just more resources that allow people to discover the asexual label #asexual #asexuality #asexualeducation #aroace #angstyacetiktok
2 sem

daffodil013 I sure would have known sooner!
1 sem Responder Ver tradução

404 curtidas
20 de novembro

Adicione um comentário... Publicar

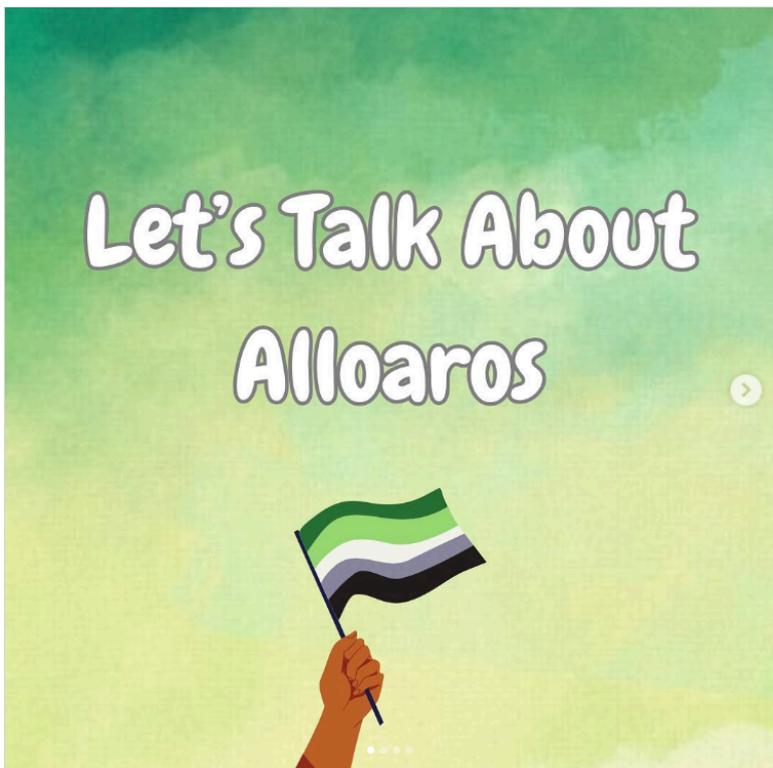


Tradução da legenda: esse também é o motivo pelo qual o número de assexuais têm aumentado. Na verdade, não há mais pessoas assexuais, há apenas mais recursos que permitem que as pessoas descubram o rótulo assexual.

Tradução das imagens: Mais pessoas se identificariam como assexuais se...

1. Soubessem que assexual não é o mesmo que odiar sexo
2. Soubessem que assexual não é o mesmo que aromático
3. Elas soubessem que assexual não é o mesmo que não ter desejo/excitação sexual
4. Eles sabiam que os assexuais podem ter fetiches
5. Houvesse mais representação e discussão sobre a assexualidade

Publicação 3 de angstyace



**Let's Talk About
Alloaros**

angstyace • Seguir

angstyace happy monday! let's talk about alloaros! #aromantic #alloaro #aromanticism #aromanticcommunity #angstyacetiktok
4 sem

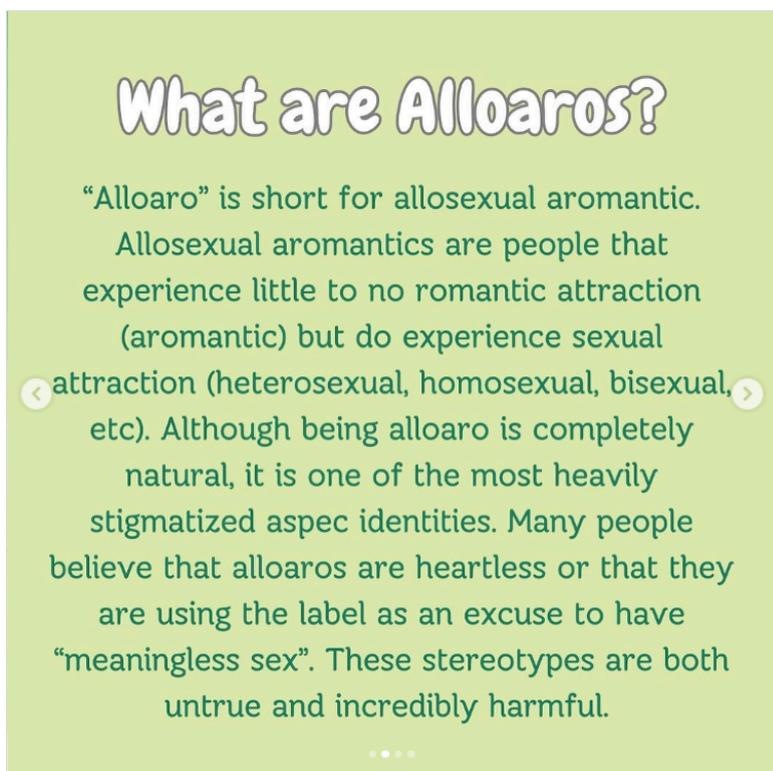
alyseisalive Thank you so much for this 🥰 -ur local alloaro
4 sem 3 curtidas Responder Ver tradução

irl.bookworms Thank you ❤️❤️❤️
4 sem 1 curtida Responder Ver tradução

the_realestslim.sadie This is such a beautiful way to spread awareness
4 sem 2 curtidas Responder

367 curtidas
6 de novembro

Adicione um comentário... [Publicar](#)



What are Alloaros?

“Alloaro” is short for allosexual aromantic. Allosexual aromantics are people that experience little to no romantic attraction (aromantic) but do experience sexual attraction (heterosexual, homosexual, bisexual, etc). Although being alloaro is completely natural, it is one of the most heavily stigmatized espec identities. Many people believe that alloaros are heartless or that they are using the label as an excuse to have “meaningless sex”. These stereotypes are both untrue and incredibly harmful.

angstyace • Seguir

angstyace happy monday! let's talk about alloaros! #aromantic #alloaro #aromanticism #aromanticcommunity #angstyacetiktok
4 sem

alyseisalive Thank you so much for this 🥰 -ur local alloaro
4 sem 3 curtidas Responder Ver tradução

irl.bookworms Thank you ❤️❤️❤️
4 sem 1 curtida Responder Ver tradução

the_realestslim.sadie This is such a beautiful way to spread awareness
4 sem 2 curtidas Responder

367 curtidas
6 de novembro

Adicione um comentário... [Publicar](#)

Alloaros in the Aro Community

While alloaros are an important part of the aromantic community, they are the least represented members. Alloaro voices are often drowned out by aroaces, which amplifies the idea that all aromantic people are also asexual. The

lack of discussion surrounding alloaros heavily contributes to the stigma they face. Some other causes of stigma include:

- Lack of education
- Lack of representation in the media
- Demonization of sex, especially sex without romance

angstyace • Seguir

angstyace happy monday! let's talk about alloaros! #aromantic #alloaro #aromanticism #aromanticcommunity #angstyacetiktok

4 sem

alysseisalive Thank you so much for this 🥰 -ur local alloaro

4 sem 3 curtidas Responder Ver tradução

irl.bookworms Thank you 🌟🌟🌟

4 sem 1 curtida Responder Ver tradução

the_realestslim.sadie This is such a beautiful way to spread awareness

4 sem 2 curtidas Responder

367 curtidas

6 de novembro

Adicione um comentário... Publicar

What Can We Do?

There are several steps we can take to improve the experiences of alloaro individuals. The best way to combat stigma is through education. Within the aro community, education is relatively simple. Taking time to explain the alloaro identity to other aromantics helps spread awareness and create space for alloaros in the community. However, explaining the alloaro identity to people outside of the aro community can be a bit trickier. In

order for education about any aspect of identity to be effective to the general public, we have to adjust our explanation. A great way to do this is by sticking to the basics. For example, while explaining aromanticism, you can include something along the lines of "Not all aromantic people are also asexual". This introduces the concept of alloaros without confusing people with an overwhelming amount of new information. Another way aromantic people can support alloaros is by giving back some of the space in the community. This can be done by consciously making an effort to include alloaros in community discussions and openly listening to their ideas and experiences.

angstyace • Seguir

angstyace happy monday! let's talk about alloaros! #aromantic #alloaro #aromanticism #aromanticcommunity #angstyacetiktok

4 sem

alysseisalive Thank you so much for this 🥰 -ur local alloaro

4 sem 3 curtidas Responder Ver tradução

irl.bookworms Thank you 🌟🌟🌟

4 sem 1 curtida Responder Ver tradução

the_realestslim.sadie This is such a beautiful way to spread awareness

4 sem 2 curtidas Responder

367 curtidas

6 de novembro

Adicione um comentário... Publicar

Tradução da legenda: Feliz segunda-feira! Vamos falar sobre alosexuais aromânticos!

Tradução das imagens: Vamos falar sobre o Aloaros. O que são Aloaros? "Aloaro" é a abreviação de alossexual aromântico. Os aromânticos alossexuais são pessoas que sentem pouca ou nenhuma atração romântica (arromânticos), mas sentem atração sexual (heterossexuais, homossexuais, bissexuais etc.). Embora ser aloaro seja completamente natural, é uma das identidades de aspecto mais estigmatizadas. Muitas pessoas acreditam que os aloaros são insensíveis ou que estão usando o rótulo como desculpa para fazer "sexo sem sentido". Esses estereótipos não são verdadeiros e são incrivelmente prejudiciais.

Aloaros na Comunidade Aro - Embora os aloaros sejam uma parte importante da comunidade aromântica, eles são os membros menos representados. As vozes dos aloaros são frequentemente abafadas pelos aroaces (arromânticos assexuais), o que amplifica a ideia de que todas as pessoas aromânticas também são assexuais. A falta de discussão em torno dos aloaros contribui muito para o estigma que eles enfrentam. Algumas outras causas do estigma incluem: Falta de educação; Falta de representação na mídia; Demonização do sexo, especialmente do sexo sem romance.

O que podemos fazer? Há várias medidas que podemos tomar para melhorar as experiências dos indivíduos aloaros. A melhor maneira de combater o estigma é por meio da educação. Dentro da comunidade aromântica, a educação é relativamente simples. Reservar um tempo para explicar a identidade aloaro a outros aromânticos ajuda a difundir a conscientização e a criar espaço para os aloaros na comunidade. No entanto, explicar a identidade aloaro a pessoas de fora da comunidade aromântica pode ser um pouco mais complicado. Para que a educação sobre qualquer identidade de aspecto seja eficaz para o público em geral, temos de ajustar nossa explicação. Uma ótima maneira de fazer isso é se ater ao básico. Por exemplo, ao explicar o aromantismo, você pode incluir algo como "Nem todas as pessoas aromântica são também assexuais". Isso introduz o conceito de aloaros sem confundir as pessoas com uma quantidade excessiva de novas informações. Outra maneira pela qual as pessoas aromânticas podem apoiar os aloaros é abrir parte do espaço da comunidade. Isso pode ser feito fazendo um esforço consciente para incluir os aloaros nas discussões da comunidade e ouvindo abertamente suas ideias e experiências.



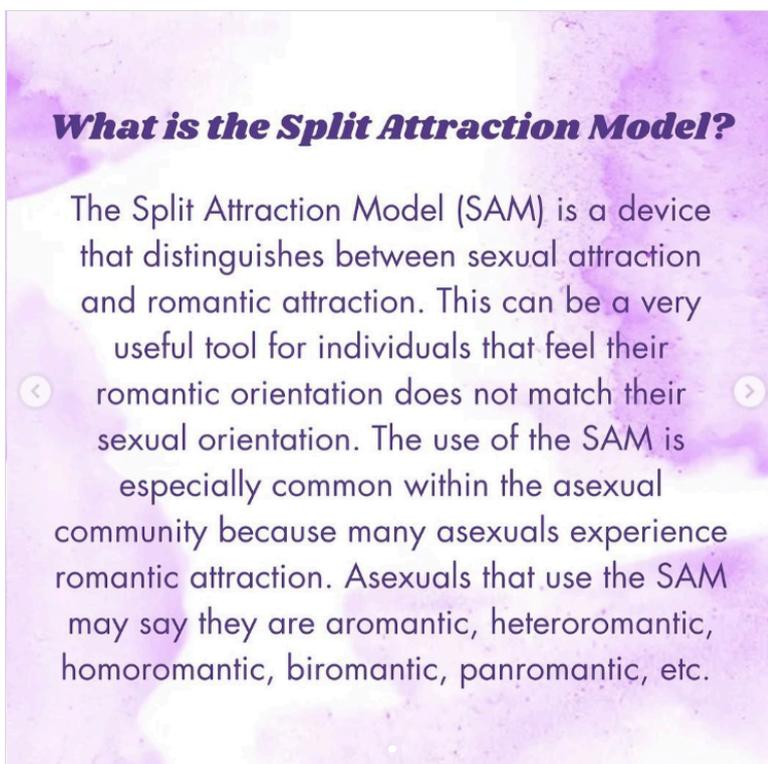
angstyace · Seguir

 angstyace ace week day 3! #asexual #asexualspectrum #aroace #aceweek #aceweek2023 #splitattractionmodel #angstyacetiktok
6 sem

 349 curtidas
24 de outubro

 Adicione um comentário... [Publicar](#)



angstyace · Seguir

 angstyace ace week day 3! #asexual #asexualspectrum #aroace #aceweek #aceweek2023 #splitattractionmodel #angstyacetiktok
6 sem

 349 curtidas
24 de outubro

 Adicione um comentário... [Publicar](#)



Tradução da legenda: Semana da Assexualidade dia 3!

Tradução das imagens: Espectro assexual - Semana de conscientização 2023 - Dia 3.

O que é o Modelo de Atração Dividida? O Modelo de Atração Dividida (MAD) é um dispositivo que faz a distinção entre atração sexual e atração romântica. Essa pode ser uma ferramenta muito útil para pessoas que sentem que sua orientação romântica não corresponde à sua orientação sexual. O uso do MAD é especialmente comum na comunidade assexual porque muitos assexuais sentem atração romântica. Os assexuais que usam o MAD podem dizer que são aromânticos, heterorromânticos, homorromânticos, birromânticos, panromânticos, etc.

Tenho que usar o MAD? Então, todos os assexuais precisam separar suas orientações sexuais e românticas? Não! Assim como muitos allossexuais acham que uma palavra engloba sua identidade, muitos indivíduos assexuais e aromânticos optam por usar apenas um rótulo. Essas pessoas são chamadas de assexuais não-MAD e aromânticos não-MAD, respectivamente. Lembre-se de que os rótulos são ferramentas, não caixas, portanto, você deve sempre usar os termos mais confortáveis para você!

ANEXO B — Relação das características de plataformas digitais como espaço para contrapúblicos com os perfis do Instagram estudados

| Características de plataformas digitais como espaço para contrapúblicos |
|---|
| Acessibilidade e disponibilidade generalizada |
| Eliminação de <i>gatekeepers</i> tradicionais |
| Públicos diversos |
| Espaço discursivo para contrapúblicos |
| Inclusão formal e informal |
| Mudança nas fronteiras políticas e sociais |
| Plataforma digital como mediadora |
| Construção de identidade e liberdade |

- **Perfil acedadadvice**

Acessibilidade e disponibilidade generalizada: todas as publicações são acessíveis não só para os seguidores do perfil acedadadvice, mas também para a qualquer pessoa que tenha acesso à conta do Instagram, de forma que podem ser visualizadas publicamente, o que demonstra a disponibilidade geral da informação.

Eliminação de *gatekeepers* tradicionais: não há indicação de censura ou filtragem nas publicações, sugerindo uma falta de *gatekeepers* tradicionais.

Públicos diversos: as publicações abordam uma variedade de temas relacionados à sexualidade, romanticidade e gênero, incluindo diferentes experiências e identidades dentro das formas de se relacionar. O perfil busca expor informações não apenas para a comunidade assexual, mas também para pessoas que estão questionando sobre a orientação e para o público externo do tema a fim de gerar uma maior compreensão da assexualidade.

Espaço discursivo para contrapúblicos: as publicações abordam diferentes identidades sexuais, românticas e de gênero, incluindo assexual, aromântico e agênero, criando um espaço para a expressão e celebração dessas identidades. O

perfil também desafia estereótipos e esclarece mal-entendidos sobre a assexualidade, compartilhando experiências e desafios enfrentados por essa comunidade. Além disso, as publicações oferecem informações educativas e acolhedoras, explorando a complexidade da sexualidade humana. Dessa forma, o Instagram oferece um espaço para discussão e compartilhamento de experiências por parte da comunidade assexual e afins, o que sugere a presença de um espaço discursivo para contrapúblicos.

Inclusão formal e informal: o perfil *acedadadvice* incentiva os seguidores a compartilharem suas identidades com orgulho, fomentando um ambiente de apoio mútuo. Além disso, o conteúdo das publicações destaca a diversidade de vivências dentro da comunidade assexual, reafirmando a validade das experiências assexuais e combatendo estereótipos prejudiciais. Ao esclarecer mal-entendidos comuns e defender a importância de suas vozes, essas postagens contribuem significativamente para uma inclusão mais ampla e uma maior compreensão de diferentes identidades sexuais, românticas e de gênero.

Mudança nas fronteiras políticas e sociais: as postagens desafiam normas sociais e estereótipos relacionados à assexualidade, promovendo uma compreensão mais ampla e inclusiva dessa identidade. Ao desafiar estereótipos prejudiciais, contribuem para uma mudança nas percepções sociais e políticas sobre assexuais, destacando a complexidade e a diversidade das experiências humanas em relação à sexualidade. Essa abordagem incentiva uma mudança nas normas sociais e políticas relacionadas à sexualidade como um todo, promovendo uma compreensão mais informada e inclusiva das diferentes formas de se relacionar.

Plataforma digital como mediadora: o Instagram serve como um mediador ao fornecer um espaço para compartilhar informações e promover discussões sobre assexualidade.

Construção de identidade e liberdade: as postagens incentivam a autenticidade e o orgulho na própria identidade, contribuindo para a construção de uma identidade positiva e a liberdade de expressão.

Portanto, as publicações do perfil *acedadadvice* demonstram que o Instagram serve como plataforma digital como espaços para contrapúblicos, ao oferecer um espaço inclusivo para discussões e compartilhamento de experiências dentro da comunidade assexual.

- **Perfil *theyasminbenoit***

Acessibilidade e disponibilidade generalizada: Yasmin Benoit utiliza as publicações do Instagram como uma rede social online amplamente acessível e disponível para compartilhar suas experiências e perspectivas sobre a assexualidade com um público diversificado. Por meio de links na biografia do perfil, como no caso de uma publicação mencionando um relatório sobre discriminação assexual no Reino Unido, e compartilhando reportagens de revistas como *Attitude* e *PinkNews*, ela torna informações relevantes prontamente acessíveis para qualquer pessoa com acesso à internet. Essa abordagem demonstra um compromisso com a acessibilidade e a disseminação generalizada de informações sobre a assexualidade.

Eliminação de gatekeepers tradicionais: Yasmin Benoit usa seu perfil no Instagram para compartilhar informações diretamente com seu público, sem a necessidade de gatekeepers tradicionais, como editores de jornais ou produtores de televisão, filtrando seu discurso.

Públicos diversos: as publicações de Yasmin Benoit atraem uma variedade de seguidores, incluindo membros da comunidade assexual e aliados, criando um espaço de possível interação e discussão entre diferentes grupos.

Espaço discursivo para contrapúblicos: Yasmin Benoit utiliza seu perfil no Instagram como um espaço discursivo para contrapúblicos ao discutir questões relacionadas à assexualidade e combater a discriminação e os estereótipos enfrentados pela comunidade assexual. Suas postagens abordam temas variados, desde a representação assexual na mídia até o lançamento de relatórios sobre experiências e discriminação assexual, fornecendo um espaço para membros da comunidade assexual se expressarem e se engajarem em discussões significativas. Além disso, Yasmin Benoit não hesita em responder a comentários que perpetuam

estereótipos prejudiciais, contestando-os e defendendo a comunidade e a si mesma. Essa abordagem demonstra um compromisso em criar um ambiente inclusivo e consciente, onde as vozes assexuais são reconhecidas e debatidas.

Inclusão formal e informal: Yasmin Benoit adota uma abordagem abrangente para promover a inclusão tanto de forma formal quanto informal em seu perfil. Ela utiliza legendas formais e responde diretamente a comentários (ex: publicação 1), criando um ambiente propício para diferentes tipos de interação. Por meio de postagens que mostram interações e respostas a comentários acefóbicos e sexistas, Yasmin Benoit demonstra uma inclusão informal, oferecendo uma resposta direta às críticas e promovendo uma visão mais autêntica da assexualidade. Além disso, o compartilhamento de reportagens de revistas como *Attitude* e *PinkNews*, bem como de relatórios com a *Stonewall*, evidencia uma inclusão formal, ampliando o alcance e a representatividade da comunidade assexual. Essa combinação de abordagens formais e informais reforça o compromisso de Benoit com a promoção da inclusão em seu espaço online.

Mudança nas fronteiras políticas e sociais: ao discutir questões de representação e discriminação relacionadas à assexualidade, Yasmin Benoit emerge como uma voz que desafia ativamente as fronteiras políticas e sociais estabelecidas. Ela não apenas promove a conscientização e aceitação da diversidade sexual, mas também confronta comentários acefóbicos, enfatizando a importância da conscientização sobre a assexualidade. Além disso, Benoit levanta questões cruciais sobre a falta de reconhecimento e proteção legal para pessoas assexuais, buscando mudanças tanto na legislação quanto na percepção social. Ao advogar pelos direitos assexuais e pelo reconhecimento legal, ela desafia a falta de atenção e a discriminação enfrentada pela comunidade assexual, impulsionando assim uma mudança significativa nas fronteiras políticas e sociais.

Plataforma digital como mediadora: o Instagram atua como uma plataforma digital mediadora para Yasmin Benoit se comunicar diretamente com seu público e compartilhar informações sobre questões relacionadas à assexualidade, moldando as condições em que o discurso público ocorre.

Construção de identidade e liberdade: Yasmin Benoit utiliza seu perfil no Instagram como um espaço para a construção e expressão de sua identidade como ativista e defensora da comunidade assexual, impulsionando a liberdade de expressão e aumentando a visibilidade da causa. Através de suas postagens, ela destaca, por exemplo, a importância da representação a partir da criação de um personagem assexual em uma série de televisão popular, contribuindo assim para a diversificação da representação na mídia. Ao mesmo tempo, Yasmin Benoit discute os erros de representação dessa personagem, apontando as consequências negativas de uma representação inadequada, o que reforça seu compromisso com a construção de uma identidade assexual mais autêntica e positiva.

Em resumo, as publicações do perfil theyasminbenoit demonstram consistentemente a presença de características que adequam o Instagram como plataforma digital como espaços para contrapúblicos, fornecendo um ambiente onde a comunidade assexual pode se reconhecer, discutir questões relevantes e advogar por mudanças políticas e sociais.

- **Perfil acesexeducation**

Acessibilidade e disponibilidade generalizada: todas as publicações são acessíveis não só para os seguidores do perfil acesexeducation, mas também para a qualquer pessoa que tenha acesso à conta do Instagram, de forma que podem ser visualizadas publicamente, o que demonstra a disponibilidade geral da informação.

Eliminação de gatekeepers tradicionais: não há necessidade de aprovação para que outros usuários tenham acesso às postagens do perfil acesexeducation ou para que estas sejam compartilhadas. Da mesma forma, o perfil tem autonomia para publicar conteúdo relacionado à sexualidade e não há intervenção de editores ou censura da plataforma digital.

Públicos diversos: as *hashtags* indicam uma variedade de interesses e identidades, o que sugere diversidade de público dentro da comunidade assexual. A maior parte das publicações são direcionadas especificamente para o público assexual, proporcionando um espaço para reflexão e diálogo sobre questões

relacionadas à orientação, mas há publicações que questionam temas de sexualidade como um todo, o que afeta um público maior.

Espaço discursivo para contrapúblicos: o perfil *acesexeducation* cria um espaço discursivo para contrapúblicos ao abordar uma variedade de questões relacionadas à sexualidade e identidade. As postagens desafiam normas sociais em relação à virgindade e abstinência, além de discutir a relevância dos rótulos, particularmente significativos para contrapúblicos LGBTQIAP+. Ainda, o perfil rejeita ideias convencionais sobre sexualidade e amor, promovendo sobre a assexualidade e desafiando as noções tradicionais de amor e atração sexual. Essa abordagem multifacetada cria um espaço inclusivo e progressista para a discussão e a reflexão sobre temas incompreendidos ou invisibilidade pela sociedade dominante.

Inclusão formal e informal: o perfil *acesexeducation* promove uma inclusão informal em sua abordagem da assexualidade e identidades LGBTQIAP+. Através de uma variedade de métodos, ele promove a compreensão das experiências assexuais e outras identidades sexuais e românticas. Utilizando *hashtags* para categorizar o conteúdo e facilitar discussões informais, o perfil cria um ambiente diverso e acolhedor. Além disso, ao promover eventos como a Semana da Assexualidade e recomendar livros como "The Invisible Orientation", ele não apenas reconhece e valoriza a identidade assexual, mas também contribui para uma conversa mais ampla.

Mudança nas fronteiras políticas e sociais: o perfil *acesexeducation* emerge como um agente de mudança nas fronteiras políticas e sociais ao desafiar normas sociais e culturais arraigadas em torno da sexualidade. Suas postagens confrontam concepções tradicionais sobre virgindade, celibato, prática do sexo e identidade sexual, promovendo uma compreensão mais inclusiva dos termos relacionados à sexualidade. Ao questionar certas regras sociais sobre relacionamentos e sexualidade, o perfil fomenta uma compreensão mais ampla e progressiva da diversidade sexual. Essa abordagem desafiadora e inclusiva posiciona o perfil como um catalisador importante para a transformação das normas sociais em torno da sexualidade e da identidade.

Plataforma digital como mediadora: o Instagram serve como um mediador ao fornecer um espaço para compartilhar informações e promover discussões sobre assexualidade.

Construção de identidade e liberdade: o perfil acesexeducation promove a liberdade de expressão e proporciona um espaço inclusivo e acolhedor para pessoas de diversas orientações sexuais, principalmente assexuais. Através de suas postagens, o perfil também contribui para a compreensão e valorização da diversidade sexual.

Em todas as publicações, há evidências de características de plataforma digital como espaço para contrapúblicos no Instagram. Elas oferecem espaço para discussões alternativas, desafiam normas sociais e promovem a diversidade de vozes e identidades. As *hashtags* usadas em cada postagem também demonstram o uso estratégico da rede social online para promover discussões informais e atrair uma audiência diversa.

- **Perfil angstyace**

Acessibilidade e disponibilidade generalizada: as publicações estão disponíveis no Instagram, uma plataforma digital amplamente acessada, o que demonstra a acessibilidade generalizada das informações sobre assexualidade e o espectro assexual.

Eliminação de gatekeepers tradicionais: não há indicação de que há algum tipo de filtro ou moderação externa nas publicações. Isso sugere que o perfil pode compartilhar conteúdo livremente, sem interferência de gatekeepers tradicionais.

Públicos diversos: as publicações abordam uma variedade de tópicos relacionados à sexualidade, como definições, modelos de atração e estigmas associados, com um maior foco na assexualidade. Isso sugere que o perfil está direcionado a um público diverso interessado em aprender mais sobre o espectro assexual e também sobre as diferentes formas de se relacionar.

Espaço discursivo para contrapúblicos: o perfil angstyace surge como um espaço discursivo para contrapúblicos ao oferecer informações para pessoas assexuais e

aliadas, enquanto desafia estereótipos e preconceitos associados à assexualidade. Além de servir como um recurso informativo, o perfil proporciona um espaço para a autora compartilhar sua jornada pessoal como uma pessoa assexual, celebrando tanto sua própria identidade quanto a comunidade assexual como um todo. Ao oferecer informações básicas sobre a assexualidade, o perfil não apenas educa o público sobre essa orientação, mas também cria um ambiente propício para discussões e conscientização. O perfil também destaca a experiência dos alossexuais aromânticos, que muitas vezes são marginalizados dentro da comunidade aromântica, e oferece estratégias para combater o estigma e promover a inclusão. Além disso, ao explorar o Modelo de Atração Dividida (MAD), uma ferramenta útil para pessoas que experimentam uma desconexão entre sua orientação sexual e romântica, o perfil valida essas experiências, solidificando ainda mais seu papel como um espaço discursivo para contrapúblicos.

Inclusão formal e informal: as publicações promovem a inclusão informal ao educar o público sobre diferentes aspectos da assexualidade e ao desafiar o estigma associado a ela.

Mudança nas fronteiras políticas e sociais: o perfil angstyace pode desempenhar um papel transformador ao oferecer informações e recursos abrangentes sobre assexualidade. Por meio dessas contribuições, o perfil tem o potencial de desafiar concepções estigmatizadas e promover uma compreensão mais inclusiva da diversidade sexual. Ao destacar que o aumento no número de pessoas que se identificam como assexuais está relacionado ao aumento da visibilidade e dos recursos disponíveis, o perfil desafia diretamente as normas sociais e políticas em torno da sexualidade.

Plataforma digital como mediadora: o Instagram serve como um mediador ao fornecer um espaço para compartilhar informações e promover discussões sobre assexualidade.

Construção de identidade e liberdade: As publicações ajudam na construção da identidade de pessoas assexuais ao oferecer recursos educacionais e promover uma compreensão mais positiva e autêntica da assexualidade. Ao fornecer informações e criar um ambiente inclusivo, o perfil contribui para a liberdade de

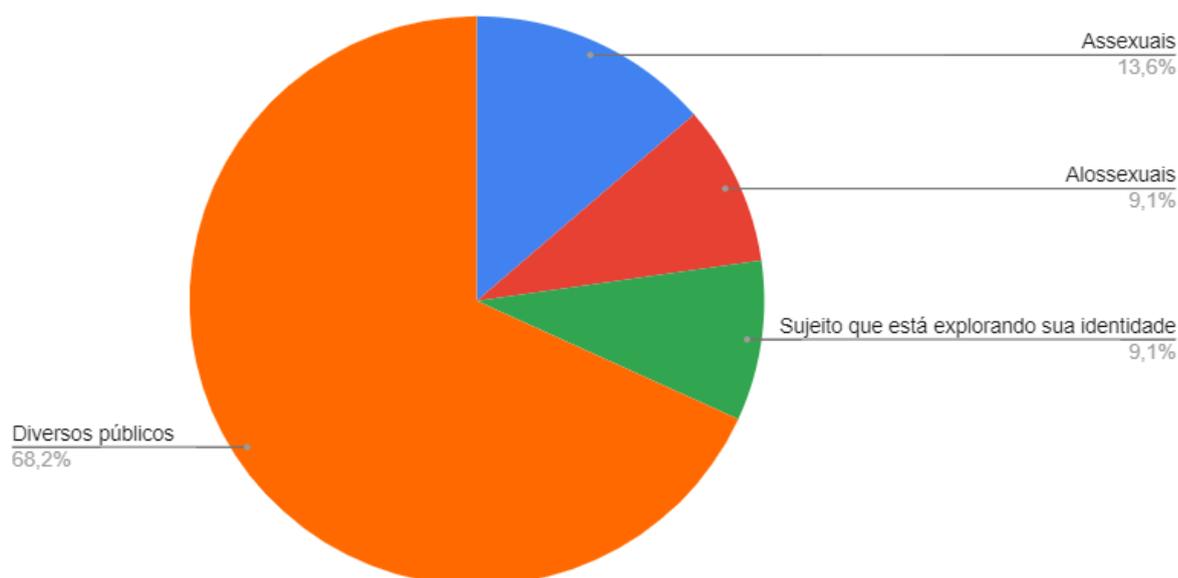
expressão e aceitação de diversas identidades dentro da comunidade assexual. Expressando gratidão pela comunidade online que a ajudou a aceitar sua própria identidade assexual, a autora destaca a importância do apoio mútuo e da confiança em si mesma para o processo de construção de identidade. Além disso, ao enfatizar a importância de escolher rótulos que melhor representem as experiências individuais, o perfil promove a liberdade e a autenticidade na identificação, fortalecendo ainda mais sua contribuição para a construção de identidade e liberdade dentro da comunidade assexual.

Portanto, as publicações do perfil *angstyace* apresentam características das plataformas digitais como espaço para contrapúblicos, fornecendo informações, recursos e apoio para a comunidade assexual e desafiando estereótipos e preconceitos associados à assexualidade através do Instagram.

ANEXO C — Relação das dimensões de análise com as publicações do Instagram estudadas

| Categoria | Descrição | Exemplo |
|--|---|---|
| Público com o qual o post tenta se comunicar | Refere-se para quem está sendo produzido o conteúdo. | Assexuais; Alossexuais; Aliados; Sujeito que está explorando sua identidade; etc. |
| Estrutura da postagem | O que a postagem contém e termos textuais e visuais | Texto; Foto; Elementos gráficos; <i>Hashtags</i> ; etc. |
| Conteúdo da publicação | Envolve a análise da mensagem da postagem. | Educacional; Entretenimento; Notícia; Ativismo; etc. |
| Contexto histórico e cultural | Normas, valores e temas levantados no conteúdo e seu significado. | Representatividade; Estereótipos; Diversidade; Interseccionalidade, etc. |

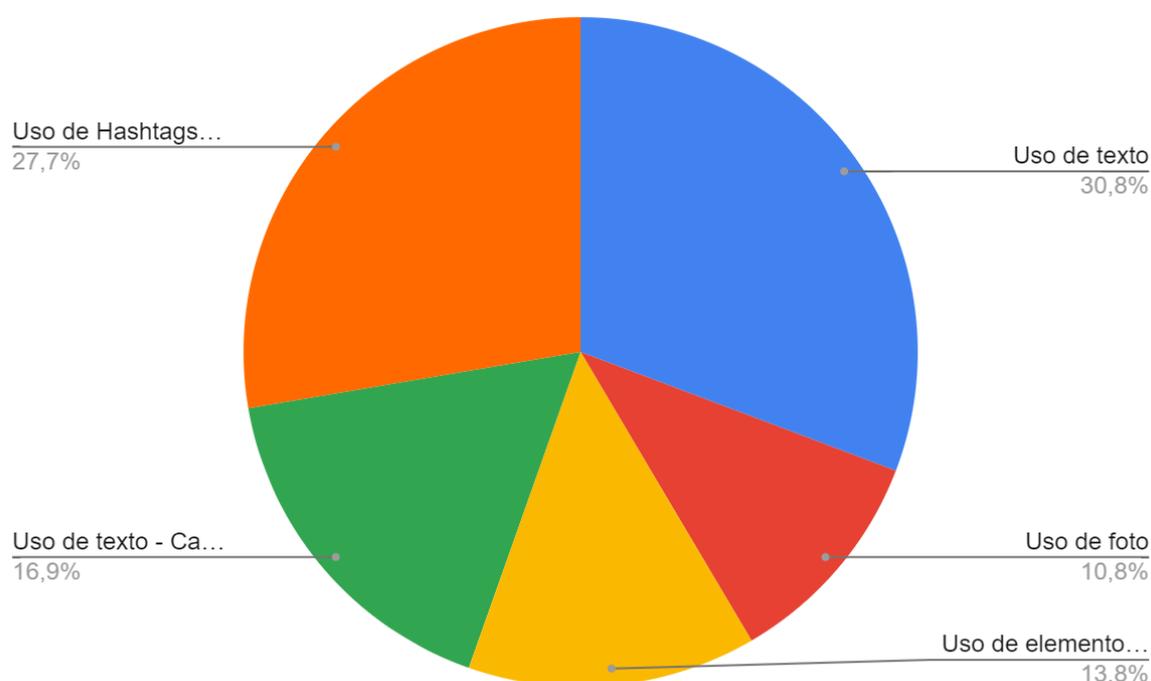
- **Público com o qual o post tenta se comunicar**



A maioria dos posts parece tentar alcançar um público diversificado, incluindo tanto assexuais quanto alossexuais, bem como aqueles que estão explorando sua identidade sexual. A diversidade no público com o qual o post tenta se comunicar

reflete uma abordagem inclusiva, reconhecendo que a conscientização sobre a assexualidade não se limita apenas à própria comunidade assexual. Ao direcionar conteúdo para diversos públicos, as postagens visam criar uma discussão mais ampla sobre a assexualidade e seus desafios, contribuindo para a construção de uma cultura mais compreensiva e inclusiva. Isto indica uma tentativa de ampliar o alcance e a conscientização sobre questões relacionadas à assexualidade para além da própria comunidade assexual.

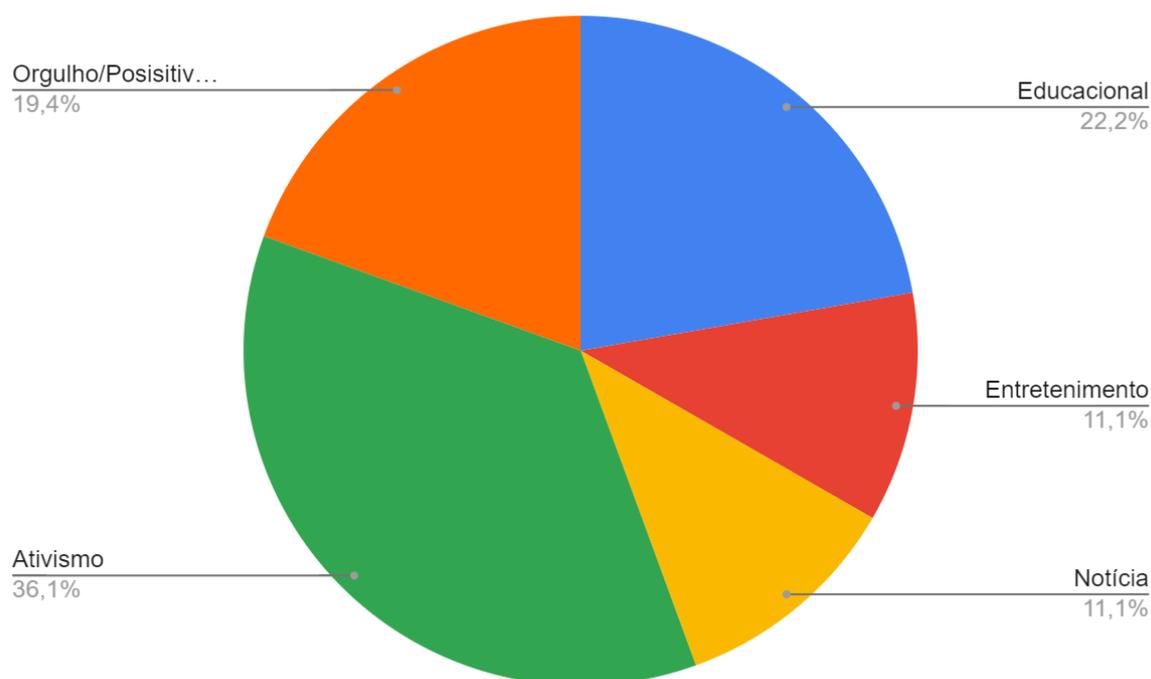
- **Estrutura da postagem**



O uso predominante de texto indica uma abordagem educacional e informativa, fornecendo definições, esclarecimentos e análises sobre a assexualidade e suas nuances. Essas postagens podem servir como recursos educacionais para aqueles que buscam entender melhor o tema. As hashtags desempenham um papel importante na promoção da visibilidade do conteúdo, especialmente em plataformas de mídia social onde a descoberta de conteúdo é impulsionada pelo uso de hashtags relevantes. Ao adotar hashtags específicas, como #asexuality, as postagens podem ser encontradas por pessoas interessadas ou envolvidas com a comunidade assexual. A presença de elementos visuais, como fotos e elementos gráficos, adiciona uma dimensão visual ao conteúdo, tornando-o

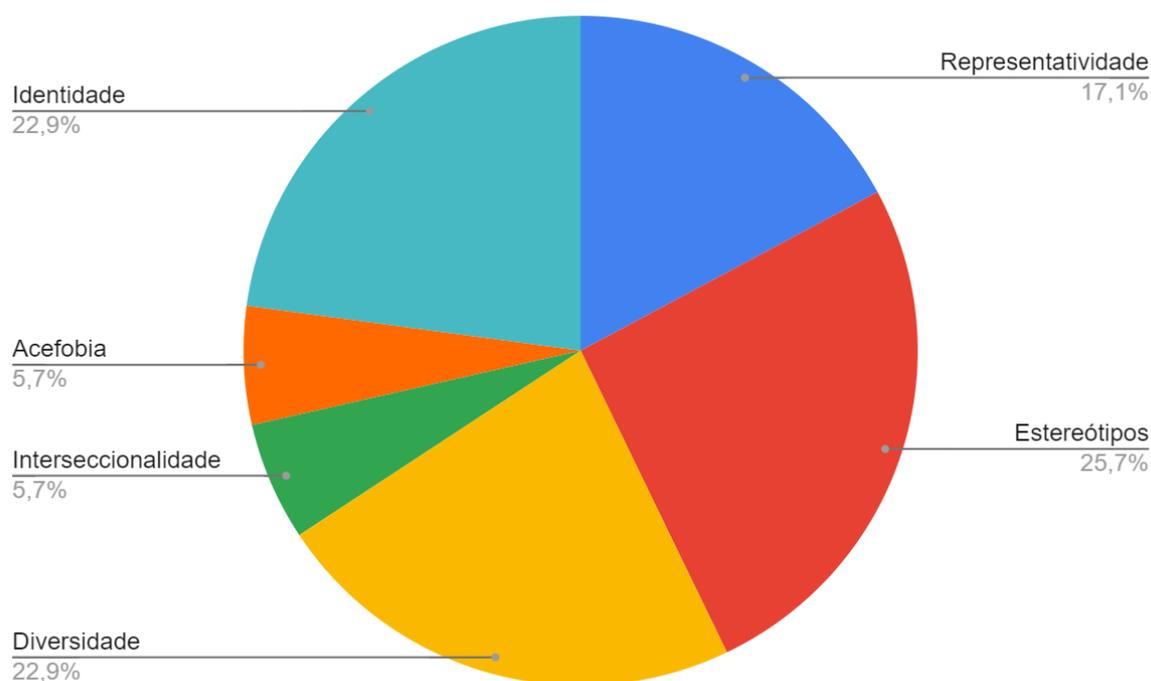
mais atraente e compartilhável. Isso pode aumentar o engajamento do público e tornar as postagens mais impactantes. No caso do perfil theyasminbenoit, em especial, todas as postagens usam fotos da ativista - que também é modelo de lingerie - a fim de trazer contraste.

- **Conteúdo da publicação**



As postagens educacionais e de ativismo buscam desempenhar um papel na disseminação de informações precisas sobre a assexualidade, desafiando mitos e estereótipos prejudiciais. Ao fornecer informações educacionais, as postagens contribuem para a conscientização e a aceitação da diversidade sexual. As postagens relacionadas ao orgulho e à positividade assexual têm o objetivo de promover uma imagem positiva e inclusiva da comunidade. Ao celebrar a identidade assexual e normalizar a assexualidade, essas postagens fortalecem o senso de pertencimento e empoderamento dentro da comunidade. A exposição de notícias nas postagens do perfil theyasminbenoit demonstra um compromisso em demonstrar o alcance da assexualidade como pauta. As publicações relacionadas à série "Sex Education", em especial, mostram uma narrativa de expectativa/realidade sobre a representação assexual na mídia.

- **Contexto histórico e cultural (assuntos abordados)**



As publicações abordam uma variedade de questões relacionadas à assexualidade, incluindo representatividade, estereótipos, diversidade e identidade. Isso indica uma consciência das complexidades e desafios enfrentados pela comunidade assexual, assim como fatores que moldam a experiência assexual, como representatividade inadequada, estereótipos prejudiciais e discriminação. A menção de acefobia sugere uma preocupação com a discriminação e o preconceito enfrentados pelos assexuais, destacando a importância de combater essas formas de opressão. A interseccionalidade é abordada em menor grau, mas ainda assim está presente, indicando uma compreensão das interseções entre identidade sexual, gênero, raça, entre outros aspectos da identidade humana.